

ARQUITECTAS: SUPERAR A INVISIBILIDADE

Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa



SÓNIA MARQUES PINHEIRO

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Sob orientação do Professor Doutor Nuno Pedroso Correia
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Departamento de Arquitectura | Fevereiro de 2018

ARQUITECTAS: SUPERAR A INVISIBILIDADE

Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa

A presente dissertação segue o Antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e as normas da Associação Americana de Psicologia (APA) para a referência bibliográfica.

As citações directas de fontes estrangeiras que integram o corpo do texto foram traduzidas para a Língua Portuguesa, por tradução livre da autora, de forma a permitir uma leitura contínua do texto. No entanto, são complementadas com a transcrição da citação na língua original em nota de rodapé.

Agradeço,

Ao Professor Nuno Correia, pelo acompanhamento, incentivo e compreensão.

Às arquitectas Mercês Vieira e Desirée Pedro, pela disponibilidade e material cedido para a concretização desta dissertação.

A TI, por toda a força e coragem que me deste.

Aos meus pais, por acreditarem. Pela oportunidade. Por todo o apoio, esforço e dedicação. A vocês, dedico este trabalho.

Ao meu Emanuel, por ter estado sempre ao meu lado. Pelo carinho e paciência.

À Ana Carolina, pela amizade e por me ter acompanhado neste percurso.

À minha família, que sempre foi uma base de apoio.

SUMÁRIO

Resumo Abstract	9 11
Introdução	15
Capítulo I	
SOBRE AS MULHERES NA ARQUITECTURA	
Introdução	27
Percepções sobre sexo, género, feminismo e mulher	35
A História Feminista: arquitectura e género	45
O contexto Moderno e Pós-moderno	77
Capítulo II	
SOBRE AS ARQUITECTAS EM PORTUGAL	
Introdução	89
A evolução da presença das mulheres na arquitectura	97
Mudanças no exercício da profissão	111
As vozes que dão voz	119
As dificuldades e desigualdades da profissão	125
Capítulo III	
OS CASOS DE ESTUDO: ARQUITECTAS COM NOME E PRESENÇA	
Mercês Vieira, uma arquitectura de intervenção no território e na paisagem	
1. O percurso profissional	147
2. A experiência de ser mulher na arquitectura	165
Desirée Pedro, uma arquitectura contaminada de influências	
1. O percurso profissional	169
2. A experiência de ser mulher na arquitectura	189
A geração do futuro	195
Conclusão	203
Referências Bibliográficas	209
Créditos das Imagens	225
Anexos	

RESUMO

A invisibilidade das mulheres na arquitectura, nomeadamente, em Portugal é uma realidade que tem vindo a ser sustentada pela falta de conhecimento e reconhecimento público das arquitectas, e do trabalho que produzem.

A arquitectura, historicamente, tem gerado um cenário profissional e académico muito centrado e dominado pelo género masculino. Aos arquitectos é atribuído todo o mérito e prestígio. Por essa razão, a presença e a contribuição das arquitectas têm ficado em segundo plano e, sobretudo, têm sido desvalorizadas.

O objectivo da dissertação é dar voz ao tema das mulheres na arquitectura e, por sua vez, visibilidade às arquitectas, à sua história e ao seu trabalho, como forma de contribuir para a igualdade de género na profissão e para o enriquecimento da História das Arquitectas em Portugal. Em primeiro lugar, importa perceber a evolução e a dimensão da presença das mulheres na profissão e as dificuldades que encontram ao longo das suas carreiras. Em seguida, é pertinente dar a conhecer a experiência profissional das mesmas e, principalmente, demonstrar que são profissionais de grande qualidade e talento, independentemente do seu género.

Para a concretização desta reflexão será feita uma análise ao percurso profissional de duas arquitectas, de gerações diferentes – Mercês Vieira e Desirée Pedro – de forma a contribuir para a sua visibilidade e reconhecimento na Arquitectura Portuguesa.

Palavras-chave:

Século XX, Mulheres, Arquitectas, Arquitectura, Reconhecimento

ABSTRACT

Women's invisibility in architecture, namely in Portugal, is a reality supported by the lack of knowledge and public recognition of women architects and the work they produce.

Architecture, historically, has generated a professional and academic field very centered and dominated by the masculine gender. Men Architects are given all merit and prestige. For this reason, the presence and contribution of women Architects have been falling behind and, above all, have been devalued.

The aim of this dissertation is to give a voice to the theme of women in architecture and, in particular, to give visibility to women Architects, their history and their work, as a way of contributing to the gender equality in the profession and to enriching the History of women Architects in Portugal. Firstly, it is important to understand the evolution and dimension of women's presence in the profession and the difficulties they find throughout their careers. Next, it is relevant to know their professional experience and, mainly, to show they are professionals of great quality and very talented, no matter their gender.

For the concretization of this reflection, will be made an analysis to the professional career of two women Architects, from different generations – Mercês Vieira and Desirée Pedro – as a way of contributing to their visibility and recognition in Portuguese Architecture.

Key-words:

Century XX, Women, Women Architects, Architecture, Recognition

“Mulheres são como fantasmas na arquitectura moderna: presentes em todos os lugares, cruciais, mas estranhamente invisíveis”

(Beatriz Colomina, 2010, p. 217)

INTRODUÇÃO

O tema das Mulheres na Arquitectura surgiu e começou a ser discutido, primeiramente, no contexto internacional, com especial incidência nos Estados Unidos da América. Em Portugal, o tema é muito recente. Começou a dar os primeiros passos, no sentido do debate e da inclusão na sociedade e na própria profissão, há menos de uma década. Talvez, por isso, exista uma grande resistência em falar do assunto. Continua a persistir a ideia de que não é tema, de que não precisa de ser falado, de que não existe. No entanto, o tema existe, é complexo e inesgotável, e necessita de uma análise profunda e urgente.

Falar sobre mulheres na arquitectura implica convicção na sua abordagem e, sobretudo, a consciência de que é um assunto que gera algum constrangimento ao ser analisado e discutido, uma vez que suscita várias reacções e opiniões que estão longe de serem consensuais, pautadas por surpresa, desconforto, desconfiança e até mesmo ignorância.

Historicamente, a arquitectura, tem vindo a privilegiar o homem, enquanto arquitecto e, por consequência, tem gerado um cenário androcêntrico que faz com que a presença das arquitectas seja desvalorizada e mantida em segundo plano, como se não existissem. Neste sentido, a abordagem sobre as mulheres é central, não só no âmbito da arquitectura, mas também no contexto social e cultural. Além disso, implica um carácter corajoso na medida em que é necessário romper num cenário que ainda privilegia a posição do arquitecto enquanto herói, enquanto figura masculina da tradição história, não só da arquitectura, mas da humanidade.

A presente dissertação foca a sua abordagem no tema das Mulheres na Arquitectura e incide, pertinentemente, na questão da falta de visibilidade das arquitectas, nomeadamente em Portugal. Ainda que o acto de escrever sobre mulheres na arquitectura seja entendido como feminista, não pretendo que a investigação siga essa perspectiva e, sobretudo, que vitimize as arquitectas. Logo,

o trabalho não tem pretende analisar a relação do género com a arquitectura, nem tem por base a teoria feminista. Do mesmo modo, também não é objectivo questionar ou desvalorizar o notório talento dos arquitectos do género masculino, e das suas obras. O talento dos grandes mestres tem sido reconhecido, e a sua presença está consolidada. Importa agora consolidar a presença das mulheres na profissão, de modo a que o seu trabalho seja valorizado da mesma forma que o trabalho dos arquitectos, tendo por base a igualdade de género e de oportunidades.

Efectivamente, o cenário da profissão e disciplina da arquitectura, centrado e dominado pelo género masculino, acaba por ser demasiado perturbador e, principalmente, caracterizado por uma profunda desigualdade de género. A presença e a contribuição das arquitectas têm sido desprestigiadas, mantidas em segundo plano, como se estivessem na sombra, não só dos arquitectos, mas da própria sociedade. Isto porque, o conhecimento e reconhecimento público é direccionado, persistentemente, para a figura masculina, devido ao peso da tradição histórica e do contexto social e cultural.

Pertinência da
investigação

A pertinência da investigação deve-se ao facto dessa realidade existir de uma forma geral no mundo da arquitectura mas, particularmente, em Portugal. Embora, a percentagem de arquitectas represente actualmente 44% do total de membros inscritos na Ordem dos Arquitectos¹, a sua presença e o seu trabalho têm tido pouco reconhecimento e, por isso, permanecem na invisibilidade, como se não tivessem nome, como se não existissem. O momento que impulsionou o avanço e, por sua vez, a concretização da investigação, resultou da tomada de consciência de que, eu própria, não tinha praticamente nenhuma referências de arquitectas portuguesas, e que o meu percurso académico contribuiu para isso. Confesso que perceber isso foi assustador, e despertou em mim a vontade de investigar a realidade que coloca as mulheres num lugar que não as dignifica enquanto arquitectas.

¹ Dados oficiais da Ordem dos Arquitectos, cedidos pela arquitecta Patrícia Santos Pedrosa.

A dissertação surge para gerar discussão à volta do tema das mulheres na arquitectura, ainda que seja no pequeno meio académico. Além disso, vai muito além da concretização de um trabalho de final de curso. É uma contribuição para a igualdade de género na disciplina e profissão e, sobretudo, para a História das Arquitectas em Portugal.

Objectivos

Deste modo, o objectivo é dar voz ao tema das mulheres na arquitectura e, principalmente, visibilidade às arquitectas, à sua história e ao seu trabalho. Para a concretização desta intenção principal, a investigação está estruturada, por sua vez, com dois objectivos específicos. O primeiro objectivo consiste em perceber quando e de que forma é que o tema das mulheres na arquitectura entrou em Portugal, e que implicações teve no desenvolvimento da profissão. Neste sentido, importa perceber a evolução e a dimensão da presença das mulheres na profissão e as dificuldades que encontram ao longo das suas carreiras. O segundo objectivo consiste em enaltecer e dar a conhecer o percurso profissional de arquitectas portuguesas, tendo em vista dar-lhes o merecido reconhecimento e valorização por todo o trabalho que têm desenvolvido. Além disso, também é pretendido demonstrar que as arquitectas são profissionais de grande qualidade e talento, independentemente do seu género e das dificuldades que enfrentam devido à sua condição feminina.

Casos de estudo

A concretização deste último objectivo, resulta na análise do percurso profissional de duas arquitectas, de gerações diferentes, que trabalham em parceria com os seus sócios – Mercês Vieira e Desirée Pedro – como forma de contribuir para a sua visibilidade e reconhecimento na Arquitectura Portuguesa. Para completar os casos de estudo, também será feita uma breve análise a um conjunto de arquitectas da geração mais jovem, que iniciaram o percurso profissional recentemente, tendo em vista perceber como tem decorrido essa experiência e se têm sentido dificuldades pelo facto de serem mulheres.

Metodologia

A metodologia de análise utilizada ao longo da investigação apoia-se, em primeiro lugar, na revisão bibliográfica do estado de arte existente no contexto internacional, de modo a que fosse possível fazer uma contextualização do tema das mulheres na arquitectura nesse âmbito. Posteriormente, visto que não existe

nenhuma bibliografia específica sobre os casos de estudo, o método mais adequado consiste em utilizar ferramentas metodológicas complementares, como é o caso da entrevista. Neste sentido, foram feitas várias entrevistas às arquitectas, com especial destaque a Mercês Vieira e Desirée Pedro, com o objectivo de conhecer e analisar as suas carreiras profissionais, e as suas experiências enquanto mulheres na arquitectura. Além disso, também foi realizada uma breve análise a um conjunto de revistas e livros onde estão publicadas várias obras e projectos, de ambas as arquitectas. Ou seja, embora não exista nenhuma bibliografia sobre as arquitectas, existe no entanto, pequenas publicações sobre o trabalho que têm produzido.

Estrutura

A dissertação, na sua natureza teórica e estrutural, segue um programa dividido em três capítulos, cada um deles constituído por vários subcapítulos, que pretendem concretizar os objectivos definidos no âmbito da investigação.

O primeiro capítulo – Sobre as Mulheres na Arquitectura – é fundamental na procura de uma contextualização do tema das mulheres na arquitectura no panorama internacional. Decorre de uma análise tendo por base um suporte teórico que contempla a teoria feminista e as relações de género na arquitectura.

O segundo capítulo – Sobre as Arquitectas em Portugal – tem como objectivo concretizar o primeiro objectivo definido no âmbito do trabalho. Assim, em primeiro lugar, pretende desmistificar a presença das mulheres no ambiente profissional e académico, em Portugal, e perceber que implicações tiveram no desenvolvimento da profissão. Em seguida, importa salientar os momentos e as pessoas que contribuíram para que o tema das mulheres na arquitectura surgisse e fosse trazido para o centro da discussão. Por fim, numa perspectiva crítica, serão identificados vários problemas e dificuldades que tendem a invisibilizar a presença e o trabalho das arquitectas.

A análise dos casos de estudo tem lugar no terceiro capítulo – Os Casos de estudo: Arquitectas com nome e presença – e são a concretização prática do segundo objectivo definido, que procura dar a visibilidade às arquitectas Mercês Vieira e Desirée, à sua história e ao seu trabalho.

Arquitectas: superar a invisibilidade surge, também um pouco, como forma de provocação e, sobretudo, para chamar a atenção para a questão da falta de visibilidade das arquitectas em Portugal. Do mesmo modo, também pretende levantar novas discussões à volta da temática das mulheres na arquitectura, de modo a que possa acontecer a verdadeira mudança no interior da profissão e disciplina da arquitectura, tendo por base a igualdade de género e de oportunidades.

Capítulo I

SOBRE AS MULHERES NA ARQUITECTURA

INTRODUÇÃO

Na arquitectura, o processo de integração das mulheres arquitectas na história, e a igualdade de género na profissão, ou a falta dela, têm mostrado que necessitam de uma análise profunda. É necessário discutir as diferenças e as barreiras que invisibilizam a presença da arquitecta no contexto académico, profissional e histórico, a nível cultural e social, e sobretudo debater a realidade através das teorias e estudos críticos que têm vindo a ser produzidos pelas diferentes vozes que questionam o *mainstream* da arquitectura de domínio e prática masculina.

No contexto internacional, o tema das mulheres na arquitectura já tem vindo a suscitar várias discussões e, por sua vez, produziu um estado de arte bastante complexo e variado, delineado pelo pensamento feminista.

A teoria feminista é a matriz condutora da bibliografia produzida e das diversas temáticas inseridas no âmbito da arquitectura, nomeadamente da matéria sobre o questionamento do género e da sua relação com a profissão.

No entanto, a abordagem que faço na minha investigação, sobre a temática em discussão, não contempla a trajectória do pensamento feminista, nem pretende analisar o género na arquitectura e a ligação entre as duas partes. Os estudos sobre a relação do género com a arquitectura são compostos por vários pontos de vista que remetem para questões sociais e culturais, e muitas vezes resultam numa perspectiva simplista e redutora da diferença entre géneros ou da associação do género a determinadas tarefas, características ou espaços.

Neste sentido, o enquadramento da pesquisa realizada decorre em perceber as relações de género que existem na arquitectura, e as consequências que provocam no percurso profissional das arquitectas. Ou seja, não está em vista investigar a relação que o género estabelece com a arquitectura, nem as problemáticas que esse contexto desperta e que vão de encontro ao pensamento feminista. Importa, sobretudo, analisar crítica e pertinentemente a presença e o

papel das mulheres na arquitectura e valorizar o seu trabalho, tendo em conta algumas questões relacionadas com o género, numa amplitude que foge da vitimização da mulher, mas que identifica os obstáculos existentes – que podem gerar (ou não) problemas de discriminação e desvalorização – numa carreira tão exigente e absorvente do ponto de vista pessoal e profissional. Assim, a temática do género só importa ser incluída na investigação se permitir desmascarar a realidade e os moldes em que as arquitectas desenvolvem o seu percurso profissional, e por sua vez, a realidade de uma disciplina e profissão que é ocupada essencialmente por homens, devido ao carácter simbólico que o sexo masculino adquire desde a história da humanidade.

É importante fazer uma retrospectiva histórica para se perceber a continuidade da questão e a sua problemática. Portanto, embora tenha como objectivo versar sobre a matéria das mulheres circundante à arquitectura, é necessário fazer uma contextualização do debate feminista no contexto internacional, a partir de um discurso iniciado no cenário americano.²

O presente capítulo tem como objectivo fazer uma revisão bibliográfica da literatura e colectâneas de artigos existentes nos países ocidentais, e perceber como se desenvolveu a trajectória do feminismo no mundo da arquitectura, de acordo com as vozes de vários autores - Beatriz Colomina, Mary Mcleod, Despina Stratigakos - entre outros, também eles fundamentais para a compreensão do debate e da discussão. Assim sendo, a contextualização do estado de arte vem permitir fazer uma descrição, com base histórica, das várias temáticas que cada autor defende de acordo com as relações estabelecidas entre género e arquitectura, entre a mulher e a arquitectura, e nas demais conexões que possam existir no âmbito da análise feminista.

Na sequência da análise, também é importante fazer um breve estudo sobre o movimento Moderno e Pós-moderno. Isto porque, dentro do campo da

² Na dissertação de mestrado 'Arquitectura: substantivo feminino', a autora - Lia Antunes - refere-se ao tema das mulheres na arquitectura como sendo muito americano, e com grande presença no discurso anglo-saxónico. (Antunes, 2012, p. x) O arquitecto Jorge Figueira corrobora esta informação no artigo "Mulheres na Arquitectura. Como lidar com a estranheza.", publicado na revista Arq.a 80/81. (Figueira, 2010, p. 22)

arquitectura a trajectória destes dois movimentos tem uma estreita relação com o tema do género e da mulher, visto que alguns autores e teóricos defendem que a modernidade se desenvolveu com base nos grandes heróis e num pensamento racional, onde as arquitectas foram deixadas à margem da história. No entanto, o Pós-modernismo veio permitir novas abordagens que englobem o feminismo e a presença da mulher na arquitectura.

As arquitectas têm ficado esquecidas ou à margem da História da Arquitectura devido à forte tradição masculina de que é feita a profissão e disciplina e, sobretudo, devido a um sistema que privilegia o homem enquanto arquitecto. Muitas vezes, o seu trabalho permaneceu “na sombra”³ dos heróis do Movimento Moderno à espera de que um dia pudesse ser reconhecido e valorizado da mesma forma que o trabalho dos seus companheiros ou colaboradores. No sentido de devolver a história e o reconhecimento do trabalho às arquitectas, é pertinente que se faça um levantamento dos nomes mais representativos que sofreram com as demasiadas diferenças de género e a consequente discriminação na luta pelo exercício da profissão. Este tempo da história parece longínquo, mas torna-se recente se considerarmos que, o que aconteceu no Modernismo, ainda se reflecte na actualidade, mas de forma subtil e abrangendo outras questões de género.

Para terminar este capítulo e para consolidar a matéria sobre o pensamento feminista, visto que não será abordado posteriormente no desenvolvimento da dissertação, será enaltecido o nome de uma prestigiosa e respeitável arquitecta – a Zaha Hadid – que abriu caminho num mundo considerado dos homens e para os homens. Além disso, o seu reconhecimento veio permitir debater, de forma mais consciente, o problema da desigualdade de género e da pouca visibilidade que as arquitectas têm no mundo da arquitectura.

No fundo, a matéria interpretada neste capítulo visa reconhecer o papel que várias arquitectas desempenharam ao longo da história, apesar de terem o nome associado ao arquitecto e a sua participação ser mantida em segundo plano. Na

³ Esta expressão foi utilizada pelo colectivo *Arquitectas Invisíveis*, e vai ser adotada ao longo da dissertação.

verdade, é uma forma de tirar as arquitectas da margem e de lhes devolver a sua história, o seu mérito, a sua luta.

A trajectória do pensamento feminista no âmbito da investigação não será imprescindível para o desenvolvimento da mesma, visto que a ideia central é estudar e interpretar o papel e a presença das arquitectas, dando enfoque ao seu percurso profissional e ao trabalho produzido. No entanto, a teoria feminista é o ponto de partida para enquadrar o tema no contexto internacional e para fazer a ponte para o domínio que importa ser estudado: as Arquitectas em Portugal.



1. Imagem representativa do sexo feminino.
2. Símbolos do sexo feminino e masculino, numa interpretação pela igualdade de género.

PERCEPÇÕES SOBRE SEXO, GÉNERO, FEMINISMO E MULHER

Falar sobre género é complexo e variável, e muitas vezes contraditório. Falar sobre as relações de género e arquitectura, nas suas mais diversas vertentes, é uma questão que tem vindo a ser discutida de forma pertinente e abrangente, não só na área da arquitectura, como em outras áreas do conhecimento – biologia, antropologia, sociologia. As relações de género permitem abrir caminho para uma fonte inesgotável de teorias e debates, tendo por base a reflexão feminista.

Para a interpretação e análise de como se constitui o pensamento feminista, torna-se útil percebermos alguns conceitos e diferenças que permitem entender a complexidade da questão.⁴ Nesse sentido, é necessário fazer uma breve reflexão sobre as definições de sexo e género num sentido amplo, de forma clara, para se perceber a diferença entre eles. Por outro lado, relacionar o género com a arquitectura, considerando a mulher no centro da questão, leva a que esta seja exposta a uma série de relações com o ambiente e a produção arquitectónica, considerando a esfera social, cultural e até política em que se insere. Nesta relação de ideias, o feminismo é introduzido como sendo uma alternativa para a mulher superar a opressão e a desigualdade, para ultrapassar as fronteiras que existem no domínio masculino da própria sociedade.

A complexidade na definição do género recebe “ (...) influência de factores biológicos, psicológicos, económicos, políticos, culturais, legais, religiosos, históricos e sociais.”⁵ (Ferreira, 2016, p. 3) Assim sendo, o conceito de género corresponde às construções sociais e culturais de cada indivíduo, enquanto que o

⁴ No livro *Gender Space Architecture: A interdisciplinary introduction*, a historiadora Jane Rendell refere que: “(...) possivelmente a melhor forma de compreender o que constitui a base de uma abordagem feminista particular é considerar as formas como as diferenças de sexo, género, raça, classe e sexualidade estruturam a sociedade.” (Rendell, 2000, p. 15) (Tradução da autora)

⁵ A dissertação de mestrado em arquitectura, defendida pela Juliana Ferreira, tem como objectivo analisar o género como sendo um factor que intervém na definição do espaço arquitectónico, desde a sua idealização até à vivência de cada utilizador, a fim de perceber e consolidar a relação entre género/espaço no âmbito da arquitectura.

conceito de sexo é diferenciado através da componente biológica do corpo, ou seja, através de um ‘conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o homem da mulher’, sendo que o sexo forte, no sentido figurado, é atribuído aos homens e o sexo fraco é atribuído às mulheres.⁶ Jane Rendell defende a ideia de que o género pode transformar-se frequentemente, sendo uma construção inconstante se considerarmos o ambiente social e cultural que cada indivíduo se insere:

As diferenças de sexo são normalmente mais entendidas como diferenças de ordem natural e pré-concebida, enquanto as diferenças de género, embora baseadas em diferenças de sexo, são entendidas como diferenças sociais, culturais e históricas que mudam ao longo do tempo e do lugar.”⁷ (Rendell, 2000, p. 15)

Os estudos sobre o conceito de género têm evoluído e suscitado discussão à volta do tema da sexualidade e da identidade sexual de cada indivíduo. As diferenças sexuais, inerentes ao género, distinguem o homem da mulher, mas a sua forma de expressão e demonstração vai além dessa ideia simplista de distinção. Parte-se do pressuposto que a feminilidade e a masculinidade advêm da origem biológica de cada indivíduo, de forma directa como se fosse um rótulo, e por isso são geradas ideias e imagens pré-concebidas no interior de cada cultura, sobre o comportamento do homem e da mulher. No entanto, a feminilidade e a masculinidade dependem da aprendizagem social que cada indivíduo absorve e da educação que lhe é transmitida, tendo em conta a complexidade cultural existente – tempo, lugar, raça, idade, classe –, e resultam num conjunto de padrões de comportamento que são expressos pelo homem e pela mulher de uma forma heterogénea. (Machado, 2011, p. 23)

⁶ A definição de ‘Género’ foi retirada do Dicionário da língua portuguesa, editado pela Porto Editora em 2016.

⁷ Tradução da autora: “Sex differences are most commonly taken to be differences of a natural and pre given order, whereas gender differences, although based on sex differences, are taken to be socially, culturally and historically produced differences which change over time and place.” (Rendell, 2000, p. 15)

Esta discussão ainda poderia abrir caminho para outras ideias, contudo não querendo entrar em mais detalhes na perspectiva de definição de género ou do binómio sexo/género, e sobretudo não querendo fugir do campo da arquitectura em direcção a outras áreas (sociologia), importa salientar que o contexto social e cultural tem um papel fundamental na caracterização de cada género, porque vão moldar a identidade, a personalidade, e a forma como cada pessoa vê e vive o mundo:

“No processo de inscrição das identidades masculina e feminina é importante o papel da cultura, dos discursos oficiais, dos rituais sociais e colectivos que de variadas formas acompanham as pessoas no seu processo de transição social e afectam o modo como cada individuo percebe o mundo.” (Antunes, 2012, p. VI)

A relação que o género estabelece com a arquitectura é desenvolvida através de uma abordagem que dá ênfase aos temas que envolvem a mulher e a sua feminilidade. Desta forma, percebe-se que esta é uma relação difícil e que suscita várias interpretações quando a figura da mulher é colocada e envolvida no interior da discussão.

A mulher é associada ao espaço arquitectónico como resultado da sua sexualidade e da interpretação que é feita social e culturalmente. Ou seja, no âmbito da arquitectura têm vindo a ser produzidos vários estudos, investigações, e teorias que relacionam a mulher com o ambiente construído, fazendo analogias entre a forma do edifício e a figura feminina; que associam a presença da mulher ao ambiente doméstico e por sua vez ao espaço privado; que reúnem características específicas para definirem o género feminino, a fim de demonstrarem que a mulher tem uma influência específica na maneira como idealiza e utiliza os espaços; e ainda, que relacionam a mulher com a cidade e o ambiente urbano.⁸

⁸ A ideia das relações de género com a arquitectura, considerando a presença e a perspectiva da mulher como elemento dominador no âmbito das teorias feministas, vai ser analisada no próximo subcapítulo através do estado de arte existente sobre o tema, nomeadamente no cenário internacional.

Tendo em conta tudo isto, é perceptível que as questões de género em arquitectura abrem caminho para debates e discussões que se apoiam na teoria feminista, tendo em vista criar condições para a igualdade de género e para acabar com o preconceito sobre a mulher, que está inerente à própria sociedade e ao poder masculino.

O feminismo, como refere Leslie Weisman⁹, “depende de um entendimento de que em todos os países onde os sexos são divididos em diferentes esferas culturais, políticas e económicas e onde as mulheres são menos valorizadas do que os homens, a sua sexualidade é mantida como a causa da sua opressão.”¹⁰ (Rendell, 2000, p. 7)

Considerando uma definição mais simples e concreta, o feminismo é a ‘defesa da igualdade de direitos entre a mulher e o homem’¹¹, e está baseado em movimentos políticos, ideológicos e sociais. No geral, acaba por ser um movimento que promove as mulheres, e que procura transformar as condições sociais das mesmas. A par disso, ambiciona acabar com as desigualdades sociais entre géneros, de modo a que as mulheres possam ter acesso à esfera dominada pelos homens. O termo ‘feminismo’ ainda suscita alguma relutância em ser interpretado, e até mesmo em ser incluído nos discursos recorrentes e, sobretudo, no meio social e cultural. Talvez isso aconteça devido ao facto das pessoas, pressupondo um entendimento negativo, terem receio de serem associadas a esse movimento ou rotuladas como feministas.

Com base na tentativa de definição dos termos apresentados, verifica-se que a relação entre eles não é linear, nem simples do ponto de vista da sua interpretação no contexto da arquitectura. Pelo contrário, criam um discurso carregado de diversidade e difícil de ser explicado sem cair em generalizações que associem o género directamente à mulher, e por consequência, às teorias

⁹ Leslie Kanes Weisman escreveu o prólogo do livro *Gender Space Architecture: A interdisciplinary introduction*, editado por Jane Rendell, Barbara Penner e Lain Borden.

¹⁰ Tradução da autora: “(...) depends on na understanding that in all countries where the sexes are divided into separate cultural, political and economic spheres and where women are less valued than men, their sexuality is held as the cause of their oppression.” (Rendell, 2000, p. 7)

¹¹ A definição de ‘Feminismo’ foi retirada do Dicionário da língua portuguesa, editado pela Porto Editora em 2016.

feministas, que se baseiam na luta política das e pelas mulheres, e não tanto na valorização do papel da arquitecta na história da arquitectura.

Por fim, importa salientar, e tendo em conta as definições expostas, que o conceito de mulher vai ser adotado, ao longo da dissertação, a partir da noção de que é um ser humano despido de ideias pré-determinadas ou atributos que se baseiam na diferença de género. Portanto, a mulher pode adotar qualquer característica humana, transversal a qualquer género, independentemente da sua condição feminina, e sobretudo, de uma sociedade que insiste em aplicar rótulos e em fazer associações simplistas.

A HISTÓRIA FEMINISTA: ARQUITECTURA E GÉNERO

O tema das mulheres na arquitectura, apesar de estar a dar os primeiros passos em Portugal, tem uma grande base histórica, delineada pelo feminismo, que tem sido frequentemente analisada no contexto internacional, sobretudo nos países ocidentais, com grande incidência nos Estados Unidos da América. O debate feminista na arquitectura não tem, propriamente, analisado e evidenciado a arquitecta como figura central da discussão. Em vez disso, são consideradas as perspectivas das mulheres na sua condição feminina, e disso resulta a preocupação predominante em questionar o género na disciplina da arquitectura, e as relações que o género estabelece com o processo e a construção arquitectónica, com a cidade, numa vertente simplista ou discutível do ponto de vista cultural, social e político. De certa forma, é privilegiada a posição da mulher, em vez da posição da arquitecta, e nesse sentido a abordagem feminista da arquitectura faz com que o reconhecimento dado às arquitectas seja entendido numa perspectiva de vitimização, que se revela inadequada para a realidade actual.

O estado de arte referente ao tema é caracterizado por uma complexa e diversa bibliografia, que permite perceber que os debates e as reflexões realizadas foram exaustivas e resultaram num conjunto de artigos, ensaios e antologias que integram a temática do género na arquitectura.

A bibliografia existente abrange questões que não vão de encontro ao objectivo estruturado para a investigação em curso, como já justifiquei anteriormente. No entanto, de modo a criar uma linha orientadora do percurso feito sobre a presença da mulher no mundo da arquitectura, será feita uma interpretação de vários trabalhos que versam sobre o assunto e que incluem perspectivas críticas de múltiplos autores, imprescindíveis para a compreensão de todo este cenário.

No cenário americano existem várias antologias, publicadas na sua maioria no século XX, compostas por ensaios e artigos de diferentes autores que expõem

criticamente a sua opinião sobre as mulheres na arquitectura, ou antes, sobre o género na arquitectura. Contudo, a análise e descrição que vou fazer dessa literatura segue a história feminista da arquitectura apresentada no artigo da Mary Mcleod – “A Dream Deferred: Feminist Architecture History” – traduzido e publicado no *Jornal dos Arquitectos*¹², e também a análise produzida na dissertação de mestrado – *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura* – de Lia Antunes.¹³ (Antunes, 2012) Importa referir que estas duas publicações, apesar de contribuírem para o estado de arte em Portugal, no âmbito do tema, investigam assuntos decorrentes do cenário internacional e da teoria feminista. De um modo geral, a matéria que tratam incide pertinentemente sobre as dificuldades decursivas da grande e prioritária presença e participação masculina na disciplina e profissão:

“O discurso da arquitectura ocidental está envolvido com a (penetrante) masculinidade, que é construída em oposição e pela subordinação do ‘feminino’.” (Antunes, 2012, p. 4)

O ensaio exposto por Mary Mcleod sintetiza a evolução das correntes mais importantes da história feminista da arquitectura, e salienta as três fases dessa evolução, que por sua vez mostram, em parte, a evolução do pensamento feminista anglo-americano.

A primeira fase do debate feminista teve início nos últimos anos da década de 1960, e o seu despertar esteve relacionado com a forte mudança de mentalidades que afectou os Estados Unidos nessa época, e que progrediu a partir dos movimentos pelos direitos civis e antiguerra. Além disso, as obras *The Feminist Mystique* (1963), de Betty Friedan, *Sexual Politics* (1970), de Kate Millet, e *Woman’s Estate* (1971), de Juliet Mitchell, impulsionaram o movimento feminista, contribuindo para que este se tenha tornado uma importante força política e

¹² O artigo foi publicado originalmente na revista *Casabella*, n.º 732, em 2005, e posteriormente traduzido por João Carvalhais, e publicado em Dias, M. G. (dir.) (2011). *Ser Mulher: Being a Woman*, JA - *Jornal dos Arquitectos*, n. 242, (Julho/Agosto/Setembro), p. 98-115.

¹³ A dissertação de mestrado em arquitectura, defendida pela Lia Antunes, tem como objectivo analisar a trajectória do pensamento feminista da arquitectura com base nas perspectivas e opiniões de vários autores.

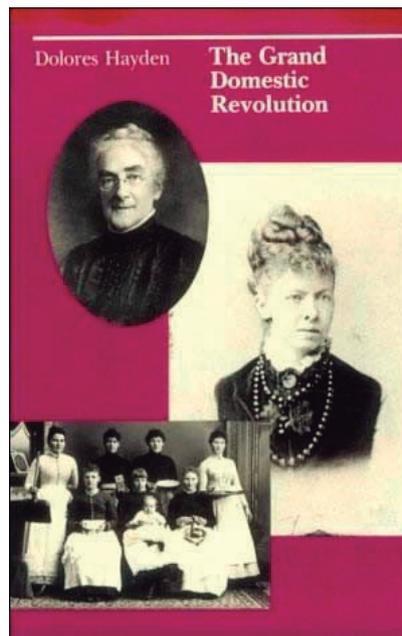
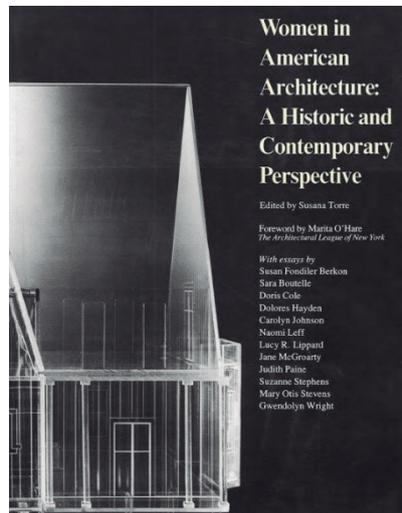
cultural que exigia mudanças radicais a vários níveis, tendo em vista a igualdade de género e de direitos.

Importa referir que a publicação *Death and Life of Great American Cities* (1961), de Jane Jacobs também é um marco importante neste processo e surge como uma tentativa de reformulação do ambiente urbano, visto que a autora critica os princípios que regulavam o urbanismo moderno e o processo de renovação dos centros urbanos. Apesar de a obra não relacionar género e urbanismo, Jacobs salienta que o factor da diversidade é muito importante na construção e desenvolvimento das cidades, para que possam ser mais justas e igualitárias. Nesse sentido, fomenta a mistura de funções na cidade, e exige que sejam criadas situações que promovam a convivência entre os diferentes indivíduos no ambiente urbano. Jane Jacobs consegue, de certa forma, fazer uma abordagem de género muito subtil ao realçar preocupações femininas, e dando-lhes visibilidade através da sua própria luta.¹⁴

O momento inicial do debate feminista causou grande impacto na actividade profissional da arquitectura, nos anos 70, e devido a isso a presença das mulheres nos cursos universitários aumentou, significativamente, chegando a ser quase um terço dos alunos. Ao mesmo tempo, algumas arquitectas e estudantes universitárias, muitas vezes na periferia ou fora do contexto académico, começaram a repensar a história da arquitectura moderna. Tinham como motivação a concretização de dois objectivos: por um lado, a valorização do trabalho das arquitectas que tinham sido esquecidas ou desvalorizadas pela própria história, e por outro, uma profunda reflexão sobre a natureza e os limites da profissão, de modo a que pudesse contemplar a experiência feminina num sentido amplo. Os objectivos resultaram, por sua vez, em dois momentos essenciais que caracterizam a primeira fase do movimento feminista: a exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*¹⁵, de Susana

¹⁴ A matéria descrita neste parágrafo teve como base a informação encontrada na dissertação de mestrado da Lia Antunes (Antunes, 2012, p. 22 e 23), e a informação encontrada no artigo online “Gênero em arquitetura e urbanismo: breve estado da arte e experiências recentes do núcleo de estudos em espaço e gênero” (Nóbrega, 2016)

¹⁵ A exposição foi patrocinada pela Architectural League of New York, em 1977.



3. Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective, Exposição e Livro (1977), de Susana Torre.
4. The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities (1981), de Dolores Hayden.

Torre; e o livro *The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities* (1981), de Dolores Hayden. A exposição teve um impacto revolucionário, tendo tido a ousadia de destacar um conjunto de arquitectas que ficaram à margem da crítica histórica e contemporânea, como por exemplo, Julian Morgan, Eleanor Raymond, Marion Mahony Griffin e Denise Scott Brown. Estas arquitectas vinham questionar o modelo histórico baseado na imagem do ‘arquitecto-herói’ do sexo masculino. Além disso, a exposição revelou a existência de um movimento pelos direitos das mulheres nos EUA, ligado à história da arquitectura americana, que contemplava uma forte campanha por reformas domésticas, decorrendo entre 1860 e 1930.

O livro de Dolores Hayden, *The Grand Domestic Revolution*, reúne um conjunto de feministas norte-americanas que lutaram contra a presença da mulher destinada somente à esfera doméstica, assumindo essa prática como a causa da desigualdade na sociedade. A luta destas feministas pela igualdade no trabalho doméstico significa, para Hayden, uma revolução no lar americano e também, por consequência, nos bairros e nas cidades. Assim, através deste livro revolucionário, verifica-se uma nova perspectiva arquitectónica que surge com a análise de vários esforços experimentais que pretendem reestruturar arranjos quotidianos, que pudessem transformar, a nível ambiental e económico, os bairros americanos. Estas primeiras propostas feministas “ (...) não só antecipavam muitas das inovações do Movimento Moderno, como sublinhavam igualmente a necessidade de transformações contemporâneas na esfera doméstica.” (Mcleod, 2011, p.100)

As histórias feministas expostas nos livros de Dolores Hayden e de Gwendolyn Wright – *Moralism and Model Home* – questionaram os padrões da própria arquitectura, mostrando que não é o estilo que interessava, mas antes, e o mais importante, a ligação entre o ambiente físico e a forma como vivemos. Numa altura em que o Movimento Moderno ampliava o conceito de arquitectura à habitação das classes trabalhadoras, surgiram, em primeiro plano, diversas mulheres que ficaram ausentes dos estudos de arquitectura, e que vieram reverter essa situação defendendo que “ (...) a habitação, desenhada ou não por arquitectos, tem de fazer parte da arquitectura – e da sua história.” (*ibidem, ibidem*) Além disso, também



5. Exposição *Womanhouse*, do Feminist Art Program (1971-72).

defendiam que para qualquer reestruturação da arquitectura, era essencial um conhecimento mais detalhado do cruzamento entre a cultura material e doméstica.

Existe, assim, uma grande preocupação para a mudança social, estando evidenciada na edição especial da revista de arte feminista *Heresies*, publicada em 1981, com o título “Making Room: Women and Architecture”. Nesta publicação é demonstrado que o processo de criação, baseado em valores democráticos, colaborantes e consensuais, era tão importante como o resultado final. Esta edição da revista, optimista e activista, contemplava o manifesto “A Women’s Environmental Rights”, de Leslie Weisman, e outros artigos e ensaios sobre o feminismo, questões sociais e de género. A publicação era semelhante a múltiplos projectos que aconteceram na mesma época, como por exemplo a exposição *Womanhouse*¹⁶(1971-72) do Feminist Art Program, o Woman’s Building, em Los Angeles (1972-1992), e a Women’s School of Planning and Architecture, fundada em 1974.

Esta fase do feminismo, apesar da ingenuidade e utopia de algumas reclamações mais revolucionárias, a favor da mudança social, caracteriza-se pela diversidade e pelo esforço colectivo. Por outro lado, essa dedicação à transformação social criou as bases que sustentam alguns estudos posteriores, chegando a entrar em várias instituições e dando origem a diversas palestras que incidem sobre a teoria feminista na arquitectura.¹⁷ Os episódios e publicações, descritos e referidos até agora, dão ênfase a “tendências e figuras marginais”, e provocaram um novo interesse no domínio académico, na própria história da arquitectura.

A segunda fase da história feminista ocorreu alguns anos mais tarde, quando o próprio pensamento feminista da arquitectura acabou por seguir um caminho diferente, mais radical, “(...) menos activista e mais teórico, isto é, mais centrado

¹⁶ A *Womanhouse* foi organizada por Judy Chicago e Miriam Schapiro, co-fundadoras do Programa de Arte Feminista do Instituto de Artes da Califórnia (CalArts). A exposição foi uma experiência de arte que contemplou a experiência de vinte e uma estudantes que tiveram como objectivo remodelar uma casa abandonada em Los Angeles, transformando-a através de uma exibição provocadora.

¹⁷ Em 1985, a Elizabeth Grossman organizou a primeira sessão da *Society of Architectural Historians*, dedicada às mulheres na arquitectura.



6. Capa do Livro *Sexuality and Space* (1996), editado por Beatriz Colomina.

na representação do que na prática.” (*ibidem*, p. 101) O objectivo desta fase, segundo Mary Mcleod, era pertinente e pretendia exhibir e desarmar todas as construções que indicavam opressão de género no imaginário visual e no discurso. Este período, e uma geração de jovens arquitectas e teóricas, foram muito influenciados por pensadoras feministas francesas, com especial destaque para Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva. Neste sentido, um grupo de arquitectas e teóricas – Jennifer Bloomer, a Beatriz Colomina e a Catherine Ingraham – começaram a analisar matérias que andavam muito na linha das investigações psico-analíticas e linguísticas.¹⁸

Nesta altura, o feminismo já se encontrava fortemente enraizado na academia, e além disso estava a entrar na moda e a ganhar cada vez mais destaque, apesar dos textos feministas, dessa época, estarem a seguir outro caminho longe da prática e da política, tornando a sua escrita difícil e com escassas leituras, por parte dos arquitectos.

O acontecimento que marcou esta segunda fase do pensamento feminista da arquitectura foi a conferência *Sexuality and Space*, organizada por Beatriz Colomina, em 1990 na Universidade de Princeton. A conferência veio introduzir na crítica da arquitectura um conjunto, muito amplo, de perspectivas provenientes de diversas áreas como a antropologia, filosofia e sociologia, sobre a construção da sexualidade e do género.

Em 1992, Beatriz Colomina publica o livro *Sexuality and Space*, como resultado da conferência realizada anteriormente. A antologia foi a primeira colecção de textos que juntou ideias e perspectivas sobre o género, criando um discurso que suporta os estudos de género no espaço e na arquitectura. Além disso, tal como a conferência, baseia-se num contexto multidisciplinar para fazer uma crítica de género à arquitectura, entre teorias sobre a sexualidade e os conceitos arquitectónicos. Os trabalhos apresentados nesta antologia exploram diversos temas, abordagens e perspectivas, explanados através de artigos e ensaios de vários autores, como por exemplo, “Female Spectator, Lesbian Specter:

¹⁸ A título de exemplo, as matérias referidas são a construção do eu, o *regard*, a inscrição de oposições binárias e de hierarquias na retórica da arquitectura.

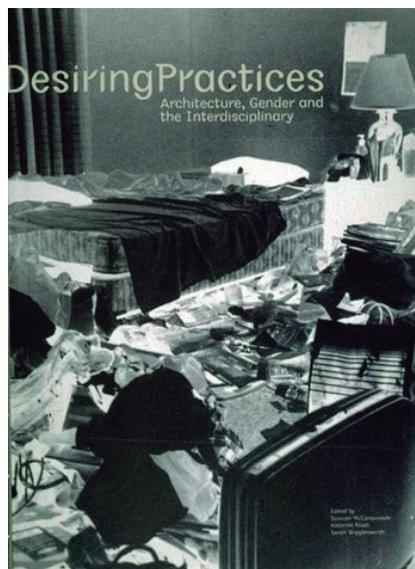
TheHaunting”, de Patricia White; “Perverse Space”, de Victor Burgin; “Bodies-Cities”, de Elizabeth Gorsz ou “Initial Proprieties: Architecture and the Space of the Line”, de Catherine Ingraham. No entanto, existe um ensaio que sobressai devido à sua complexidade, e que se torna importante no âmbito da análise que a autora sugere, tendo sido realizado por Mark Wigley – “Untitled: The housing of gender”. Este ensaio tem como base de análise a descoberta “ (...) de uma série de questões sobre a sexualidade, a representação, a visualidade, a identidade, a história, a resistência e a posição cultural da mulher domesticada como musa para o prazer criativo do homem.” (Antunes, 2012, p. 28) Beatriz Colomina também escreveu um texto que está publicado no livro, que se intitula “The Split Wall: Domestic Voyeurism”. Neste ensaio, a autora, centra-se na retórica e analisa minuciosamente os textos de arquitectos canónicos, como Adolf Loos e Le Corbusier, de modo a perceber como é que o género se inseria e se transformava no pensamento destes autores.

As conferências e publicações que surgiram posteriormente, tais como *Architecture: In Fashion*¹⁹ (1994) e *White Walls, Designer Dresses* (1995), de Mark Wigley, fizeram análises pormenorizadas de construções de género na retórica arquitectónica. Mary Mcleod menciona que a primeira fase da história feminista baseou-se em estudos que remetiam para uma orientação materialista e social, mas que em contraste, a segunda fase centralizou-se na retórica da arquitectura.

No início da década de 1990, como resposta à abordagem interpretativa e à mensagem repetitiva da anterior fase, teve começo a terceira fase dos estudos feministas na arquitectura.

Esta nova corrente teve como ponto de partida a obra de Henri Lefebvre e Michel de Certeau, e além disso, explorou a arquitectura das décadas de 50 e 60 (os Smithsons, Jane Jacobs, Scott Brown e Venturi). Nesta altura, o feminismo era “ (...) visto como parte de um fenómeno mais vasto da política de identidade (...) ” (Mcleod, 2011, p. 102), e o trabalho das historiadoras feministas abordava temas e questões bastante diversificados, como por exemplo o mecenato feminino, de Alice

¹⁹ Este livro foi editado por Zvi Efrat, D.Fausch, P.Singley, e R.El-Khoury.



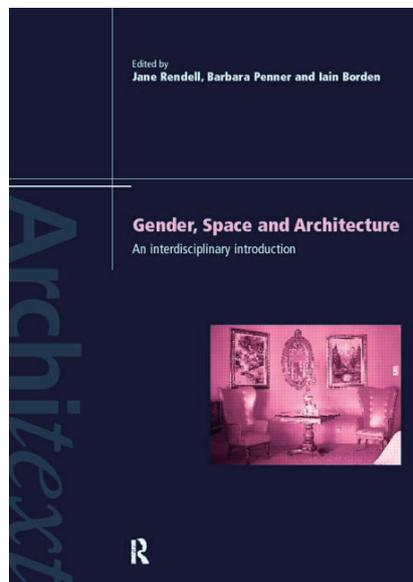
7. Capa do Livro *The Sex of Architecture* (1996), ed. por Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Weisman.
8. Capa do Livro *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary* (1996), ed. por Katerina Ruedi, Sarah Wigglesworth e Duncan McCorquodale.

Friedman, ou a experiência corpórea, de Deborah Fausch. O resultado da junção destas várias abordagens e perspectivas, com o activismo social da primeira fase e a orientação 'pós-estruturalista-psico-analítica' da segunda fase, pode ser examinado na antologia *The Sex of Architecture*, publicada em 1996, por Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Weisman.

Com um título sugestivo e provocador, o livro pode ser lido como um retrato do pensamento feminista americano da década de 1990. É composto por 24 ensaios que resultam numa interação entre diversas vozes e contextos, reflectindo a diversidade dos temas e das abordagens que, por sua vez, procuram investigar as conexões entre sexualidade e arquitectura. Embora, aparentemente, não pareça existir relação entre estes dois conceitos, a abordagem feita, no âmbito da arquitectura, pretende analisar criticamente “ (...) a existência do corpo sexualizado no ambiente construído (...) “. (Antunes, 2012, p. 34) Desta forma, a antologia *The Sex of Architecture*, tal como a maioria dos livros que surgiram neste período, explora questões relacionadas com o género e a arquitectura, através das perspectivas críticas de vários autores como, por exemplo, Mary Mcleod, Diana Baltimore, Catherine Ingraham, entres outros.

Pouco tempo depois, surgiram um conjunto de antologias feministas, norteamericanas e inglesas, como *Architecture and Feminism* (1996), *The Architect: Reconstructing Her Practice* (1996) *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary* (1996), *Design and Feminism: Revisioning Spaces, Places and Everyday Things* (1999), *Gender Space Architecture* (2000). A abordagem feita nestes livros apoia-se de forma pertinente no tema do 'género e arquitectura', e nas diversas questões que surgem dessa relação e contexto.

A título de exemplo, a antologia *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, publicada em 1996, por Katerina Ruedi, Sarah Wigglesworth e Duncan McCorquodale, através de um discurso multidisciplinar apoiado na diversidade de autores, desenvolveu “ (...) amplos aspectos do pensamento feminista no contexto da arquitectura e das artes visuais: são perspectivas que lidam com a questão da vanguarda e da linguagem de género em arquitectura (como Jennifer Bloomer, Karen Burns ou Adrian Forty), com a predominância de

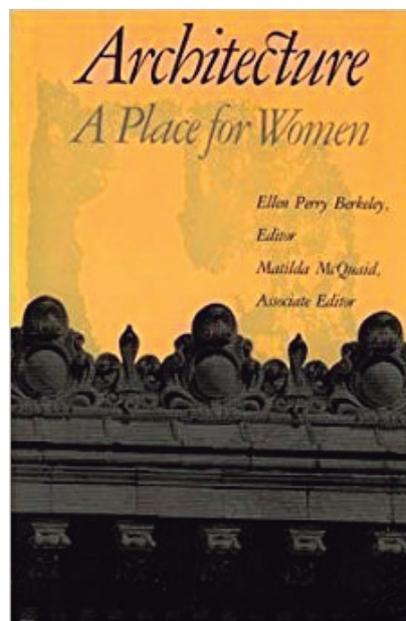


9. Capa do Livro *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction* (2000), ed. por Jane Rendell, Barbara Penner e Iain Borden

estruturas masculinas no conhecimento arquitectónico (Jos Boys), ou com a esteticização do mundo (Neil Leach).” (*Ibidem*, p. 30) Neste sentido, o livro contempla uma variedade de textos que tentam analisar e interpretar, de modo crítico, a intervenção da sexualidade e do género no campo da arquitectura. No ensaio “Cherchez la femme: Where are the women in architecture studies?”, a autora Diane Ghirardo refere que a ausência da mulher na história da arquitectura está relacionada com o sexismo que existe na teoria e crítica arquitectónica. Por outro lado, o ensaio “Prisoner of gender” de Paul Finch, é importante na medida em que estuda e analisa as participações das mulheres arquitectas na profissão, e além disso mostra as dificuldades impostas à participação das mulheres na arquitectura.

Outra obra de referência que se insere no âmbito do tema do ‘género e arquitectura’ é o livro *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, publicado em 2000, por Jane Rendell, Barbara Penner e Lain Borden. Esta antologia tem como base o feminismo e concentra a sua análise na relação da mulher com o espaço. No entanto, existe a preocupação de analisar as relações de género na arquitectura numa perspectiva que não considere apenas o feminino, numa vertente simplista, mas que também explore a homossexualidade e a construção cultural da masculinidade. O livro está dividido em três capítulos – Gender, Gender and Space e Gender Space and Architecture – que têm como objectivo fazer abordagens provocadoras e inquietantes. No primeiro capítulo, “Gender”, é desenvolvida uma curta história do pensamento feminista ocidental; em “Gender Space” é feito um “ (...) estudo do espaço e do género numa abordagem interdisciplinar (...) diferente do conceito tradicional dado pela arquitectura – o espaço criado pelo arquitecto.” (*ibidem*, p. 40); por fim, no terceiro capítulo, “Gender Space Architecture”, é feito um discurso sobre as mulheres no papel de arquitectas, enquanto profissionais de arquitectura.

As obras citadas e descritas mostram preocupações feministas, e caracterizam o debate sobre a relação do género e arquitectura, tendo em conta a presença da mulher como figura central da abordagem. No entanto, estas obras assinalaram um ponto final na trajectória feminista da arquitectura norte-



10. Capa do Livro *Architecture: A Place for Women* (1989), ed. por Ellen Perry Berkeley com a associação de Matilda McQuaid.

americana. Segundo Mary Mcleod, o próprio sucesso dos estudos feministas, nas últimas décadas, pode ter contribuído para o seu declínio. De uma forma geral, “ a abordagem arquitectónica feita pela teoria feminista veio questionar os princípios básicos da história e da prática arquitectónica, sugeriu novos objectos de estudos e propôs repensar as interpretações feitas dos mesmos.” (Antunes, 2012, p. 20)

Como resultado da luta feminista na arquitectura, foram publicadas algumas antologias que seguiram, de alguma forma, os princípios dos livros explorados anteriormente, mas que revelam a presença das mulheres na arquitectura, enquanto arquitectas. Durante o período em que o feminismo vigorou na história da arquitectura, propondo uma abordagem provocadora e suscetível de muitas discussões, baseada nas relações estabelecidas entre género e arquitectura, parece não ter havido lugar para investigar o papel da mulher enquanto arquitecta. Tendo em vista superar essa lacuna, foram realizadas investigações sobre a participação das mulheres na arquitectura, através da experiência colectiva e multidisciplinar de vários autores, com base nas contribuições feministas.

A título de exemplo, é possível seleccionar dois livros, que expõem uma análise mais profunda e problematizada do tema das mulheres na arquitectura, através de uma perspectiva feminista: *Architecture: A Place for Women* (1989) e *Architecture: A Woman's Profession* (2010).²⁰

A antologia *Architecture: A Place for Women*, publicada em 1989, por Ellen Perry Berkeley com a associação de Matilda McQuaid, é composta por vinte e dois ensaios, sendo dois deles escritos por homens. A editora Ellen Berkeley escreveu a introdução, onde refere que a mudança de paradigma vai acontecer quando as arquitectas, e o trabalho produzido por elas, for reconhecido e valorizado da mesma forma do que o dos arquitectos masculinos:

“O verdadeiro passo em frente acontecerá quando as mulheres não forem apenas numerosas na profissão, como agora parece estar a acontecer, mas

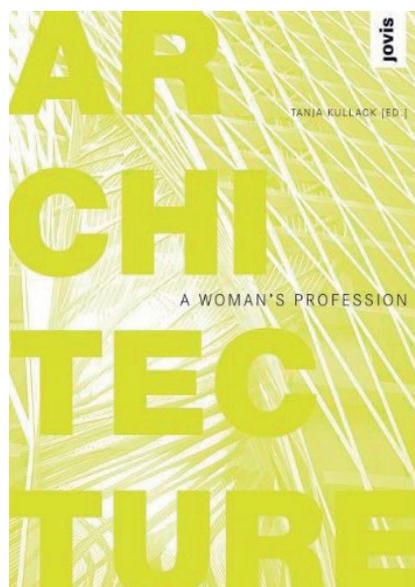
²⁰ A escolha destes livros baseou-se nos casos de estudo apresentados na dissertação de Mestrado da Lia Antunes. (Antunes, 2012)

quando estas mulheres forem julgadas e aceites da mesma forma que os homens.”²¹ (Berkeley, 1989, p. xvii)

Berkeley questiona as contribuições que as mulheres podem trazer para a arquitectura, e defende que seja criada a mesma igualdade para homens e para mulheres no interior da profissão. O livro está dividido em quatro partes que permitem, por sua vez, fazer quatro análises sobre as perspectivas e a história das arquitectas. As duas primeiras partes, referentes ao primeiro e segundo capítulo – “Researching the Past” e “Recounting Personal Involvement” –, identificam um conjunto de mulheres, do século XIX e XX, que estão envolvidas na concepção de edifícios e do ambiente urbano, e na história dos EUA. Os capítulos posteriores que compõem a segunda parte do livro – “Suggesting Various Possibilities” e “Envisioning Future Roles” – têm como objectivo pensar a arquitectura em perspectivas diferentes, considerando a presença da mulher na profissão, através de um papel mais activo e dominante. A última parte do livro acaba por ser a mais estimulante, e onde existem vários textos, de diferentes autores, que levantam questões importantes sobre a resistência à presença da mulher na profissão. Por exemplo, no texto “Out of Marginality. Toward a New Kind of Professional”, Rocchelle Martin atenta que a arquitectura é um mundo difícil para as mulheres, referindo que: “As mulheres arquitectas têm uma tarefa difícil porque têm de superar estereótipos tanto de mulheres como de arquitectos.”²² (*ibidem*, p. 231) Por outro lado, Denise Scott Brown através do ensaio “Room at the Top? Sexism and Star System in Architecture” relata o percurso exigente e arriscado que as mulheres enfrentam na profissão, e baseia-se nele para descrever várias fases da sua carreira profissional. Além disso, fazendo uma interpretação especulativa, sugere que:

²¹ Tradução da autora: “The real step forward will come when women are not only numerous in the profession, as now appears to be happening, but when these women are judged and accepted in the same ways as are men.” (Berkeley, 1989, p. xvii)

²² Tradução da autora: “Women architects have a difficult task because they must overcome stereotypes of both women and architects.” (*ibidem*, p. 231)



11. Capa do Livro *Architecture: A Woman's Profession* (2010), ed. por Tanja Kullack.

“ (...) o “star system”, que é injusto para muitos arquitectos, é duplamente difícil para as mulheres num ambiente sexista e, nos graus superiores da profissão, a mulher arquitecta que trabalhe com o seu marido será submersa pela sua reputação.”²³ (*ibidem*, p. 242)

Denise Scott Brown reformula uma visão crítica sobre a presença da mulher no *star system* da arquitectura, considerando que muitas arquitectas produziram o seu trabalho na sombra dos maridos ou colaboradores, sem que fosse devidamente reconhecido.²⁴ Importa, ainda, referir que no ensaio “A Feminist Approach to Architecture. Acknowledging Women’s Ways of Knowing”, a autora Karen Franck incentiva a contribuição das arquitectas na disciplina, e salienta três objectivos que sustentam a sua perspectiva e que, de certa forma, mostram o caminho que deve ser seguido para que, no futuro, as arquitectas, incluindo o seu trabalho, possam ter uma presença justa e igualitária no mundo da arquitectura:

“Um objetivo é ajudar as mulheres na arquitectura a identificar qualidades e interesses em si mesmas que são muitas vezes não reconhecidos ou suprimidos na educação, investigação e prática arquitectónica. Um segundo objectivo é celebrar essas qualidades e interesses; um terceiro é trabalhar para uma profissão que seja mais acolhedora para as profissionais femininas e que produza um ambiente mais sintonizado com as necessidades das pessoas.”²⁵ (*Ibidem*, p. 201)

A antologia mais recente – *Architecture: A Woman’s Profession* – publicada em 2010, por Tanja Kullack, é o segundo exemplo que segue a mesma linha de análise do livro anterior, procurando discutir e analisar a arquitectura através das

²³ Tradução da autora: “ (...) the star system, which is unfair to many architects, is doubly hard on women in sexist environment, and that, at the upper levels of the profession, the female architect who works with her husband will be submerged in his reputation.” (*ibidem*, p. 242)

²⁴ O tema das arquitectas esquecidas do Movimento Moderno vai ser analisado com mais detalhe em “O contexto Moderno e Pós-moderno”.

²⁵ Tradução da autora: “One goal is to help women in architecture to identify qualities and concerns in themselves that are often unrecognized or suppressed in architectural education, research, and practice. a second goal is to celebrate these qualities and concerns; a third is to work toward a profession that is more hospitable to feminist practitioners and that produces an environment more attuned to people's needs.” (*Ibidem*, p. 201)

várias perspectivas que envolvem a mulher nas experiências arquitectónicas. A obra é composta por vários relatos de arquitectas, professoras e mulheres influentes, que mostram opiniões e posições controversas sobre a presença da mulher na arquitectura. O discurso crítico das intervenientes é apresentado sob a forma de debate, que permite cruzar ideias entre uma grande variedade de assuntos. No início do livro, Tanja Kullack, começa por mostrar que tem a consciência de que a arquitectura é dominada por homens, e que devido a isso existe, de facto, disparidade no interior da profissão. No entanto, salienta que “a arquitectura não é uma profissão de homens nem de mulheres, é apenas uma profissão.”²⁶ (Kullack, 2010, p. 6), e com base nisso refere que a disparidade deve ser superada para que a arquitectura possa ser uma profissão mais democrática, diversificada e produtiva. De uma forma geral, as arquitectas, ao longo do debate e das experiências partilhadas, revelam uma posição consensual quando defendem que a arquitectura necessita de ser repensada e reformulada.

A história feminista da arquitectura fez a sua trajectória, sobretudo, no contexto americano, ao longo de várias décadas, e produziu um estado de arte bastante significativo, embora permaneça centrado nas questões que envolvem as relações de género e arquitectura. No entanto, o debate sobre as mulheres na arquitectura tem vindo a ser desenvolvido e discutido noutras esferas, nomeadamente no Brasil e em Espanha. Apesar de ser uma abordagem pontual e de pequena dimensão, comparada com a história feminista americana, mostra sinais de que o tema é pertinente e que suscita várias opiniões e interpretações, tendo por base a mulher como objecto de estudo.

No Brasil, o debate vai evoluindo de forma positiva e gerando impacto, principalmente, no contexto académico. Devido a isso, vão existindo trabalhos académicos cuja investigação abrange a participação das mulheres na profissão e

²⁶ Tradução da autora: “Architecture is neither a man’s nor a woman’s profession, it is just a profession.” (Kullack, 2010, p. 6)



12. Capa do Livro *Arquitectas, Redefiniendo la profesión* (2015), ed. por Nuria Álvarez Lombardero.

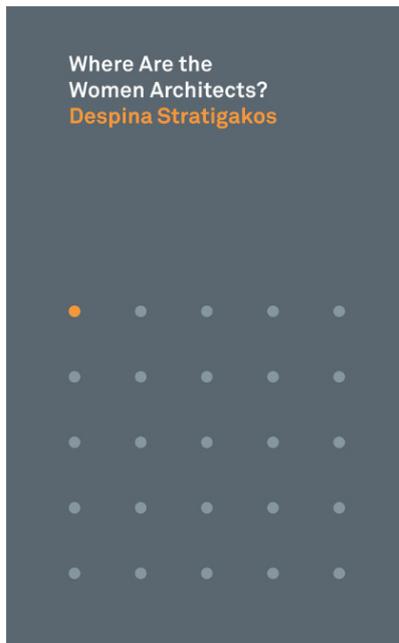
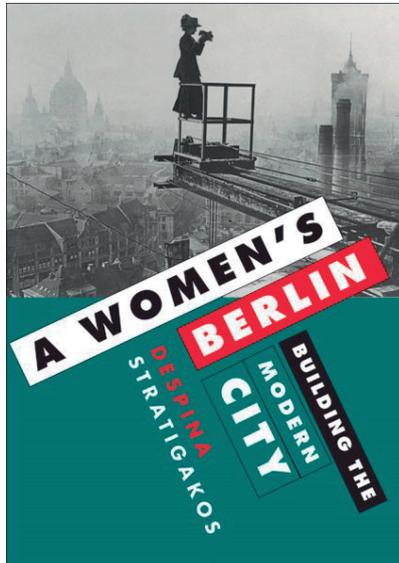
no mercado de trabalho da arquitectura.²⁷ Além disso, em 2014, um conjunto de estudantes de arquitectura, da Universidade de Brasília, criaram um colectivo – Arquitectas Invisíveis²⁸ – que tem como objectivo estimular a igualdade de género na profissão, divulgando e dando a conhecer a vida e obra de várias arquitectas que ficaram à margem da história, sem terem o devido reconhecimento pelo trabalho que realizaram. Este colectivo desenvolve a sua acção através do site – www.arquitectasinvisiveis.com – onde publicam toda a pesquisa que realizam, e da edição de uma revista, com o mesmo nome, que reúne um conjunto variado de opiniões e reflexões sobre o tema do género na arquitectura. Esta iniciativa mostra ser importante para o desenvolvimento e discussão do tema e, sobretudo, para o enriquecimento da História da Arquitectura.

Por outro lado, em Espanha também existem trabalhos de investigação que procuram estudar a relação do género com a arquitectura²⁹. Contudo, importa realçar que, em 2014, realizou-se o 1º Congresso Internacional de Investigação em Arquitectura e Género, em Sevilha – *Arquitectas: redefiniendo la profesión*. Este congresso deu origem a que fosse publicado um livro que pretende dar voz ao trabalho teórico produzido por vários autores, que contribuíram com novas ideias e interpretações sobre a prática arquitectónica. *Arquitectas, Redefiniendo la profesión*, publicado em 2015, e editado por Nuria Álvarez Lombardero, reúne um conjunto de reflexões que mostram que ainda existe desigualdade de género, tanto no contexto académico e na história da arquitectura, como no exercício da profissão. Este livro tem a particularidade de reunir dois textos produzidos por arquitectas portuguesas – “Reinventar la Arquitectura. Hay una mujer justo a tu lado.”, de Lia Antunes; e “Mujeres Arquitectas en Portugal.”, de Patrícia Santos Pedrosa.

²⁷ Refiro-me à tese de mestrado: Sá, F. C. (2010). *Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitectónico na perspectiva das relações de género*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, Brasil.

²⁸ O colectivo ‘Arquitectas Invisíveis’ tem a sua divulgação feita através de uma página na internet, e da publicação de uma revista, que já conta com duas edições.

²⁹ Refiro-me à tese de mestrado: Machado, S. (2011). *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Escola Superior Gallaecia, Galiza, Espanha.



13. Capa do Livro *A Women's Berlin: Building the Modern City* (2008), ed. por Despina Stratigakos.

14. Capa do Livro *Where Are the Women Architects?* (2016), ed. por Despina Stratigakos.

O tema das mulheres na arquitectura tem vindo a ser abordado em diferentes países, em diferentes contextos e por diversos autores que mostram ter uma atitude crítica e, principalmente, conscienciosa sobre o assunto. Por isso mesmo, é relevante ter em conta o trabalho produzido por Despina Stratigakos³⁰. O trabalho que esta autora tem vindo a desenvolver é muito recente, mas começa a ganhar destaque e importância no mundo da arquitectura, pelo facto de ser promissor e de não se focar nas teorias feministas que existiram anteriormente. Despina Stratigakos não tem uma visão redutora nem de vitimização perante a figura da mulher. Aliás, contrariamente a isso, procura estudar e investigar a história das mulheres na arquitectura, e chama a atenção para a diversidade e paridade na disciplina como factor de inclusão e reconhecimento das mulheres. As suas investigações resultaram na publicação de dois livros – *A Women's Berlin: Building the Modern City* (2008) e *Where Are the Women Architects?* (2016) -, e além disso em vários artigos publicados no *Places Journal*³¹. No Livro *A Women's Berlin: Building the Modern City*, Despina Stratigakos reflecte sobre o género e a modernidade das cidades europeias, e com base nisso mostra como a concepção da cidade criada por e para mulheres produz uma visão mais completa de uma metrópole alternativa. Por outro lado, no mais recente livro *Where Are the Women Architects?*, a autora com o intuito de provocar, questiona a ausência das mulheres na arquitectura, mostra os obstáculos que enfrentam na profissão, e revela, ainda, o potencial futuro das mulheres na disciplina e profissão. Despina Stratigakos além de ter publicado estes importantes livros, também colaborou, em 2011, com a Mattel³² no desenvolvimento e lançamento da Barbie Arquitecta. A iniciativa de criar uma boneca que superasse os pressupostos de uma profissão dominada por homens, teve como objectivo inspirar a geração mais jovem e ajudar a promover a diversidade, não só na arquitectura, mas na cultura em geral. A Barbie Arquitecta

³⁰ Despina Stratigakos é historiadora da arquitectura, escritora e professora no departamento de Arquitectura da Universidade de Buffalo.

³¹ *Places Journal* começou por ser uma revista fundada em MIT e Berkeley em 1983, mas 2009 passou a ter uma página na internet onde são disponibilizados e publicados vários artigos sobre arquitectura, paisagem e urbanismo.

³² Mattel é a maior fabricante de brinquedos do mundo, tendo criado, por exemplo, a boneca Barbie.



15 e 16. Despina Stratigakos e a Barbie Arquitecta, na convenção do American Institute of Architects em New Orleans (2011).

representa, de certa forma, as mulheres que querem desprender-se da imagem idealizada e estereotipada do arquitecto, despido de qualquer traço de feminilidade, e que querem ser reconhecidas pelo trabalho que produzem. Além disso, também é uma estimulante forma de consciencializar a geração mais jovem, e de incentivar as mulheres a superarem a opressão e a resistência que existe em algumas profissões, nomeadamente na arquitectura. A Barbie Arquitecta resulta numa mudança de paradigma que está a acontecer no mundo da arquitectura, mas que ainda tem um longo caminho para percorrer.

A teoria e o debate feminista abarcam uma pluralidade de relações entre o género e a arquitectura, e entre a arquitectura e a mulher, enquanto figura feminina. No entanto, essas relações têm vindo a desvanecer tendo em conta a literatura produzida nos últimos anos, que mostra que, cada vez mais, a figura da mulher enquanto arquitecta tem vindo a ganhar destaque nos estudos e investigações produzidos por diversos autores.

O CONTEXTO MODERNO E PÓS-MODERNO

O contexto moderno e pós-moderno é importante ser enquadrado no tema das mulheres na arquitectura para que se perceba as implicações que teve no percurso das mulheres, e também dos homens.

O Movimento Moderno localiza-se, sobretudo, na primeira metade do século XX, e “(...) trouxe o início de uma mudança radical em termos de formas e princípios arquitectónicos, rejeitando a história e enfatizando a tecnologia.” (Antunes, 2012, p. 64) Este período está ligado ao racionalismo, ao pensamento abstracto e ao funcionalismo. Vários autores que produzem teoria da arquitectura defendem que o movimento moderno está associado ao homem, e por sua vez à masculinidade, sendo caracterizado como o “(...) apogeu da racionalidade masculina.” (Figueira, 2010, p. 15) Neste sentido, a arquitectura foi desenvolvida por um *star system* de domínio masculino, num cenário em que as identidades masculinas foram elevadas a heróis. Como resultado dessa prática, portadora de evidentes desigualdades, a presença e a participação das mulheres, neste período, foi marcada pela opressão, pela discriminação, pela invisibilidade.

As arquitectas sofreram as consequências de uma sociedade machista, que exaltava o homem como detentor de toda a genialidade e que colocava a mulher numa posição de total desvalorização. Desta forma, muitas foram as arquitectas que exerceram a profissão “na sombra” dos heróis do Movimento Moderno, sem nunca terem visto o seu trabalho ser valorizado, sem nunca terem sido reconhecidas, verdadeiramente, como arquitectas. Embora tenham contribuído para a realização de vários projectos e obras representativas desse período, o mérito sempre foi atribuído ao arquitecto, ao homem com quem trabalhavam que, em alguns casos, também era o seu marido.

As arquitectas foram deixadas para segundo plano, “na sombra” de um *star system* masculino, esquecidas no tempo, na Modernidade, sem um lugar na História da Arquitectura, com a esperança de que um dia o seu trabalho fosse



17. Denise Scott Brown e o seu sócio e marido, Robert Venturi.
18. Denise Scott Brown

reconhecido e valorizado. A ausência de arquitectas seria a forma mais fácil de descrever o Modernismo. No entanto, falar sobre a sua existência é a melhor forma de combater a invisibilidade, o anonimato, o desconhecimento e, sobretudo, de dignificar o seu nome e o seu trabalho.

Denise Scott Brown destaca-se como sendo o caso mais representativo e conhecido da falta de reconhecimento e das atitudes discriminatórias que fizeram parte da sua carreira. Contudo, também é possível identificar outros exemplos de arquitectas – Charlotte Perriand, Eileen Gray, Lilly Reich e Marion Mahony Griffin – que merecem igual destaque quando se fala do Modernismo e de colaborações entre arquitectos que resultaram no mérito dos arquitectos, enquanto figuras masculinas, e no desprestígio das contribuições das mulheres.

A arquitecta Denise Scott Brown, ao longo da sua carreira, sentiu várias vezes as dificuldades de ser mulher na arquitectura, acentuadas, ainda mais, pelo facto de trabalhar em parceria com o seu sócio, e também marido, o arquitecto Robert Venturi. Com o intuito de dar a conhecer as várias situações que enfrentou e, principalmente, querendo mostrar a realidade que as arquitectas viviam, naquela época, escreveu o artigo “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”, publicado no livro *Architecture: A Place for Women* (1989), onde refere que:

“A maioria das mulheres profissionais podem contar “histórias de horror” sobre as discriminações que sofreram durante suas carreiras.” (Brown, 1989, p. 237)³³

Uma das situações em que foi manifestada uma evidente discriminação de género e uma enorme desvalorização do seu trabalho aconteceu, em 1991, quando o prémio Pritzker foi atribuído apenas ao seu marido, Robert Venturi, dando mérito ao trabalho que, na realidade, foi desenvolvido em colaboração pelos dois arquitectos. Denise Scott Brown foi, completamente, colocada para segundo plano, adquirindo, mais uma vez, o título de “a esposa do arquitecto”. (Castro, 2014, p.4)

³³ Tradução da autora: “Most professional women can recount “horror stories” about discrimination they have suffered during their careers.” (Brown, 1989, p. 237)



19. Charlotte Perriand na *Chaise Longue* (1928).

20. Eileen Gray.

21. Mural pintado por Le Corbusier, em 1938, na casa E-1027, projectada pela arquitecta Eileen Gray.

22. Lilly Reich.

Charlotte Perriand (1903-1999), também sentiu as consequências da sua condição feminina quando, no início da sua carreira, foi procurar trabalho no escritório de Le Corbusier, onde foi rejeitada e confrontada com uma resposta devastadora e repleta de preconceito: “Aqui não bordamos almofadas.” No entanto, Le Corbusier mudou de opinião e decidiu contratá-la depois ter ficado surpreendido com o mobiliário que a arquitecta projectou, e assim ter reconhecido o seu talento. Charlotte Perriand trabalhou durante dez anos com Le Corbusier, à sombra do mestre, projectando o interior dos seus projectos, nomeadamente da Villa La Roche e da Villa Church, e várias peças de mobiliário que, posteriormente, ficaram famosas. Como exemplo disso, é a conhecida cadeira *chaise-longue*, onde Charlotte Perriand foi fotografada a repousar nela. Ainda que a imagem da arquitecta esteja vinculada a este projecto, o seu trabalho esteve sempre associado ao nome de Le Corbusier, sem nunca ter obtido o devido mérito. (Rubino, 2010, p. 29-30)

Outro exemplo é o caso da arquitecta irlandesa, Eileen Gray (1878-1976), que projectou a emblemática casa E-1027, em 1926, com Jean Badovici. Também esta arquitecta viu o seu trabalho ser, não só ignorado e esquecido, mas também alvo de atitudes machistas por parte, nomeadamente, de Le Corbusier. Em 1937, o arquitecto pintou vários murais nas paredes da casa E-1027, como forma de deixar a sua marca, desfigurando aquela obra, visto não a ter conseguido comprar. Esta atitude revelou uma grande ofensa ao trabalho de Eileen Gray, sendo um acto de violência e também uma forma de anulação do papel da arquitecta. (Figueira, 2010, p. 37-38)

Lilly Reich (1885-1947) é outra das arquitectas desprestigiadas do Movimento Moderno. Em 1925, começou a sua parceria com o arquitecto Mies Van der Rohe, que durou 13 anos. Com ele, desenhou várias peças de mobiliário, nomeadamente a *Cadeira de Barcelona* e a cadeira *Brno*, e vários projectos de arquitectura, como o Pavilhão de Barcelona e a Casa Tugendat. Porém, o trabalho que desenvolveu em colaboração com Mies não foi devidamente valorizado, visto que a autoria e o mérito dos vários projectos foi atribuído ao arquitecto, e a sua



23. Zaha Hadid.

contribuição foi simplesmente desprezada e mantida no anonimato. (Figueira, 2010, p. 41-43)

Por último, importa mencionar Marion Mahony Griffin (1871-1962), uma das primeiras mulheres a formar-se em arquitectura. Além disso, também foi a primeira mulher a ser contratada por Frank Lloyd Wright, para o seu escritório. A arquitecta desenhou muitas perspectivas em aquarela, mas nunca obteve mérito pelo seu trabalho e talento. Aliás, os desenhos ficaram conhecidos como imagem de marca do trabalho de Frank Lloyd Wright, e influenciaram outros grandes arquitectos. O trabalho de Marion Mahony Griffin ficou “na sombra” do grande mestre, sem que ele nunca lhe tenha reconhecido o talento. (Vale, n.d.)

Estas arquitectas tiveram uma importante participação no Movimento Moderno, embora tenham construído as suas carreiras “(...) nas brechas estipuladas por uma dominação masculina no campo, mas não sem deixar as marcas de um subtil revolução simbólica.” (Rubino, 2010, p. 32)

O Pós-modernismo, posteriormente, veio questionar esse cenário, e produziu novas abordagens para a arquitectura, através de uma ampla variedade de discursos que englobam as minorias, as questões de género e a sexualidade. Deste modo, o Pós-modernismo veio permitir recuperar o percurso feito pelas arquitectas na modernidade, e dar-lhe visibilidade tendo por base a teoria feminista que reivindicou os direitos das mulheres. Jorge Figueira refere que “na teoria é o pós-modernismo que reenquadra o feminismo, o pós-colonialismo, e suporta os estudos culturais (...)”. (Figueira, 2011, p. 11) Foi neste período que as questões sobre as mulheres na arquitectura começaram a ganhar domínio e importância e, por sua vez, a abrir caminho numa cultura homogeneizada por parte de um sistema masculinizado.

Neste sentido, a arquitecta Zaha Hadid (1950-2016) teve um importante papel no reconhecimento da presença das mulheres na arquitectura. Em 2004, foi a primeira mulher a receber o prémio Pritzker e, assim, a romper com uma tradição que, até então, tinha sido exclusivamente masculina. O seu trabalho foi prestigiado, e com isso, a arquitecta alcançou um merecido lugar de destaque no meio dos grandes nomes do *star system* da arquitectura.

Zaha Hadid, o seu trabalho e o reconhecimento que alcançou, representam o início de uma mudança na visibilidade das arquitectas e dos seus percursos profissionais. Além disso, contribuiu para que o tema das mulheres na arquitectura e, por consequência, o problema da desigualdade de género na profissão fossem ainda mais discutidos e investigados.

Deste modo, a arquitecta Zaha Hadid é o elemento de transição entre uma abordagem centrada na perspectiva feminista e uma abordagem que se vai centrar no papel e na presença das mulheres na arquitectura, com o objectivo de enaltecer o percurso profissional e o trabalho produzido pelas arquitectas, nomeadamente, em Portugal.

Capítulo II

SOBRE AS ARQUITECTAS EM PORTUGAL

INTRODUÇÃO

O debate sobre as mulheres na arquitectura conta com uma grande presença histórica no cenário internacional. Com base na teoria feminista, criou uma complexa relação entre o género e arquitectura, resultando numa expressiva abordagem crítica de vários autores, que analisaram o tema produzindo diversas antologias e ensaios. No seguimento da investigação, importa agora enquadrar a temática das mulheres na arquitectura no contexto nacional e perceber se a arquitectura feita em Portugal conta com uma grande presença feminina, e sobretudo, se dispõe das condições necessárias para que as arquitectas façam o seu percurso profissional num ambiente que permita a igualdade de género, o reconhecimento e a valorização do trabalho produzido.

Em Portugal, ainda existe uma grande hesitação em assumir que o tema é pertinente e que necessita de ser integrado no debate e no discurso arquitectónico, principalmente a nível cultural e social. De facto, o tema existe, não pode ser ignorado, mesmo pelos mais reticentes. É evidente que a arquitectura, historicamente, é uma disciplina dominada pela presença e pela prática masculina. Essa realidade implica que as mulheres tenham um papel completamente secundário ou inexistente. No entanto, começam a existir cada vez mais sinais de que alguma coisa está a acontecer e a mudar na prática arquitectónica. A presença das mulheres na arquitectura gera desconfiança e, algumas vezes, é ignorada por parte de quem não conhece a história, ou de quem não tem consciência de que as arquitectas têm um papel fundamental no desenvolvimento da disciplina.

O presente capítulo tem como finalidade concretizar o primeiro objectivo definido no âmbito da investigação, que consiste em perceber quando e de que forma é que o tema das mulheres na arquitectura entrou em Portugal, e que implicações teve no desenvolvimento da profissão. Para tal, é necessário realizar uma análise ao estado de arte existente, para que seja possível reunir um conjunto

de informações que permitam desvendar o percurso das mulheres na arquitectura portuguesa e o cenário geral que se vive nos dias de hoje.

O estado de arte que explora a temática em análise não é abundante. Pelo contrário, é bastante reduzido e mostra, claramente, a dificuldade que reside na abordagem a um assunto tão controverso e carregado de enigmas.³⁴ A bibliografia existente é representada através de um conjunto de publicações que permitem ter acesso a poucas informações sobre a história das mulheres na arquitectura e, inclusive, sobre a realidade da profissão, vivida actualmente.

Destas publicações, importa salientar o primeiro número da revista *Joelho*, com o título “Mulheres na Arquitectura”, produzida no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra em 2010, e ainda a edição n.º242 do *Jornal dos Arquitectos*, com o título “Ser Mulher: Being a Woman”, elaborada em 2011. Estes dois exemplos destacam-se pelo facto de apresentarem uma edição exclusiva sobre a presença das mulheres na arquitectura, e por chamarem a atenção para a pertinência do tema e para a urgência de ser tratado e debatido. A revista *Joelho* tem como objectivo fazer “(...) uma recapitulação da presença da mulher na história da arquitectura do século XX (...)” (Figueira, 2010, p. 6-7), enquanto que o *Jornal dos Arquitectos* procura “(...) debater os estudos de género na arquitectura, que se tornaram populares com o relativismo pós-moderno e que em Portugal entraram tardiamente.” (Milheiro, 2011, p. 3). Para além destas importantes publicações, também existe o relatório *Profissão: Arquitecto/a*, promovido em 2006, pela Ordem dos Arquitectos, que teve como objectivo descrever o cenário geral da profissão até à data da sua publicação.

No contexto académico, a primeira investigação produzida no âmbito do tema foi a dissertação de mestrado da Lia Antunes, desenvolvida no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, em 2012 – *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura* – que contou com a orientação do arquitecto Jorge Figueira. No entanto, a dissertação, apesar de ser desenvolvida no panorama nacional, centra a sua abordagem na

³⁴ Figueira, J. (2010). “Mulheres na arquitectura: Como lidar com a estranheza”. *Arq.a*, 80/81 (Maio-Junho), p. 22.

trajectória do pensamento feminista, e faz uma interpretação do estado de arte existente no contexto internacional. Embora tenha mostrado um carácter pioneiro ao abordar o tema das mulheres na arquitectura, acabou por não situar a sua análise na história das arquitectas em Portugal.

Mais recentemente, em 2016, foi desenvolvida, pela Joana Roxo, no Departamento de Arquitectura e Urbanismo do Instituto Universitário de Lisboa, uma dissertação de mestrado sobre a primeira arquitecta portuguesa – *A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco*. Esta investigação faz uma abordagem específica sobre o início da história das arquitectas em Portugal, que começou, de facto, quando a primeira protagonista desta história – Maria José Estanco - se formou em arquitectura. É de realçar a existência de um trabalho que tenha como objectivo analisar e dar a conhecer o percurso profissional e o trabalho desenvolvido por arquitecta portuguesa e que, sobretudo, ambicione “(...) desmistificar o porquê da sua invisibilidade na Arquitectura Portuguesa (...)”. (Roxo, 2016, p. 68)

O estado de arte é reduzido, mas ainda assim contempla vários artigos relevantes sobre a temática em estudo, produzidos pela, arquitecta e teórica, Patrícia Santos Pedrosa³⁵.

Todas estas publicações resumem o estado de arte existente e tentam, de algum modo, debater o tema das mulheres na arquitectura e chamar a atenção para a importância das arquitectas e da sua história. Contudo, é perceptível que a informação recolhida, a partir do levantamento do estado de arte, é muito escassa, insuficiente e pouco recente para que se possa delinear um percurso histórico, sólido e detalhado, sobre as arquitectas em Portugal. Ainda assim, a informação e os dados existentes permitem, de algum modo, suportar algumas ideias e perspectivas para que seja possível alcançar o objectivo estipulado para este capítulo.

³⁵ Patrícia Santos Pedrosa tem vários trabalhos de investigação, nomeadamente, sobre questões de género e arquitectura. Os vários artigos que produziu referentes ao tema são: “Being a female architect in Portugal: a short introduction to a long ride” (2010), “Arquitectura: profissão e emprego” (2013), “Women Architects in Portugal. A long and winding road.” (2014), que está integrado no livro *Arquitectas, redefiniendo la profesión* como “Mujeres Arquitectas en Portugal: Una larga y estrecha carretera”, e ainda “Arquitectas: ensaio para um manual revolucionário.” (2014).

Numa tentativa de desmitificar a presença das arquitectas em Portugal, no passado e no presente, o actual capítulo é delineado por uma construção de ideias que mostram o caminho para uma mudança de paradigma na disciplina e profissão. A construção da mudança implica que a visibilidade das arquitectas ganhe destaque, a nível cultural e social. Para isso, é necessário resgatar as suas histórias, dar a conhecer os seus percursos profissionais e valorizar a sua presença num cenário que ainda privilegia o arquitecto enquanto figura masculina.



26. Sophia Hayden Bennett.

27. Julia Morgan.

28. Flora Crawford.

29. Matilde Ucelay.

A EVOLUÇÃO DA PRESENÇA DAS MULHERES NA ARQUITECTURA

A realidade sobre a presença das mulheres na arquitectura, em Portugal, precisa de ser aprofundada através de um olhar crítico. É necessário desvendar o *mainstream* da profissão de domínio masculino, e mostrar que as arquitectas têm vindo a construir um caminho que indicia mudanças no mundo da arquitectura, tendo em vista a diversidade e a igualdade no interior da profissão.

Ao longo da história, as mulheres têm sido excluídas de diversas áreas profissionais e de conhecimento. A arquitectura não é excepção. Até há poucas décadas, não era permitida a presença das mulheres no mundo académico, estando destinadas ao papel biológico de mãe, de dona de casa, entregues ao mundo privado e ao ambiente doméstico, sem que pudessem entrar na esfera profissional, educacional e pública. No entanto, a sociedade foi-se transformando ao longo dos tempos, e a mulher começou a poder integrar a esfera pública e, conseqüentemente, o mundo académico. Como resultado disso, surgiram as arquitectas pioneiras, ainda que “ (...) frequentemente limitadas ao trabalho associado, muitas vezes com os parceiros que partilham a mesma profissão.” (Antunes, 2012, p. 92)

Foi ainda no século XIX, que a participação feminina na profissão começou a dar os primeiros passos, nomeadamente, no contexto internacional. As primeiras arquitectas diplomadas foram a Sophia Hayden Bennett, no ano de 1890, tendo sido a primeira mulher aceite no curso de arquitectura do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos da América, e também a finlandesa Signe Hornorg, no mesmo ano, formada pela Helsinki Polytechnic.³⁶ Em França, poucos anos mais tarde, em 1898, também a americana Julia Morgan conseguia ingressar no curso de arquitectura na Escola de Belas-Artes de Paris, tendo terminado a sua

³⁶ Machado, Susete (2011) – *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Escola Superior Gallaecia, Galiza. (pp. 43)



30. Retrato de Maria José Estanco, sem data. Pintura de Machado da Luz.
31. Maria José Estanco.

formação em 1902. Nas primeiras décadas do século XX, noutros países da Europa, a presença feminina no mundo da arquitectura começou a ser inaugurada, mais tardiamente. A título de exemplo, a primeira arquitecta diplomada na Suíça foi Flora Crawford, em 1923, enquanto que em Espanha, a primeira mulher a concluir o curso de arquitectura foi Matilde Ucelay, no ano de 1936.

O acesso das mulheres a uma profissão, essencialmente, ocupada por homens verificou-se, em Portugal, apenas na década de 40 do século XX. As primeiras mulheres portuguesas a tornarem-se arquitectas foram a Maria José Estanco (1905-1999) em 1942, formada pela Escola de Belas Artes de Lisboa, e a Maria José Marques da Silva (1914-1994) em 1943, pela Escola de Belas Artes do Porto.

De um modo geral, quase todas as arquitectas pioneiras viram o seu trabalho profissional restringido à prática de arquitectura doméstica e à decoração de interiores, como se fosse uma espécie de continuação das tarefas femininas e do espaço da casa.³⁷ As experiências profissionais destas arquitectas foram pautadas por um caminho difícil, onde a discriminação de género era evidente e as injustiças prevaleciam num ambiente profissional machista, dominado por homens, onde a presença da mulher gerava desconfiança e resistência na sua integração. As arquitectas pioneiras, em Portugal, não conseguiram fugir dessa realidade, e também elas sofreram as nefastas consequências da sua condição feminina.

Maria José Estanco nascida em 1905, no Algarve, foi a primeira mulher a formar-se em arquitectura, no dia 27 de Junho de 1942, quando defendeu a sua tese, em Lisboa, obtendo a nota final de 16 valores. Embora, tenha concluído todas as disciplinas do curso em 1935, foi apenas sete anos depois que submeteu o projecto final, com o tema – um Jardim de Infância no Algarve –, a fim de obter o diploma em arquitectura. Anteriormente, tinha estudado pintura, mas decidiu que o seu caminho profissional seria direccionado para a arquitectura, apesar de não ter tido uma experiência linear na profissão que escolheu. Embora tenha sido

³⁷ Antunes, L. (2012). *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal. (p. 94)



32. Maria José Marques da Silva.

33. Maria José Marques da Silva e o seu marido, David Moreira da Silva.

considerada a melhor aluna do curso, o seu percurso como arquitecta durou muito pouco tempo, devido à forte componente discriminatória presente na sociedade da época, e patente nos ateliês de arquitectura.

Maria José Estanco tentou ser admitida como arquitecta em vários ateliês de arquitectura, mas foi-lhe negado o acesso por ela ser mulher, ou talvez por estar inserida numa sociedade “ (...) muito machista e incapaz de aceitar a ideia de ver uma mulher a projetar e a construir de raiz um edifício.” (Cruz, 2015, p. 56) Como resultado, a sua experiência enquanto arquitecta foi reduzida a algumas encomendas feitas por amigos. Para colmatar essa situação, de forma a continuar a sua vida profissional, ainda que em áreas diferentes da sua formação, Maria José Estanco envolveu-se na decoração de interiores e na concepção de mobiliário, tendo tido, por isso, a oportunidade de criar uma secção na revista ‘Modas e Bordados’. Além disso, também foi professora em várias escolas de Lisboa, e esteve empenhada na defesa dos direitos das mulheres, tendo sido membro do Movimento Democrático da Mulher (MDM). A sua carreira como arquitecta não foi marcada por muitas oportunidades que lhe pudessem abrir caminho para o sucesso.³⁸ No entanto, merece o devido reconhecimento porque deu início à história das arquitectas em Portugal, porque foi devido a esta mulher “(...) que o termo “arquitecta” passou a ser usado na profissão em Portugal.” (Roxo, 2016, p. 87)

Maria José Marques da Silva foi a segunda arquitecta a formar-se em Portugal. Concluiu o curso de arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto, em 1943, tendo sido a primeira mulher a obter o diploma nesta escola. A experiência profissional desta arquitecta é mais uniforme e sólida, devido ao facto de estar inserida num ambiente onde a arquitectura sempre fez parte da sua vida. Filha do conhecido arquitecto José Marques da Silva, iniciou a sua actividade profissional no ateliê do pai, onde conheceu o arquitecto David Moreira da Silva que viria a ser seu marido, e com quem partilhou a sua vida pessoal e profissional. Maria José Marques

³⁸ Pedrosa, P. S. (2014). "Women Architectes in Portugal. A long and winding road". In N. A. Lombardero (ed.), *Women Architects: Redefining the practice 1st International Symposium on Architecture and Gender*. Sevilla: ETSAS-Universidad de Sevilla. (p. 107 e 108).

da Silva, juntamente com o seu marido, foi desenvolvendo a sua actividade profissional. No entanto, a sua colaboração e participação nos projectos foi suprimida, e o seu marido, David Moreira da Silva, foi reconhecido como o único autor das obras, que tinham sido criadas por ambos.³⁹ É evidente que essa atitude perante a arquitecta espelha a realidade cultural vivida na época, e mostra os problemas existentes no mundo profissional, nomeadamente a forte discriminação que existia perante a figura feminina. A arquitecta portuguesa teve um papel muito activo e interventivo nas questões relacionadas com a arquitectura e, devido a essa sua vertente, chegou a ser presidente da Secção Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses.

A entrada das mulheres na arquitectura em Portugal é um momento histórico e marcante. Além disso, com base nas condições profissionais em que as arquitectas pioneiras desenvolveram o seu percurso, é possível verificar um padrão que estabelece um modelo de repetição nas futuras experiências profissionais das arquitectas.

As carreiras de Maria José Estanco e de Maria José Marques da Silva foram exemplos da falta de reconhecimento e valorização do trabalho da arquitecta, e das atitudes discriminatórias e machistas presentes na sociedade da época. Como resultado disso, a condição profissional das arquitectas, por um lado, foi anulada, e por outro foi colocada para segundo plano.⁴⁰ Maria José Estanco abandonou a profissão, depois de lhe ter sido negado a possibilidade de a exercer, enquanto que Maria José Marques da Silva nunca obteve reconhecimento pelo trabalho executado. Este é um padrão que invisibiliza a presença feminina na profissão, mantendo as arquitectas à margem da história. No entanto, foi se repetindo nas décadas seguintes, nas experiências profissionais das arquitectas.

O papel da mulher na sociedade começou a alterar-se, de forma significativa, a partir do momento em que as mulheres tiveram a possibilidade de escolher uma

³⁹ Pedrosa, Patrícia S. (2014). "Women Architectes in Portugal. A long and winding road". In N. A. Lombardero (ed.), *Women Architects: Redefining the practice 1st International Symposium on Architecture and Gender*. Sevilla: ETSAS-Universidad de Sevilla. (p. 108).

⁴⁰ Patrícia Santos Pedrosa, no artigo "Arquitectas: ensaio para um manual revolucionário", refere que a entrada das mulheres no mundo da arquitectura veio definir o paradigma fundacional que se repetirá na condição futura das arquitectas, através de modos de silenciamento.

área de formação e especialização, e nesse sentido ter acesso à esfera profissional e a um trabalho remunerado. Como resultado disso, a sua presença no mundo académico, nomeadamente da arquitectura, começou a aumentar devido à abertura do sistema universitário que veio romper com o ensino das Belas-Artes.⁴¹ As mulheres tiveram acesso às universidades, e por isso a sua presença no mundo profissional da arquitectura, embora tenha começado lentamente, teve um grande crescimento nas últimas décadas.

Em 1970, o número de arquitectas inscritas na Ordem do Arquitectos correspondia a 4,7% do total de membros, tendo dado um salto significativo até ao ano de 2000, onde a percentagem subiu para 32,1% de profissionais femininas. A partir desse ano, o número continuou a aumentar, originando um crescimento paulatino até 2012. Nessa altura, as arquitectas a exercer a profissão, representavam mais de um terço do total de membros da Ordem dos Arquitectos, correspondendo a uma percentagem exacta de 40,1%.⁴² Até ao ano de 2017, a percentagem continuou a crescer num ritmo relativamente acelerado, em comparação aos anos anteriores. Segundo os dados oficiais da Ordem dos Arquitectos, de Maio de 2017, o número de arquitectas já é bastante significativo, correspondendo a 44% da percentagem total de membros inscritos.⁴³

O aumento exponencial de profissionais femininas nas últimas décadas, no mundo da arquitectura, decorre da abertura do sistema universitário e, nomeadamente, dos cursos privados de arquitectura que surgiram a partir de 1986,⁴⁴ e que permitiram acelerar o ritmo de feminização da profissão.⁴⁵

⁴¹ Antunes, L. (2012). *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal. (p. 92)

⁴² Dados oficiais da Ordem dos Arquitectos que mostram a percentagem de mulheres inscritas, ao longo das últimas décadas: 1970 – 4,7%; 1980 – 14,1%; 1990 – 23,5%; 2000 – 32,1%; 2006 – 35,5%; 2010 – 39,2% e 2012 – 40,1%. (Pedrosa, 2013) (Cabral, 2006)

⁴³ Estes dados foram fornecidos pela arquitecta Patrícia Santos Pedrosa, via email.

⁴⁴ Cabral, M. G. (coord.) (2006). *Relatório profissão: Arquitecto/a*. Estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa. (p. 37).

⁴⁵ A feminização da arquitectura corresponde ao fenómeno do aumento da presença das mulheres na disciplina e profissão. Não tem, portanto, uma conotação negativa, no sentido de gerar mudanças que impliquem que, a partir de agora, a arquitectura comece a ser feita só por mulheres.

A percentagem de arquitectas continua a aumentar todos os anos, e isso verifica-se não só na esfera profissional, como também no mundo académico, onde cada vez existem mais mulheres a frequentarem o curso de arquitectura. Em 1988, quando foi inaugurada a licenciatura em arquitectura no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, dos 67 alunos que se inscreveram, 23 eram mulheres. No ano lectivo de 2010/2011, apesar de se terem inscrito o mesmo número de alunos, o número de mulheres aumentou para 37.⁴⁶

É notório que a presença das mulheres nas universidades tem vindo a crescer a um ritmo acelerado, e mostrando sinais de uma possível mudança de paradigma, nomeadamente, na “sociologia da sala de aula”⁴⁷. No último ano lectivo, de 2016/2017, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, inscreveram-se 79 alunos, dos quais 51 são mulheres. É um facto que o número de mulheres tem vindo a aumentar, chegando a representar, actualmente, 64,6% do total de estudantes que frequentam o curso de arquitectura neste departamento.⁴⁸ Estes dados mostram que alguma coisa está a acontecer, como também refere o arquitecto Jorge Figueira:

“A mulher alcançou nas últimas décadas um lugar que só a falta de consciência histórica pode subvalorizar. Mas o que importa aqui é saber se essa presença implica uma alteração de paradigmas. Nos últimos vinte anos, há sinais crescentes que isso está a acontecer.” (Figueira, 2010)

A “sociologia da sala de aula” já não é um cenário exclusivo da tradicional presença masculina. As mulheres começaram a desconstruir essa realidade, e no presente momento a sua presença é dominante e bastante pertinente. Em relação ao corpo docente, os dados recolhidos não permitem desenhar uma realidade tão

⁴⁶ Antunes, Lia (2012). *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, Coimbra. (p. 96, 98)

⁴⁷ Esta expressão foi utilizada pelo arquitecto Jorge Figueira, quando fez referência à mudança que está a acontecer na organização e funcionamento da sala de aula, de acordo com o género. (Entrevista 1) A expressão vai ser adotada ao longo da investigação.

⁴⁸ Dados oficiais cedidos pela secretaria do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

optimista. No Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, segundo os dados do ano lectivo 2016/2017, existem 39 professores, sendo que apenas 8 são mulheres. De uma forma geral, é previsível que este cenário maioritariamente masculino se vá repetindo pelas Faculdades de Arquitectura de Portugal.

Apesar da “sociologia da sala de aula” estar a mudar, evidenciando a grande presença das mulheres nos cursos de arquitectura, e gerando um cenário que prevê a igualdade de género, o mesmo não se verifica no mundo profissional, porque embora existam cada vez mais arquitectas a formarem-se, “(...) as mulheres ainda estão longe de atingir a paridade em arquitectura (...)” (Cabral, 2006, p. 38)

A sociologia da profissão não está equilibrada com a “sociologia da sala de aula”, e os dados apresentados comprovam isso. No entanto, como resultando da mudança que está a acontecer no ambiente da sala de aula e no aumento do número de mulheres a exercer a profissão, as arquitectas estão a começar a ganhar domínio e a caminhar certamente no mundo tradicionalmente masculino.

MUDANÇAS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

A história sempre valorizou o homem na profissão de arquitecto, é um facto. Nas décadas passadas, num tempo longínquo que muitas vezes se torna recente, abrir um ateliê em nome próprio estava destinado aos homens, porque era expectável que fossem eles os mais proeminentes e os mais bem-sucedidos na profissão.⁴⁹ As mulheres que conseguiam ser integradas na esfera profissional iam para esses ateliês, onde passavam a exercer a profissão e a desenvolver o trabalho à sombra dos colaboradores ou dos sócios, sem que lhes fosse dado o devido reconhecimento.

As saídas profissionais de arquitectura tinham como enfoque o trabalho de ateliê baseado na matriz do arquitecto masculino. Desta forma, as arquitectas tinham muito poucas possibilidades de alcançarem um lugar de destaque ou, simplesmente, de verem o seu trabalho valorizado da mesma forma que o trabalho dos arquitectos. Permaneciam na margem, invisíveis, como se não existissem.

Nas últimas duas décadas, apesar de ainda ser visível a grande presença do homem na profissão e disciplina da arquitectura, acabou por existir um abrandamento na necessidade de afirmação masculina. Como efeito, várias arquitectas, enfrentando os preconceitos e as discriminações da sociedade, conseguiram abrir ateliê em nome próprio. Ou seja, conseguiram reunir as condições necessárias para fazerem o seu próprio percurso profissional e para liderar uma equipa, um escritório de arquitectura.

A geração que protagonizou esta mudança, ainda que represente um número muito reduzido de profissionais femininas, veio romper com o estigma de que só os homens é que eram expectavelmente capazes de liderar e gerir um escritório de arquitectura. As arquitectas que representam esta geração concluíram a sua formação no fim da década de 80 do século XX. Mas, foi na viragem para o século

⁴⁹ Entrevista 1 – Arquitecto Jorge Figueira, p. 277.



34. Inês Lobo.
35. Paula Santos.
36. Graça Correia.

XXI que conseguiram conquistar um lugar de destaque e marcar a sua presença na esfera profissional da arquitectura em Portugal, quando tiveram a iniciativa, e de certa forma, a ousadia de abrir um ateliê em nome próprio.

A título de exemplo, é possível identificar algumas arquitectas que conseguiram concretizar esse objectivo, como é o caso de Inês Lobo, Paula Santos ou Graça Correia. Estas arquitectas tiveram a capacidade de arriscar, de superar obstáculos, de mostrar que a presença feminina na profissão também pode alcançar lugares de destaque, de topo, ainda que o caminho para lá chegar seja difícil. Acredito que ainda, nos dias de hoje, continuem a sentir as desigualdades que existem no interior da profissão, e sobretudo na sociedade, logo à partida por estarem em minoria, por serem casos de excepção no universo masculinizado da arquitectura. Na verdade, não deviam ser vistas como casos de excepção por serem mulheres, mas sim como excelentes profissionais pelo trabalho que produzem, tal como os grandes arquitectos são conhecidos e reconhecidos.

Importa também referir que apesar destas arquitectas liderarem um ateliê de referência, têm uma grande equipa que as apoia na concretização dos projectos, tal como acontece com a grande maioria dos prestigiados arquitectos portugueses, e de uma forma geral, nos grandes escritórios de arquitectura.

Este novo processo de trabalho vem desafiar a tradicional “mono-autoria”, que se verificava nas décadas passadas quando predominava a ideia do “arquitecto-artista”, detentor de toda a criatividade e poder de conceptualização, como se fosse a única pessoa capaz de produzir arquitectura. No entanto, esse processo de trabalho foi sendo destruído com o surgimento da autoria colectiva, que permite que o trabalho seja desenvolvido em equipa, onde muitas vezes a presença da mulher está em maioria, ainda que na linha da frente esteja o nome do arquitecto/a que gere o ateliê.⁵⁰

O facto de existirem tão poucas arquitectas com ateliê em nome próprio e isso reflectir um ambiente profissional que não evidencia a presença da mulher, é desencorajador para as novas gerações, e demonstra, mais uma vez, que a

⁵⁰ Pedrosa, P. S. (2014). *Arquitectas: Ensaio para um anual revolucionário. Artecipital.*

arquitectura está longe de ser uma profissão onde exista a verdadeira igualdade de género e de oportunidades.

Por outro lado, actualmente, as saídas profissionais não são direccionadas exclusivamente para o trabalho de ateliê, ainda que o objectivo da formação que nos é dada na faculdade tenha isso em vista.⁵¹ Acabam por existir uma variedade de opções profissionais que se alastram, por exemplo, à área de investigação, da teoria, ou do ensino. Deste ponto de vista, as mulheres têm a possibilidade de se integrarem em várias e diferentes áreas profissionais, sem que estejam condicionadas à pressão de irem trabalhar para um ateliê. Além disso, em algumas dessas áreas, as profissionais femininas até podem estar em vantagem e alcançar um lugar de destaque no mundo da arquitectura, e na linha da tradição, feita essencialmente por homens. Como exemplo disso, é o caso das arquitectas – Patrícia Santos Pedrosa, Ana Vaz Milheiro, Ana Tostões⁵² – que se têm dedicado à investigação e produzido teoria e crítica da arquitectura, e por sua vez, contribuindo para o desenvolvimento da História da Arquitectura.

É evidente que se começa a verificar uma mudança neste contexto, porque “ (...) o tradicional era os historiadores serem homens, os críticos serem homens, os arquitectos serem homens (...) ”. (Entrevista 1 – Jorge Figueira)

A presença das arquitectas em Portugal tem vindo a construir uma mudança de paradigma, expressa na sociologia da sala de aula e no aumento de profissionais femininas a exercerem a profissão. No entanto, estas mudanças só existem em termos de números, são consequência da feminização do ensino superior, e não reflectem nenhum resultado ou mudança efectiva na profissão e disciplina da arquitectura.

De qualquer modo, houve um momento importante, no fim do século XX e na viragem para o século XXI, no mundo profissional, quando algumas arquitectas

⁵¹ Esta perspectiva é referida pelo arquitecto Jorge Figueira – Entrevista 1.

⁵² Estas arquitectas também dão aulas em várias faculdades de arquitectura em Portugal, e são autoras de várias publicações nas áreas de história, teoria e crítica da arquitectura. Patrícia Santos Pedrosa é professora assistente no Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior; Ana Vaz Milheiro é professora auxiliar no Departamento de Arquitectura do Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE; e Ana Tostões é professora no Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

conseguiram abrir ateliê em nome próprio, e quando os processos de trabalho no interior da profissão começaram a privilegiar o trabalho de equipa. Ainda assim, existe um longo caminho a percorrer para a igualdade, visibilidade e reconhecimento das arquitectas.

Com os poucos dados disponíveis sobre o passado e o presente das arquitectas em Portugal, foi possível elencar os aspectos mais importantes que permitem delinear a construção da mudança que tem vindo a acontecer, mas que precisa de se concretizar verdadeiramente:

“Há uma urgência em se falar das contribuições de arquitectas para a história e para a arquitectura contemporânea pois, idealmente, a arquitectura deveria incorporar a diversidade da globalização e deveria conhecer a experiência de vida colectiva dos homens, das mulheres, das pessoas de todas as idades e de todos os grupos minoritários.” (Antunes, 2012, p. 92,94)



37. Jorge Figueira.

AS VOZES QUE DÃO VOZ

O tema das Mulheres na Arquitectura é muito recente. Em Portugal, o debate sobre esta temática surgiu, em 2010, pela voz do arquitecto Jorge Figueira, quando teve a iniciativa de realizar um colóquio, uma exposição, e a publicação de uma revista – *Joelho #1*, no âmbito da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, com o objectivo de dar a conhecer o tema e de discuti-lo publicamente.

A realização deste projecto dedicado às Mulheres na Arquitectura foi extremamente importante, porque introduziu a temática no debate e no discurso arquitectónico, sobretudo no contexto português. Além disso, veio alertar para as desigualdades que ainda existem no interior da profissão, e para a falta de reconhecimento e visibilidade das arquitectas. As reacções ao projecto demonstraram dois tipos de atitudes, como refere Jorge Figueira:

“(...) os homens riam-se; as mulheres desconfiavam. Um riso de tipo nervoso, é claro. E uma desconfiança com nuances: da arrogância de quem pensa que não há um “problema” à ignorância de quem desconhece a história recente ou antiga. Ou, talvez, o desconforto legítimo em ser tratado como “tema””.

(Figueira, 2010, p. 20)

A verdade é que o tema existe, de facto, e o arquitecto Jorge Figueira trouxe-o para o centro da discussão, teve a audácia de gritar ao mundo que as arquitectas existem, e que têm um papel importante no desenvolvimento da disciplina e profissão da arquitectura. Foi o grande impulsionador para que o assunto surgisse no meio académico, a nível público, e até global.

Neste sentido, na mesma altura que lançou a revista e realizou o colóquio e a exposição, também de forma pioneira, começou a inserir o tema nas aulas teóricas que lecciona no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, nomeadamente, na disciplina de Teoria da Arquitectura. Ainda que esta iniciativa seja um bom princípio e um excelente começo na divulgação do assunto, hoje em dia acaba por estar descontextualizada e, de certa forma, adormecida no



38. Patrícia Santos Pedrosa.
39. Colectivo Mulheres na Arquitectura.

tempo. Isto porque, além da matéria se focar na história das arquitectas do século XX, no contexto internacional, também acaba por ser uma forma de distinção das arquitectas, relativamente ao seu género. O caminho a seguir não pode vitimizar o papel da mulher na arquitectura, mas sim e, sobretudo, “(...) incluir, integrar, incorporar os projectos das arquitectas na linha histórica e temporal onde já têm lugar os trabalhos dos demais arquitectos.” (Entrevista 12 – Juliana Ferreira) Além disso, também deve ser privilegiado e divulgado o trabalho das arquitectas portuguesas, de modo a que os alunos, ao longo do seu percurso académico, não sejam confrontados com a invisibilidade das mulheres na arquitectura portuguesa.

Posteriormente, em 2017, pela voz da arquitecta Patrícia Santos Pedrosa, o tema volta a estar no centro da discussão, volta a ganhar destaque. Juntamente com outras arquitectas⁵³, fundou a associação Mulheres na Arquitectura, que tem como objectivo a “reflexão e acção no âmbito da equidade de género nas várias práticas implicadas no fazer arquitectura, cidade e território.” (Mulheres na Arquitectura) Como forma de tentar combater a invisibilidade das arquitectas na profissão, Patrícia Santos Pedrosa⁵⁴ com o apoio do colectivo Mulheres na Arquitectura e da Ordem dos Arquitectos da Secção Regional Sul (OASRS), organizaram um ciclo de conversas – Arquitectas: Modo(s) de (r)existir – constituído por seis conversas sobre seis temas, que começaram em Setembro de 2017 e vão terminar em Março de 2018.⁵⁵ Ao longo destas conversas, é pretendido que sejam questionadas as diversas possibilidades e dificuldades que as mulheres encontram na profissão.

Esta iniciativa, mais uma vez, vem demonstrar que o tema das mulheres na arquitectura é inesgotável e que, cada vez mais, tem vindo a ganhar força e a marcar a sua presença. A verdade é que continua a existir, porque “ (...) a

⁵³ As arquitectas que fundaram o colectivo são: Ana Catarino, Ana Jara, Joana Braga, Joana Pestana Lages, Lia Antunes, Luísa Paiva, Patrícia Santos Pedrosa, Rita Ochoa e Sofia Castelo.

⁵⁴ Importa referir que a Comissão Científica além de ser composta pela Patrícia Santos Pedrosa, também conta com a presença de João Sequeira e Rita Alves Coutinho.

⁵⁵ Os temas do ciclo de conversas - Arquitectas: Modo(s) de (r)existir – são: “Da Profissão e das Profissões”, “Do Projecto e da Obra”, “Da Investigação e do Ensino”, “Da Prática em Expansão”, “Das Políticas” e “Women | Architecture | RE:VOLUTION”. Estas conversas têm acontecido no Teatro São Luiz, em Lisboa.



40. Ciclo de Conversas - Architectas: Modo(s) de (r)existir. 1ª sessão “Da profissão e das Profissões”, moderada por Patrícia Santos Pedrosa, que contou com a presença de Anália Torres (CIEG/ISCP), Joana Gíria (CITE) e José Manuel Pedreirinho (AO).

41. Ciclo de Conversas - Architectas: Modo(s) de (r)existir. 2ª sessão “Do Projecto e da Obra”, moderada por Patrícia Santos Pedrosa, que contou com a presença de Célia Gomes, Catarina Madruga e Gabriela Salhe.

visibilidade das mulheres na arquitectura não existe (...)”⁵⁶. Aliás, o que persiste são as desigualdades, e por isso mesmo, o caminho a percorrer no sentido da igualdade de género e de oportunidades na profissão e, sobretudo, no reconhecimento das arquitectas, ainda é longo. Patrícia Santos Pedrosa e o colectivo, actualmente, são as vozes da luta pela igualdade na profissão e pela visibilidade das arquitectas.

Em resumo, foi possível identificar dois momentos cruciais que permitiram que o tema das mulheres na arquitectura ganhasse destaque em Portugal. Primeiramente, em 2010, a iniciativa de Jorge Figueira teve um grande impacto, foi a explosão do tema a nível público e académico. Porém, depois disso ficou num estado de maturação, estagnado, sem criar grande discussão. No entanto, a recente iniciativa de Patrícia Santos Pedrosa e do colectivo, fez renascer o tema e o debate à volta dele. Considero que está a gerar mais impacto no meio profissional e académico da arquitectura. Em primeiro lugar, porque não pretende apenas dá-lo a conhecer, quer principalmente, discuti-lo e encontrar soluções para que a igualdade seja alcançada. E em segundo lugar, porque não se insere apenas no pequeno contexto académico. É uma discussão pública de grande dimensão, que inclui outras perspectivas de análise, muito mais aprofundadas. No fundo, não é só mais um contributo, é antes e principalmente, um caminho para validar a história das arquitectas em Portugal.

Jorge Figueira e Patrícia Santos Pedrosa tiveram um papel fundamental na divulgação, discussão e análise desta temática. Colocaram-se na linha da frente e gritaram ao mundo que é preciso fazer alguma coisa para que a mudança no interior da profissão aconteça verdadeiramente.

O tema das mulheres na arquitectura entrou em Portugal através de dois acontecimentos marcantes para a História da Arquitectura. O primeiro foi quando surgiram as arquitectas pioneiras, quando de facto as mulheres entraram na esfera académica e profissional da arquitectura. O segundo remete para o momento em que o tema começou a ser motivo de análise e, conseqüentemente, a ser discutido publicamente.

⁵⁶ Patrícia Santos Pedrosa fez esta afirmação na 1ª sessão do ciclo de conversas - Arquitectas: Modo(s) de (r)existir – onde foi debatido o tema “Da Profissão e das Profissões”.

AS DIFICULDADES E DESIGUALDADES DA PROFISSÃO

A arquitectura é uma profissão exigente. Não só a nível do tempo despendido e do trabalho absorvente, como também a nível cultural e social, devido à imagem pública que produz do arquitecto/a. A visibilidade da profissão decorre do conhecimento e reconhecimento público, e por sua vez, está associada à imagem idealista e patriarcal do arquitecto, enquanto figura masculina e dominante. Para as profissionais femininas, o grau de exigência aumenta devido às desigualdades que ainda prevalecem, e que tendem a invisibilizar o reconhecimento do trabalho que produzem e a sua presença enquanto arquitectas.

Abordar as diferentes questões que geram desigualdade no interior da disciplina e profissão, é pertinente e necessário para se perceber como é pautado o percurso profissional das arquitectas, e para identificar os obstáculos que enfrentam devido à sua condição feminina.

As desigualdades existem e persistem, é um facto. As arquitectas também existem, mas persistem invisíveis, numa posição desfavorável e pouco valorizada. Os dados anteriormente apresentados⁵⁷ expressam essa realidade, revelando que a percentagem de homens continua a ser muito acentuada. Continua-se a verificar que a maioria dos professores nas universidades de arquitectura são homens, que os ateliês são representados maioritariamente por arquitectos, mesmo quando são mistos ou colectivos, e que o número de profissionais inscritos na Ordem dos Arquitectos evidencia a superior presença do género masculino. Além disso, a disparidade salarial continua na linha da frente como sendo um dos problemas mais evidentes e mais proferido na luta pela igualdade de género.

A verdade é que quanto mais se aprofunda a análise sobre a presença das mulheres na arquitectura, sistematicamente, são encontrados factores que salientam a falta de igualdade no interior profissão.

⁵⁷ Os dados estão expostos no subcapítulo “A evolução da presença das mulheres na arquitectura”.

A desigualdade, inevitavelmente, está associada à discriminação, e por sua vez é geradora de dificuldades nas relações de género. O objectivo desta análise não consiste em provar que existe ou não discriminação em relação às arquitectas, na actualidade. No entanto, este preconceito, que permanece na sociedade em geral, vai estando presente ao longo do percurso profissional das arquitectas, em determinados momentos, muitas vezes chegando a ser quase impercetível e disfarçado de positividade. Ou seja, acaba por existir uma diferenciação pela positiva, que não é mais do que uma forma subtil de discriminação, onde o preconceito e a diferença são disfarçados por atitudes de cortesia e cuidado, que na maioria das vezes acabam por ser desvalorizadas por quem as sente. A discriminação quer seja subtil ou directa, é uma forma de desvalorização da mulher, e neste caso da arquitecta.

Ao analisar a bibliografia encontrada sobre o tema das mulheres na arquitectura e, nomeadamente, a entrevista que realizei ao arquitecto Jorge Figueira, foi possível identificar várias questões, através da opinião crítica de vários arquitectos/as, susceptíveis de gerar desigualdades na profissão e dificuldades no percurso profissional das arquitectas.

Quando se fala de mulheres na arquitectura existem várias questões que se levantam, muitas delas numa perspectiva redutora do valor da arquitecta, e outras de um vulgar simplismo. Considero que têm um único objectivo: invisibilizar a presença das mulheres na arquitectura, e muitas vezes, anular o papel da arquitecta, enquanto profissional e na sociedade. Desta forma, torna-se fundamental perceber os obstáculos que enfrentam, de modo a identificar as situações que fomentam as disparidades, quer seja no ambiente académico ou na esfera profissional.

No meio académico, embora as mulheres estejam em vantagem, representando mais de 50% dos alunos que frequentam o curso de arquitectura, ainda predomina, na formação que é dada, a ideia que vem na linha da tradição masculina, do que é ser arquitecto.⁵⁸ O facto da maioria dos professores nas

⁵⁸ Esta foi uma das questões levantadas na 1ª sessão do Ciclo de Conversas – Arquitectas: modo(s) de (r)existir – onde foi discutido o tema “Da Profissão e das Profissões”.

universidades de arquitectura serem homens e as matérias leccionadas abordarem, maioritariamente, temas sobre os grandes mestres e as suas obras, demonstra que a formação é baseada numa grande componente masculina, associada ao *star system* da arquitectura. Isto reflecte uma profunda desigualdade no ambiente académico, e sobretudo na formação que é transmitida aos alunos.

As jovens mulheres que iniciam a sua formação, logo à partida, são confrontadas com uma série de factos, que lhes permite, rapidamente, perceber que a profissão que escolheram para o seu futuro profissional, revela um cenário que tem vindo a ser construído na linha da tradição que privilegia o homem na figura de arquitecto.

A formação nas universidades, tendo em vista formar pessoas para irem trabalhar em ateliês, cria condições para que a ideia do que é ser arquitecto se estabeleça com base numa mitologia masculina, que vem no seguimento do contexto moderno, e que está associada ao ‘arquitecto artista’, como sendo detentor de toda e única capacidade. Ou seja, idealmente ser arquitecto tem de passar obrigatoriamente por ser bem-sucedido, e isso consiste em ter ateliê em nome próprio, em chegar ao topo.⁵⁹ Este padrão está claramente associado aos homens, reflecte uma obsessão pelo sucesso e pelo poder, como se a arquitectura não pudesse ser desenvolvida por outro género, dentro de outros padrões, livre de ideias pré-concebidas e que fogem da linha da tradição.

Não faz sentido continuar com um modelo de formação que continue a privilegiar as matérias sobre os grandes mestres, que continue a transmitir a mitologia masculina do que é ser arquitecto, e sobretudo, que continue a fazer discriminação de género. Esse cenário pressupõe que as mulheres não têm capacidades suficientes, ou poder, para liderar um ateliê, para serem bem-sucedidas no mundo da arquitectura.

Incontestavelmente, é muito mais fácil um homem chegar ao topo e subir na carreira, do que uma mulher. Isto porque, as mulheres são confrontadas com

⁵⁹ 1ª sessão “Da Profissão e das Profissões” do Ciclo de Conversas – Arquitectas: modo(s) de (r)existir.

muitas dificuldades, directamente relacionadas não só com a disparidade profissional, mas também com os problemas e distinções de género.

Embora a ideia de 'arquitecto artista' ainda esteja presente nas universidades, de uma forma muito mais diluída do que nas décadas passadas, importa salientar que, no ambiente profissional, isso tem vindo a desvanecer, tem deixado de acontecer. A persistente ideia de que o arquitecto é dono de todo o conhecimento e genialidade, tem vindo a ser desaprovada, e como resultado disso, verifica-se a existência de um modo de produção que privilegia o trabalho em equipa e num contexto multidisciplinar, e até algumas vezes em colaboração. Desta forma, à partida, estão reunidas condições mais favoráveis à integração das mulheres no ambiente profissional. No entanto, a sua presença no mercado de trabalho também denuncia algumas questões passíveis de gerar desigualdade, distinções de género e até mesmo discriminação.

As arquitectas são confrontadas com várias dificuldades, muitas delas relacionadas com a atribuição de estereótipos de género, e outras relacionadas com a ideia, que mais uma vez vem na linha da tradição masculina, de que o ambiente de obra não é apropriado para as mulheres. A estas dificuldades, ainda se pode acrescentar a questão da maternidade, e o facto de pairar a insistente ideia de dividir a arquitectura por géneros, colocando as arquitectas numa espécie de categoria, a que chamam de arquitectura feminina.

O dia-a-dia das arquitectas, ainda que com maior incidência há 20 ou 30 anos atrás, continua a ser pautado por estas e outras dificuldades, que se estendem às mais diversas formas de desvalorização da sua presença e do trabalho que produzem, chegando muitas vezes a serem demasiado absurdas na sua forma de expressão.

A complexidade do cenário em que as arquitectas constroem o seu percurso profissional, está muito associada ao contexto social e cultural. Ou seja, a sociedade mantém uma formação e educação que não está plenamente direccionada para a igualdade de género, de direitos e de oportunidades. Por isso, atribui às mulheres menos visibilidade, menos reconhecimento, menos valorização, o que resulta numa evidente discriminação de género.

A integração das mulheres no mercado de trabalho nem sempre é fácil, devido às exigências da profissão, e também da própria sociedade que ainda tem resquícios de um certo machismo e de uma resistência à figura da arquitecta.

Muitas vezes, as arquitectas são confrontadas com um grau de exigência superior, em comparação aos seus colegas do género masculino. Este problema vem no seguimento do que é exigido socialmente às arquitectas, e revela que a sua condição feminina é o ponto central dessa exigência. Ou seja, a desconfiança pelo trabalho que fazem, resulta na exigência da demonstração da sua condição feminina, como se tivessem que provar constantemente as suas capacidades perante a produção de um projecto ou a construção de uma obra.⁶⁰

A par do que é exigido às arquitectas, também está a atribuição de determinadas características consideradas femininas, que não são mais do que estereótipos de género concedidos de forma simplista. A ideia generalista de que as mulheres têm determinadas capacidades em função do seu género, não é viável do ponto de vista da igualdade, não só na arquitectura, como na sociedade em geral.

Frequentemente, a questão dos pormenores e detalhes surge associada à arquitecta, estando relacionada com o facto de as mulheres, supostamente, terem mais apetência para isso, como se tivessem mais predispostas para o desenho minucioso que requer paciência. De certa forma, é atribuída às arquitectas uma sensibilidade feminina⁶¹, e por sua vez atribuída à sensibilidade um género, como se fosse possível diferenciar uma sensibilidade feminina de uma masculina.

A sensibilidade é uma característica que pode ser atribuída a qualquer pessoa, de qualquer género. Acredito que cada arquitecta e arquitecto tenham diferentes sensibilidades para vários aspectos do projecto ou da obra, mas não é credível que seja possível distingui-las de acordo com o género. Na maioria das

⁶⁰ Este argumento é corroborado com a informação que está presente na entrevista que o arquitecto André Tavares deu no âmbito da tese de mestrado *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*, da Susete Machado. (Machado, 2011, p. 265)

⁶¹ A ideia de que a sensibilidade é uma característica inata da mulher é defendida na entrevista que o arquitecto Jorge Figueira deu no âmbito da tese de mestrado *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*, da Susete Machado. (Machado, 2011, p. 294-295)

vezes, as arquitectas contrariam este pressuposto, e demonstram não ter preferência, nem muita paciência para os pormenores, como é exemplo a arquitecta Graça Correia⁶²:

“ (...) por exemplo, o Roberto tem muita paciência para determinado tipo de coisas que eu não tenho, e eu sou mais o desenho, a solução, mais tarde pormenores, mas depois há determinadas miudezas em que começo até a perder a paciência e que ele é muito paciente e determinado.” (Graça Correia in Machado, 2011, p. 249)

Do mesmo modo que a sensibilidade é atribuída às mulheres, também a racionalidade é atribuída aos homens, como sendo uma característica particular desse género. Este foi um mito criado e, continuamente, utilizado ao longo dos séculos, tendo por isso, ganho força a nível cultural e expressão no mundo da arquitectura. No entanto, hoje em dia, ainda que seja dificilmente destrutível, a verdade é que “a mulher consegue ser tão racional quanto o homem, tão sentimental quanto o homem, e vice-versa. Também é verdade que o homem consegue ser tão sensível quanto a mulher.” (Manuel Correia Fernandes in Machado, 2010, p. 287)

Nesta relação de ideias, também a questão da curva e do ângulo recto, como elementos arquitectónicos, surgem como sendo expressões artísticas particulares das arquitectas e dos arquitectos, respectivamente. É estimulada a ideia, mais uma vez de forma simplista e pouco racional, que de acordo com o género, existe uma maior sensibilidade para trabalhar esses tipos de desenho arquitectónico. No entanto, essas características estão presentes, tanto nos projectos feitos por homens, como nos projectos feitos por mulheres.

Prosseguindo o levantamento de características atribuídas às arquitectas, como forma de distinção das suas capacidades em relação aos arquitectos, também é importante salientar que é defendido o argumento de que as mulheres são mais

⁶² Graça Correia é arquitecta pela FAUP, desde 1989. Em 2005, fundou o ateliê CORREIA/RAGAZZI ARQUITECTOS com Roberto Ragazzi.

concentradas e focadas, e que têm uma maior capacidade de verbalização.⁶³ Esta ideia tem por base o velho mito de que as mulheres não conseguem ver as coisas em três dimensões e, que por isso, não seriam capazes de fazer arquitectura.⁶⁴ Desta forma, teriam mais facilidade para o discurso, enquanto os homens para o desenho. Esta generalização confere às arquitectas uma capacidade que, na realidade, é apenas mais um estereótipo de género e, sobretudo, uma forma subtil de discriminação.

Atribuir às mulheres capacidades ou características para dizer que o seu modo de trabalho é diferente daquele que é praticado pelos homens, é completamente absurdo e não tem qualquer base de fundamentação, porque “não há nenhuma prova de que as mulheres são mais ou menos dotadas, capacitadas e sensíveis do que os homens.” (Paula Santos in Machado, 2010, p. 306) Neste sentido, considero que o discurso sobre as características atribuídas às arquitectas ou arquitectos, não passa de uma visão distorcida da realidade que necessita urgentemente de ser ultrapassada. Acredito que seja inevitável que algumas associações se façam, devido ao peso da história da humanidade e da própria sociedade. No entanto, as características de cada arquitecta/o vão muito além dessas conexões. Aliás, são definidas com base no talento, na capacidade de trabalho e no esforço que colocam nesse trabalho.

Neste elencar de temas susceptíveis de gerar desigualdade de género no interior da profissão, há uma questão inerente à condição feminina e, que portanto, distingue os homens das mulheres, que é a maternidade.

A maternidade é um dos principais motivos capaz de influenciar a carreira profissional das arquitectas, de modo positivo ou negativo, e sobretudo de gerar discriminação de género. Isto porque, actualmente, esta condição biológica ainda é vista como um obstáculo que impossibilita as arquitectas de exercerem a profissão, tendo por base a mesma igualdade de género e de oportunidades que os seus colegas do género masculino. Muitas vezes, os problemas que existem nas

⁶³ Este argumento é defendido pelo arquitecto Jorge Figueira na tese de Mestrado *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*, da Susete Machado. (Machado, 2011, p. 294 e 297)

⁶⁴ Jorge Figueira menciona este mito na tese de Mestrado *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*, da Susete Machado. (Machado, 2011, p. 297)

relações de género das arquitectas com os ateliês onde trabalham, devem-se ao facto de estas as despedirem quando estão grávidas.⁶⁵ Esta atitude evidencia a dura realidade que ainda persiste no ambiente profissional, a discriminação que é feita sobre as mulheres, simplesmente com o objectivo de as forçar a não exercer a sua profissão, de desvalorizar o seu trabalho e as suas capacidades. No entanto, também existem algumas arquitectas que experienciaram a maternidade, e que não viram as suas carreiras profissionais serem prejudicadas:

“(...) a maternidade é uma condição, é um privilégio e ao mesmo tempo tem uma carga social, essa responsabilidade que obriga a mulher a ter que gerir essa questão da maternidade e da vida profissional. Mas isso não dá menores capacidades, dá trabalho!” (Paula Santos in Machado, 2010, p. 308)

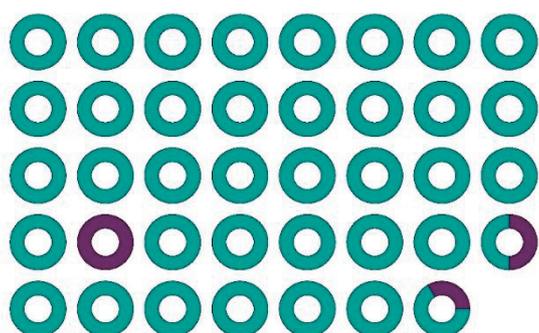
O ambiente de obra e da construção é outra questão que marca o percurso profissional das arquitectas, nomeadamente, pelo facto de se confrontarem com distinções e desigualdades de género.

Tradicionalmente, era e ainda é um ambiente associado ao género masculino, feito de piropos e, por isso, de alguma forma não adequado para as mulheres.⁶⁶ A presença das arquitectas neste ambiente sempre foi vista com estranheza e desconfiança, e até com invisibilidade. Aliado a isso, as atitudes discriminatórias eram recorrentes e bastante explícitas. A arquitecta Maria Manuel Oliveira refere que “quando chegava uma mulher, sentia-se que a obra parava. Ouvia-se umas coisas e isso não era muito simpático” (Maria Manuel Oliveira in Cruz, 2015, p. 54). A verdade é que “(...) as mulheres têm naturais dificuldades em serem “levadas a sério” nesse envolvimento com a obra.”, (Manuel Correia Fernandes in Machado, 2010, p. 285), pelo facto de não serem valorizadas da mesma forma que os arquitectos, e porque ainda existem resquícios de uma cultura machista, na sociedade em geral.

⁶⁵ Esta afirmação é feita pela arquitecta Paula Santos no artigo “E se as mulheres desenhassem as cidades”, da *A Revista do Expresso* (Cruz, 2015, p. 55)

⁶⁶ Cruz, V. (2015). “E se as mulheres desenhassem as cidades”. *A Revista do Expresso*, ed. 2234, p. 54.

Prémio Pritzker 1979-2017



Vencedores



Membros do Júri



42. Atribuição do Prémio Pritzker desde 1979 até 2017: identificação dos vencedores e dos membros do júri, de acordo com o género.

No que diz respeito ao reconhecimento público das arquitectas, é evidente que existe uma enorme lacuna nesse sentido, nomeadamente, na atribuição de prémios que visam enaltecer a qualidade do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no mundo da arquitectura.

O prémio Pritzker é o exemplo mais significativo da desigualdade que prevalece na profissão. Com 39 anos de existência, apenas foi atribuído a três arquitectas, uma em nome próprio e as outras duas em parceria – Zaha Hadid (2004), Kazuyo Sejima (2010) e Carme Pigem (2017). Ainda que até agora tenham sido referidos argumentos válidos que pretendem identificar as desigualdades e obstáculos que as arquitectas enfrentam ao longo das suas carreiras, este exemplo é o mais evidente da desvalorização do trabalho das mulheres na arquitectura, e por consequência, da sua falta de visibilidade.

As dificuldades que as arquitectas encontram ao longo da carreira são muitas e expressam-se de diferentes modos. Ao terminar esta análise, não podia deixar de salientar que com o tema das mulheres na arquitectura em debate, acabou por começar a ser defendida a existência de uma arquitectura feminina. Esta questão surge pela voz do arquitecto Jorge Figueira, quando começa a fazer um discurso direccionado nesse sentido, ao referir que “(...) há arquitecturas que tendem para, de facto, a expressão de uma sensibilidade feminina, e arquitecturas que podem tender para terem a expressão de uma sensibilidade masculina (...)” (Jorge Figueira – Entrevista 1). No fundo, com base neste princípio, a arquitectura é dividida por géneros e as arquitectas são colocadas numa espécie de categoria à parte. Para sustentar esta ideia, Jorge Figueira ainda refere que a arquitectura de Zaha Hadid não podia ser feita por um homem, porque tem uma expressão artística particular que não tem o desejo de masculinidade.⁶⁷

No entanto, considero que não é possível distinguir um projecto de acordo com o género de quem o projectou. Aliás, para se saber isso teria que ser feita uma investigação exaustiva e muito detalhada. As opiniões em relação a este assunto, de uma maneira geral, derrubam o argumento defendido por Jorge Figueira:

⁶⁷ Entrevista 1 – Arquitecto Jorge Figueira, p. 280.

“(…) Não consigo ler uma matriz espacial a partir da sua suposta mais acentuada feminilidade ou masculinidade (aliás, julgo muito difícil se não impossível – enfim, a probabilidade será sempre de 50% - determinar a partir da análise de um projecto ou objecto arquitectónico se ele foi realizado por uma mulher ou por um homem.” (Maria Manuel Oliveira in Machado, 2010, p. 302)

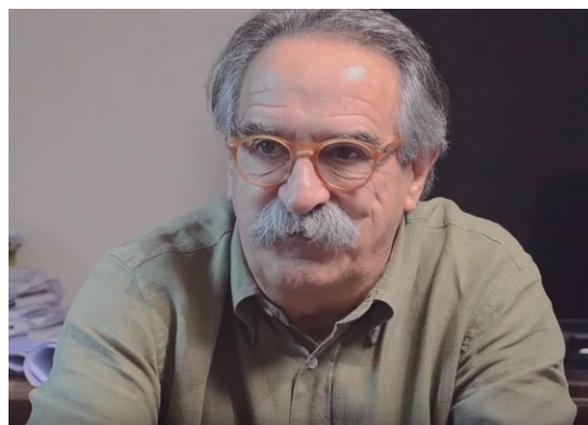
Do mesmo modo, admitir a possível existência de uma arquitectura feminina é mais uma forma de discriminação das arquitectas e do trabalho que produzem:

“Não interessa nada andar a defender a bandeira de que há uma arquitectura feminina, quer dizer, essa agora! Há uma arquitectura feminina onde? Eu não sou capaz de fazer um aeroporto, uma zona industrial ou outro projecto de carácter muito técnico? Por ser mulher? Mas já sou capaz de fazer uma creche, uma escolinha? A mim preocupa-me. (...) Não vamos cair nesta espécie de discriminação encapuçada. É perfeitamente injusto e eu acho que nós devemos fazer um esforço grande para lutar contra esta ideia porque é discriminatória.” (Paula Santos in Machado, 2010, p. 310).

As invisibilidades impostas às arquitectas denunciam a falta de igualdade de género e de oportunidades na disciplina e profissão da arquitectura e, sobretudo, as discriminações de que ainda são alvo. É preciso criar mecanismos para que as arquitectas, e o trabalho que fazem, sejam conhecidos e reconhecidos tal como são os arquitectos do género masculino. Além disso, é fundamental que sejam vistas verdadeiramente como arquitectas, dotadas de profissionalismo, talento, trabalho e esforço.

Capítulo III

OS CASOS DE ESTUDO: ARQUITECTAS COM NOME E PRESENÇA



43. Mercês Vieira.
44. Camilo Cortesão.

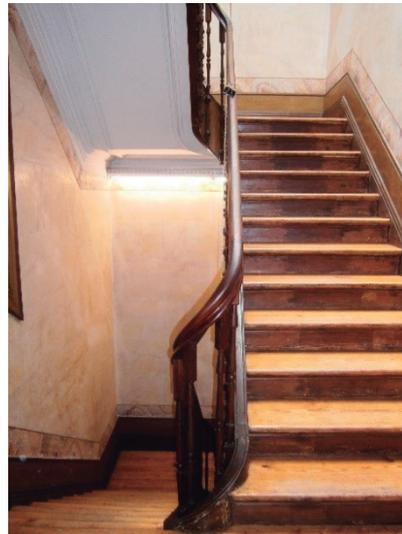
MERCÊS VIEIRA,

Uma arquitectura de intervenção no território e na paisagem

1. O PERCURSO PROFISSIONAL

A arquitecta Mercês Vieira, de personalidade reservada, nasceu em Moçambique decorria o ano de 1958. Sedimentando um grande interesse pela parte gráfica e de imagem, iniciou a sua formação na Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde concluiu o curso de arquitectura em 1981. Ainda enquanto estudante, em 1978, começou a colaborar no escritório de arquitectura de Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e Camilo Cortesão, no Porto. Tendo como objectivo completar a formação académica, esta primeira experiência resultou numa grande aprendizagem prática do trabalho que é desenvolvido no ambiente profissional. Foi o seu primeiro contacto com o mercado de trabalho, e o início do notável percurso profissional enquanto arquitecta.

Em 1979, começou a trabalhar em regime de coautoria com o arquitecto Camilo Cortesão, e mesmo depois de ter terminado o curso, continuou a trabalhar no escritório onde, ainda como estudante, iniciou a sua experiência profissional. Quando acabou o curso, confrontada com a menor quantidade de trabalho no escritório, como forma de colmatar essa situação, decidiu dar aulas devido à grande oferta de emprego nessa área. A experiência no ensino teve a curta duração de 3 meses, e rapidamente retomou a sua área de formação, convicta de que esse seria o caminho a seguir no futuro profissional. No entanto, a escassez de trabalho sempre foi uma realidade presente no início do seu percurso. Para contornar essa dificuldade, ao mesmo tempo que continuava a desenvolver projectos com Camilo Cortesão, também esteve a trabalhar no Gabinete Técnico Local de Santa Maria da Feira, entre 1986 e 1989.



45. Vista exterior do atelier MVCC Arquitectos.

46. Sala de reuniões do atelier MVCC Arquitectos.

47. Candeeiro da sala de reuniões, desenhado pelo arquitecto Siza Vieira.

48. Escadas de acesso entre os vários pisos do atelier.

Em 1990, a escala do trabalho mudou significativamente quando, juntamente com o arquitecto Camilo Cortesão, ganharam o concurso para o Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra. Foi nesta altura, que Mercês Vieira e Camilo Cortesão consolidaram a parceria que tinham vindo a desenvolver com a criação de uma empresa, o escritório MVCC Arquitectos, que começou por ter inicialmente a designação de Camilo Cortesão & Associados, Arquitectos. A escala de trabalho que o projecto do Plano do Pólo II exigia, foi o principal motivo para que fizessem uma sociedade, e assim iniciassem um longo percurso profissional que é marcado por uma grande produção arquitectónica.

O ateliê MVCC Arquitectos, ainda de dimensão pequena, esteve integrado no edifício que, inicialmente, os arquitectos Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e Camilo Cortesão alugaram como escritório de arquitectura. O edifício situava-se na rua 15 de Novembro, no Porto, e era constituído por vários escritórios de diferentes arquitectos.

Em 1992, houve um crescimento na dimensão do ateliê devido ao projecto da Urbanização da Quinta da Portela, em Coimbra. Como resultado disso, a arquitecta Mercês Vieira e o seu sócio tiveram a necessidade de mudar o escritório para outro edifício que tivesse mais espaço de trabalho.

No entanto, desde 2000, que o ateliê MVCC Arquitectos está situado num edifício do século XIX, na rua da Boavista, no Porto. Com uma grande quantidade de obras construídas, o ateliê foca a sua actividade na execução de projectos de arquitectura e desenho urbano, que abrangem as diferentes áreas e escalas da transformação do território. Tem vindo a desenvolver, com maior frequência, projectos de espaço público, de habitação e também de escolas, não só no território nacional, com maior incidência na cidade de Coimbra, mas também a nível internacional. Das várias obras construídas, destaca-se o Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, o Parque Verde do Mondego, a Requalificação da Baixa Portuense – Porto 2011, a Urbanização e Edifícios da Quinta da Portela em Coimbra, o Instituto Pedro Nunes, a Modernização de oito Escolas Secundárias no Norte de Portugal, e muitos outros projectos que completam a extensa produção



49. Sala onde trabalham a maioria dos colaboradores do MVCC Arquitectos.

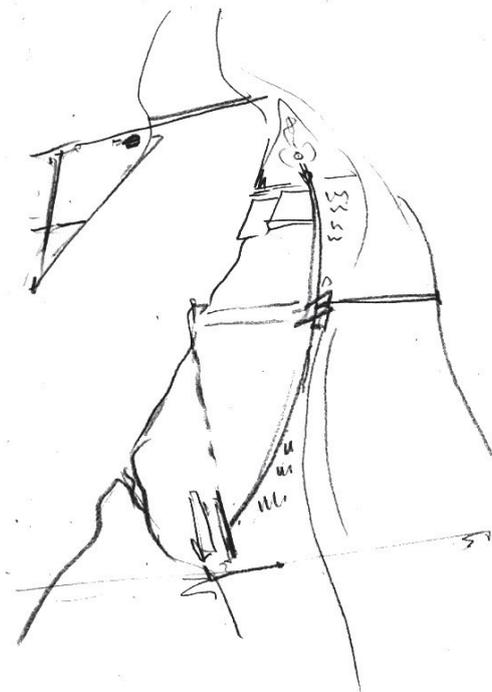
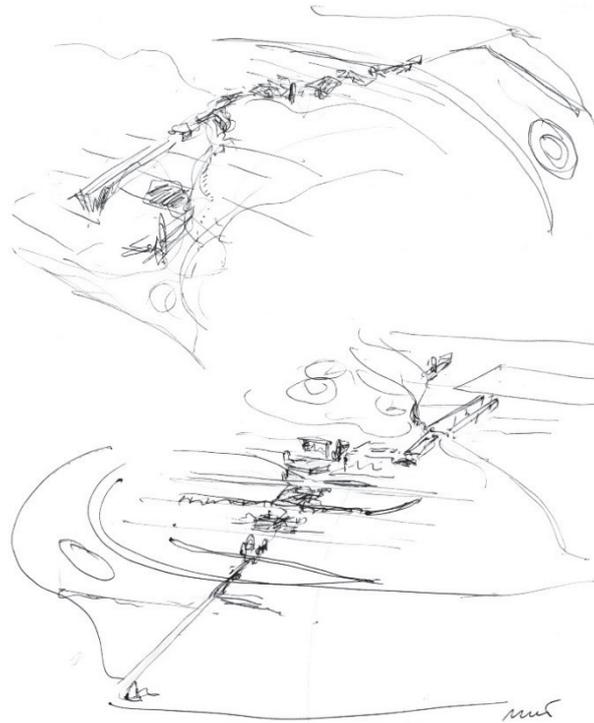
arquitectónica do ateliê, e que enriquecem, nomeadamente, o percurso profissional da arquitecta Mercês Vieira.

O ateliê tem conseguido obter várias distinções e reconhecimento público pelos projectos executados, e conta com uma grande participação em concursos, nacionais e internacionais, sendo esta uma prática que estimula esse resultado, e uma forma de mostrar e dar a conhecer o trabalho que produzem. Dos vários concursos ganhos e distinções recebidas, importa salientar as três nomeações para o prémio Secil, em Portugal, a 1^o menção honrosa no concurso para o Plano do Parque Olímpico Rio 2016, no Brasil, e ainda o 1^o prémio no concurso para o Bois-de-la-Bâtie, na Suíça.

O MVCC Arquitectos é um escritório constituído por uma grande equipa de arquitectos, formada por mulheres e homens de forma equilibrada, dirigida pela arquitecta Mercês Vieira e o seu sócio, o arquitecto Camilo Cortesão. Com uma grande quantidade de trabalho produzido, continuam a projectar de forma intensa, sempre com a consciência de que o trabalho de equipa é fundamental para a concretização e o sucesso dos projectos.

O ateliê é marcado por um ambiente profissional, onde existe muita concentração e rigor no trabalho que está a ser executado. Mas, ao mesmo tempo, também é um espaço receptivo e, de certa forma, descontraído na relação que os colaboradores têm entre si. Além disso, é um escritório que promove a partilha de conhecimentos e de aprendizagens como característica principal do trabalho de equipa, e ainda permite que todas as pessoas tenham a mesma igualdade de oportunidades, e por sua vez, evoluam as suas capacidades enquanto profissionais de arquitectura.

A arquitecta Mercês Vieira tem a consciência de que o trabalho de equipa é a ferramenta principal para sobreviver no mundo da arquitectura, e admite ter dificuldade em fazer um trabalho sem que haja o envolvimento e a opinião de outras pessoas. A divisão do trabalho entre ela e o seu sócio é feita de forma equilibrada, isto é, naturalmente existem projectos em que Mercês Vieira tem uma participação mais intensa, e outros em que é Camilo Cortesão que trabalha mais neles. No entanto, é importante realçar que todos os projectos do MVCC



50 e 51. Esquissos da proposta de intervenção do Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra.

52. Esquisso da proposta de intervenção na margem direita do Parque Verde de Coimbra.

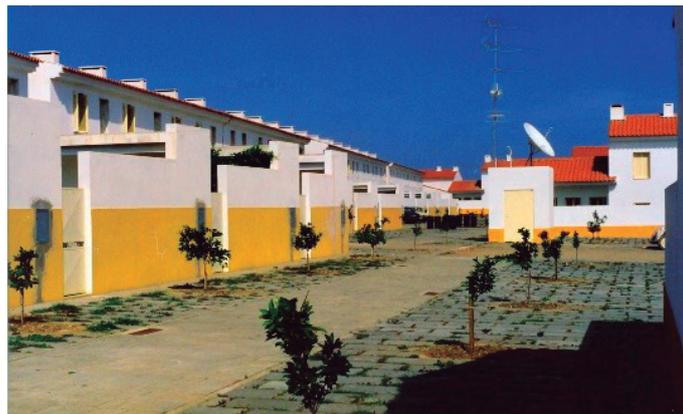
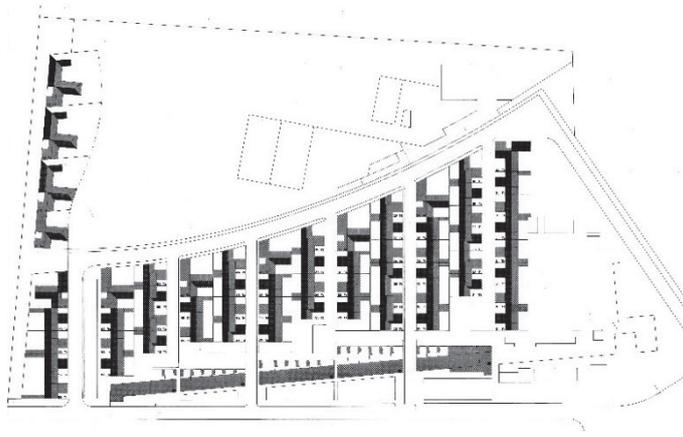
Arquitectos são desenvolvidos em coautoria, e com a participação de uma grande equipa de arquitectos (as).

Com muito esforço, dedicação e trabalho, Mercês Vieira construiu um percurso profissional exemplar e consistente, que se traduz em numerosos projectos desenvolvidos e construídos de grande qualidade arquitectónica. As suas obras têm sido frequentemente premiadas, mas mesmo assim, a arquitecta não tem tido o devido reconhecimento público, a devida valorização por todo o trabalho que tem vindo a produzir. É o momento oportuno de dar a conhecer o seu trabalho, de mostrar todo o seu talento, e a capacidade que tem para enfrentar as mais diversas dificuldades que persistem na profissão.

Mercês Vieira tem vindo a produzir uma arquitectura que revela um especial interesse por projectos de intervenção no território e na paisagem. Com preferência por projectar em grande escala, onde tem a possibilidade de desfrutar da liberdade do desenho sem que esteja condicionada a programas demasiado rígidos, tem vindo a desenvolver uma linguagem arquitectónica que incorpora várias referências que, de um modo geral, acompanham a execução dos mais variados projectos. O arquitecto Siza Vieira é uma das suas principais referências, e da sua arquitectura absorveu o rigor e desenvolveu o gosto pela falta de ornamento. Procura controlar a forma através do essencial, sem fazer uso do excesso. Estes elementos reforçam a sua linguagem arquitectónica, e como exemplo disso é possível identificar vários projectos relevantes ao longo da sua carreira profissional.

As obras que vão ser apresentadas foram escolhidas pela importância que a arquitecta lhes atribuiu, e sobretudo por revelarem as características mais pertinentes da sua linguagem arquitectónica.

A obra do Conjunto Habitacional Somincor, em Castro Verde, destaca-se por ter sido o resultado do primeiro concurso que a arquitecta Mercês Vieira ganhou, em 1987. É uma obra que está situada no Alentejo, e tendo em conta as características do local, houve a preocupação de desenvolver um projecto que se



53. Planta de implantação do Conjunto Habitacional Somincor (1988).
54 e 55. Edifícios do Conjunto Habitacional Somincor, em Castro Verde. Vistas exteriores.

adapta-se ao local, “(...) que tivesse a unidade que a tem a terra (...)”⁶⁸. O programa teve como objectivo a construção de habitações de vários tipos, que incluiu casas individuais de diferentes dimensões, casas geminadas e habitação em banda de dimensão mais pequena. O projecto abrange uma grande zona urbana, e por isso foi desenhado a partir de uma malha regular, de modo a que houvesse uma hierarquização do traçado das ruas.⁶⁹

Mercês Vieira destaca esta obra por ter sido uma experiência que correu bem, mas salienta que a sua construção foi pautada por dificuldades, que correspondem à falta de rigor e de qualidade na sua execução. No entanto, a obra é bastante importante, não só por ter sido uma das primeiras obras da carreira profissional da arquitecta, mas também por ter sido distinguida pela sua qualidade arquitectónica com uma nomeação para o Prémio Secil⁷⁰, em 1992.

O percurso da arquitecta Mercês é pautado por várias obras que se destacam pela importância que tiveram para o seu crescimento profissional, e também para o crescimento do ateliê MVCC Arquitectos. Uma das obras que merece uma atenção particular, devido ao facto de ter contribuído para aumentar a escala de trabalho e por ter impulsionado a fundação do ateliê de Mercês Vieira e Camilo Cortesão, foi o Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra (1990-2012).

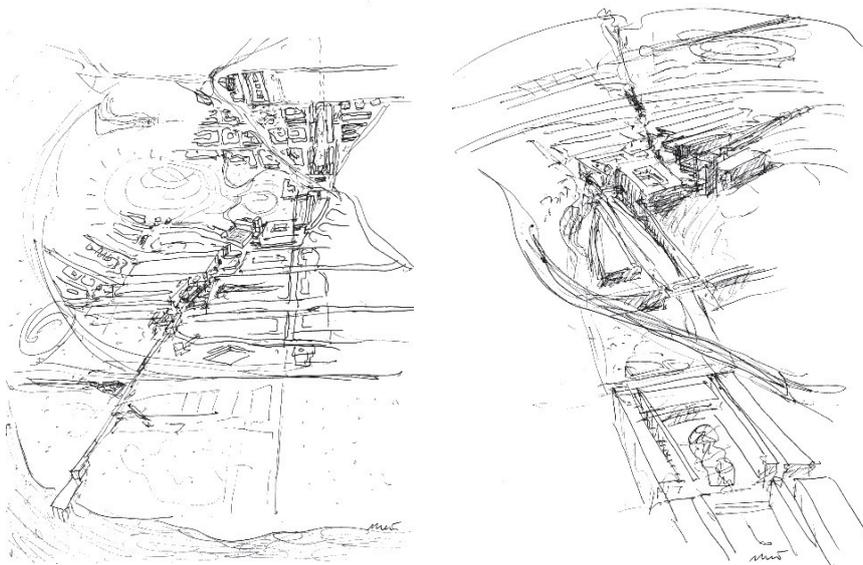
O projecto para o Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra foi executado na sequência de um concurso público, em 1989. O Plano propunha integrar os edifícios da Faculdade de Ciência e Tecnologias, e tinha como objectivo “ (...) construir cidade na continuidade morfológica e funcional da expansão de Coimbra”⁷¹, prolongando-se até aos limites do vale do rio Mondego. Os projectos de arquitectura dos edifícios foram desenvolvidos em concursos realizados por outros arquitectos, à medida que o Plano ia sendo executado pela Mercês Vieira e a sua equipa, e tendo por base a interpretação das regras definidas para a ocupação do espaço. Para a execução deste projecto, a arquitecta teve como base a criação

⁶⁸ Entrevista 2 – Arquitecta Mercês Vieira, p. 292.

⁶⁹ Eusébio, J. (1992). *Páginas Brancas II*. Porto: FAUP. (p. 32)

⁷⁰ O Prémio Secil foi criado em 1992, com o objectivo distinguir e promover o reconhecimento público da qualidade das obras feitas em Portugal, no âmbito da Arquitectura e da Engenharia Civil.

⁷¹ Eusébio, J. (1992). *Páginas Brancas II*. Porto: FAUP. (p. 110)



56 e 57. Esquissos da proposta de intervenção do Pólo II da Universidade de Coimbra.

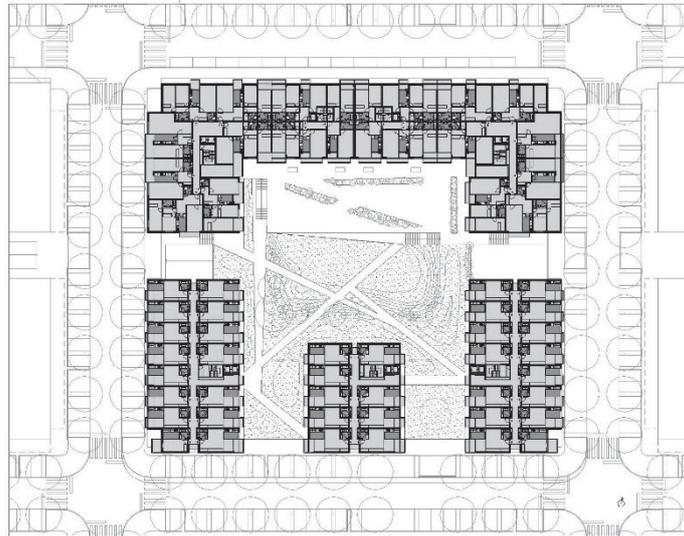
58. Pólo II da Universidade de Coimbra. Vista aérea (2004).

de uma malha urbana, tendo-se inspirado nas malhas das cidades gregas, como resultado da viagem que realizou à Grécia. Tendo em conta que o projecto previa uma grande intervenção no território, a proposta de uma malha veio permitir a definição de ruas e quarteirões, e por sua vez, uma estrutura urbana que estivesse adaptada à topografia e à envolvente.

A proposta apresentada no concurso integra um conjunto de edifícios de várias tipologias e sistemas construtivos, que se distribuem ao longo da malha estabelecida, criando vários percursos e espaços no interior dos quarteirões que visam contribuir para a existência de vida urbana, de modo a não ser um campus isolado. Os vários edifícios que integram os Departamentos da Faculdade de Ciências e Tecnologia foram distribuídos pelas encostas Norte e Sul, ocupando os quarteirões definidos pela estrutura da malha urbana, ao longo dos arruamentos principais. Além disso, como elemento estruturador de todo o projecto foi criado um eixo pedonal que permite o atravessamento Norte/Sul ao longo de todo o território intervencionado, fazendo a ligação ao rio. Ao longo desse eixo estariam localizados os edifícios mistos de habitação e comércio, como também todos os espaços públicos que estariam organizados através de uma sequência de praças. No entanto, as praças públicas nunca foram construídas, nem os programas de habitação e comércio devido às condicionantes presentes no Plano Director Municipal de Coimbra, onde está referido que para aquela zona só é permitida a construção de equipamentos.

A arquitecta Mercês apresentou no concurso um projecto que tinha como objectivo um conjunto urbano diversificado de grande escala, que não fosse isolado, e sobretudo que permitisse uma grande vivência do espaço. Apesar do projecto inicial não ter sido concretizado na íntegra, importa referir que o conjunto urbano que foi construído tem presente a coerência e a clareza da estrutura urbana como elemento principal. Como resultado do sucesso do modelo proposto, o Plano e Projecto das Infraestruturas Urbanísticas do Pólo II da Universidade de Coimbra foi premiado, em 1993, com o prémio Architécti na categoria de desenho urbano.

O Plano do Pólo II foi uma obra muito importante e que teve grande impacto na cidade de Coimbra, devido à dimensão do projecto, e sobretudo por ter



59. Planta do piso tipo do condomínio Mondego Residence.
60 e 61. Edifícios do Condomínio Mondego Residence. Vistas exteriores.

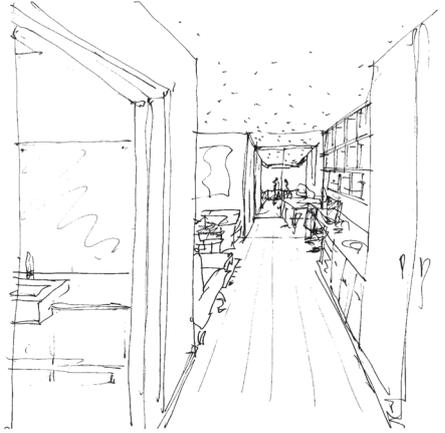
contribuído para a expansão da cidade. Esta obra marcou o início do trabalho que a arquitecta Mercês Vieira tem vindo a desenvolver na cidade de Coimbra, e que corresponde a uma grande quantidade de obras construídas.

Dessas obras, destaca-se o empreendimento Mondego Residence que faz parte da Urbanização da Quinta da Portela (1992-2003) que se prolonga para Nascente do Pólo II, através de uma malha urbana formada por quarteirões. Além de ter sido feita a proposta urbanística para a Quinta da Portela e os projectos de licenciamento de todos os edifícios, também foram executados, pelo ateliê MVCC Arquitectos, os projectos de arquitectura de dois quarteirões. O projecto do Condomínio Zen, com tipologias de habitação grandes, teve uma maior participação do arquitecto Camilo Cortesão, e o Mondego Residence da arquitecta Mercês Vieira. Embora seja um projecto de escala mais reduzida, onde existem mais condicionantes na liberdade do desenho, a tipologia de habitação acaba por também ser uma das preferências da arquitecta, devido ao facto de ser um projecto aliciante e estimulante, no sentido em que permite “(...) andar a brincar com as áreas (...) para que encaixe tudo (...)”⁷², como se fosse um jogo de legos.

O Mondego Residence (2005-2010) é um condomínio que integra quatro edifícios de habitação colectiva, um jardim no interior do quarteirão e também um equipamento que incluiu um ginásio e uma piscina coberta. O programa de habitação é essencialmente constituído por tipologias de dimensão pequena e muito pequena – T0, T1 e T2. Ainda que o desenho das casas, devido à sua dimensão, resulte em fachadas mais recortadas, a volumetria dos edifícios garante a coerência com os quarteirões adjacentes, e por sua vez, a integridade da estrutura projectada para a Quinta da Portela. O edifício maior, que limita o quarteirão a norte, é formado por tipologias T1 e T2, e os outros três edifícios por tipologias T0.

Para resolver o projecto, a arquitecta estudou o módulo tipo para cada tipologia de habitação, e depois foi formando o edifício com os acessos verticais, de modo a que tudo encaixasse de forma coerente e rigorosa. Apesar da dimensão

⁷² Entrevista 2 – Arquitecta Mercês Vieira, p. 291.



62, 63 e 64. Esquissos da proposta de intervenção para o interior dos edifícios do Mondego Residence.

das casas ser uma condicionante e aumentar o grau de dificuldade e exigência na sua organização, conseguiu encontrar uma solução que lhe permitisse resolver o projecto de forma estimulante, baseada na ideia de compor o edifício como se fosse um lego.

Mercês Vieira salienta o Mondego Residence por ter sido um projecto de habitação com um resultado final positivo, que correspondeu às suas expectativas, de acordo com a ideia projectada, e sobretudo por ter sido uma experiência aliciante. Desta forma, é uma obra marcante na sua carreira profissional, e mais uma vez demonstra a qualidade do trabalho que tem vindo a desenvolver.

Por fim, importa salientar o projecto do Parque Verde do Mondego, em Coimbra, nomeadamente o projecto para a Margem Direita, como sendo a obra que tem mais importância ao longo do seu percurso profissional, e que melhor caracteriza a sua linguagem arquitectónica.

O projecto das Margens do Mondego resulta do concurso público, promovido pela Câmara Municipal, que a arquitecta Mercês Vieira e o seu sócio ganharam em 1995. Posteriormente, associaram-se ao arquitecto João Nunes da Proap, e desenvolveram, em conjunto, uma intervenção urbanística para as margens.

O projecto tinha como objectivo a criação de um parque verde de grande qualidade, tendo por base a requalificação e valorização das duas margens, numa tentativa de ligar a cidade ao rio, através da criação de acessos e equipamentos.⁷³ O projecto teve muitas fases. Numa primeira fase foi construída uma pequena parte da margem esquerda (1998), onde está situado o palco onde se realiza a festa da Queima das Fitas. Entretanto, o projecto foi interrompido, e mais tarde retomado e integrado no Programa Polis. Nessa altura, começou a ser desenhado o Plano de Pormenor das margens que incluiu uma extensão maior, compreendida entre a Ponte Santa Clara e a Ponte Europa, e também a proposta de ligação das duas margens através de uma ponte pedonal e ciclável, desenvolvida por Cecil Balmond e Adão da Fonseca.

⁷³ Milheiro, A. V. (coord.), Afonso, J. & Nunes, J. (2006). *Habitar Portugal 2003/2005*. Selecção Mapei/Ordem dos Arquitectos. Lisboa: Caleidoscópio. (p. 110)



65. Parque Verde do Mondego. Vista aérea.
66. Margem direita, percurso com ateliers e pesqueiros.
67. Margem direita, ateliers.
68. Margem direita, alameda com banco corrido.
69. Margem direita, fonte de pedra.

À semelhança do projecto anterior, Mercês Vieira teve uma participação mais intensa no processo de desenvolvimento da margem direita, assim como o arquitecto Camilo Cortesão teve na margem esquerda.

O projecto da Margem Direita (2000-2004) não estava condicionado a regras rígidas, ainda que tivesse um programa mínimo para cumprir, que previa a construção de bares e restaurantes voltados para o rio, e ainda ateliers implantados ao longo de um percurso. Como elemento estruturador do projecto, a arquitecta deu continuidade ao eixo do Jardim Manuel Braga com o desenho de um percurso paralelo ao rio, formando uma grande alameda que separa a zona de estacionamento do parque. Ao longo da alameda existe um banco corrido e por trás dele um percurso de água que vem desde a fonte de pedra que marca a transição entre o jardim antigo e o novo. O parque é composto por uma estrutura de percursos secundários que vão ganhando independência e terminam em plataformas de madeira sobre o rio.

Depois da margem direita estar feita, foi concluída a Margem Esquerda (2004-2006), que integra a área das festividades académicas que já estava construída, um Clube Náutico e um canal de água.

Para a arquitecta Mercês Vieira, o projecto da Margem Direita do Mondego foi o que lhe trouxe mais gozo na sua concretização, e com o qual se identifica mais, por ser de grande escala de intervenção no território e, sobretudo, por lhe permitir trabalhar com liberdade o seu desenho.

2. A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER NA ARQUITECTURA

Mercês Vieira é uma arquitecta com um percurso profissional bastante coerente e consistente, marcado por uma grande quantidade de obras e projectos realizados, que demonstram o seu talento.

A sua experiência enquanto mulher na arquitectura tem acontecido de forma muito tranquila e segura, sem que haja espaço para atitudes de discriminação ou desvalorização.

A arquitecta adquire uma postura distante em relação ao tema das mulheres na arquitectura, demonstrando convicção na sua abordagem. Ou seja, de certo modo, não tem interesse em discutir assuntos relacionados com o género e, por isso, acaba por não ter uma opinião estruturada e crítica sobre o tema. Talvez, pelo facto de ser de uma geração mais velha. Ainda assim, tem consciência de que o tema existe e que a diferença existe.

Tendo em conta a sua perspectiva sobre o tema, é possível destacar algumas ideias importantes que permitem, mais uma vez, comprovar que existem estereótipos de género atribuídos de forma simplista às arquitectas. Além disso, também foi possível perceber que o facto de ter uma personalidade reservada é uma forma de se distanciar das desigualdades e distinções de género que existem na profissão.

De uma maneira geral, Mercês Vieira refere que nunca foi confrontada com atitudes de discriminação de género, nem durante a sua formação académica na Escola de Belas Artes do Porto, nem ao longo do seu percurso profissional. No entanto, admite que quando aparece nas obras com o arquitecto Camilo Cortesão, o discurso e o olhar é direccionado imediatamente para o arquitecto e não para ela.

Embora não dê importância a esta situação, a verdade é que isto é uma forma de discriminação de género e, portanto, de desvalorização da presença e do papel da arquitecta. Além disso, a arquitecta também revelou que já existiram situações em que foi a obras e sentiu “alguns cuidados que não têm com um homem”.⁷⁴ Mais uma vez, apesar de não assumir ou de não querer ver a realidade, isto é discriminação subtil, disfarçada por atitudes de preocupação.

A experiência profissional de Mercês Vieira vem demonstrar que não é possível atribuir características específicas às arquitectas, de acordo com o seu género. Na questão dos pormenores e detalhes, Mercês refere que “não tem paciência nenhuma para isso (...)”.⁷⁵ De igual modo, também quebra o estereótipo de que as mulheres têm maior capacidade de verbalização, assumindo que é “(...) completamente o oposto de isso.”⁷⁶

Mercês Vieira, ainda que não tenha uma opinião formada sobre o tema em análise, tem a consciência de que as mulheres têm de participar na disciplina e profissão da arquitectura. Neste sentido, defende a existência de novos modelos que permitam a participação das mulheres, tendo por base a igualdade de género e oportunidades.

Camilo Cortesão encara o tema das mulheres na arquitectura com uma atitude trocista, como se a proposta de debater o tema fosse ridícula. Isto demonstra que, com base na sua perspectiva, as arquitectas estão condenadas à invisibilidade. No entanto, a verdade é que a forma de Mercês Vieira relativizar essas atitudes permite que a parceria entre ambos continue a funcionar e a ser bastante produtiva.

A arquitecta Mercês Vieira é um apreciável exemplo de que ser mulher na arquitectura não é uma limitação, nem uma desvantagem, mas requer dedicação e trabalho.

⁷⁴ Entrevista 4 – Arquitecta Mercês Vieira, p. 321.

⁷⁵ Entrevista 2 – Arquitecta Mercês Vieira, p. 295.

⁷⁶ Entrevista 4 – Arquitecta Mercês Vieira, p. 320.



70. Desirée Pedro.

71. Desirée Pedro, numa das salas de trabalho do Atelier do Corvo.

DESIRÉE PEDRO,

Uma arquitecta contaminada de influências

1. O PERCURSO PROFISSIONAL

A arquitecta Desirée Pedro, de personalidade marcante, nasceu em Moçambique no ano de 1970. Tornou-se sócia do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), em 1987 e, desde então, tem vindo a construir um percurso com uma grande ligação às artes plásticas. Sedimentando um grande interesse pela área da pintura e arquitectura, ainda que com muitas dúvidas, decidiu que a sua formação profissional seria em arquitectura, e por isso ingressou na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, onde concluiu o curso em 1996.

Como complemento da sua formação, ainda enquanto estudante, fez estágios profissionais em vários ateliês de arquitectura situados em Coimbra. Começou a trabalhar no ateliê dos arquitectos José António Bandeirinha e João Mendes Ribeiro, e posteriormente com José Bernardo Távora e com Fernando Távora. Esta primeira experiência de contacto com a prática do trabalho profissional, e por sua vez, com o mercado de trabalho, foi o momento decisivo no seu percurso académico, porque consolidou a sua vontade de seguir a área de arquitectura como profissão.

Da sua formação académica, absorveu "(...) a importância do rigor técnico, do desenho e o desenho como processo de investigação. E o desenho é maquete, é desenhar, é desenho rigoroso, é desenho à mão, é o levantamento, é a atenção."⁷⁷ No entanto, ainda que os aspectos positivos tenham tido maior predominância ao longo do seu percurso académico, também existiram alguns aspectos negativos que resultam da falta de acompanhamento dos professores em

⁷⁷ Entrevista 3 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 300.



72. Carlos Antunes.

73. Carlos Antunes e Desirée Pedro.

relação ao alunos, nomeadamente nas disciplinas práticas que exigiam uma aprendizagem mais atenta e auxiliada. Ainda assim, a sua formação académica edificou uma base sólida que é determinante para a construção da sua linguagem arquitectónica e da sua identidade enquanto arquitecta.

A primeira experiência de produção arquitectónica de Desirée Pedro aconteceu ainda quando era estudante, com a realização do projecto para o Centro de Arte Contemporânea de Coimbra, em 1994, juntamente com o arquitecto Carlos Antunes. Esta experiência, além de enfatizar a sua ligação às artes plásticas, foi o primeiro contacto que a arquitecta teve com a concretização prática de um projecto. Resultou numa grande aprendizagem, e também marcou o início do seu notável percurso enquanto arquitecta. Foi a partir deste projecto que a parceria entre Desirée Pedro e Carlos Antunes se começou a consolidar a nível profissional, e dando os primeiros passos num caminho que está pautado por grandes obras, e sobretudo por uma irrepreensível qualidade arquitectónica.

Em 1996, quando concluiu o curso, decidiu com o arquitecto Carlos Antunes iniciar a aventura de abrir um ateliê de arquitectura, o Atelier do Corvo, visto que o primeiro trabalho que desenvolveram em parceria correu positivamente, e por isso tinham condições para continuarem a trabalhar juntos. Além disso, a decisão de abrir o ateliê teve também como estímulo a existência de um primeiro cliente que lhes encomendou um projecto, que tinha em vista a realização de um loteamento em Miranda do Corvo. O facto de ter surgido um primeiro projecto ainda numa fase muito recente da carreira de ambos os arquitectos, apesar de a obra não ter sido realizada, foi determinante para a concretização do objectivo de criar um ateliê e, por sua vez, para o início de um trajecto profissional que se revela tão rico em experiência e influências.

Nessa altura, como o escritório estava a começar a dar os primeiros passos, ainda com pouca capacidade profissional e técnica, o volume de trabalho era muito reduzido e não permitia uma estabilidade a nível económico. De forma a corrigir essa situação, Desirée Pedro decidiu dar aulas no secundário, tendo essa experiência decorrido entre 1997 e 2000. Posteriormente, em 2008, retomou a área do ensino mas dentro da arquitectura, e começou a dar aulas de projecto no



74. Atelier do Corvo, sala onde trabalham os colaboradores.

75. Zona de entrada do atelier, pormenor da estante de livros.

76. Zona de entrada do atelier, pormenor de um conjunto de gavetas antigas.

77. Sala de trabalho do Atelier do Corvo.

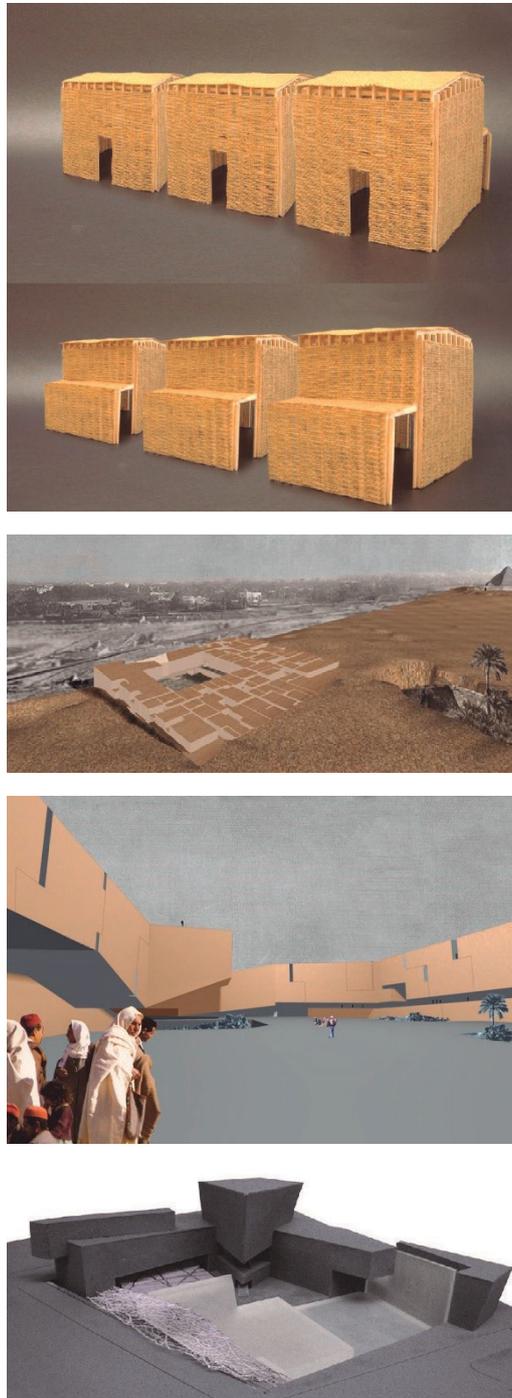
curso de Design de Interiores na Escola Superior de Artes e Design em Matosinhos, e mais tarde, desde 2013, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, como assistente convidada.

Para a arquitecta, a experiência no ensino surgiu como complemento da prática profissional, num processo de simbiose permanente. Desirée Pedro apenas começou a dar aulas na universidade quando percebeu que a sua experiência profissional podia contribuir como método de aprendizagem para os alunos, baseado numa partilha de conhecimentos sobre as várias questões e problemas inerentes ao projecto. Deste modo, a prática do ensino é uma experiência que enriquece o seu percurso, sendo também uma ferramenta importante e fundamental para o processo de produção do trabalho de ateliê.

O Atelier do Corvo está sediado no lugar do Corvo, em Miranda do Corvo, desde a sua fundação em 1996. No edifício que dá lugar ao ateliê, também está integrada a casa onde vive a arquitecta Desirée Pedro e o seu marido e sócio, o arquitecto Carlos Antunes, e os seus dois filhos. Ainda que um pouco distante do centro da cidade de Coimbra, a produção arquitectónica do ateliê tem percorrido não só o território nacional, mas também a nível internacional. A localização que os arquitectos escolheram para o espaço da sua casa e do seu escritório, embora esteja numa posição periférica da cidade de Coimbra, é uma particularidade que os identifica como sendo um ponto positivo na vertente pessoal e profissional.

Com bastantes obras e projectos realizados, o ateliê foca a sua actividade na execução de projectos de arquitectura e de cenografia de exposições e para teatro, que abrangem as diferentes áreas e escalas de intervenção no espaço e no território. Tem vindo a desenvolver, com mais frequência, o desenho de exposições e projectos de habitação e reabilitação. Das obras construídas mais relevantes, destaca-se o Projecto de Remodelação do Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra, o Aparthotel em Luanda, a Remodelação e Ampliação da Escola Secundária de Pombal, a Remodelação do Mercado de Miranda do Corvo, a Reabilitação da Torre Sineira e da Cisterna do Antigo Castelo de Miranda do Corvo.

Além disso, desde o início do ateliê, que Desirée Pedro juntamente com o seu sócio têm participado em concursos nacionais e sobretudo internacionais, sendo



78. Concurso “Escolas Primárias para a África Subsariana” (2002).
79 e 80. Concurso “The Grand Egyptian Museum”, no Cairo (2002).
81. Concurso “World Trade Center Site Memorial”, em Nova Iorque (2003).

esta uma prática recorrente e bastante intensa, que permite dar a conhecer o trabalho que produzem. Como resultado disso, têm conseguido obter vários prémios e reconhecimento público nos concursos em que participam, e por sua vez, o trabalho desenvolvido e premiado tem sido exposto e publicado em vários países. Dos vários concursos realizados e distinções recebidas, importa salientar a concepção de “Escolas Primárias para a África Subsariana”, o concurso “The Grand Egyptian Museum” no Cairo, o “World Trade Center Site Memorial” em Nova Iorque, e ainda o 1º prémio no concurso para o Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra.

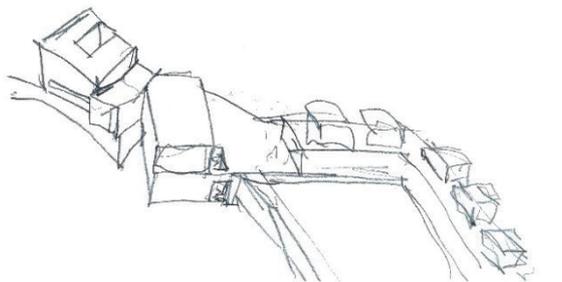
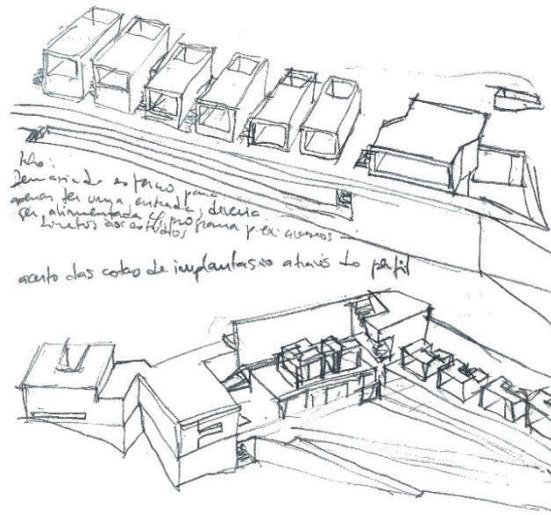
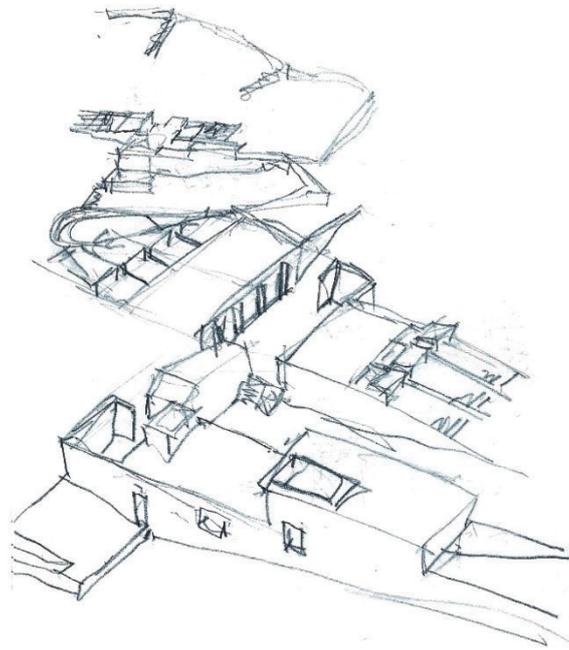
A experiência e a actividade do atelier está muito centrada “(...) na obra efémera, no desafio controverso da ‘arte pública’, e na aposta no concurso internacional da arquitectura de alta carga simbólica e política.”⁷⁸ O trabalho que Desirée Pedro desenvolve está ligado não só à arquitectura, mas a outros interesses, a outras áreas e disciplinas, como a arte plástica, a museologia, a cenografia, a antropologia, entre outras. No fundo, as propostas são interdisciplinares, abarcam várias e diferentes influências e referências, resultando num trabalho bastante completo e sólido, que ambiciona “(...) uma arquitectura firme, ágil, autónoma, contida e precisa.”⁷⁹

O Atelier do Corvo é um escritório constituído, actualmente, por uma pequena equipa de arquitectos, dirigida pela arquitecta Desirée Pedro e o seu sócio, o arquitecto Carlos Antunes, sendo no total constituída por dois homens e três mulheres, e ainda um engenheiro. “O ateliê é uma extensão natural da casa”⁸⁰, e por isso é marcado por um ambiente muito familiar, descontraído, e por uma relação muito próxima entre todas as pessoas que lá trabalham. Além disso, é um escritório que promove o trabalho de equipa e a mesma igualdade de oportunidades para todos os colaboradores, para que também possam evoluir profissionalmente. No ateliê respira-se uma complexidade de experiências e vivências que são traduzidas para os projectos executados.

⁷⁸ Figueira, J. (2003). *SMS:SOS: a nova visualidade de Coimbra*. Coimbra: Asa Editores S.A. (p. 156)

⁷⁹ Milplanaltos (2013). *Carlos Antunes* [Vídeo].

⁸⁰ Entrevista 3 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 302.



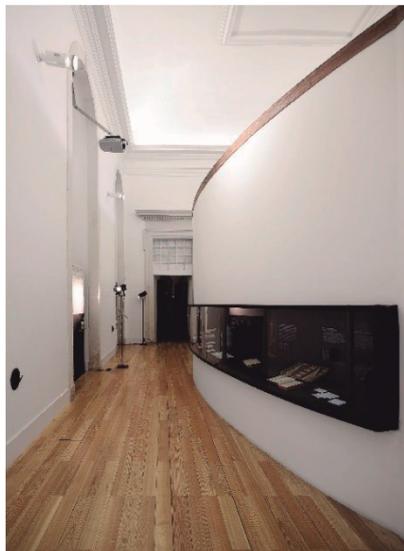
82. Esquissos produzidos no âmbito das aulas de Projecto I, leccionadas no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

A arquitecta Desirée Pedro encara o trabalho de equipa como uma ferramenta fundamental no desenvolvimento dos projectos, e afirma que não é possível desenvolver trabalho individualmente. Com o arquitecto Carlos Antunes, tem uma relação profissional muito interessante, de algum modo pouco pacífica, mas bastante funcional. Ou seja, são muito exigentes um com o outro e com o trabalho que produzem. Essa exigência resulta num trabalho de equipa coeso, ainda que seja pautado por um confronto de ideias saudável que visa, unicamente, o sucesso e a concretização dos projectos. Deste modo, adotam uma metodologia de trabalho estruturada pelo debate e discussão, e sobretudo pela partilha de conhecimentos e experiências.

A divisão do trabalho entre a arquitecta e o seu sócio é feita de forma equilibrada e complementada. Ou seja, normalmente têm uma presença muito intensa na parte da conceptualização e depois distribuem o trabalho pelos colaboradores, fazendo sempre o seu acompanhamento. Contudo, devido ao facto de ambos darem aulas na universidade e nem sempre terem disponibilidade para estarem no ateliê, naturalmente que existem projectos em que a Desirée tem uma participação mais intensa, e outros em que é o seu sócio.

Por outro lado, têm diferentes particularidades que correspondem a diferentes maneiras de trabalhar que se complementam entre si. A arquitecta Desirée precisa de desenhar, em esquisso e no computador, sendo esta uma característica que adquiriu da formação na Escola do Porto, enquanto o arquitecto Carlos Antunes desenvolve trabalho a fazer maquetes. Importa salientar que todos os projectos do Atelier do Corvo são desenvolvidos em coautoria por ambos os arquitectos, e com a participação da equipa que integra o ateliê.

Desirée Pedro construiu um percurso profissional muito rico em experiências e influências, que se manifesta através de muitos projectos desenvolvidos e construídos de grande qualidade arquitectónica. Os seus projectos têm sido agraciados com vários prémios, mas mesmo assim, não tem tido o reconhecimento público e a valorização que merece por todo o notável trabalho que tem vindo a desenvolver. De forma a corrigir essa situação, é pertinente dar a conhecer o seu



83. Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra. Vista exterior.

84. Sala de exposição permanente.

85. Anfiteatro.

trabalho, mostrar todo o seu talento, e a capacidade que tem para enfrentar as mais diversas dificuldades que persistem na profissão.

A arquitecta Desirée Pedro tem vindo a construir uma linguagem arquitectónica que incorpora e cruza várias referências e influências de diversos autores e áreas distintas. Tem revelado um especial interesse pela realização de concursos e de exposições, pelo facto de serem experiências estimulantes e desafiantes. Os concursos destaca-os pelo gozo que tem na sua concretização, e sobretudo por permitirem trabalhar uma escala maior e programas aliciantes. As exposições ganham predominância no seu percurso por serem um tipo de projecto que está relacionado com o desenho do detalhe e do objecto, tendo como objectivo a criação de uma história. Além disso, salienta o facto de serem projectos mais rápidos de concretizar, tal como os concursos, e por isso com um resultado imediato.

O permanente exercício de andar entre a pequena escala e a grande escala, e nos diferentes tipos de projecto, é a condição principal que sustenta toda a produção arquitectónica da arquitecta Desirée. Todos estes elementos e particularidades reforçam a sua linguagem arquitectónica, e como exemplo disso é possível observar vários projectos relevantes no seu percurso profissional. As obras que vão ser apresentadas foram escolhidas pela importância que a arquitecta lhes atribuiu, e sobretudo por revelarem as características mais pertinentes da sua linguagem arquitectónica.

A Requalificação do Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra é uma obra que se destaca por ter sido o resultado do primeiro, e também único, concurso que a arquitecta Desirée Pedro ganhou, em 2001. O projecto foi feito em coautoria com o arquitecto João Mendes Ribeiro, e tinha como objectivo a recuperação do edifício que tinha sido projectado na Reforma Pombalina da Universidade, por Guilherme Elsdén, e construído entre 1773 e 1775, na Alta de Coimbra. No entanto, quando as obras começaram, perceberam que o edifício que inicialmente foi apresentado como sendo do séc. XVIII, afinal por baixo dele existiam as antigas cozinhas e dependências do Colégio dos Jesuítas do séc. XVI, e ainda descobriram peças do séc. XIX.



86. Vista interior do Laboratório Chimico.

87. Pormenor de uma janela.

88. Zona de entrada. Vista interior.

89. Sala de exposições.

A complexidade do projecto é um dos aspectos salientados pela arquitecta, devido ao facto de ter envolvido muitas especialidades e disciplinas fora do contexto da arquitectura, como é o exemplo da Museografia e da Arqueologia. No fundo, centra-se muito na museografia, no sentido em que a recuperação do edifício passava por várias decisões sobre os tempos históricos que deviam ser mostrados e que deviam fazer parte do resultado final do projecto.

A questão da complexidade arqueológica do edifício trouxe várias surpresas para a arquitecta, e para toda a equipa que estava a trabalhar no projecto. Algumas dessas surpresas aconteceram quando descobriram dois púlpitos numa sala que pensavam que era do séc. XIX, mas afinal era o refeitório do Colégio das Artes, ou quando descobriram as chaminés emparedadas. Perante a complexidade do projecto, a estratégia adotada pela Desirée Pedro para a requalificação do Laboratório Chimico centrou-se “(...) na clarificação do existente, procurando anular as ambiguidades resultantes dos sucessivos acrescentos, a que o edifício foi sujeito ao longo do tempo, e reforçar a transparência entre o existente e o novo, entre o passado e o presente.”⁸¹ Além de todo o projecto de recuperação do edifício, posteriormente também foram desenhados todos os suportes expositivos e peças móveis que formam um percurso no interior do edifício.

O Laboratório Chimico foi uma obra muito importante e que teve um grande impacto no Atelier do Corvo, não só devido à dimensão do projecto, mas sobretudo pelo resultado final. A obra apresenta uma grande coerência e qualidade arquitectónica, e por isso tem sido distinguida com vários prémios, entre eles o Prémio Diogo de Castilho da Câmara Municipal de Coimbra, em 2007, o Prémio de Melhor Museu do ano de 2007, e ainda o Prémio Michelletti de melhor museu da ciência e da técnica da europa, em 2008. Desirée Pedro destaca esta obra por ter sido muito importante na sua aprendizagem, e além disso, por ter sido um projecto estimulante e aliciante que lhe permitiu trabalhar em diferentes escalas, e com a envolvência de outras áreas e disciplinas.

⁸¹ Figueira, J. (2003). *SMS:SOS: a nova visualidade de Coimbra*. Coimbra: Asa Editores S.A. (p. 173)



90. Casa de Gondramaz. Vista exterior.

91. Vista interior do piso inferior.

92. Vista interior do piso superior.

93. Vista interior da entrada a meia cota, e da rocha pré-existente.

As próximas obras a serem apresentadas têm uma especial importância por se situarem em Miranda do Corvo, e assim terem uma ligação muito próxima com o Atelier do Corvo. Uma das obras é a Casa de Gondramaz (2004-2010) e a outra é o Mercado Municipal de Miranda do Corvo (2009-2013).

A Casa de Gondramaz foi um projecto encomendado pelo escultor Rui Anahory, que tinha como objectivo a recuperação e reconstrução de uma pequena ruína, situada na aldeia de Gondramaz, em Miranda do Corvo.

Ainda que a construção existente estivesse em avançado estado de ruína, Desirée Pedro conseguiu perceber que a casa era muito pequena estando encerrada por muros, que tinha um pátio de entrada, e ainda a particularidade de se entrar a meia cota, dando a entender que se desenvolvia para cima e para baixo. A arquitecta desenvolveu e estruturou todo o projecto com base nessas características, de modo a manter a integridade da pré-existência da casa, mas transformando-a num espaço de conforto e com muita qualidade arquitectónica.

Deste modo, a casa mantém a entrada a meia cota, e a partir daí desdobra-se em dois pisos. O piso superior integra três quartos e uma instalação sanitária, sendo a zona mais íntima, e o piso inferior dá lugar à área social com a presença da sala de estar e da cozinha, estando virado sobre a montanha numa forte relação visual com a paisagem. Neste piso, importa salientar a existência de uma grande rocha que fazia parte da pré-existência, e que se manteve como elemento particular e integrante da casa.

Desirée Pedro salienta a Casa de Gondramaz, não só por ter sido uma experiência gratificante e importante, mas também por ter sido um projecto que teve a particularidade de ter sido experimentado e testado em obra, através de várias soluções, e influenciado pela arquitectura popular. Desta forma, é uma obra marcante na sua carreira profissional.

A Reabilitação do Mercado Municipal de Miranda do Corvo é outra obra que merece uma atenção particular, nomeadamente, por ter sido o primeiro projecto que foi desenvolvido para o município. O equipamento encontrava-se num estado muito degradado, e por isso o objectivo do projecto consistia na requalificação do



94 e 95. Maquetes da proposta de intervenção no Mercado Municipal de Miranda do Corvo.
96. Mercado Municipal de Miranda do Corvo. Vista exterior.

edifício, de modo a torná-lo num espaço confortável e com boas condições de higiene.

Com a consciência de que o mercado “(...) socialmente é muito importante, e é um elemento que une e agrega a comunidade”⁸², a arquitecta Desirée Pedro desenvolveu um projecto de reestruturação do interior do edifício, que teve em vista resolver os problemas de acessibilidade e das diferentes cotas, mudar e qualificar os materiais dos pavimentos e das bancadas, e sobretudo a alteração funcional da zona de venda de peixe. Além disso, também foi criado um piso superior que é composto por uma galeria que garante a circulação a toda a volta do edifício, e por outro programa de lojas. As fachadas do edifício também foram todas redesenhadas e qualificadas, sendo caracterizadas por uma caixa que cria uma imagem uniforme, e que incorpora a galeria e o piso superior.

O Mercado de Miranda é um dos projectos que a arquitecta Desirée mais gostou de concretizar, devido ao facto de o resultado final ter sido muito positivo, e sobretudo porque conseguiu “(...) qualificá-lo, especialmente e em termos de materiais, e torná-lo um elemento central na vivência social daquelas pessoas, daquela vila.”⁸³

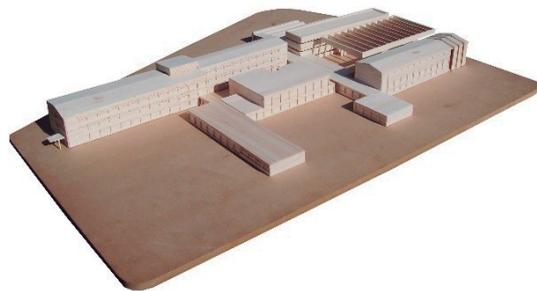
Por fim, importa salientar a Remodelação e Ampliação da Escola Secundária de Pombal (2008-2010), por ter sido um projecto em que Desirée Pedro se confrontou com a obra pública e com as suas condicionantes, nomeadamente, com o facto de a construção ser feita muito rapidamente, sem que fosse possível experimentar diversas soluções.

O projecto proposto pela Desirée e a sua equipa teve como objectivo a modernização da escola, através da reorganização funcional e a requalificação ao nível das infraestruturas físicas. Além disso, foi desenvolvida uma relação espacial entre a escola e a cidade, através do novo acesso principal que se relaciona com o tecido urbano.⁸⁴ Tendo em conta que a intervenção seria feita numa escola

⁸² Entrevista 3 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 309.

⁸³ Entrevista 3 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 309.

⁸⁴ Bártolo, J. (coord.) & Afonso, S. (2012). *PLI Arte & Design: Entusiasmo*, Publicação periódica de reflexão crítica sobre práticas e discursos do design contemporâneo, n.º 2/3. Matosinhos: ESAD - Escola Superior de Artes e Design. (p. 153)



97 e 98. Maquetes da proposta de remodelação e ampliação da Escola Secundária de Pombal.

99 e 100. Escola Secundária de Pombal. Vistas exteriores.

construída em 1958, que apresentava uma boa qualidade de construção, houve um grande preocupação na escolha de soluções que permitissem assegurar a durabilidade da obra no futuro.

A arquitecta Desirée Pedro salienta que a Escola de Pombal foi um projecto muito exigente e complicado, feito num curto espaço de tempo, mas que teve um resultado final muito positivo. Por sua vez, a constructora Parque Escolar também considerou que foi um dos melhores projectos que fizeram.

Com uma carreira profissional bastante sólida e pautada por várias obras de grande relevância, Desirée Pedro destaca-se por um ecletismo de experiências e influências.

2. A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER NA ARQUITECTURA

Desirée Pedro é uma arquitecta com um percurso profissional de grande qualidade, com uma linguagem arquitectónica diversificada e, sobretudo, com muito trabalho produzido, como foi possível verificar.

A sua experiência enquanto mulher na arquitectura decorreu, de uma maneira geral, de forma positiva, ainda que tenha sido marcada por algumas dificuldades e obstáculos pontuais. Ainda assim, Desirée Pedro é um distinto exemplo de que ser mulher não implica, necessariamente, de ter um percurso profissional insatisfatório ou pouco relevante, nos dias de hoje.

A arquitecta tem uma posição de grande abertura em relação ao tema das mulheres na arquitectura, e não demonstra nenhuma resistência em discuti-lo crítica e pertinentemente. Aliás, tem a consciência de que a presença da mulher não é valorizada devido a vários factores que estão intrinsecamente ligados com o contexto social e cultural, e que resultam do facto de a História ser feita na linha da tradição masculina.

A sua perspectiva sobre o tema em análise, também é fundamental para revelar que algumas das ideias associadas à figura da arquitecta, resultam da atribuição de estereótipos de género, e por isso não têm qualquer lógica nem fundamento, pelo menos no seu caso particular.

Durante a sua formação académica na FAUP, Desirée Pedro nunca sentiu qualquer distinção ou discriminação de género, nem verificou nenhuma diferença na formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género. Contudo, o início do seu percurso profissional foi marcado por alguns momentos e situações pontuais em que, de facto, o preconceito e a discriminação estiverem presentes.

Nesse sentido, salienta que a maior dificuldade que surgiu, quando fundou o Atelier do Corvo e começou a trabalhar com o arquitecto Carlos Antunes, esteve relacionada com o facto de não ser valorizada e de existir uma estranheza perante a sua presença, nomeadamente, nas obras e no contacto com o cliente. Ou seja, foi algumas vezes confrontada com atitudes discriminatórias por parte de clientes, que lhe perguntavam: “quando é que vem o arquitecto?”, ou ainda, nos primeiros projectos que realizou, quando ia à obra com o Carlos Antunes, sentia-se completamente invisível porque o discurso era direccionado para o arquitecto e não para ela. Nesta perspectiva, ressalta que “(...) tudo o que fizesse tinha de ser medido e pesado, porque se houvesse uma falha, era valorizada essa falha.”⁸⁵ Apesar de se ter confrontado com estas dificuldades, conseguiu ganhar confiança e nunca mais permitiu ser alvo de distinções de género.

A experiência profissional de Desirée Pedro e Carlos Antunes, tal como os seus diferentes modos de trabalho, demonstram e vêm provar que não é possível, nem viável, atribuir características e fazer distinções de projectos, de acordo com o género.

Na questão dos pormenores e detalhes, Desirée refere que apesar de gostar de trabalhar esse tipo de desenho, é Carlos Antunes que “(...) tem uma atenção imensa ao detalhe, à suposta sensibilidade feminina (...)”.⁸⁶ Do mesmo modo, também derruba a insistente ideia de que o ângulo recto está associado aos homens e a curva às mulheres, salientando que: “Ele é que gosta da curva, e eu claramente tenho mais apetência para o ângulo recto (...)”.⁸⁷

Na distinção entre projectos, Desirée e Carlos também contrariam a ideia defendida por Jorge Figueira, de que existem “arquitecturas de macho alfa” e arquitecturas que tendem para uma “sensibilidade feminina”. A arquitecta não concorda que seja possível distinguir um projecto de acordo com o género porque, no seu caso e do seu sócio, e tendo por base alguns dos projectos desenvolvidos,

⁸⁵ Entrevista 5 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 331.

⁸⁶ Entrevista 5 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 334.

⁸⁷ Entrevista 5 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 340.

isso funciona ao contrário. Nessa perspectiva, assume ser mais masculina e racional, enquanto considera Carlos Antunes mais afectivo.

A questão da maternidade acaba por ser bastante pertinente no percurso profissional das arquitectas. No caso de Desirée Pedro, a maternidade não prejudicou a sua carreira, aliás, até foi um ponto positivo para o seu desenvolvimento profissional. Neste sentido, a arquitecta evidenciou a importância da maternidade na sua carreira profissional, referindo que: “(...) era absolutamente importante ser mãe e mãe com qualidade, e ser arquitecta e arquitecta empenhadíssima.”⁸⁸

Desirée Pedro tem a consciência de que, muitas vezes, as arquitectas não têm a visibilidade adequada à qualidade e quantidade do trabalho que produzem. Isso acontece pelo facto de trabalharem em parceria, com os seus sócios ou maridos, e por isso o reconhecimento não ser focalizado para elas, mas sim para o género masculino. Carlos Antunes tem a percepção que isso poderá ter acontecido à arquitecta Desirée. No entanto, revela que “ela tem vindo a conseguir afirmar-se de uma forma muito convincente, na nossa relação com os clientes, na nossa relação com a escola, na nossa relação com tudo. Ela tem conseguido, de facto, conquistar.”⁸⁹

A arquitecta Desirée Pedro demonstra que o facto de ser mulher não tem condicionado o seu percurso profissional. A sua personalidade forte e a sua confiança foram elementos fundamentais para que tivesse conseguido ultrapassar as dificuldades e obstáculos e, por sua vez, construir uma carreira notável, de grande qualidade e talento.

⁸⁸ Entrevista 5 – Arquitecta Desirée Pedro, p. 337.

⁸⁹ Entrevista 7 – Arquitecto Carlos Antunes, p. 351.



101. Susana Martins, formada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 2009.

102. Ana Fundo, formada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em 2009.

103. Bruna Marques, formada pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, em 2015.

GERAÇÃO DO FUTURO

A geração mais jovem torna-se essencial no fecho final da discussão sobre as mulheres na arquitectura. Num momento em que o tema, cada vez mais, está a ganhar dimensão e destaque, importa ter em conta a geração de arquitectas que podem trazer mudanças para o futuro da disciplina e profissão da arquitectura, no sentido da igualdade de género e de oportunidades.

Este último caso de estudo reúne um conjunto de arquitectas que iniciaram o percurso profissional recentemente. Com a sua análise é pretendido perceber as opiniões sobre o tema em discussão e, sobretudo, como têm decorrido as suas experiências e se têm encontrado dificuldades pelo facto de serem mulheres.

Embora a abordagem esteja centrada na figura da mulher enquanto arquitecta, nesta análise também vai ser considerada a perspectiva de um arquitecto do género masculino, também de uma geração jovem e com um percurso profissional recente.

Desta forma, o caso de estudo da geração jovem é constituído por duas arquitectas que concluíram a sua formação na FAUP em 2009, e que trabalham no Atelier MVCC Arquitectos – Susana Martins e Ana Fundo; por uma arquitecta que concluiu a sua formação no d'ARQ em 2015, e que trabalha no Atelier do Corvo – Bruna Marques; por duas arquitectas que também concluíram a formação no d'ARQ, em 2015 e 2016, respectivamente – Ana Pião e Juliana Teixeira; e por fim, por um arquitecto – César Pereira.

De uma forma geral, todas estas arquitectas e arquitecto demonstraram disponibilidade em abordar o tema das mulheres na arquitectura. No entanto, ainda que na sua maioria observem a pertinência do tema e da sua discussão "(...) não só para verificar se há discriminação ou não, mas também para reconhecer o papel da mulher na arquitectura (...) e na sociedade." (Entrevista 10- Arquitecta Ana Pião, p. 369), algumas das arquitectas consideram que não tem importância e que não precisa ser discutido, porque não evidencia nenhum problema: "As pessoas



104. Ana Pião, formada pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, em 2015.

105. Juliana Ferreira, formada pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, em 2016.

106. César Pereira, formado pela Universidade Católica de Viseu, em 2014.

interpretam-no como um problema, mas acho que hoje ninguém dá muita importância a esse tipo de assunto (...) não é uma questão, não é tema.” (Entrevista 8 – Arquitecta Susana Martins, p. 353)

Estas reações revelam a complexidade e resistência, anunciada desde o início da investigação, que existe em abordar este assunto. De certa forma, a proposta de debater o tema acaba por ser banal, porque partem do princípio que não existe nenhum desequilíbrio, nenhuma desigualdade, nenhuma diferença. Acredito que este desinteresse seja o resultado da falta de consciência do papel que a mulher ocupa na disciplina e profissão da arquitectura.

Os casos de estudo, de um modo geral, revelaram que nunca sentiram discriminação nem desigualdades de género, quer no percurso académico, quer no recente percurso profissional. Contudo, também afirmaram que tiveram poucas ou nenhuma referências de arquitectas, nomeadamente portuguesas, ao longo da formação académica. Considerando esse facto, surpreende-me que digam que não sentiram desigualdades porque, logo à partida, terem tido poucos exemplos de arquitectas pressupõe uma distinção de género. Além disso, demonstra que as matérias leccionadas continuam a privilegiar os arquitectos do género masculino e, por essa razão, não tem sido dado reconhecimento e visibilidade à presença das mulheres na arquitectura.

Por outro lado, o facto de assumirem que não têm sentido dificuldades no percurso profissional, pode ser resultado de ainda estarem no início da carreira e não terem tido tempo suficiente para estarem em contacto com outras realidades, nomeadamente, com o ambiente de obra. Isto porque, todas as arquitectas e arquitecto, com excepção de uma, referiram que o ambiente de obra está muito associado ao género masculino e faz com que haja discriminação de género em relação às arquitectas. Ainda assim, importa referir que começa a existir a consciência de que isso “(...) são estigmas que vão sendo derrubados com o tempo (...)” (Entrevista 12- Arquitecta Juliana Ferreira, p. 388)

Com a análise deste caso de estudo, também foi possível perceber que a geração jovem olha para a arquitectura como uma profissão e disciplina que deve incluir a participação de homens e mulheres, tendo por base a mesma igualdade

de direitos e oportunidades. Com isto, não consideram que a arquitectura possa ser dividida por géneros, e por isso reprovam a possível existência de uma arquitectura feminina, defendendo que “a arquitectura é acima de tudo uma área de conhecimentos muito transversais e complexos, que podem ser dominados por todos.” (Entrevista 12 – Arquitecta Juliana Ferreira, p. 389)

Para terminar a análise deste caso de estudo, é importante salientar que, de um modo geral, considero que a geração jovem, com excepção da arquitecta Juliana Ferreira, não tem “consciência feminista”, tal como defende Denise Scott Brown quando refere que “as mulheres novas não se apercebem que vão bater numa barreira”. (Figueira, 2011, p. 31) Ou seja, acho que existe uma insensibilidade sobre o tema das mulheres na arquitectura, o que gera, como é possível verificar pelas entrevistas realizadas às arquitectas, um desconhecimento dos problemas que existem e que marcam a realidade da profissão e disciplina.

A verdade é que as desigualdades existem, e as arquitectas não podem estar condenadas à invisibilidade. Como refere o arquitecto César Pereira, “(...) deveria haver mais reconhecimento, efectivamente. E um dos trabalhos a ser feito, nesse sentido, é a divulgação do percurso profissional das arquitectas (...)”. (Entrevista 13 – Arquitecto César Pereira, p. 395)

CONCLUSÃO

A dissertação teve o seu foco direcionado para o tema das Mulheres na Arquitectura, com especial incidência no contexto Português. O seu desenvolvimento permitiu chegar a algumas conclusões bastante pertinentes, que também já foram sendo anunciadas e distribuídas ao longo dos três capítulos que estruturam a investigação.

O debate sobre as Mulheres na Arquitectura não é consensual nas opiniões que provoca, e está longe de o ser. Mesmo antes de iniciar este trabalho, durante o processo de escolha do tema, fui percebendo que havia uma grande resistência e incómodo em falar sobre o assunto, especialmente, por parte dos homens. Talvez porque, ainda existam resquícios de um certo machismo que vigorou nas décadas passadas. Ou talvez, seja ignorância. De qualquer modo, o discurso sobre as mulheres na arquitectura continua a não ser bem aceite no meio académico e profissional, e na sociedade em geral. Neste sentido, a existência desta investigação é fundamental para dar voz ao tema, para gerar discussão, para gerar mudança, para superar a invisibilidade das arquitectas em Portugal.

O primeiro capítulo – “Sobre as Mulheres na Arquitectura” – permitiu perceber o que já tinha sido feito no contexto internacional, e ajudou a definir a abordagem de análise que seria utilizada no contexto português.

O debate sobre as mulheres na arquitectura no contexto internacional, nomeadamente, no cenário americano, é sustentado pela teoria feminista e tem analisado a questão do género na arquitectura, e a relação entre as duas partes. Esta dissertação afastou-se da teoria feminista, para não cair numa perspectiva de vitimização da arquitecta, e focou a sua análise na importância das mesmas. No entanto, importa salientar que a teoria feminista foi importante, porque impulsionou o avanço do tema das mulheres na arquitectura e, por sua vez, que as arquitectas ganhassem proeminência nos estudos e investigações produzidos

posteriormente. A História Feminista da Arquitectura marcou o início da investigação com o objectivo de criar uma base histórica e contextualizada, mas não foi decisiva para o seu desenvolvimento.

No segundo capítulo – “Sobre as Arquitectas em Portugal” – foi possível delinear a evolução da presença das mulheres na profissão, começando pela história das arquitectas pioneiras até à actualidade, tendo por base as mudanças que foram acontecendo no exercício da profissão.

Foram salientados os momentos que deram origem a que o tema das mulheres na arquitectura surgisse em Portugal e, por sua vez, começasse a ser debatido e integrado no discurso arquitectónico. Por fim, considerando a presença da mulher no ambiente profissional e académico, foi possível identificar vários problemas e desigualdades que tendem a invisibilizar o seu reconhecimento e a sua participação enquanto arquitectas.

A realidade descoberta e comprovada pelas estatísticas e argumentos, apresentados neste capítulo, é muito clara: efectivamente, cada vez existem mais arquitectas, mas o grau de desigualdade no interior da profissão é bastante expressivo. Ainda que comecem a haver indícios de uma mudança de paradigma, “(...) as mulheres ainda estão longe de atingir a paridade em arquitectura (...)” (Cabral, 2006, p. 38)

O terceiro capítulo – “Os casos de estudo: Arquitectas com nome e presença” – surge como uma tentativa de superar a invisibilidade das arquitectas, destacando a sua existência e dando a conhecer os seus percursos profissionais e o trabalho que têm produzido.

A análise das carreiras profissionais de Mercês Vieira e Desirée Pedro vem demonstrar que o trabalho que têm produzido é de grande qualidade, e que deve ser valorizado da mesma forma que o trabalho dos arquitectos do género masculino.

O tema das mulheres na arquitectura é uma fonte inesgotável de abordagens, e precisa de continuar a ser discutido pertinentemente porque o problema existe, as desigualdades existem e as arquitectas continuam a exercer a profissão na invisibilidade.

A falta de visibilidade das arquitectas em Portugal tem de ser combatida. O caminho a seguir tem de ser sustentado pela igualdade de género e de oportunidades e também pelo reconhecimento público das arquitectas e do trabalho que produzem.

A realização desta dissertação foi uma grande descoberta e uma experiência muito enriquecedora no meu percurso académico. Espero também que seja um contributo para superar a invisibilidade das arquitectas e, sobretudo, para enriquecer a História das Arquitectas em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e Capítulos de Livros

Agreste, D., Conway, P. & Weisman, L. (eds.) (1996). *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams.

Antunes, L. (2015). “Reinventar la Arquitectura. Hay una mujer justo a tu lado”. In N. Lombardero (ed.), *ArquitectAs, Redefiniendo la profesión*. (p. 175-188) Málaga: Recolectores Urbanos Editorial.

Berkeley, E. P. (ed.) & Mcquaid, M. (Assoc. ed.) (1989). *Architecture: A Place for Women*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press Marketing Department.

Brown, D. S. (1989). “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. In Berkeley, E. P. (ed.) & Mcquaid, M. (Assoc. ed.), *Architecture: A Place for Women*. (p. 237-246). Washington, DC: Smithsonian Institution Press Marketing Department.

Colomina, B. (ed.) (1992). *Sexuality and Space*. New Jersey: Princeton Papers on Architecture.

Colomina, B. (2010). “With, or Without you: The Ghosts of Modern Architecture”. In C. Butler & A. Schwartz, *Modern Women: Women Artists at The Museum of Modern Art*. (p. 217-231). New York: The Museum of Modern Art.

Figueira, J. (2011). *Reescrever o Pós-Moderno*. Porto: Dafne Editora.

Kullack, T. (ed.) (2011). *Architecture: A Woman's Profession*. Berlin: Jovis Verlag GmbH.

Lima, A. G. G. (2014). *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX*. São Paulo: Altamira Editorial.

Lombardero, N. A. (ed.) (2015). *ArquitectAs, Redefiniendo la profesión*. Málaga: Recolectores Urbanos Editorial.

McCorquodale, D., Ruedi, K. & Wigglesworth, S. (eds.) (1996). *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*. London: Black Dog Pub.

Pedrosa, P. S. (2015). "Mujeres Arquitectas en Portugal: Una larga y estrecha carretera". In N. Lombardero (ed.), *ArquitectAs, Redefiniendo la profesión*. (p. 189-200). Málaga: Recolectores Urbanos Editorial.

Rendell, J., Penner, B. & Borden I. (eds) (2000). *Gender, Space and Architecture: An interdisciplinary introduction*. London and New York: Routledge.

Stratigakos, D. (2016). *Where Are the Women Architects?*. New Jersey: Princenton University Press.

Stratigakos, D. (2008). *A Women's Berlin: Building the Modern City*. Minnesota: University of Minnesota Press.

Torre, S. (1977). *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*. New York: Whitney Library of Design.

Teses e Trabalhos Académicos

Antunes, L. (2012). *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal.

Ferreira, J. (2016). *Entre a Janela e o Corpo. As Relações de Género no Limiar da Habitação*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade de Coimbra, Portugal.

Machado, S. (2011). *O Espaço das Mulheres na Arquitectura*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Escola Superior Gallaecia, Galiza, Espanha.

Roxo, J. (2016). *A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco*. Projecto Final de Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Sá, F. C. (2010). *Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetónico nas perspetivas das relações de género*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, Brasil.

Revistas

Dias, M. G. (dir.) (2011). *Ser Mulher: Being a Woman*, JA - Jornal dos Arquitectos, n.º242 (Julho/Agosto/Setembro). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Figueira, J. (coord.) (2010). *Joelho #1: Mulheres na Arquitectura*, Revista de Cultura Arquitectónica do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, n.º1 (Março). Coimbra: Edarq.

Outras Publicações

Cabral, M. V. (coord.) (2006). *Relatório, Profissão: Arquitecto/a*. Estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos, Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, Portugal.

Artigos

Antunes, L. (2016). “Questões de Género em Arquitectura: História(s), Espaço(s) e Experiências Profissionais e Arquitectónicas”. *Ex aequo*, Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, n.º33, p. 67-81.

Cruz, V. (2015). “E se as mulheres desenhassem as cidades”. *A Revista do Expresso*, ed. 2234, p. 50-57.

Figueira, J. (2010). “Mulheres na arquitectura: Como lidar com a estranheza”. *Arq.a*, Revista de Arquitectura e Arte Contemporânea, 80/81 (Maio-Junho), p.20-24.

Figueira, J. (2011). “Entrevista a Denise Scott Brown”. *Ser Mulher: Being a Woman*, JA - Jornal dos Arquitectos, n.º242 (Julho/Agosto/Setembro), p. 28-33.

Mcleod, M. (2011). “Um sonho adiado: história feminista da arquitectura”. (A dream deferred: feminist architecture history) Trad. João Carvalhais. *Ser Mulher: Being a Woman*, JA - Jornal dos Arquitectos, n.º242 (Julho/Agosto/Setembro), p. 98-105.

Milheiro, A. V. (2011). “A mulher do arquitecto”. *Ser Mulher: Being a Woman*, JA - Jornal dos Arquitectos, n.º242 (Julho/Agosto/Setembro), p. 3.

Pedrosa, P. S. (2013). “Arquitectura: profissão e emprego”. *Boletim Arquitectos*, Publicação informativa da Ordem dos Arquitectos, n.º 230, p. 21-21.

Rubino, S. (2010). "Corpo, Imagem, Objecto: A cadeira LC9 e Charlotte Perriand". *Joelho #1: Mulheres na Arquitectura*, Revista de Cultura Arquitectónica do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, n.º1 (Março), p. 22-32.

Vicente, F. L. (2012). "História da Arte e Feminismo: uma reflexão sobre o caso português". *Revista de História da Arte*, Revista Anual do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, n.º10, p. 211-225.

Artigos da internet

Arquitetas Invisíveis (2015). Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura: Arquitetura. *Archdaily Brasil*. Acesso a 03 de Julho de 2017, em <https://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura>

Arquitetas Invisíveis (2015). Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura: As Pioneiras. *Archdaily Brasil*. Acesso a 03 de Julho de 2017, em <https://www.archdaily.com.br/br/763310/arquitetas-in-visiveis-as-pioneiras>

Arquitetas Invisíveis (2015). Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura: "Nas Sombras". *Archdaily Brasil*. Acesso a 03 de Julho de 2017, em <https://www.archdaily.com.br/br/763358/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-nas-sombras>

Arquitetura Portuguesa (2017). Arquitetura no feminino. *Arquitetura Portuguesa*. Acesso a 03 de Julho de 2017, em <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/>

Baratto, R. (2017). Odile Decq: "Mais de 50% dos estudantes são mulheres, e desaparecem depois de formadas". *Archdaily Brasil*. Acesso a 18 de Junho de 2017, em <https://www.archdaily.com.br/br/867980/odile-decq-mais-de-50-percent-dos-estudantes-sao-mulheres-e-desaparecem-depois-de-formadas>

Castro, P. D. (2014). Mulheres e o Prêmio Pritzker: Estudos de Caso. Acesso a 13 de Outubro de 2016, em http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-CDR-035_CASTRO.pdf

Lance, H. (2016). Por que a representação igualitária para mulheres na arquitectura é melhor para todos. (Trad. Gabriel Pedrotti). *Archdaily Brasil*. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/784236/porque-representacao-igualitaria-para-mulheres-na-arquitetura-e-melhor-para-todos>

Lange, A. (2013). Porque a arquitectura tem que ouvir suas mulheres esquecidas. (Trad. Joanna Helm). *Archdaily Brasil*. Acesso a 18 de Junho de 2017, em <https://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>

Mora, P. (2013). 5 mulheres que estão mudando a cara da Arquitectura. (Trad. Romullo Baratto). *Archdaily Brasil*. Acesso a 7 de Julho, em <https://www.archdaily.com.br/br/01-152922/5-mulheres-que-estao-mudando-a-cara-da-arquitetura>

Nóbrega, L. M. (2016). Gênero em arquitectura e Urbanismo: breve estado da arte e experiências recentes do núcleo de estudos em espaço e gênero. Disponível em https://www.academia.edu/27603491/Genero_em_Arquitetura_e_Urbanismo_Breve_estado_da_arte_e_experiencias_recentes_do_Nucleo_de_Estudos_em_Espaço_e_Genero_NEG_UFPE_

OASRS (2015). É preciso tirar as histórias das arquitectas do anonimato. OASRS. Acesso a 19 de Outubro de 2016, em <http://wwwold.oasrs.org:8080/-/e-preciso-tirar-as-historias-das-arquitectas-do-anonimato->

Vale, B. (n.d.). Zaha Hadid e a Revolução das Mulheres na Arquitectura. Acesso a 03 de Julho de 2017, em http://obviousmag.org/archives/2012/05/zaha_hadid_e_a_revolucao_das_mulheres_na_arquitetura.html

Artigos de revistas e jornais electrónicos

Antunes, L. (2015). A Arquitectura nunca mais será a mesma: considerações sobre género e espaço(s). *Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade*, v.7, n.º2, p. 2-23. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600/pdf>

Conceição, A. C. L. (2009). Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.8, n.º24. Disponível em http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf

Esperdy, G. (2012). The Incredible True Adventures of the Architectress in America. *Places Journal*. Disponível em <https://placesjournal.org/article/the-incredible-true-adventures-of-the-architectress-in-america/>

Figueira, J. (2010). As mulheres jovens não têm consciência feminista. *Jornal Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2010/06/21/jornal/as-mulheres-jovens-nao-tem-consciencia-feminista-19647032>

Figueira, J. (2010). Ela é cada vez mais feminina. *Jornal Público*. Acesso a 17 de Agosto de 2017, em <https://www.publico.pt/2010/03/06/jornal/ela-e-cada-vez-mais-feminina-18911283>

Levinson, N. (2013). Beyond the Pritzker: Women, architecture, and the politics of family leave. *Places Journal*. Acesso a 2 de Julho de 2017, em <https://placesjournal.org/article/women-architecture-and-the-politics-of-family-leave/>

Milheiro, A. V. (2016). Zaha Hadid: uma mulher influente num mundo de homens. *Jornal Público*. Acesso a 15 de Junho de 2017, em <https://www.publico.pt/2016/03/31/culturaipsilon/noticia/zaha-hadid-uma-mulher-influente-num-mundo-de-homens-1727722>

Pedrosa, P. S. (2014). Arquitectas: Ensaio para um anual revolucionário. *Artecapital*. Acesso a 19 de Outubro de 2016, em http://www.artecapital.net/arq_des-114-arquitectas-ensaio-para-um-manual-revolucionario

Pinto, M. C. (2017). Mulheres na Arquitectura: um colectivo para combater a invisibilidade delas na profissão. *Jornal Público*. Acesso a 29 de Novembro de 2017, em <http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/24722/mulheres-na-arquitectura-um-colectivo-para-combater-invisibilidade-delas>

Pogrebin, R. (2016). I Am Not the Decorator: Female Architects Speak Out. *The New York Times*. Disponível em https://www.nytimes.com/2016/04/13/arts/design/female-architects-speak-out-on-sexism-unequal-pay-and-more.html?_r=0

Rodrigues, L. (2012). Mulheres na arquitectura: onde estão, quais seus desafios. *Revista aU*, n.º221. Disponível em <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/221/artigo264486-1.aspx>

Serina, M. (2016). Maria Helena Souto e a criatividade no feminino. *Executiva*. Disponível em <https://executiva.pt/maria-helena-souto-criatividade-no-feminino/>

Stratigakos, D. (2011). What I Learned from Architect Barbie. *Places Journal*. Acesso a 3 de Julho de 2017, em <https://placesjournal.org/article/what-i-learned-from-architect-barbie/>

Stratigakos, D. (2012). Why Architects Need Feminism. *Places Journal*. Disponível em <https://placesjournal.org/article/why-architects-need-feminism/>

Stratigakos, D. (2016). Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia. It's time to write women architects back into history. *Places Journal*. Disponível em <https://placesjournal.org/article/unforgetting-women-architects-from-the-pritzker-to-wikipedia/>

Viana, C. (2010). Vem aí uma geração de rapazes frustrados. *Jornal Público*. Acesso a 04 de Agosto de 2017, em <https://www.publico.pt/2010/01/27/jornal/ve-m-ai--uma-geracao-de-rapazes-frustrados-18656888>

Sevilha, A. R. (2008). Atelier à Lupa – Atelier do Corvo. *Construir*. Jornal de Negócios da Indústria da Construção. Acesso a 18 de Junho de 2017, em <http://www.construir.pt/2008/04/11/atelier-lupa-atelier-do-corvo/>

Seminários/Congressos

Pedrosa, P. S. (2010). "Being a female architect in Portugal: a short introduction to a long ride". In 1st International Meeting EAHN European Architectural History Network – CD of Papers. (p. 234-240). Guimarães: CHAM, EAUM, EAHN.

Pedrosa, P. S. (2014). "Women Architectes in Portugal. A long and winding road". In N. A. Lombardero (ed.), *Women Architects: Redefining the practice 1st International Symposium on Architecture and Gender*. (p. 99-112). Sevilla: ETSAS-Universidad de Sevilla.

Pedrosa, P. S. et al. (2017-2018). *Arquitectas: Modo(s) de (r)existir. Mulheres na Arquitectura e Ordem dos Arquitectos, Secção Regional Sul, Teatro São Luiz, Lisboa, Portugal.*

Podcast

Milplanaltos (2013). *Carlos Antunes* [Vídeo]. Acesso a 20 de Dezembro de 2017, em <https://vimeo.com/61227147>

Gigas, A. V. (2017). *A cena toda #9 – Entrevista a Desirée Pedro do Atelier do Corvo/CAPC* [Áudio]. Acesso a 20 de Dezembro de 2017, em <https://www.mixcloud.com/alexandre-valinho-gigas/a-cena-toda-9-entrevista-ad%C3%A9sir%C3%A9e-pedro-do-atelier-do-corvo-e-capc-a-6-de-novembro/>

Pereira, D. (2016). *700+25, Arquitectura na Universidade: Arquiteta Mercês Vieira e Arquitecto Camilo Cortesão – Parque Verde do Mondego. Anozero, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra.* [Vídeo]. Acesso a 15 de Setembro de 2017, em <https://www.youtube.com/watch?v=7eABq1Yx-gQ>

CRÉDITOS DAS IMAGENS

*Capítulo I**Sobre as Mulheres na Arquitectura*

1. Rendell, 2000, p. 13.
2. <https://ionline.sapo.pt/584048> (consultado em 17-12-2017)
3. <http://archleague.org/1977/07/women-in-american-architecture-a-historic-and-contemporary-perspective/> (consultado em 22-07-2017)
4. <https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/9780262580557.jpg> (consultado em 22-07-2017)
5. <http://www.womanhouse.net/> (consultado em 25-07-2017)
6. <http://www.papress.com/html/product.details.dna?isbn=9781878271082> (consultado em 28-06-2017)
7. <http://www.spatialagency.net/database/weisman> (consultado em 27-07-2017)
8. <https://www.amazon.co.uk/Desiring-Practices-Architecture-Gender-Interdisciplinary/dp/0952177390> (consultado em 27-07-2017)
9. <https://www.crcpress.com/Gender-Space-Architecture-An-Interdisciplinary-Introduction/Borden-Penner-Rendell/p/book/9780415172530#googlePreview> Container (consultado em 13-08-2017)
10. <https://www.amazon.com/Architecture-Place-Ellen-Perry-Berkeley/dp/0874742315> (consultado em 15-07-2017)
11. <https://www.amazon.ca/Architecture-Womans-Profession-Tanja-Kullack/dp/images/3868590862> (consultado em 15-07-2017)
12. <http://editorial.recolectoresurbanos.com/tienda/arquitectas-redefiniendo-la-profesion/#> (consultado em 28-08-2017)
13. <https://www.upress.umn.edu/book-division/books/a-womenas-berlin> (consultado em 29-08-2017)

14. <https://placesjournal.org/book/where-are-the-women-architects/> (consultado em 29-08-2017)
15. http://www.abitare.it/en/archive/2013/06/03/despina-stratigakos-on-women-in-architecture/?refresh_ce-cp (consultado em 03-07-2017)
16. <https://placesjournal.org/article/what-i-learned-from-architect-barbie/> (consultado em 03-07-2017)
17. <http://www.mascontext.com/tag/denise-scott-brown/> (27-10-2017)
18. <https://www.dezeen.com/2015/08/18/denise-scott-brown-interview-still-a-lot-to-be-learned-from-postmodernism-pomo-robert-venturi/> (consultado em 27-10-2017)
19. http://mdbarchitects.com/1928_chaise-longue-b306-by-charlotte-perriand-le-corbusier-and-pierre-jeanneret/ (consultado em 05-11-2017)
20. <http://www.jaimsrl.com.ar/eileengray.html> (consultado em 05-11-2017)
21. Sá, 2010, p.101.
22. <http://www.core77.com/posts/55200/Lilly-Reich-Was-More-Than-Miess-Collaborator> (consultado em 05-11-2017)
23. <https://www.herstery.com/podcast/2017/6/26/zaha-hadid-kate-leigh-tilly-devine> (consultado em 29-11-2017)

Capítulo II

Sobre as Arquitectas em Portugal

24. <http://impactum-journals.uc.pt/joelho/issue/view/4> (consultado em 28-05-2017)
25. <http://des-conexo.blogspot.pt/2012/01/> (consultado em 06-06-2017)
26. http://architectuul.com/architects/view_image/sophia-hayden-bennett/19535 (consultado em 18-11-2017)
27. <https://www.sfgate.com/bayarea/place/article/How-Julia-Morgan-finally-won-U-S-architecture-s-5583168.php#photo-5590755> (consultado em 18-11-2017)
28. <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/04/18/flora-steiger-crawford-1899-1991/> (consultado em 18-11-2017)

29. https://elpais.com/cultura/2006/02/08/actualidad/1139353205_850215.html
(consultado em 19-11-2017)
30. Roxo, 2016, p. 63.
31. Roxo, 2016, p. 114.
32. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20maria%20jos%C3%A9%20marques%20da%20silva
(consultado em 24-11-2017)
33. <https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=15> (consultado em 25-11-2017)
34. <https://www.larusdesign.com/pt/designers/ines-lobo> (consultado em 16-01-2018)
35. <http://www.paulasantos-arquitectura.com/wordpress/en/curriculum-vitae/>
(consultado em 16-01-2018)
36. <http://www.correiaragazzi.com/graa-correia> (consultado em 16-01-2018)
37. http://p3.publico.pt/sites/default/files/2016/jorgefigueira_paulopimenta.jpg
(consultado em 20-01-2018)
38. <https://ubi.academia.edu/Patr%C3%ADciaSantosPedrosa> (consultado em 08-09-2017)
39. <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura/photos/rpp.1420592077994118/1592528594133798/?type=3&theater> (consultado em 27-01-2018)
40. <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura/photos/rpp.1420592077994118/1513312475388744/?type=3&theater> (consultado em 03-11-2017)
41. <https://www.facebook.com/mulheresnaarquitectura/photos/a.1512758178777507.1073741832.1420592077994118/1513312475388744/?type=3&theater>
(consultado em 03-11-2017)
42. Desenho da autora (a partir da fonte - Lange, 2013)

Capítulo III

Os casos de estudo: Arquitectas com nome e presença

43. Pereira, 2016.

44. Pereira, 2016.
- 45 - 49. Fotografia da autora
- 50 – 65. Desenhos e fotografias cedidos por Mercês Vieira
66. <http://mvcc.pt/index.php?module=portfolio&option=view&id=14> (consultado em 28-08-2017)
67. Fotografia cedida por Mercês Vieira
- 68 e 69. <http://mvcc.pt/index.php?module=portfolio&option=view&id=14> (consultado em 28-08-2017)
- 70 - 72. Fotografia da autora
73. Fotografia cedida por Desirée Pedro
- 74 e 75. Fotografia da autora
76. <http://www.habitarportugal.org/pt/blog/atmosfera-especifica-11/> (consultado em 16-01-2018)
77. Fotografia da autora
- 78 - 81. Imagens cedidas por Desirée Pedro
82. Desenhos cedidos por Desirée Pedro
- 83-100. Fotografias cedidas por Desirée Pedro
101. Fotografia da autora
102. Fotografia da autora
103. Fotografia cedida por Bruna Marques
104. Fotografia cedida por Ana Pião
105. Fotografia cedida por Juliana Ferreira
106. Fotografia cedida por César Pereira

ANEXOS

I. MERCÊS VIEIRA

Projectos mais relevantes do MVCC Arquitectos	237
Publicações de Projectos do MVCC Arquitectos	251

II. DESIRÉE PEDRO

Projectos mais relevantes do Atelier do Corvo	263
Publicações de Projectos do Atelier do Corvo	269

III. ENTREVISTAS

Entrevista 1 – Arquitecto Jorge Figueira	275
Entrevista 2 – Arquitecta Mercês Vieira	283
Entrevista 3 – Arquitecta Desirée Pedro	299
Entrevista 4 – Arquitecta Mercês Vieira	315
Entrevista 5 – Arquitecta Desirée Pedro	329
Entrevista 6 – Arquitecto Camilo Cortesão	345
Entrevista 7 – Arquitecto Carlos Antunes	349
Entrevista 8 – Arquitecta Susana Martins	353
Entrevista 9 – Arquitecta Ana Fundo	361
Entrevista 10 – Arquitecta Ana Pião	369
Entrevista 11 – Arquitecta Bruna Marques	377
Entrevista 12 – Arquitecta Juliana Ferreira	383
Entrevista 13 – Arquitecto César Pereira	391

LISTAGEM DOS PROJECTOS MAIS RELEVANTES

Atelier MVCC Arquitectos



Conjunto Habitacional Somincor
1987.1991 | PT, Castro Verde
Desenho Urbano . Habitação
Construído
Somincor, S.A.



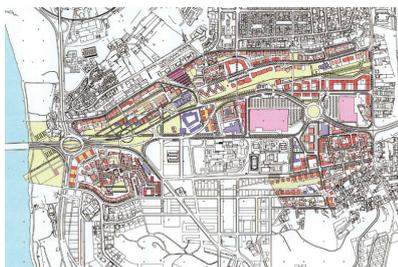
Plano do Pólo II
1990.2012 | PT, Coimbra
Desenho Urbano . Infraestrutura e
Transportes . Urbanismo
Concluído
Universidade de Coimbra



Piscinas Municipais e Parque Urbano
1991.1994 | PT, Castro Verde
Cultura Desporto e
Lazer . Desenho Urbano
Construído
Câmara Municipal de Castro Verde



Instituto Pedro Nunes
1991.1992 | PT, Coimbra
Institucional
Construído
Instituto Pedro Nunes



Plano de Pormenor do Vale das Flores
1991.1997 | PT, Coimbra
Urbanismo
Concluído
Câmara Municipal de Coimbra

Centro de Saúde de Castro Verde
 PT, Castro Verde | 1992.1994
 Institucional
 Construído
 Administração Regional de Saúde do Alentejo



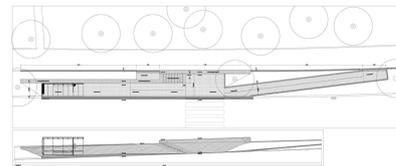
Urbanização e Edifícios da Quinta da Portela
 PT, Coimbra | 1992.2003
 Habitação . Infraestrutura e Transportes . Urbanismo
 Concluído
 A.Santo, S.A.



Habitação Social das Antas
 PT, Porto | 1992.2001
 Desenho Urbano . Habitação
 Construído
 Câmara Municipal do Porto



Metro Bus Foz - Campo Alegre - Baixa
 PT, Porto | 1998.1999
 Infraestrutura e Transportes
 Construído
 STCP- Transportes Colectivos do Porto, Câmara
 Municipal do Porto



Requalificação da Baixa Portuense
 PT, Porto | 1999.2004
 Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes .
 Reabilitação Urbana
 Construído
 Sociedade Porto 2001, S.A. Casa da Música



Faculdade de Economia - Edifício de Mestrados
 PT, Porto | 2000.2006
 Ensino
 Construído
 Universidade do Porto





Parque Verde do Mondego - margem direita
2000-2004 | PT, Coimbra
Desenho Urbano
Construído
Coimbra Polis S.A. Câmara Municipal de Coimbra



Plano de Pormenor das Margens do Mondego
2002.2006 | PT, Coimbra
Urbanismo
Concluído
Coimbrapolis S.A. Câmara Municipal de Coimbra



Reabilitação Urbana da Praça da Sé Catedral
2001.2006 | PT, Guarda
Desenho Urbano . Reabilitação Urbana
Construído
Polis Guarda S.A. Câmara Municipal da Guarda



Plano de Pormenor da Frente Urbana e Rural Nascente
2002.2013 | PT, Costa da Caparica, Almada
Infraestrutura e Transportes . Urbanismo
Em curso (concurso por convites)
Costa Polis S.A.



Grande Armazém El Corte Inglés – Gaia, Porto
2003.2006 | PT, Vila Nova de Gaia
Uso Misto
Construído
El Corte Inglés Grandes Armazéns S.A.



Praça Eixo Atlântico e Nó Rodoviário
2003.2006 | PT, Vila Nova de Gaia
Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes
Construído
El Corte Inglés Grandes Armazéns, S.A.

Pavilhão Gimnodesportivo de Leça da Palmeira
PT, Matosinhos | 2003.2006
Cultura Desporto e Lazer
Construído
Câmara Municipal de Matosinhos



Parque Verde do Mondego - margem esquerda
PT, Coimbra | 2004.2006
Desenho Urbano
Construído
Coimbra Polis S.A. Câmara Municipal de Coimbra



Condomínio Zen
PT, Coimbra | 2004.2006
Habitação
Construído
Bascol II Promoção Imobiliária, S.A.



Incubadora de Empresas do Instituto Pedro Nunes
PT, Coimbra | 2004.2006
Institucional
Construído
Instituto Pedro Nunes



Edifício na Quinta de Santa Teresa
PT, Coimbra | 2004.2010
Habitação
Construído
Centro Praia



Instituto Nacional de Estatística
Angola, Luanda | 2005
Institucional
Concurso
Instituto Nacional de Estatística





Creche e Jardim de Infância Bola Amarela
2005.2006 | PT, Coimbra
Ensino
Construído
Fundo de Investimento Imobiliário Eurofundo



Urbanização e Edifícios da Quinta das Nogueiras
1999.2008 | PT, Coimbra
Desenho Urbano . Habitação
Construído
Marques de Almeida e outros



Mondego Residence
2005.2010 | PT, Coimbra
Habitação
Construído
Fundo de Investimento Imobiliário Eurofundo



Armazém de Distribuição El Corte Inglés
2005.2006 | PT, Vila Nova de Gaia
Uso Misto
Construído
El Corte Inglés Grandes Armazéns S.A.



Sede do ITeCons
2005.2006 | PT, Coimbra
Institucional
Construído
Universidade de Coimbra



Escola Secundária José Régio
2007.2009 | PT, Vila do Conde
Ensino
Construído
Parque Escolar, E.P.E.

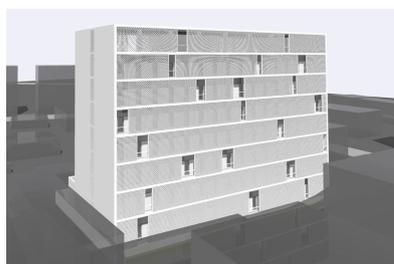
Urbanização e Edifícios da Quinta da Fonte da Cheira
 PT, Coimbra | 2007.2010
 Desenho Urbano . Habitação . Uso Misto
 Construído
 Obrecol Obras e Construções S.A.



Escola Secundária de Penafiel
 PT, Penafiel | 2007.2009
 Ensino
 Construído
 Parque Escolar, E.P.E.



Escritórios em Ingombotas
 AO, Luanda | 2007.2008
 Uso Misto
 Projecto
 Edifer, S.A.



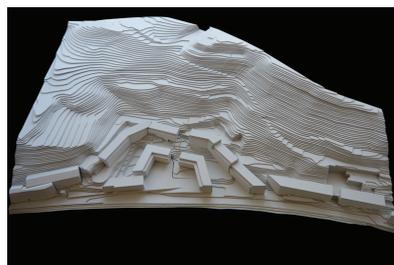
Edifício Estrela do Vento
 PT, Aveiro | 2007.2009
 Habitação . Uso Misto
 Construído
 Estrela do Vento Sociedade Imobiliária S.A.



Escola Secundária Camilo Castelo Branco
 PT, Famalicão | 2007.2009
 Ensino
 Construído
 Parque Escolar, E.P.E.



Urbanização e Edifícios da Quinta da Fraga
 PT, Vila Nova de Gaia | 2007.2012
 Desenho Urbano . Habitação . Infraestrutura e
 Transportes
 Em construção
 Silcoge, S.A.





Escola Secundária Alberto Sampaio
2008.2009 | PT, Braga
Ensino
Construído
Parque Escolar, E.P.E.



Espaços Exteriores da Estação da Encarnação
2008.2010 | PT, Lisboa
Infraestrutura e Transportes
Concluído
Aerometro, Metropolitano de Lisboa



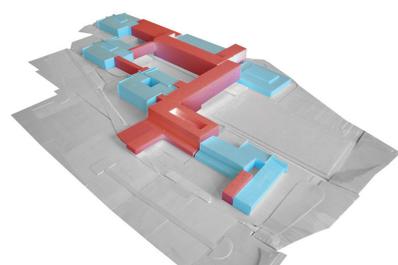
Escola Secundária Alcides de Faria
2009.2011 | PT, Barcelos
Ensino
Construído
Parque Escolar, E.P.E.



Centro Escolar Número Dois
2009.2011 | PT, Castro Verde
Ensino
Construído
Câmara Municipal de Castro Verde



Escola Secundária de D. Dinis
2009.2012 | PT, Santo Tirso
Ensino
Em construção
Parque Escolar, E.P.E.



Escola Secundária de Ermesinde
2009.2012 | PT, Ermesinde
Ensino
Projecto
Parque Escolar, E.P.E.

Funicular do Tua
 PT, Foz do Tua | 2010.2011
 Infraestrutura e Transportes
 Projecto
 Projecto EDP Gestão da Produção de Energia S.A.



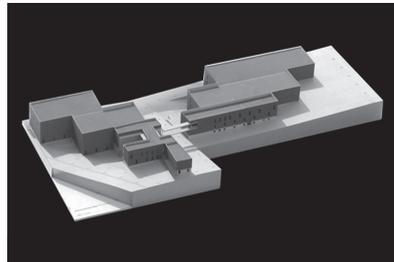
Requalificação da Envolvente do Castelo de Guimarães
 PT, Guimarães | 2010.2012
 Desenho Urbano . Reabilitação Urbana
 Em construção
 Câmara Municipal de Guimarães e Instituto dos
 Museus e da Conservação



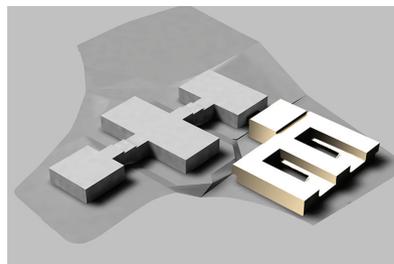
Escola Secundária da Trofa
 PT, Trofa | 2010.2012
 Ensino
 Em construção
 Parque Escolar, E.P.E.



IteCons Ampliação
 PT, Coimbra | 2011.2013
 Institucional
 Em construção
 Universidade de Coimbra

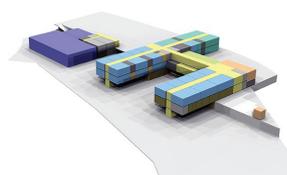


Centro Educativo Montelongo- Ampliação
 PT, Fafe | 2011
 Ensino
 Concurso
 Município de Fafe

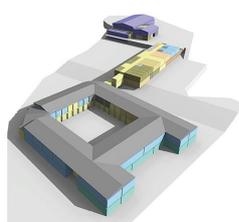


Plano Geral Urbanístico do Parque Olímpico Rio 2016
 BR, Rio de Janeiro | 2011
 Cultura Desporto e Lazer . Desenho Urbano .
 Urbanismo
 Concurso Internacional - 1ª menção honrosa
 Rio Prefeitura





Escola Secundária EB2/3 das Taipas
2011 | PT, Guimarães
Ensino
Concurso - 2º prémio
Câmara Municipal de Guimarães



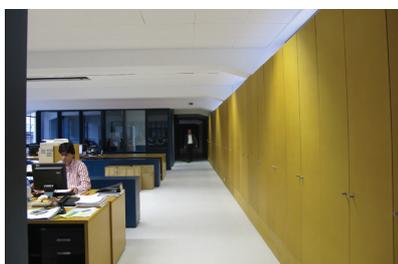
Escola Secundária EB2/3 de S. Torcato
2011 | PT, Guimarães
Ensino
Concurso
Câmara Municipal de Guimarães



Malley Centre - Urbanismo e Espaços Públicos
2011 | CH, Lausanne
Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes .
Urbanismo
Concurso Internacional - 3º prémio
Bureau du Schéma Directeur de l'Ouest Lausannois



Réservoir du Calvaire
2012 | CH, Lausanne
Habitação
Concurso Internacional
Ville de Lausanne



Escritórios da Coelima - Recuperação
2012.2013 | PT, Pevidém - Guimarães
Institucional
Construído
Coelima



Station CEVA Champel Hôpital
2012 | CH, Genève
Desenho Urbano
Concurso Internacional - 4º prémio
Ville de Genève

Cinnemon Life Integrated Resort
LKA, Colombo | 2012
Habitação . Uso Misto
Em curso
John Keells Group



Clínica Dentária Delille
PT, Coimbra | 2013.2014
Institucional
Construído
Clínica Delille



Praille Acacias Vernets
CH, Genève | 2013
Habitação . Uso Misto
Concurso
Republique et Canton de Genève



Bois-de-la-Bâtie
CH, Genève | 2013
Desenho Urbano
Concurso - 1º prémio
Ville de Genève



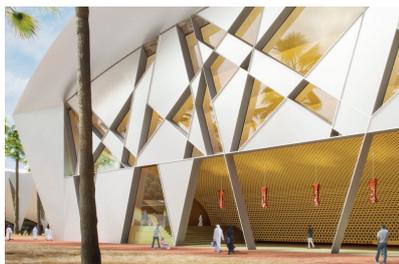
Escola Secundária Nº3 de La Gruyère
CH, Riaz | 2013
Ensino
Concurso

Association des communes pour le CO de la Gruyère



Ciudad Policía
MX, Ciudad de México | 2013
Institucional
Concurso
Secretaría de Seguridad Pública Ciudad de México





Complexo Desportivo de Thigar - Pavilhão Desportivo
2013.2014 | IQ, Nasiriya
Cultura Desporto e Lazer
Em curso
Ministério da Juventude e Desportos Iraque/ French
Company SARL UR



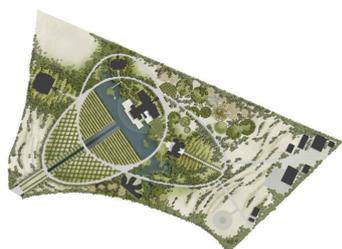
Estádio AlShaab
2013.2014 | IQ, Bagdad
Cultura Desporto e Lazer . Desenho Urbano
Projecto concluído
Ministério da Juventude e Desportos Iraque



Complexo Desportivo de Thiqar - Piscina Olimpica
2013.2015 | IQ, Nasiriya
Cultura Desporto e Lazer
Concluído
Ministério da Juventude e Desportos Iraque/French
Company SARL UR



Frente de Mar da Cidade da Horta
2013 | PT, Açores
Desenho Urbano . Reabilitação Urbana
Concurso - 4º prémio
Município da Horta

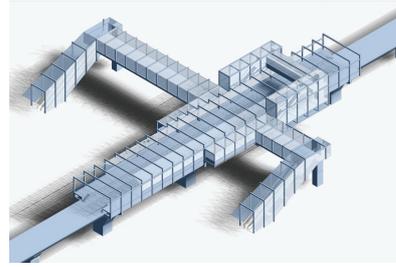


Luxury Villa
2014 | ARE, Dubai
Habitação
Concurso
Cliente Particular



Plano de Estrutura para a Frente Marítima do Porto
2014 | PT, Porto
Reabilitação Urbana . Urbanismo
Concurso - 2º prémio
Águas do Porto

Estações de Metro Guadalajara
 MX, Guadalajara | 2014
 Infraestrutura e Transportes
 Concurso
 Mota Engil México



Escola Modular
 SA, Saudi Arabia | 2015
 Ensino
 Concurso
 Tatweer Buildings Company



Requalificação do Espaço Público do Bairro Leão XIII
 PT, Porto | 2015
 Desenho Urbano, Reabilitação Urbana
 Em curso
 Câmara Municipal do Porto



Praça Marechal Humberto Delgado – Sete Rios
 PT, Lisboa | 2015
 Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes
 Em curso
 Câmara Municipal de Lisboa



Ponte Pedonal em Torres do Mondego
 PT, Coimbra | 2016
 Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes
 Em curso
 Junta de Freguesia de Torres do Mondego / Câmara
 Municipal de Coimbra



Rede de percursos pedonais e cicláveis em Vale de
 Cambra
 PT, Vale de Cambra | 2016
 Desenho Urbano . Mobilidade e Transportes
 Em curso
 Câmara Municipal de Vale de Cambra





Praça da Escola D. Dinis
2016 | PT, Santo Tirso
Desenho Urbano
Em curso
Câmara Municipal de Santo Tirso



Terminal Intermodal de Campanhã
2017 | PT, Porto
Desenho Urbano . Infraestrutura e Transportes
Concurso - 3º Prémio
Câmara Municipal do Porto

PUBLICAÇÕES DE PROJECTOS

Atelier MVCC Arquitectos

SUIÇA



2012

Projecto: Malley Centre, Lausanne, 2011.
 Concurso de Urbanismo e Espaço Público – 3º prémio.

In: Schéma directeur de l'Ouest Lausannois (2012). *Malley Centre Ouest Lausannois: Les Coulisttes de Malley*. Concours d'Urbanisme et d'Espaces Publics à un Degré. Rapport du jury. Renens: Bureau du Schéma directeur de l'Ouest Lausannois. (p. 26-29)



2013

Projecto: Station CEVA Champel-Hôpital, 2012.
 Concurso de Espaço Público – 4º prémio.

In: Rapport du Jury (2013). *Station CEVA Champel-Hôpital: Aménagement d'espaces publics*. Concours de projet d'aménagement urbain à un degré en procédure ouverte. Ville de Genève: Département des constructions et de l'aménagement. (p. 32-35)



Projecto: Bois-de-la-Bâtie, 2013.
 Concurso de arquitectura paisagista – 1ºprémio.

In: Rapport du Jury (2013). *Bois-de-la-Bâtie: Réalisation d'un espace de loisirs*. Concours pluridisciplinaire de projets d'architecture paysagère à un degré en procédure ouverte. Ville de Genève: Département des constructions et de l'aménagement. (p. 20-23)



Projecto: Cycle d'Orientation de la Gruyère, 2013.
 Concurso de arquitectura.

In: Association des Communes pour le CO de la Gruyère (2013). *Concours d'architecture à un degré en procédure ouverte. Construction des bâtiments du CO de la Gruyère à Riaz*. Rapport du Jury. Riaz. (p. 36)

PARQUE ESCOLAR

2011

Projectos:

Escola Secundária de Penafiel – Penafiel, 2007-2009.

Escola Secundária José Régio – Vila do Conde, 2007-2009.

Escola Secundária Camilo Castelo Branco – Vila N. de Famalicão,
2007-2009.

Escola Secundária Alberto Sampaio – Braga, 2008-2009.

In: Parque Escolar (2011). *Escolas Inauguradas: 5 de Outubro de 2010*.
Centenário da República 1910-2010. Lisboa: Parque Escolar, EPE.

Projectos:

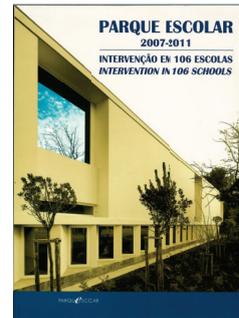
Escola Secundária de Penafiel – Penafiel, 2007-2009.

Escola Secundária José Régio – Vila do Conde, 2007-2009.

Escola Secundária Camilo Castelo Branco – Vila N. de Famalicão,
2007-2009.

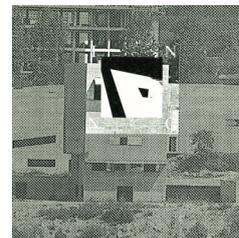
Escola Secundária Alberto Sampaio – Braga, 2008-2009.

Escola Secundária Alcaides Faria – Barcelos, 2009-2011.

In: Heitor, T. (2011). *Parque Escolar 2007-2011: Intervenção em 106 escolas*. Lisboa: Parque Escolar, EPE. (p. 150, 151, 158-161, 166, 167, 180, 181)**CASTRO VERDE**

1992

Projecto: Conjunto habitacional Somincor, 1987-1991.

In: Eusébio, J. (1992). *Páginas Brancas II*. Porto: FAUP. (p. 32-37)

1994

Projecto: Conjunto habitacional Somincor, 1987-1991.

In: Secil & Associação dos Arquitectos Portugueses (co-autor) (1994).
Arquitectura em Portugal: Prémio Secil 1992. Lisboa: Secil –
Companhia Geral de Cal e Cimento S.A. (p. 48-51)



Projecto: Parque Urbano de Castro Verde, 1991-1994.

In: Blanco y Asociados, G. (1994). *BAU: Arquitecturas de Oporto*, nº 10, (Maio). Castilla y Leon: Colegio Oficial de Arquitectos de Castilla y Leon Este. (p. 43-45)



1996

Projectos:

Parque Urbano de Castro Verde – Conjunto de Piscinas, 1991-1994.
Centro de Saúde de Castro Verde, 1992-1994.

In: Ferreira, J. (1996). *Anteprojectos*. Revista mensal de anteprojectos, nº 27, (Setembro). Lisboa: Areadados. (p. 9, 12)



1997

Projecto: Conjunto habitacional Somincor, 1987-1991.

In: Barriga, P. (1997). *A Revolução Transparente*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde. (p. 35, 36)

GUARDA

2007



Projecto: Reabilitação urbana da Praça Luís de Camões e área envolvente, 2001-2006.

In: Gabinete Coordenador do Programa Polis (2007). *Viver as cidades: Programa Polis*. Os projectos e as obras de requalificação urbana. Lisboa: Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. (p. 70-73)



Projectos:

Reabilitação urbana da Praça Luís de Camões e área envolvente, 2001-2006.

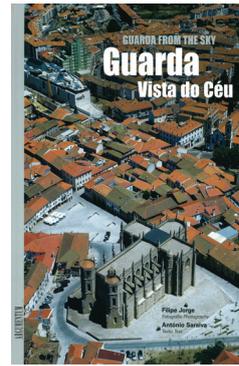
Reabilitação do Largo do Torreão e área envolvente, 2002-2006.

In: Saraiva, A. (2007). *Intervenção do Programa Polis na Guarda*. Guarda: PolisGuarda. (p. 22-29, 34-37)

2009

Projecto: Reabilitação do Centro Histórico da Guarda, 2001-2006.

In: Saraiva, A. (2009). *Guarda Vista do Céu*. Lisboa: Argumentum, Edições Lda. (p. 28-31)



COIMBRA

1991

Projecto: Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

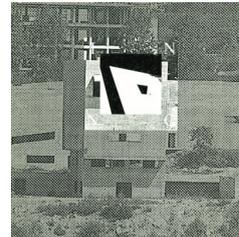
In: Portas, N. (1991). "Architetture e città: una interpretazione portoghese". *Casabella*, Rivista internazionale di architettura, nº 579. Milão: Electa. (p. 58-59)



1992

Projecto: Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Eusébio, J. (1992). *Páginas Brancas II*. Porto: FAUP. (p. 110-115)



1993

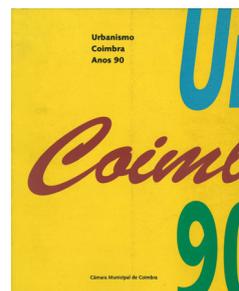
Projecto: Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

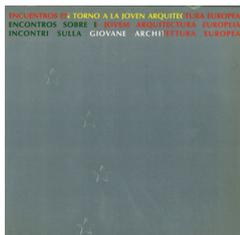
In: Carvalho, R. (dir.) (1993). *Architècti: concursos*, revista de arquitectura e arquitectura paisagista, nº 22, (Fevereiro/Março/Abril). Lisboa: Editora Trifório, Lda. (p. 20-23)



Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Carvalho, J. (coord.) & Duarte, C. (1993). *Urbanismo Coimbra, Anos 90*. Coimbra: Câmara Municipal. (p. 34, 35)





1995

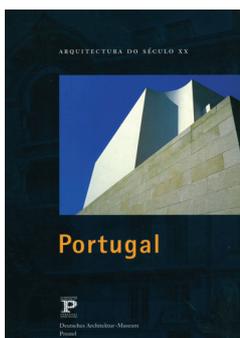
Projecto: Edifício IPN – Instituto Pedro Nunes, 1991-1992.

In: Alonso, M. (coord.) (1995). *Encontros em torno a la Joven Arquitectura Europea*. Sevilla: Cromotex. (p. 112, 113)

1997

Catálogo da exposição

Projecto: Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Associação dos Arquitectos Portugueses (1997). *Quarta Exposição Nacional de Arquitectura*. Lisboa: AAP. (p. 37)

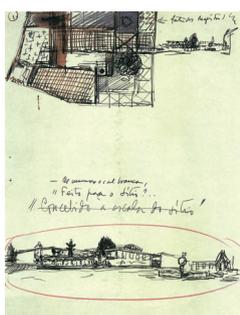
1998

Projecto: Plano e Infra-Estruturas Urbanas do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Becker, A., Tostões, A. & Wang, W. (1998). *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Lisboa: Centro Cultural de Belém. (p. 302)

2000

Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Fonseca, J.C. (2000). *Arquitetura e Vida*, n.º1, (Fevereiro) Lisboa: Loja da Imagem. (p. 10)

2002

Projecto: Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

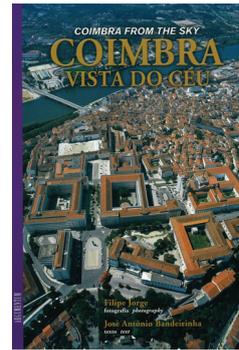
In: Instituto de Arte Contemporânea (2002). *Ciclo de Desenho em Portugal no séc. XX*. Lisboa: Departamento de Artes Visuais do Ministério da Cultura. (p. 184, 185)

2003

Projectos:

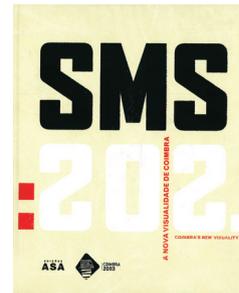
Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.
Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Bandeirinha, J. A. (2003). *Coimbra vista do céu*. Lisboa:
Argumentum, Edições Lda. (p. 43-47, 80-83)



Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

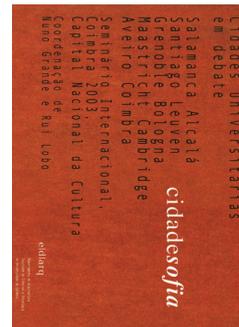
In: Figueira, J. (2003). *SMS:SOS: a nova visualidade de Coimbra*.
Coimbra: Asa Editores S.A. (p. 52, 53)



Projectos:

Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra. 1990-2012.
Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Grande, N. & Lobo, R. (coord.) (2003). *Cidade Sofia*. Coimbra:
Edarq. (p. 222-227, 234-241)



Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Figueira, J. (2003). "O emergente pólo de Santa Clara",
Monumentos, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, nº 18,
(Março). Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais. (p. 102)



Catálogo da Exposição

Projecto: Concurso Público, 2 fases, Plano de Pormenor do Pólo II da
Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Ordem dos Arquitectos, Secção Regional do Norte (2003).
Encomenda Pública e Concursos de Arquitectura. Lisboa: OASRN.
(p. 19)





2004

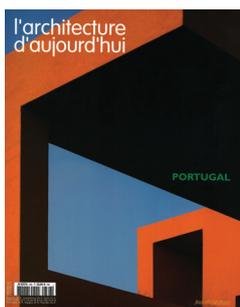
Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Escorial, L. E. (dir.) (2004). *Arq./a*, revista de arquitectura e arte, nº 27, (Setembro/Outubro). Lisboa: Futurmagazine. (p. 38-43)

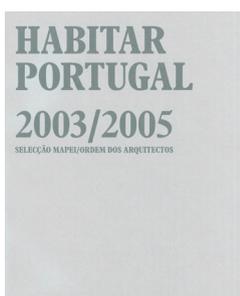
2006

Projectos:

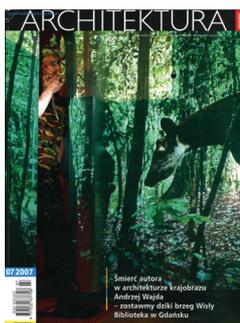
Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Lobo, R. (2006). "Grelhas, linhas e os *campi* contemporâneos", *Monumentos*, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, nº 25, (Setembro). Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. (p. 28, 29)

Projectos: Parque Verde do Mondego, 2002-2006; Ponte pedonal.

In: Baptista, I. (2006) "Parc Verde do Mondego, Coimbra, Première phase", *L'architecture d'aujourd'hui: Portugal*, nº 366, (Setembro/Outubro). Paris: Jean Michel Place. (p. 38-41)

Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Milheiro, A. V. (coord.), Afonso, J. & Nunes, J. (2006). *Habitar Portugal 2003/2005*. Selecção Mapei/Ordem dos Arquitectos. Lisboa: Caleidoscópio. (p. 110-113)

2007

Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Porebska, E. P. (ed.) (2007). "The Wild Bank- conversation with Andrzej Wajda", *Architektura Murator*, nº 154, (Julho). Varsóvia: Wydawnictwo Murator S.A. (p. 50-55)

Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Mengual, A. (ed.) (2007). *Via Architectura: litoral coast*, nº 17.
Valência: Colegio Oficial de Arquitectos de la Comunidad Valenciana.
Pág. 68-73.



Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Gabinete Coordenador do Programa Polis (2007). *Viver as cidades: Programa Polis*. Os projectos e as obras de valorização ambiental.
Lisboa: Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. (p. 44-47)



2008

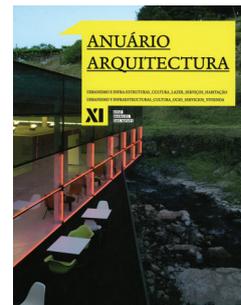
Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Tostões, A. (2008). "A renovação das cidades: de Coimbra à Guarda, passando por Ílhavo e Vila Real", *Arquitectura Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios. (p. 148-149)



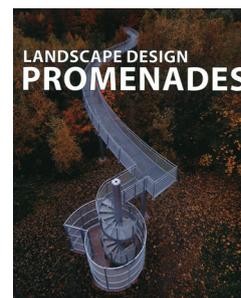
Projecto: Parque Verde do Mondego – Clubes Náuticos, 2002-2006.

In: Neves, J. M. (2008). *Anuário Arquitectura: Urbanismo e Infraestruturas_Cultura_Lazer_Serviços_Habituação*, n.º XI, (Junho).
Casal de Cambra: Caleidoscópio. (p. 58-61)



Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Krauel, J. (2008). *Landscape Design Promenades*.
Barcelona: Links Books. (p. 170-179)





2009

Projecto: Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Fernandes, F. & Cannatà, M. (2009) *Territórios Reabilitado: Revamped Landscape*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. (p. 10, 202-211)



2010

Projectos:

Parque Verde do Mondego, 2002-2006;

Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990-2012.

In: Pelucca, B. (2010) "Dal Ponte Santa Clara al Ponte da Portela", *Progetto e Territorio: La Via Portoghese*. Firenze: Alinea Editrice. (p. 75-81)



Projectos:

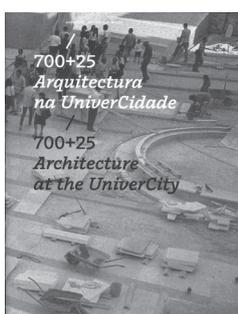
Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

Clubes Náuticos - Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

In: Campos, N. & Matos, P. (2010). *Guia de Arquitectura: Norte e Centro de Portugal*. Porto: Traço Alternativo - Arquitectos Associados Lda. (p. 70, 71)

2015

Catálogo da Exposição



Projectos:

IPN-Instituto Pedro Nunes, 1991-1992.

Incubadora de empresas do Instituto Pedro Nunes, 2004-2009.

Parque Verde do Mondego, 2002-2006.

IteCons, ampliação, 2011-2013.

In: Antunes, C. (dir.) (2015). *700+25 Arquitectura na UniverCidade*. Coimbra: Edições Almedina S.A. (p. 73-83; 113-123; 125-133; 335-343)



2016

Catálogo da Exposição

Projecto: Concurso do Plano do Pólo II da Universidade de Coimbra, 1990.

In: Baptista, L. S. (coord.) (2016). *Arquitetura em concurso*. Porto: Dafne Editora. (p. 222, 223)

PORTO

1999

Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Faria, F. M. & Moutinho, V. (1999) "Curar as chagas da Cordoaria", *Diário de Notícias*, (13 de Julho). Porto. (p. 38, 39)



Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Figueiredo, M. A. (1999). "Porto Novo", *Grande Reportagem*, nº 102, (Setembro). Lisboa: Grande Reportagem, Sociedade Editora, Lda., (p. 90-97)



2000

Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Fonseca, J. C. (2000). *Arquitectura e Vida*, n.º 1, (Fevereiro). Lisboa: Loja da Imagem. (p. 26, 27)



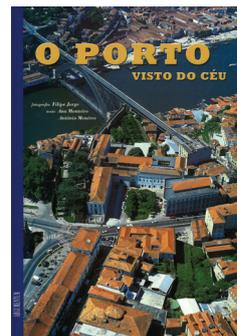
Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

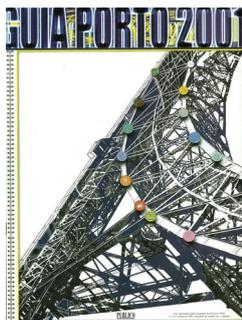
In: Mendes, M. (2000). *Porto 2001: regresso à Baixa*. Consulta para a elaboração do Programa de Requalificação da Baixa Portuense. Porto: FAUP. (p. 46, 48-57, 294-297)



Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Monteiro, A. & Menéres, A. (2000). *O Porto visto do céu*. Lisboa: Argumentum, Edições Lda. (p. 42-49)

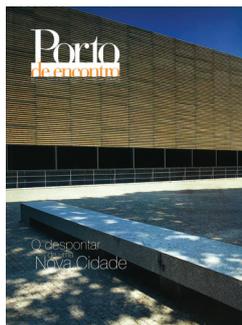




2001

Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Siza, R. (2001). *Guia Porto 2001*. Suplemento integrante do Jornal Público n.º 3952, (13 de Janeiro). Porto. (p. 45)



Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Cardoso, N. (2001). "Requalificação urbana e urbanismo", *Porto de Encontro: o despontar de uma Nova Cidade*, nº 35, (Dezembro). Porto: Câmara Municipal do Porto. (p. 24)



Catálogo da Exposição

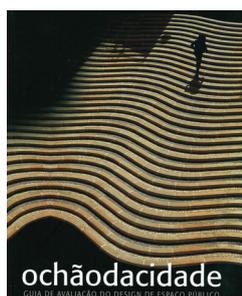
Projecto: Requalificação da Baixa Portuense - Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Angelillo, A. & Cavallotti, C. (2001). "Jardim da Cordoaria", *Proap: 1985-2000*. Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista, Lda. Lisboa: PROAP. (p. 3-6)



Projecto: Requalificação da Baixa Portuense _Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004; (Área de Intervenção Oeste B)

In: Miranda, J. G. (2001). *Registos de uma Transformação: records of a transformation*. Porto. (p. 72-75, 94, 95, 142, 143)



2002

Projecto: Requalificação da Baixa Portuense _ Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: Brandão, P. (coord.) (2002). *O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público*. Lisboa: Centro Português de Design. (p. 110-113)

Projecto: Requalificação da Baixa Portuense _ Área de Intervenção Oeste A, 1999-2004.

In: La Biennale di Venezia (2002). *Next: 8. Mostra Internazionale di Architettura*. Venezia: Marsilio Editori. (p. 114)



2003

Projecto: Ampliação da Faculdade de Economia, BIC, 2000-2006.

In: Universidade do Porto (2003). *UPorto: sinais dos grandes sáurios no Porto*, Revista dos antigos alunos da Universidade do Porto, nº8, (Julho). Porto: Universidade do Porto. (p. 6)

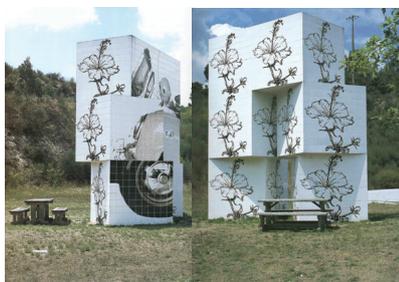


LISTAGEM DOS PROJECTOS MAIS RELEVANTES

Atelier do Corvo



Centro de Arte Contemporânea
1994.1998 | PT, Coimbra, Casa Municipal da Cultura
Reabilitação
Construído
Círculo de Artes Plásticas de Coimbra



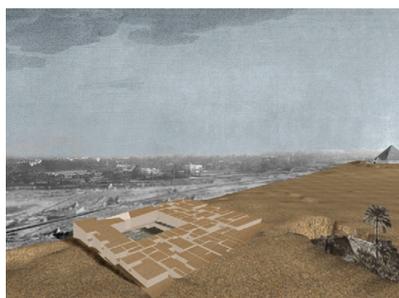
Arte na auto-estrada
1998 | PT, Auto-estrada A4 - Penafiel
Escultura
Concurso público nacional - construído
Brisa



Museu da Ciência - 1º fase
Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra
2001.2006 | PT, Coimbra
Equipamento Cultural . Reabilitação
Concurso - 1º prémio
Construído
Universidade de Coimbra



Escolas primárias subsarianas
2002 | ZA, África Subsariana
Equipamento de Ensino
Concurso
IDB Islamic Development Bank



Museu do Cairo
2002 | EGY, Planalto de Gizé, Cairo
Equipamento Cultural . Desenho Urbano
Concurso "The Grand Egyptian Museum"
República Árabe do Egipto, Ministério da Cultura

World Trade Center Site Memorial
EUA, Nova Iorque, Ground Zero | 2003

Institucional

Concurso

LMDC Lower Manhattan Development Corporation



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
do Pólo II

PT, Coimbra | 2004

Ensino

Concurso - 2º classificado

Universidade de Coimbra



Casa do Gondramaz
PT, Miranda do Corvo, Gondramaz | 2004.2010

Habitação

Construído

Rui Anahory



A Casa Portuguesa - Habitação unifamiliar
PT, Moita, Sarilhos Pequenos | 2005

Habitação

Projeto Executado

Experimenta Design



Museu Nacional da Estónia
EST, República da Estónia, Tartu | 2005

Institucional

Concurso

República da Estónia, Ministério da Cultura



Remodelação da Casa Gomes Canotilho
PT, Coimbra | 2005.2008

Habitação

Construído

Ana Maria Rodrigues e Dr. José Joaquim Gomes
Canotilho





Aparthotel em Luanda
2007.2008 | AO, Luanda
Equipamento Hoteleiro
Construído
Privado



Oficina de Construção FAUP
2008 | PT, Porto
Ensino
Concurso
Associação de Estudantes da Faculdade de
Arquitectura do Porto



Tecnópolo
2008 | PT, Coimbra
Institucional
Concurso
Instituto Pedro Nunes



Remodelação e Ampliação da Escola de Pombal
2008.2010 | PT, Pombal
Ensino
Concluído
Parque Escolar

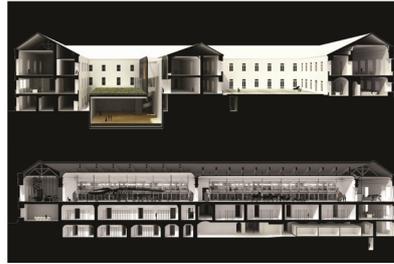


Mercado Municipal de Miranda do Corvo
2008.2013 | PT, Miranda do Corvo
Institucional . Reabilitação Urbana
Construído
Câmara Municipal de Miranda do Corvo

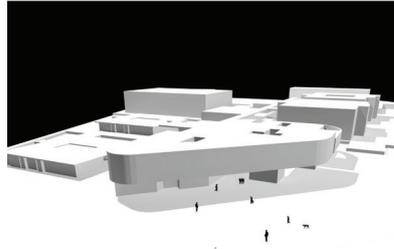


Lar Residencial e Centro de Actividades Ocupacionais
AFSD
2009.2013 | PT, Coimbra, Assafarge
Equipamento de Solidariedade Social
Construído
Associação de Famílias Solidárias com a Deficiência

Museu da Ciência - 2ª fase
 Colégio de Jesus
 PT, Coimbra | 2009
 Institucional
 Projecto
 Universidade de Coimbra



Escola da Batalha
 PT, Batalha | 2009.2013
 Ensino
 Projecto de execução
 Parque Escolar



INNATUR - Centro de Interpretação da Natureza
 PT, Serra da Lousã | 2011
 Institucional
 Concurso
 INNATUR



Istanbul Disaster Prevention and Education Centre
 TR, Instambul | 2011
 Institucional
 Concurso
 Thyssenkrupp



Torre Sineira e Cisterna
 PT, Miranda do Corvo | 2011.2013
 Infraestrutura
 Construída
 Câmara Municipal de Miranda do Corvo



Science City
 EGY, Cairo | 2016
 Institucional
 Concurso
 The Bibliotheca Alexandrina



EXPOSIÇÕES MAIS RELEVANTES

Atelier do Corvo



Semente em Boa Terra

2000.2001 | PT, Igreja de Santiago de Coimbra

Diocese de Coimbra



Inserções | SMS:SOS

2003 | PT, Coimbra, Pavilhão Centro de Portugal

Centro de estudos Darq - FCTUC

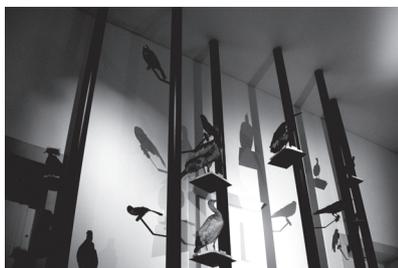
Coimbra, Capital Nacional da Cultura



Rui Cunha 1986 | 2006

2007 | PT, CAE - Figueira da Foz

Direcção Geral da Cultura do Centro



A diversidade da vida - 300 anos de Lineu

2007 | PT, Coimbra, Museu da Ciência

Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



Darwin 150-200

2008.2009 | PT, Coimbra, Museu da Ciência

Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



No Place Like - 4 houses | 4 films

2010 | ITA, Veneza, Cá Foscari

Direcção Geral das Artes - Trienal de Arquitectura de Lisboa

PUBLICAÇÕES DE PROJECTOS

Atelier do Corvo

2003

Projectos:

Centro de Arte Contemporânea, 1994-1998.

Exposição 'A Semente em Boa Terra', 2000-2001.

Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006.

Escolas Primárias Subsarianas, 2002.

Museu do Cairo, 2002.



In: Figueira, J. (2003). *SMS:SOS: a nova visualidade de Coimbra*. Coimbra: Asa Editores S.A. (p. 154-193)

2004

Projecto: Concurso "World Trade Center Site Memorial", 2003.

In: Dias, M. G. (dir.) (2004) *JA - Jornal Arquitectos: Geração X*, n.º 214, (Janeiro, Fevereiro, Março). Lisboa: Centro editor livreiro da Ordem dos Arquitectos. (p. 17-19, 24-27)



2005

Projecto: Ideias para o Arranjo e Ordenamento da Zina Ribeirinha de Alcoutim. Concurso Público - 2º classificado.

In: (2005) *Arquitettura e Vida: A Forma Construída*, n.º 60. Lisboa: Bertrand. (p. 92-97)



Projecto: Moradia em Miranda do Corvo, 2003-2004.

In: Milano, M. (coord.) (2005). *Do habitar*. Matosinhos: ESAD-Escola Superior de Artes e Design. (p. 114-117, 132-135)

2006

Projecto: A Casa Portuguesa, 2005.

In: Escorial, L. E. (dir.) (2006). *Arq./a*, revista de arquitectura e arte, n.º 36, (Março/Abril). Lisboa: Futurmagazine. (p. 19)



Projecto: A Casa Portuguesa, 2005.

In: Rodger, N. (dir.) (2006). *Azure Magazine*, Design, Architecture & Art, (Janeiro/Febrero). Toronto. (p. 109)



Projecto: A Casa Portuguesa, 2005.

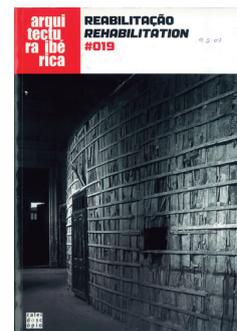
In: Ibelings, H. (ed.) (2006). *A10*, new European Architecture, n.º 8, (Março/Abril). Amesterdão: A10 Media BV. (p. 14, 15)



2007

Projecto: Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006

In: Neves, J. M. (dir.) (2007). *Arquitectura Ibérica: Reabilitação*, n.º 19, (Março). Casal de Cambra: Caleidoscópio. (p. 101-129)



Projecto: Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006

In: Adrião, J. (dir.) (2007). *JA - Jornal Arquitectos*, n.º 229, (Outubro-Dezembro). Lisboa: Centro editor livreiro da Ordem dos Arquitectos. (p. 70-73)





2008

Projecto: Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006

In: Batista, R. (dir. ed.) (2008) *Yearbook 07'08: Arquitectura em Portugal*. Anuário de Arquitectura. Lisboa: Workmedia (p. 126-131)

Projecto: Oficina de Construção FAUP, 2008.

In: (2008). *UND7: E/I/MIGRAÇÕES*. Porto: FAUP. (p. 50-53)

2009

Projecto: Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006.

In: Nannerini, G. (dir.) (2009). *L'Industria delle Costruzioni*, revista bimestrale di architettura, n.º 405. Itália: Pasquale Strazza. (p. 36)

Projecto: Escola de Pombal, 2008-2010.

In: Romano, J. (dir.) (2009). *A21: Escola*. Lisboa: Bepprofit - Serviços de Marketing, Logística, Distribuição e Publicações, Lda.Arquitectura:
Portugal fora de Portugal

Catálogo da Exposição

Architektur:
Portugal Ausserhalb Portugals

Projecto: Aparthotel em Luanda, 2007-2008.

In: Ordem dos Arquitectos & Aedes am Pfefferberg (org.) (2009). *Arquitectura: Portugal fora de Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos (p. 95-99)

Catálogo da Exposição

Projecto: Exposição “A diversidade da vida - 300 anos de Lineu, 2007.

In: Gadanho, P. (coord.) (2009). *Habitar Portugal 2006/2008*. Selecção Mapei/Ordem dos Arquitectos. Lisboa: Caleidoscópio.



Projecto: “Máquina de Imaginar” - integrada na Exposição Ressureição, 2009.

In: Moniz, G. C. & Figueira, J. (2009). *ecdj: Ressureição Santa Clara-a-Velha*, n.º12, (Outubro). Coimbra: Coimbra Editora. (p. 70-73)



2012

Projectos:

Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006.

Casa do Gondramaz, 2004-2010.

Colégio de Jesus - Museu da Ciência 2ª fase, 2009.

Escola de Pombal, 2008-2010.

In: Bártolo, J. (coord.) & Afonso, S. (2012). *PLI Arte & Design: Entusiasmo*, Publicação periódica de reflexão crítica sobre práticas e discursos do design contemporâneo, n.º 2/3. Matosinhos: ESAD - Escola Superior de Artes e Design. (p. 149-164)



Projectos:

Casa do Gondramaz, 2004-2010.

Escola de Pombal, 2008-2010.

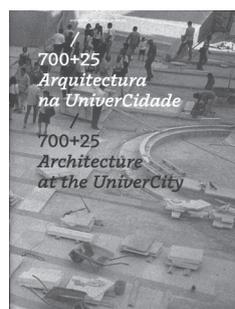
In: Dias, A. S. (2012). *Habitar Portugal 2009/2011*. Selecção Ordem dos Arquitectos. Lisboa: Caleidoscópio.



2015

Projecto: Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra, 2001-2006.

In: Antunes, C. (dir.) (2015). *700+25 Arquitectura na UniverCidade*. Coimbra: Edições Almedina S.A.



ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - Arquitecto Jorge Figueira

- O tema da minha investigação é sobre as Mulheres na Arquitectura, e um dos objectivos é perceber como é que o tema entrou em Portugal. Visto que, o arquitecto Jorge Figueira teve um papel importante na divulgação do tema, através da publicação da revista Joelho, em 2010, é possível que me possa ajudar com algumas informações. Assim sendo, o que pensa realmente sobre o tema? Como é que começou esta discussão à volta dele, tendo em conta que se começou a falar, em Portugal, há muito pouco tempo?

Jorge Figueira – É evidente que a presença das mulheres na arquitectura, em Portugal, nos anos 80/90, não é um tema, não existe como tema. Isso corresponde também a um momento em que a própria ideia do feminismo, também não existe como tema. E aí, acho que não só em Portugal, como lá fora. O tema do feminismo, enquanto moda e teoria, de discussão política e social, está bastante esmorecido nos anos 80/90. O que existe é aquilo que se chama, na altura, o pós-feminismo. O pós-feminismo dos anos 80/90 diz que uma das formas de ser feminista ou pós-feminista é, claramente, a mulher assumir-se como objecto sexual, mas em controlo dessa sexualidade, sendo que é a própria mulher que determina de que forma é que se expõe sexualmente. Isto para dizer que a questão do feminismo está muito nesses anos, em Portugal é uma discussão ausente. Na América e num contexto mais internacional está muito baralhada com estas formas de pós-feminismo. A partir dos anos 90 começa a haver investigação nas universidades americanas, um pouco a partir da Beatriz Colomina, mas não só, que começa a mapear isso. A verdade é que o pós-modernismo também liberta ou relança uma série de discussões que passam pelas outras sexualidades alternativas, modos de estar alternativos. Uma espécie de regresso, de facto, do feminismo de uma maneira diferente. Portanto, esse sistema começa a ser abordado nos anos 90, no contexto americano, onde a questão do feminismo e das mulheres na arquitectura vai aparecer.

Mas em Portugal, não se passa nada nesse período. Começa a existir num contexto exterior, e em termos pessoais, começo a dar conta disso. No contexto académico, começo a perceber que, além de muitas outras matérias que são sujeitas a um novo escrutínio, a arquitectura moderna começa a ser relida de uma forma diferente, pelo Marc Wigley e pela Beatriz Colomina. Começa haver, de facto, uma desconstrução, uma releitura na arquitectura moderna do séc. XX, e nesse âmbito, a questão das mulheres começa também a aparecer. Portanto, é a partir do início dos anos 90 que esse tema começa a entrar fortemente. Em Portugal, repito, é inexistente.

É já no início deste século, nos primeiros anos, que se torna aparente que esse tema está de regresso. Porque, de alguma forma, a Beatriz Colomina faz uma espécie de escola. Ou seja, a certa altura, há muita gente a fazer história da arquitectura em várias universidades como faz a Beatriz Colomina, numa perspectiva de desmascaramento do contexto cultural onde se produz a arquitectura moderna. E portanto, não só a qualidade do trabalho começa a ser cada vez mais complexa, como também a quantidade e as leituras começam a surgir noutras geografias, que não só a americana.

Isso, comigo, corresponde a um momento em que eu estava ligado ao primeiro JA – Jornal dos Arquitectos, quando a Helena Roseta era presidente da ordem dos arquitectos. Diria que em 2001, 2002, 2003. No fundo, corresponde ao momento que tive a percepção que cada vez mais esse tema é importante, em termos académicos e de discussão à volta da arquitectura. E depois, mais duas coisas: começo a ver que a História da Arquitectura, e alguma teoria da arquitectura, é feita por mulheres em Portugal, como a Ana Tostões, a Ana Vaz Milheiro; e também, começar a haver uma alteração da sociologia da sala de aula em qualquer lado, mas aqui no departamento em particular. Começo a ter essa experiência, de facto, seja no plano jornalístico, porque a Ana Tostões e a Ana Milheiro escrevem, seja na ordem ou depois na sala de aula. Alguma coisa está a acontecer que é diferente daquilo que era a sociologia, digamos, tradicional, que era os historiadores serem homens, os críticos serem homens, os arquitectos serem homens. E depois, o meu próprio estudo sobre o pós-modernismo e sobre a pós-modernidade, em 2007/2008, leva-me também a perceber que, de facto, a própria ideia de arquitectura moderna, por mais válida e importante que tenha sido, e obviamente foi, tinha esses pécadilhos, tinha esse contorno de uma profissão muito masculina e de uma visão do mundo em que era, claramente, os arquitectos. Na minha experiência enquanto estudante, tive pouquíssimas colegas, que rapidamente desistiram.

Portanto, chegámos a 2008/2009 e eu tenho aí a percepção clara, já misturando estas coisas todas, que esse é um tema que deve ser tratado entre nós. Devo confessar que a reacção que eu tive aqui no departamento de arquitectura, da parte da escola e dos meus colegas, foi bastante negativa ou foi bastante surpreendida. Admito isso, completamente. Acho que não será diferente nas outras universidades portuguesas, pelo contrário, até acho que a nossa será das mais disponíveis.

Tudo veio a bater num momento em que eu decidi fazer essa exposição e fazer essa revista, e dar voz ao tema. No fundo, por uma espécie de acumulação de circunstâncias que se juntaram, e pela minha experiência como professor, essencialmente. Posteriormente, também falo sobre isso num artigo que saiu no Público, nessa altura, que diz que as raparigas começam a ter melhores resultados que

os rapazes. Achei isso uma coisa que me tocou profundamente, porque tinha muito a ver com a minha própria experiência como professor, o que era completamente diferente da minha experiência como aluno há vinte anos antes, em que claramente podiam haver raparigas que tivessem grande talento para a arquitectura, mas era sempre a excepção.

- Sentiu que nessa altura existia algum tipo de discriminação em relação às raparigas, por elas serem mulheres, no âmbito do ensino? Não só por parte dos professores, mas também por parte dos colegas?

Jorge Figueira – A discriminação existe, logo, quando o número é pequeno. Quando estás numa turma, imagina, de 20 e são 5 raparigas ou 3. O facto de ser um número menor, claramente menor, minoritário, dá logo a entender qualquer coisa. Acho que faz um bocadinho parte da natureza humana... estamos a falar do Porto, de uma escola progressista, de uma escola modernista. Também se conhecia, como aliás citei no texto, a frase de Vieira de Lima, “*Se querem sarilhos, metam mulheres.*”, que bate muito certo com a radiografia do machismo que a Beatriz Colomina e muitas outras historiadoras encontram no movimento moderno, na arquitectura moderna, nos arquitectos modernos. Portanto, eu acho que de uma forma, assim não acintosa, assim não muito exacerbada, mas acho que isso existia.

- Mesmo na forma como ensinavam?

Jorge Figueira – Não. Na forma em que as expectativas são diferentes, se tu eras rapaz ou rapariga. Ou seja, há uma estatística empírica que dizia aos professores que estando perante 15 rapazes e 5 raparigas, ou 13 rapazes e 7 raparigas, que era natural que aquela rapariga desistisse, ou se casasse, ou não seguisse, ou fosse mulher de um arquitecto. Logo, há partida havia ali uma sociologia, uma ecologia, um ambiente que te colocava logo numa posição mais frágil.

- No fundo, era também uma questão de educação?

Jorge Figueira – Sim. Era uma questão de que a própria história, que nos tinha trazido até àquele ponto, valorizava completamente o homem na profissão de arquitecto, como era entendido com uma certa naturalidade. É evidente que era subentendido, assumido e não problematizado que o que se ia essencialmente formar eram pessoas, mas era muito natural que nessas pessoas fossem os rapazes, os homens, os mais proeminentes e os mais, hipoteticamente, bem-sucedidos.

- Acha que, ao longo dos tempos até aos dias de hoje, isso se desvaneceu?

Jorge Figueira – Acho que há coisas que não mudaram, mas também há coisas que mudaram. A verdade é que hoje as saídas profissionais não são todas para ser arquitecto de ateliê, para pôr o nome na porta e formar um grande ateliê. Como essa

matriz do arquitecto também se desvaneceu, as pessoas que saem daqui podem fazer investigação, podem ter outras actividades, podem até não fazer nada que tenha a ver com a arquitectura. Idealmente, estamos a formar pessoas para irem trabalhar em ateliês de arquitectura e esse é o objecto principal, mas não é a única opção. Portanto, desse ponto de vista já não há essa ansiedade, já não há a pressão do ateliê. Se esse fosse o único e final objecto profissional, acho que se manteria esta ideia de que os homens podem estar mais apetrechados porque têm maior disponibilidade, ou porque estão na linha da tradição que existe antes. De qualquer forma, acho que o clima das escolas está mais democrático, porque por um lado as saídas são várias, e nalgumas dessas saídas claramente as mulheres até poderão estar em vantagem. Por exemplo, quando se fala de articulação de ideias, de discursividade, de verbalização das ideias, as coisas até podem estar ao contrário, ou seja, a tradição pode estar a favor da mulher e não do homem. Por outro lado, é evidente que nos últimos 10, 15, 20 anos é totalmente impensável haver discriminação, haver machismo ou qualquer atitude que seja revelatória desse tipo de abordagens em relação à mulher.

- Mas ainda existe...

Jorge Figueira – Estou a falar da minha perspectiva, naquilo que me parece já ser um consenso quase civilizacional. No entanto, há sempre atavismos, há sempre coisas que ficam, porque a história tem muito peso, e a formação e o carácter das pessoas tem muito peso.

Agora, a questão de aparecerem mulheres a fazerem arquitectura com ateliê e com trabalho pessoal, casadas ou não casadas, e o salto sociológico da sala de aula, em termos de quantidade e de qualidade, ainda não produziu, ou ainda não teve repercussões do ponto de vista da própria profissão. Evidentemente que, também quando começo a falar disso e quando se começa a falar mais disto em Portugal, apanhamos logo uma crise em cima e portanto, os últimos 5, 6, 7 anos têm sido de grande dureza. Se eventualmente, até se pudesse estar a criar uma onda nesse sentido, seguramente foi parada e foi dizimada com aquilo que aconteceu no nosso país. Naturalmente, que há uma regressão, com certeza, ao núcleo duro das coisas. Mas acho que, sendo optimista, nos próximos anos talvez comece a ficar mais equilibrada a sociologia da sala de aula com a sociologia da profissão.

- Foi na altura da publicação da revista Joelho, que começou a inserir este tema nas suas aulas?

Jorge Figueira – Sim. Eu a partir dessa revista, dessa iniciativa, comecei não só a introduzir isso na conversa mais habitual, mas também a dar uma aula especificamente sobre esse tema, a partir de 2010. Mas, como eu te dizia, foi uma coisa que foi

crescendo e cruzando vários aspectos, que me fez levar à conclusão que não era mais evitável tratar desse tema.

- Como é que acha, em situação de sala de aula, que os seus alunos reagem em relação a este tema? Será que poderá existir alguma mudança de mentalidade?

Jorge Figueira – Eu tenho notado imensa mudança de mentalidade. Porque, no início, eu sentia uma enorme estranheza por parte dos alunos, e ano após ano tenho sentido uma diferença enorme, ao ponto deste ano terem vindo ter comigo um conjunto de alunas que me disseram que estavam a criar um grupo de discussão sobre este tema. Portanto, há uma mudança grande, lenta. A verdade é que isto também explodiu do ponto de vista público e global.

- Na revista Joelho deu a entender que acaba por defender a existência de uma arquitectura feminina. Não acha que isso poderá ainda mais acentuar a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina? Não acha que deveria haver a arquitectura de modo singular?

Jorge Figueira – É uma clássica discussão que já vem de outros sítios. Vem da discussão de uma literatura de poesia feminina versus poesia masculina, ou de um cinema feminino, na perspectiva feminina, versus um cinema na perspectiva masculina. Eu não tenho a certeza da resposta, mas acho que é uma discussão interessante. Quando se lê uma poetisa, uma poeta como a Sofia de Mello Breyner ou como a Florbela Espanca, ou como a Sylvia Plath, eu acho que se ouve uma voz universal, obviamente, uma voz humana, mas acho que se ouve uma voz feminina.

- E acha que é necessário existir essa diferença?

Jorge Figueira – Eu acho que é uma diferença a juntar-se a muitas outras. Há a diferença que um realizador de cinema asiático tem em relação a um realizador ocidental ou espanhol. Ou seja, eu acho que quando as pessoas se expressam no sentido de assumirem a sua localidade, é natural que essa diferença apareça. Portanto, quando as mulheres se querem exprimir na literatura, no cinema ou na arquitectura, vincando aquilo que consideram ser, ou o que é a sua experiência enquanto mulheres, eu acho que isso depois transparece. Por exemplo, as feministas defendem que na política as mulheres não são diferentes dos homens porque, quando aparece a Margaret Thatcher ou a Theresa May, não há nenhuma diferença. Porque elas se sujeitam, no fundo são figuras que entram claramente na retórica e no protocolo masculino. Logo, são mulheres que funcionam, porque têm de funcionar a certa altura como homens, e por isso não se distinguem porque, embora sendo mulheres, ocupam um lugar de homens.

- Ou seja, só se distingue o seu género, e não se distingue o modo como actua?

Jorge Figueira – Sim. Distingue-se o seu género, a sua anatomia, a sua voz, o seu cabelo, mas depois não se distingue o modo como actuam, porque elas estão completamente reféns do protocolo masculino, que é ser primeiro-ministro ou candidato à presidência da república americana. A certa altura, há uma espécie de troca de lugares, porque os homens podem entender a parceira como mais sentimental, e as mulheres, pelo contrário, serem mais duras.

- É óbvio que há características específicas de cada pessoa na maneira da abordagem, mas não acho que existiam características que visem uma arquitectura feminina.

Jorge Figueira – Essa é a discussão que é um bocadinho difícil de provar, a gente tinha de fazer um estudo científico para provar que há diferenças. Acho que a ideia de que é tudo igual, que somos todos iguais e que o que interessa é que haja oportunidades, e que as oportunidades sejam iguais para uns e para outros, é um bocadinho esquemática.

- Não quer dizer que sejamos todos iguais, mas que possamos ter o mesmo acesso às oportunidades.

Jorge Figueira – Mas o acesso está fora de questão. É um dado adquirido que as mulheres têm de ter um acesso idêntico aos homens, ou um pagamento idêntico aos homens ou igual.

- Mas isso ainda não existe muito.

Jorge Figueira – Embora não exista muito ainda, é fundamental. Esta questão é complexa de executar, mas é um consenso que as pessoas com o mesmo mérito ou com a mesma inteligência têm de ser colocadas a par, e isso acho que só os trogloditas é que não aceitam. Outra coisa é de facto imaginar se a experiência de ser mulher, e a tradição de ser mulher, e a circunstância de ser mulher, e a genética de ser mulher, não conduz a diferenças expressivas na literatura, na arquitectura, na arte. Tu imaginas uma Paula Rego que fosse um homem? A pintura da Paula Rego, naquele lado absolutamente brutal, escatológico, das raparigas com as saias para cima e para baixo, aquela violência sexual que está implícita ou explícita nos quadros dela, dificilmente ou impossivelmente podia ser pintado, ou pensado, ou sentido por um homem.

Verdadeiramente, a arquitectura da Zaha Hadid podia ser feita por um homem? Eu tenho bastantes dúvidas, sabes. Portanto, eu acho que em certos casos, há obviamente uma expressão artística particular.

- É particular, mas pode não ter a ver com o género. Por exemplo, associam muito a curva à arquitecta, à condição feminina.

Jorge Figueira – Sim, mas eu acho que isso é um simplismo.

- Exactamente. Porque, aliás, o Óscar Niemeyer fazia isso nas suas obras.

Jorge Figueira – Sim, está bem, mas o Óscar Niemeyer, de fora como Voyeur, fazia como alguém que apreciava curvas. É diferente ver de fora do que estar por dentro. Quando estava a falar da Zaha Hadid como sendo uma mulher, como sendo uma arquitectura que se expressa de uma certa forma por ela ser mulher, estava a pensar numa certa radicalidade da arquitectura dela, uma certa integridade de ser uma coisa uma, de ser uma coisa completa, independentemente de serem curvas ou de não serem curvas. Ser uma coisa que parece uma arquitectura de um género diferente, agora esquecendo se é feminino ou masculino, mas parece, de facto, ser uma arquitectura que não decorre do ângulo recto. Não parece ter a ansiedade da ortogonalidade e da coisa bem composta, e da simetria. Acho que há uma organicidade. Obviamente que a arquitectura orgânica no Frank Lloyd Wright, no Alvar Aalto... a arquitectura orgânica é uma coisa inventada há muito tempo atrás.

Mas a arquitectura da Zaha Hadid é orgânica, no sentido de ser um organismo, até mais próximo da ficção científica, do que propriamente das casas da pradaria do Frank Lloyd Wright. É um organismo quase vivo, no sentido em que é uma coisa que se alonga, que regressa e que retoma, que volta e que vem.

- Então, nesse sentido defende que perante um projecto é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto a fazê-lo?

Jorge Figueira – Só em casos muito extremados. Acho que há arquitecturas que têm um desejo de masculinidade, e que têm um desejo quase de feitas por homens. Acho que há arquitecturas que são de macho alfa, digamos assim, há arquitecturas de pura exibição, de poder, de pujança e de confronto, e acho que geralmente são feitas por homens. Além disso, acho que há eventualmente arquitecturas que têm uma integridade.

- Ou seja, no fundo arquitecturas femininas?

Jorge Figueira – Eu acho que pode ser interessante pensar que há arquitecturas que tendem para, de facto, a expressão de uma sensibilidade feminina, e acho que há arquitecturas que podem tender para terem a expressão de uma sensibilidade masculina, acho que sim. Obviamente que é detestável e um bocado super simplista dizer que ângulo recto – homem, curvas – mulher.

- Mas sente-se confortável a fazer essas distinções, entre uma arquitectura masculina e uma arquitectura masculina?

Jorge Figueira – Eu acho que no limite, portanto extremando... O que eu estou a tentar dizer é que há muita poesia que leio, e se não souber que é feita por um homem ou se é feita por uma mulher, eu não consigo distinguir. Há muita poesia assim, e há muito cinema assim. Mas há alguns casos em que eu leio uma poesia, ou até se calhar vejo

um filme, e digo: “isto só podia ter sido feito por uma mulher, isto só podia ter sido escrito por uma mulher”.

Portanto, em alguns casos mais exacerbados, mais expressivos, eu acho que é possível ler expressões artísticas como decorrendo da experiência feminina, ou decorrendo da experiência homossexual, ou decorrendo da experiência africana. Ou seja, acho que há em determinadas situações limite, onde aquilo que se é no corpo e no contexto, extravaga a universalidade e transforma-se numa coisa única, uma coisa que é possível definir. Portanto, no fundo, o que eu estou a dizer é quase dizer que sim por oposição.

- Então considera realmente importante que a História das Arquitectas seja integrada na História global da arquitectura?

Jorge Figueira – Acho que as História das Arquitectas tem de ser feita como história particular, e como História universal. Acho que, como há obviamente um gap e uma lacuna no reconhecimento do trabalho das mulheres, tem de ser feita, como aliás já é feito desde os anos 90 como eu dizia, uma tentativa de repor alguma justiça no trabalho, muitas vezes, heroico.

Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 23 de Março de 2017

ENTREVISTA 2 – Arquitecta Mercês Vieira

A escolha do curso:

- Porque é que escolheu o curso de Arquitectura para a sua formação profissional?

Mercês Vieira – Uma pessoa quando está no liceu, a informação que tem não é muita, mas tem a capacidade para escolher entre o que era naquela altura letras, ciências ou artes. Eu era claramente virada para a parte gráfica e de imagem, e nunca me virei para a parte de pintura e escultura. Portanto, fui sendo conduzida para a arquitectura.

- Por detrás da sua decisão, existiram algumas influências na escolha? Por exemplo, se existia alguém da sua família com o curso de arquitectura.

Mercês Vieira – Não. Nem familiares, nem nada.

- Ao longo da carreira, já seguiu ou pensou seguir outra área de actuação? Por exemplo, na área do ensino, ou fora da arquitectura.

Mercês Vieira – Não. Gosto de desenhar, é a única coisa que podia ser autonomizada. Portanto, há uma parte artística que sim, por exemplo paisagem. Não paisagem no sentido do verde, mas a intervenção no território. Claramente, prefiro uma intervenção no território, não tanto a nível do urbanismo, mas no modelar a paisagem, no intervir na paisagem.

- Nunca pensou ir para a área do ensino, dentro do campo da arquitectura?

Mercês Vieira – Não. Tive uma experiência no ensino para aí de 3 meses.

- Em que altura?

Mercês Vieira – Quando acabei o curso. Não havia muito emprego, e o escritório onde eu trabalhava estava com menos trabalho, e a solução naquela altura era dar aulas porque havia sempre emprego nesse mundo. Mas assim que eu tive hipótese de trabalhar fora do ensino, eu preferi.

Formação e início de carreira:

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação na Escola de Belas Artes do Porto?

Mercês Vieira – Positivos, foi o ambiente da escola que era muito fora do normal que existia, era uma ilha no meio de uma sociedade que era um bocado fechada, mesmo depois do 25 de Abril. Todas as opiniões das pessoas eram mais ao menos ouvidas e as pessoas trabalhavam em conjunto. A escola nessa altura funcionou, para mim e para

toda a gente, como uma descoberta que não existia. Não era o professor, o aluno e a resposta. Era a participação, era uma relação diferente.

- Então, não há aspectos negativos que possa enumerar?

Mercês Vieira – Não. Há aspectos negativos no sentido em que a escola se estava a formar, não havia uma estrutura do curso muito estabelecida. Portanto, é evidente que havia falhas. Mas os aspectos positivos sobressaem, de todo.

- Enquanto frequentou a Escola de Belas Artes do Porto, os alunos de arquitectura tinham o mesmo tipo de formação e educação, de acordo com o género?

Mercês Vieira – Sim, não notei nenhuma diferença.

- Durante o curso, colaborou no escritório de arquitectura de Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e Camilo Cortesão, em 1978. Como é que foi essa experiência?

Mercês Vieira – No fundo, era um prolongamento da escola. O Alexandre foi meu professor, o Sérgio e o Camilo, não foram. Nós trabalhávamos na escola e vínhamos para o ateliê como um prolongamento, mas era já com trabalho profissional. É evidente que não tínhamos formação prática do trabalho de escritório, por isso era muito acompanhado, principalmente pelo Sérgio que estava mais presente.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e consequentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Mercês Vieira – O mercado de trabalho era controlado por eles. Eu não tinha contacto com quem contratava, eu trabalhava para os arquitectos.

- Depois do curso foi o seu primeiro emprego? Durante quanto tempo?

Mercês Vieira – Sim. Eu trabalhei com o Sérgio e com o Alexandre quando andava ainda na escola. Depois continuei a trabalhar no escritório. Entretanto houve uma queda de trabalho no escritório e então comecei a trabalhar com o Camilo, mais directamente.

- Que situações passou até conseguir estar inserida no mercado de trabalho e no actual ateliê? Foi difícil?

Mercês Vieira – Sim, é sempre difícil, porque havia muito pouco trabalho. Os trabalhos eram pequeninos, demoravam muito tempo, e haviam muito pouco clientes. Como é que nós conseguíamos ter mais trabalho? Através de concursos públicos. Onde é que o escritório mudou bastante? Foi no concurso do Pólo II, houve um salto grande na dimensão do escritório. Antes, nós tínhamos ganho o concurso do Fundo de Fomento, com o Sérgio e com o Alexandre.

- Mas já aqui neste ateliê?

Mercês Vieira – Não. Isso era um misto entre o Sérgio, o Alexandre e o Camilo. Ainda as coisas não estavam muito estabelecidas com diferenciação, se era escritório ou não. Onde mudou a escala do trabalho foi depois do concurso do Pólo II da Universidade de Coimbra. Era um trabalho grande em que nós tivemos de fazer uma sociedade, porque a nível financeiro tínhamos que fazer facturação para poder subcontractar, logo teve que se fazer uma empresa. O trabalho durou bastantes anos. Tínhamos muitas equipas a trabalhar connosco porque os projectos dos edifícios eram concursos à parte, mas eles tinham que trabalhar connosco no plano. Trabalhámos com o Távora, com o Byrne, com os arquitectos que fizeram as primeiras obras lá.

- Ou seja, vocês faziam a base e depois os outros arquitectos desenhavam os próprios edifícios?

Mercês Vieira – Exacto. Os concursos dos projectos foram feitos à medida que nós íamos executando o plano. Nós tínhamos uma ideia geral, tínhamos uma malha estabelecida, haviam regras a cumprir, e depois os trabalhos que apareceram iam condicionando o lote vizinho. Portanto, o plano ia sendo feito à medida do trabalho, não estava fechado.

- Trabalha em coautoria com Arq. Camilo Cortesão, desde 1979. Então, a altura em que trabalhou no Gabinete Técnico de Santa Maria da Feira (1986-1989), foi uma fase em que trabalhou sozinha, sem a colaboração do arquitecto?

Mercês Vieira – No gabinete, eu era funcionária e não tinha nada que ver com o Camilo. Era um gabinete de apoio local.

- Então trabalhava com o Arq. Camilo Cortesão à mesma?

Mercês Vieira – Sim, mas havia muito pouco trabalho nessa altura. Portanto, ao fim da tarde trabalhávamos.

- Como é que foi a experiência nesse gabinete?

Mercês Vieira – Foi interessante, porque a chefe do gabinete era uma amiga minha, a Arquitecta Madalena Ferreira, que é professora na faculdade do Porto. E era muito interventiva, era provocadora, mexia com a estrutura, questionava. Foi um trabalho que correu bem.

- Foi nessa altura que acabou realmente por fundar um ateliê em sociedade com o Arq. Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – Sim. Formalizar a empresa sim, mas nós já trabalhávamos juntos.

- Qual foi a razão dessa decisão? Ou seja, a decisão de abrir um ateliê em parceria com outro arquitecto, em vez de por exemplo, abrir ateliê em nome próprio.

Mercês Vieira – Teve a ver com a questão financeira.

- Como é que desenrolou todo o processo de abertura do próprio ateliê?

Mercês Vieira – O ateliê já existia, não foi aberto de um momento para o outro. Não é abrir o ateliê, é uma questão financeira. Nós passámos de um escritório informal em que as pessoas se viam e distribuíam trabalho, para uma estrutura em que se declara nas finanças de forma diferente.

- Mas o ateliê já existia neste local?

Mercês Vieira – Não era aqui. Era na rua 15 de Novembro, ao pé da Casa da Música. Primeiro trabalhámos aí, numa casa grande que tinha vários escritórios. O Sérgio, o Alexandre e o Camilo tinham alugado essa casa. O Carlos Guimarães e o Manuel Mendes também lá estavam. Cada sala era um escritório, e nós tínhamos uma ou duas salas. Trabalhávamos todos em conjunto. Nós ficámos muito tempo com o Sérgio e com o Alexandre. Depois, tivemos um trabalho grande que foi o da Portela e como não cabíamos lá todos dentro, alugámos um escritório perto e fomos para lá. Depois, arranjámos esta casa e viemos para aqui, em 2000, quando estávamos a fazer o Porto 2001.

- Começaram, inicialmente, a trabalhar só os dois quando vieram para aqui?

Mercês Vieira – Sim. Dois sócios, porque havia muita gente a trabalhar. Sempre tivemos colaboradores, que variavam na proporção do trabalho que tínhamos.

- O facto de ter criado um ateliê em parceria tem a ver com a falta de oportunidades de emprego?

Mercês Vieira – Não. O trabalho de arquitectura não se faz sozinho, acho eu. Quando eu comecei foi uma coisa natural. O Sérgio e o Alexandre derivaram e eu comecei a trabalhar mais com o Camilo, e continuámos a trabalhar juntos. Foi uma sequência normal de acontecimentos.

Ambiente de trabalho/ateliê:

- Como é que descreve o ateliê e o ambiente que se vive aqui?

Mercês Vieira – Podia ter vindo um bocadinho antes, tinha almoçado connosco e via o ambiente. Nós temos colaboradores de várias idades, há pessoas que já trabalham connosco há muito tempo.

- E são todos arquitectos?

MV – Sim. Nós temos dois engenheiros que trabalham connosco e temos duas administrativas, e o resto são arquitectos. Não temos desenhadores, nunca tivemos. Temos uma estagiária, mas não é arquitecta, é uma gráfica.

- Quantas pessoas trabalham no ateliê?

MV – No escritório vai variado, há pessoas que entram e que saem. Mas neste momento temos 30 pessoas.

- Quantos homens e quantas mulheres?

MV – Não sei, não deve andar diferente da metade.

- Qual é o objectivo do ateliê? Ou seja, existe alguma característica particular que o distingue dos demais ateliês de arquitectura?

MV – Nós estamos muito ligados à parte de espaço público, neste momento, mas já estivemos ligados à habitação, principalmente em Coimbra. Também tivemos bastantes projectos das escolas. Neste momento temos mais de espaço público mas é circunstancial. Nós trabalhamos ligados a tudo o que é infraestruturas, fazemos sempre a coordenação das especialidades que trabalham connosco, para que não apareçam coisas que não são controladas. Às vezes corre bem, outras vezes menos, porque uma obra tem mais pontos do que uma pessoa consegue controlar.

- Como é que descreve a sua equipa de trabalho?

Mercês Vieira – Uns rapazes simpáticos. Existem diferenças no modo de trabalhar dos tempos de hoje e do meu tempo. Nós trabalhávamos muito devagar, conversávamos uns com os outros, discutíamos mais, sabíamos de tudo o que estávamos a fazer. Neste momento, as pessoas estão ligadas ao computador, é muito difícil que as pessoas conversem para saberem o que estão a fazer. Há aí uma dificuldade, e acho que tem a ver com esta nova ligação à parte digital, eles desligam-se da realidade.

- Como é que é a sua relação profissional com o arquitecto Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – É de pessoas que trabalham juntas para aí à 30 ou 40 anos. Entendemo-nos sempre a refilar um com o outro, como dois marretas. Conseguimos trabalhar, e conseguimos dizer aquilo que pensamos com clareza, sem imposições.

- Como é que é feita a divisão de trabalho dentro do escritório, nomeadamente entre si e o Arq. Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – Existe uma divisão em que eu tomo mais conta deste, tu tomas mais conta deste. Mas quando vêm as pessoas reunir-se sobre o trabalho, o cliente ou as outras pessoas que trabalham connosco, juntámo-nos para ver o que fazer do trabalho que está em curso.

- Visto que costuma trabalhar em equipa, como é que encara essa perspectiva profissional?

Mercês Vieira – Teria dificuldade em fazer um trabalho isolado, não ter alguém que questione. Seria um bocado doentio.

- Mas se lhe pedissem um projecto só da sua autoria, seria capaz de o fazer?

Mercês Vieira – Sim claro. Mas há coisas especiais que não se consegue fazer, uma pessoa tem que ir buscar informação. Não é possível um génio estar metido numa cabana a fazer coisas sem internet, acho difícil.

- No entanto, ainda existe a ideia do arquitecto artista...

Mercês Vieira – Existe muito. A formação na escola é um bocado essa. O que é posto na imprensa, ou na maneira de comunicar transmite essa ideia... o arquitecto Siza fez isto, o arquitecto Souto Moura fez aquilo. Eles trabalham em equipa, há uma equipa por trás que os sustenta, e têm muitas vezes colaboração com coautorias. Portanto, existe esse mito. Acho que é muito uma ideia que se cria sem ter os pés na terra, porque uma pessoa que esteja na escola e que tenha esse comportamento, quando for para o mercado de trabalho não sei como é que sobrevive.

Projectos:

- A produção de um projecto decorre de muitas etapas (criação, contacto com o cliente, fornecedores, desenvolvimento do projecto, acompanhamento em obra, gestão do projecto). Assim sendo, é interveniente em todas estas etapas?

Mercês Vieira – Não. Quer dizer, sou mas com mais predominância numas do que outras.

- Em quais?

Mercês Vieira – Na parte da concepção, estou. Na parte do contacto com o cliente, muito pouco, por dificuldade minha, eu fujo, evito.

- E a nível de acompanhamento de obra?

Mercês Vieira – Sim, vou. Por exemplo, os trabalhos que eu esteja relacionada, vou. Os trabalhos que esteja outra pessoa a acompanhar o projecto e eu vá à obra com ela, tenho dificuldade em apanhar o processo a meio. Mas se tiver que fazer tenho, mas se não, evito.

- O que considera mais importante para que um projecto possa ser bem concretizado e bem-sucedido?

Mercês Vieira – Que o programa seja claro, e isso é difícil. As pessoas pedem projectos que não sabem o que é que querem. E depois, se a construção é bem realizada, se o edifício é bem utilizado. Portanto, há muitas variáveis.

- Qual foi o seu primeiro projecto realizado?

Mercês Vieira – Foi uma habitação colectiva, um grupo de habitações em Moledo do Minho. Foi com o Sérgio Fernandez, em 79/80, para aí.

- Como é que correu esta primeira experiência de produção arquitectónica?

Mercês Vieira – Foi muito bom, eu ainda estava na escola. O Sérgio tinha essa encomenda, e eu escolhi esse projecto porque era perto da praia, mais dois colegas meus. Foi um projecto muito influenciado por aquelas coisas do Leslie Martin, todo em tijolo, com uma implantação em L, com uma praça. Eu pude fazer o que me apeteceu, sempre com o Sérgio por trás a tomar conta de tudo, não impondo, mas a dar imenso apoio. Foi o primeiro confronto com um desenho para ser construído. Portanto, foi um projecto que correu bem, embora depois só se tenha construído metade.

- No que diz respeito ao ateliê, quais as áreas de actuação? Ou seja, que tipo de projectos é que são desenvolvidos (com maior frequência)?

Mercês Vieira – Nós tivemos muitos de habitação, muitas escolas e temos de espaço exterior.

- Como é que surgem os projectos? Tendo em conta que muitos deles são realizados para concursos, e também para fora do país.

Mercês Vieira – As pessoas sabem mais ao menos o que nós fazemos, e se têm que escolher um arquitecto, vão ver o que é que as pessoas fazem. Por exemplo, em Coimbra fizemos o concurso do Pólo II. Ao lado existe a Portela que era da família Bobone, e vieram-nos contactar para fazermos o projecto de urbanização da Quinta da Portela, porque tínhamos feito o Pólo II e conheciam-nos.

- E a nível de concursos? Como é que funciona?

Mercês Vieira – Decidimos fazer um concurso, às vezes ganhamos, às vezes perdemos.

- Qual é o método para a escolha de determinado concurso?

Mercês Vieira – Irracional, completamente. Por exemplo, fizemos este de Campanhã porque era um trabalho que nos interessava, um trabalho de sistemas de comunicação viário e interface de transportes. Tivemos muito trabalho com o concurso, mas perdemos, pronto.

- Por exemplo, consegue escolher um concurso que tenha sido bastante importante para o ateliê, e que tenha sido construído?

Mercês Vieira – De todos, o Pólo II. O primeiro que ganhámos foi em Castro Verde, onde fizemos habitação de vários tipos. Depois deste, a câmara de Castro Verde convidou-nos para fazer um parque urbano, e no parque urbano tinha uns jardins e uma piscina municipal. Fizemos a piscina e depois fizemos um centro de saúde. O concurso para as margens do Mondego também foi interessante. Foi um concurso que a câmara lançou e nós ganhámos, mas a câmara não se decidia e sugeriram que nos associássemos. Então falámos com o outro classificado, que era o João Nunes da PROAP, juntámo-nos e fizemos um projecto conjunto para as margens. O plano foi feito depois, incluiu uma zona maior, entre as duas pontes, e já era a Polis a contractar.

Portanto, esse projecto teve muitas fases. Nós começámos na margem esquerda, só fizemos um bocadinho e depois interrompeu. Depois fizemos a margem direita, e bastante depois é que fizemos a margem esquerda. Nessa altura, não sei se foi ao mesmo tempo ou se foi posterior, fizemos o plano das margens. Também propusemos no concurso uma passagem de peões, uma ponte, e o presidente pegou naquilo e encomendou ao Cecil Balmond.

- Não foram vocês que fizeram a ponte?

Mercês Vieira – A ponte não é nossa. Nós colaboramos com o Cecil nos encontros da ponte, na maneira como é que aquilo se inseria no sítio. Mas o conceito da ponte é do Cecil Balmond.

- O ateliê elabora todas as etapas do projecto? Ou seja, pormenores construtivos, projecto de execução, electricidade, etc.

Mercês Vieira – Não. As especialidades nós não fazemos. Aqui no escritório, por acaso, temos uma equipa de engenheiros, mas é autónoma e faz projectos de águas. Portanto, muitos dos projectos de águas são eles que fazem, mas muitas vezes não, são outros. Quando são coisas de mobilidade temos um gabinete que trabalha connosco.

- Os pormenores construtivos são vocês que fazem?

Mercês Vieira – Sim.

- Todos os projectos do ateliê são realizados por si e pelo Arq. Camilo Cortesão, ou por exemplo, poderá haver projectos só da sua autoria ou só da autoria do Arq. Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – Há projectos em que eu trabalho mais neles, há outros em que é o arquitecto Camilo Cortesão. Mas é sempre do escritório.

- Em termos de volume de trabalho, como é que classifica a produção de projectos/obras do ateliê?

Mercês Vieira – Existe muito trabalho.

- Em média, quantos projectos fazem por ano?

Mercês Vieira – Os projectos demoram muito tempo. Portanto, há projectos que duram vários anos, há projectos que voltam não sei quantos anos depois. Projectos pequenos são poucos, e um projecto que comece e que acabe no mesmo ano é raro.

- Neste momento, quantos projectos estão em execução?

Mercês Vieira – Para aí uns 20 em desenvolvimento.

- De todos os projectos/obras realizadas até agora, consegue seleccionar 3 ou 4 que tenham maior importância para si? Já percebi que pode ser o primeiro concurso, a habitação em Castro Verde, o Plano do Pólo II, o Porto 2001, as Margens do Mondego...

Mercês Vieira – Também o Mondego Residence, que fica na Quinta da Portela. A Portela é ao lado do Pólo II. A Portela é um projecto tipo em que nós fizemos o licenciamento de todos os edifícios, com plantas à escala 1.100 e alçados, e depois cada constructor comprou e construiu, com os arquitectos e com a equipa deles. Além disso, fizemos dois edifícios, dois quarteirões. O condomínio Zen, que foi o Camilo que fez mais o projecto, e o Mondego Residence, ao lado, que fui mais eu que fiz. O Condomínio Zen são casas grandes, tipologias folgadas. O Mondego Residence são tipologias muito pequenas, a parte de cima são T0, T1 e T2, e a parte de baixo são residências para estudantes e salas de estudo. Foi o dono da obra da Quinta da Portela que contruiu este bloco, o Mondego Residence, e o Condomínio Zen foi um empreiteiro que comprou e pediu-nos para fazermos o projecto.

- E como é que correu o desenvolvimento do projecto do Mondego Residence?

Mercês Vieira – Foi um projecto que durou muitos anos, e que teve alguns percalços. Era baseado em condomínios, portanto era um quarteirão e o quarteirão tinha uma unidade. Situam-se numa encosta em declive, por isso é difícil fazer os acessos. O parque de estacionamento era partilhado, o que implicava ao constructor comprar aquilo tudo e construir 12 lotes. Nós tivemos de reformular o projecto para poder ser vendido em lotes, o que implicou um trabalho insano de fazer garagens, lote a lote. As garagens tinham um desperdício de espaço enorme, tivemos de fazer 12 entradas e 12 saídas. Depois disso estar feito e dividido, o cliente verificou, como era só um que queria construir aquilo tudo, que tinha vantagem em fazer só um lote. Então pediu-nos para refazer e fazer nesse sentido. Portanto, é tudo um parque de estacionamento, é mais simples, mais rentável.

- Como é que foi o processo de criação do projecto? A nível de desenho, teve algumas influências, baseou-se em algum tipo de desenho?

Mercês Vieira – Uma pessoa vai desenhando, as soluções vão aparecendo. A condicionante eram casas mínimas. Nas casas pequenas, os quartos eram iguais, e depois eram tipo lego para que encaixasse tudo, porque isto faz um U. Era um bocado compor e andar a brincar com as áreas. As casas dos cantos são sempre mais difíceis de resolver, os acessos verticais também. As casas da frente eram sistemas mais regulares, são T0, em que havia um esquema de ligação: sala - zona de dormida - sala. Estudado o módulo tipo, era compor o edifício com as circulações exteriores e as ligações aos átrios.

- As circulações são caixa de escadas ou corredor?

Mercês Vieira – Tem uma caixa de escadas, e depois tem um corredor central interior.

- Nesse projecto foi mesmo até ao desenho dos pormenores construtivos?

Mercês Vieira – Sim. Na maior parte dos projectos, nós fazemos o projecto de execução completo.

- Ficou satisfeita com o resultado final?

Mercês Vieira – Fiquei. Sempre que vou lá, vou logo ver as coisas que não gosto. Mas não correu muito mal. O que corre mal são os remates, são as coisas que uma pessoa não tem consegue ter tempo para estudar e para conseguir resolver. A certa altura uma pessoa tem que optar, porque já não há mais tempo para inventar outra solução. Há soluções que não estavam bem, acho eu, que podiam ser feitas de outra maneira, mas isso corrige-se para o próximo projecto, porque não dá para estar à espera da solução ideal.

- Sobre a obra de Castro Verde, como é que foi o desenvolvimento do projecto?

Mercês Vieira – A obra é no Alentejo, a construção é muito diferente daqui do Porto, os hábitos são diferentes. Tentou-se adaptar a obra ao lugar que se estava a construir, foi fazer uma coisa que tivesse a unidade que tem a terra, que tem bastante. Portanto, construir no sítio com as características que qualquer constructor faria naquele local. Temos habitações em banda, pequeninas, casas individuais, geminadas, e depois umas casas maiores, acho que até são as piores, são as que resultaram formalmente pior. Aquilo é uma zona urbana, as ruas são de facto estreitas, as casas têm pátios pequeninos. Tem uma rua principal onde as fachadas da casa fazem a escala da rua, e depois para trás tem uma data de ruas com habitações duplex. Passa-se de uma rua grande para ruas pequenas, de bairro, e depois tem uma rua que faz a periferia, que é assim um grande arco virado para um jardim.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos desta obra?

Mercês Vieira – Positivos foi porque isto era no Alentejo. Nós íamos daqui às 5 da manhã, chegávamos ao meio dia, não havia autoestrada. Correu bem, foi engraçado, mas construíam muito mal, a qualidade da construção é muito inferior ao que nós estávamos habituados. Eram coisas básicas, como parede de tijolo confinada com pilares embutidos na alvenaria. Quando se via a obra a crescer, notava-se que de manhã as filas dos tijolos estavam alinhadas, e depois de almoço começavam a ficar tortas, nunca eram muito em linha recta.

- Isso se calhar incomoda o próprio arquitecto?

Mercês Vieira – Incomoda, porque aquilo é má execução.

- Devido a todos esses problemas que surgiam, acaba por existir uma relação mais tensa entre o arquitecto e o constructor? Ou tentavam ignorar, um pouco, para que a obra seguisse?

Mercês Vieira – Não tínhamos uma relação muito tensa. Os chefes de projecto e as pessoas que estavam a dirigir as obras iam mudando, várias vezes. As obras dependem muito de quem está a gerir, mesmo da empresa. A relação muda ao longo da obra muitas vezes. No fim da obra, as relações começam-se a deteriorar porque as pessoas têm que apresentar resultados.

- Em relação ao projecto do Porto 2001, como é que sucedeu a concepção e a elaboração do projecto?

Mercês Vieira – O Porto 2001 foi um projecto grande que nós fizemos, e que como era tão grande resolvemos fazer uma colaboração com vários escritórios que nós gostávamos. Juntámo-nos e fizemos uma parceria com o Carlos Prata, com o Francisco Barata, com o Zé Carlos Portugal, e com o Albino Teixeira. Era uma zona muito grande. A nossa zona era a rua dos Clérigos e Carmelitas, que vem da Avenida dos Aliados e sobe até à torre dos Clérigos. Depois tem o jardim da Cordoaria, junto à torre dos Clérigos, que é era um jardim grande, romântico, mas estava muito degradado, e uma praça em triângulo, que é um espaço muito difícil. O projecto era essa zona e as ruas aí à volta, e a rua da Restauração que vai da cota alta até ao rio, já mais virada para a foz do rio, para poente. Portanto, eram muitos quilómetros de espaço exterior, e nós fizemos essa colaboração com essas equipas, mais a PROAP e o arquitecto João Nunes, que fez connosco o jardim da Cordoaria. Cada equipa tinha uma zona de estudo. Foi um trabalho interessante que se fez no Porto, um projecto de discussão com muitas equipas, que resultou numa grande zona central renovada.

- O projecto do Porto 2001 teve influências de algum arquitecto, referências a alguma obra?

Mercês Vieira – Não. Nós andámos à procura de muita coisa que tinha sido construída na altura, eram as coisas de Paris.

- E basearam-se nisso?

Mercês Vieira – Sim. Era escolher o material que seria usado, como é que os lancis eram, se eram elevados. Pode-se fazer um lancil muito alto onde os carros não vão, mas isso depois é pouco amável para os peões. Essa discussão foi feita, e então manteve-se uns lancis que fazem a parte toda, e depois escolhemos um tipo de pavimento que é aquele dos paralelos cerrados que dão dois cubos. É muito bonito porque os paralelos são muito irregulares e são de granitos diferentes, portanto dá uma cor variada. A partir daí começou-se a fazer imenso pavimento em cubo serrado

aqui no Porto. Até acho que quem veio com essa ideia foi o Adalberto Dias, que tinha visto em Paris, de um constructor português que estava a aplicar.

- Relativamente ao projecto do Plano do Pólo II, teve alguma influência ou referência, das suas viagens ou de alguma obra?

Mercês Vieira – No Pólo II era meter um sistema de ruas e de circulações, e perceber como é que se mete tantas faculdades num sítio. Nós criámos uma malha. Por acaso tinha estado na Grécia e era aquelas malhas das cidades gregas.

- Acabou por se inspirar aí?

Mercês Vieira – Sim. Isto era tudo verde, tinha uma avenida que já existia, era uma pré-existência, e depois a zona do rio. E houve uma maneira de fazer uma malha que se adequa mantendo coisas existentes. Portanto, existe a ligação ao rio que serviu para fazer tudo o que é espaços públicos, que eram uma sequência de praças, mas que nunca foram construídas. Depois estas ruas teriam comércio que também nunca se construiu.

- Porque é que isso nunca foi construído? Por falta de dinheiro?

Mercês Vieira - Não é só. O Plano Director de Coimbra tem um zonamento e aqui diz zona de equipamentos, não se pode pôr habitação. Na base do concurso dizia que as coisas deviam ser mistas, que não devia ser um campus isolado. As faculdades são atravessáveis, há percursos que se podem fazer pelo meio, as praças eram conformadas por habitação, nas horizontais havia comércio. A faculdade de engenharia tem uma parte, à frente, que nunca foi construída que era o comércio, que não conseguem fazer.

- Acabam por não conseguir devido ao PDM de Coimbra?

Mercês Vieira – Sim. A Universidade de Coimbra e a câmara de Coimbra não se entendem, e não conseguem alterar uma coisa que basta fazer uma revisão do PDM, tirar essa coisa e escrever de outra maneira.

- Certamente, isso teria vantagem para este espaço.

Mercês Vieira – É evidente. Acaba por não ter a vivência que era esperada.

- Relativamente ao projecto das margens do Mondego, em Coimbra, teve alguma influência, baseou-se em alguma ideia?

Mercês Vieira – Não. A presença do jardim Manuel Braga, que tem aquele eixo, é como no fundo ligar o jardim existente à margem, com a linha de água que existe. Surgiu o gesto de fazer um limite para separar a zona urbana e o parque de estacionamento numa zona mais em anfiteatro, para isolar a zona de estar do rio em relação ao estacionamento, e à cidade. Tem uma alameda, tem um banco corrido com uma linha

de luz por baixo, atrás tem água, tem uma fonte que faz o percurso da água toda. Eu ontem andei lá a fazer o levantamento dos bares e tudo o que é madeiras está em mau estado, a manutenção não é feita, aquilo está a precisar de ser tudo revisto.

- E será que isso também se deve às cheias do Mondego?

Mercês Vieira – Sim.

- Teve em conta esse problema quando desenhou o projecto?

Mercês Vieira – Sim. Quando nós estávamos a fazer isto a cota mudou, portanto tivemos que subir tudo para a cota 28. Entretanto, a cota de cheia mudou novamente, porque as descargas da barragem são feitas em pouco tempo, só quando estão no limite, quando há muita chuva e quando isto não tem escoamento, portanto a cota de cheia subiu. O que nos estão a pedir agora é para reformular estes cafés e passar as cozinhas para o piso de cima para poderem funcionar, visto que a parte de baixo pode ser inundada. Eles lançaram um concurso para reformular isto e estas margens, mas nós recusámos participar porque vimos que aquilo não era viável.

- Faz muitos esquissos das obras?

Mercês Vieira – Sim, faço.

- Qual o projecto que lhe trouxe mais prazer na sua produção e concretização?

Mercês Vieira – Aquele com que mais me identifico é o da margem direita do Mondego. É um projecto que não está condicionado a coisas muito sistematizadas.

- Concretiza-a enquanto arquitecta?

Mercês Vieira – Sim. É uma ideia pouco confinada a coisas formatadas, a regras rígidas, eu podia fazer o que quisesse. Havia um programa mínimo, mas era muito pouco condicionador. Gostei bastante de o fazer.

- Tem preferência por fazer projectos de grande escala ou pequena escala?

Mercês Vieira – Eu prefiro esta escala (grande). Gosto de trabalhar no território, na paisagem, na organização do território. É este tipo de projectos que me agradam mais.

- Não tem preferência pelo pormenor?

Mercês Vieira – Não. Não tenho paciência nenhuma para isso, embora tenha desenhado alguns móveis, que até estão bem.

- Tem preferência por fazer projectos mais ligados ao urbanismo, ou por exemplo, à habitação? Ou seja, tem preferência de tipologia? Quais são os que lhe dão maior liberdade e prazer na sua concretização?

Mercês Vieira – Há uns que eu não gosto que são os de transportes... detesto... ponho os carros a andar ao contrário sem qualquer problema. Gosto de edifícios especiais,

gosto de fazer tipologias de habitação. O jogo da habitação é aliciante, uma pessoa vicia-se.

Perspectivas:

- Ao longo da sua carreira, tem contado com uma grande participação e colaboração masculina na elaboração dos projectos/obras. Acha que isso a beneficia de algum modo? Considera que é um ponto positivo para o seu percurso profissional?

Mercês Vieira – Sim, se isto fosse tudo mulheres era uma chatice. Acho que nunca fiz um projecto só com mulheres.

- Que influências arquitectónicas considera serem mais importantes na sua prática profissional? (ex. influências de outro arquitectos, de outras épocas)

Mercês Vieira – As de escola. As pessoas acabam por levar a escola durante muito tempo. Quando fui para a escola não conhecia assim nada de arquitectura, não tinha imagens de referência. As coisas foram aparecendo, fui aprendendo. Tinha muito de construção moderna porque vivi em Moçambique e era tudo novo, havia muita arquitectura moderna com qualidade. Naquela altura surgiu o Aldo Rossi que teve muita importância, no princípio, na minha formação e das pessoas da minha geração. É o Siza claro, que era nosso professor e foi quando ele começou a ter muita obra marcante. É um arquitecto com quem me identifico, pelo rigor que faz e pela falta de ornamento, e pelas coisas todas. Toda a obra do Siza é complexa, é variada, os temas são muito diferentes, mas há coisas permanentes, há pormenores que foram sendo construídos e que foram apurados e que ele usa constantemente, há ali um enorme esforço na sistematização. O Távora também, mas era mais a personagem do que propriamente a obra dele. É o Tad Holland, que faz construção em betão, é o minimal levado ao extremo. São maneiras de pensar com que eu me identifico.

- E acaba por trazer essas influências para os seus projectos e para as suas obras?

Mercês Vieira – Acho que sim, espero.

- Quais os elementos da sua arquitectura que considera serem mais importantes e característicos? O facto de não gostar, de não utilizar muito ornamento será um deles?

Mercês Vieira – É com certeza.

- Quais as maiores dificuldades que ocorreram ao longo da sua carreira?

Mercês Vieira – A pior dificuldade é ficar sem trabalho. Houve períodos em que nós reduzimos imenso, não tínhamos trabalho.

- Isso foi complicado de gerir?

Mercês Vieira – Ficar sem trabalho é o pior que há, pessoalmente. E depois quando se está numa equipa e se tem que dizer às pessoas que não há trabalho e que têm que ir embora, é difícil.

- Como é que constrói a sua identidade profissional, enquanto arquitecta?

Mercês Vieira – Não faço qualquer esforço em produzir uma imagem, faço esforço em fazer o meu trabalho. As pessoas podem vê-lo da forma como quiserem.

- Como é que se caracteriza como arquitecta? (por exemplo, numa palavra só)

Mercês Vieira – Arquitecta.

- Quais os seus planos e perspectivas para o futuro, também a nível de projectos?

Mercês Vieira – São os projectos que estão em curso. A não ser os concursos que existam, é difícil prever qualquer coisa, embora se tenha que fazer um certo trabalho de prospecção.

- Existe algum projecto que ainda não fez e gostava de realizar?

Mercês Vieira – Não sei, não estou a ver.

- Sente-se realizada enquanto arquitecta?

Mercês Vieira – Não. Não no sentido de me faltar algum projecto. Os projectos que eu gostaria que aparecessem agora, que não estão a aparecer, são os projectos que, pela minha experiência, me deram mais gozo.

- Como, por exemplo, um idêntico às margens do Mondego?

Mercês Vieira – Sim, esse tipo de trabalho.

- E neste momento não estão a aparecer?

Mercês Vieira – Não. Neste momento estamos a fazer projectos de espaços exteriores em Lisboa. Não são tão interessantes, do meu ponto de vista. De facto, neste momento não tenho assim projectos muito aliciantes.

ENTREVISTA 3 – Arquitecta Desirée Pedro

A escolha do curso:

- Porque é que escolheu o curso de Arquitectura para a sua formação profissional?

Desirée Pedro – Boa pergunta. Há um momento em que decido que, ou vou para pintura, ou vou para arquitectura. Optei por arquitectura, e durante o curso tive até ao 3º ano a achar que devia ir para pintura. Mas foi no fim do 3º ano que tomei a decisão: “É aqui que eu quero estar, estou bem aqui.”, e acho que escolhi bem.

- Por detrás da sua decisão, existiram algumas influências? Por exemplo, se existia alguém da sua família com o curso de arquitectura.

Desirée Pedro – Não.

- Foi mesmo por gostar e por opção?

Desirée Pedro – Sim. Quando eu optei pela área artística que daria acesso a pintura, escultura, multimédia, design, arquitectura, eu já sabia que era por ali que eu queria estar, apesar de também estar sempre muito interessada na parte da filosofia e do pensamento. Porque, depois quando acabei arquitectura, frequentei o curso de filosofia, aqui em Coimbra. Claro que fiz 2 cadeiras, não tinha tempo, já estava a trabalhar.

- Ao longo da carreira, já seguiu ou pensou seguir outra área de actuação? Por exemplo, na área do ensino da arquitectura.

Desirée Pedro – A ideia do ensino também surgiu sempre ligada à prática profissional. Eu só optei por começar a dar aulas, e comecei em 2008 na ESAD e depois é que entrei aqui também no departamento de arquitectura, apenas quando achei que já tinha tido um percurso profissional que me permitisse ter confrontado com problemas, e que fazia sentido se me visse confrontada com o ensino, isto é, com alunos que passavam por esses mesmos problemas, de resolver questões de projecto. Portanto para mim o ensino teria que ser sempre resultado de uma prática profissional.

- Acha que a sua experiência profissional, a médio e longo prazo, vai continuar a abranger a área do ensino e do trabalho em ateliê?

Desirée Pedro – Trabalhar na área de ateliê, espero muito que sim. Na área de ensino, também penso que irá continuar. Para continuar a ensinar eu tenho que continuar a estar no ateliê, para mim isso é essencial. O ateliê é o meu laboratório de pesquisa, e é essa experiência, o modo como eu me confronto com algumas questões que eu passo

para os alunos. Por outro lado, o ensino permite-me sistematizar informação e uma série de conhecimentos que se calhar estavam subjacentes e eram mais empíricos, e que também são importantes para a produção de ateliê. Este permanente processo de questionar e de interacção entre ambas as partes tem que acontecer para salutar e ser estimulante.

- Como é que tem sido a experiência do ensino?

Desirée Pedro – Tem momentos muito gratificantes, e pouco gratificantes quando, por exemplo, pedem aos professores que quase inventem a vontade aos alunos de se entusiasmarem, de tomarem decisões sobre aquilo que querem fazer. Porque nós somos quase obrigados a que eles tenham sucesso e boas notas, senão não estamos a cumprir o nosso papel. E isso é desmotivador, porque o que tem graça para mim é a troca de conhecimentos.

Formação e início de carreira:

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação na FAUP?

Desirée Pedro – Eu tenho a salientar que os positivos, e isso é uma coisa que eu sinto que foi mesmo muito marcante, foi a importância do rigor técnico, do desenho e o desenho como processo de investigação. E o desenho é maquete, é desenhar, é desenho rigoroso, é desenho à mão, é o levantamento, é a atenção. Isso é uma coisa que gostaria também de passar aos meus alunos. A parte menos positiva teve a ver com algumas unidades curriculares em que tínhamos apenas um docente, e como eramos muitos, não havia acompanhamento. As aulas magistrais funcionavam muito bem, mas aquelas unidades curriculares, como construção que tem uma parte prática, em que tem que haver um acompanhamento mais aproximado, aí falhava.

- Acha que essa falta de acompanhamento, ainda se verifica nos dias de hoje?

Desirée Pedro – Eu acho que sim.

- Enquanto frequentou a FAUP, os alunos de arquitectura tinham o mesmo tipo de formação e educação, de acordo com o género?

Desirée Pedro – Sim, suponho que sim.

- Na altura que frequentou a FAUP, as turmas tinham mais raparigas do que rapazes?

Desirée Pedro – Haver mais raparigas do que rapazes, não. Acho que estávamos equilibrados.

- Então, nunca sentiu esse tipo de discriminação

Desirée Pedro – Nem me passava pela cabeça que pudesse haver discriminação, achava impossível. Porque se eu sentisse que existia, dava-me uma coisa má.

- Devido à educação que teve?

Desirée Pedro – Sim. Isso é das tais coisas que eu nem sequer considero. Senti algumas vezes isso acontecer, pontualmente, mas na minha vida profissional. E quando isso aconteceu, foi um choque, reagi muito mal e disparei, porque isso para mim estava fora de questão. Os professores como eram de uma geração mais velha que a minha, muitas vezes, por graça, por ter a ver com a sua educação, faziam uma diferenciação pela polidez, tinham algum cuidado a dizer certas coisas por sermos mulheres. Isso seria a discriminação considerada positiva. Mas eu não considero positiva, nem negativa.

- Quando acabou o curso, fundou logo o Atelier do Corvo? Ou antes disso, fez algum tipo de estágio, noutra local?

Desirée Pedro – Fiz estágio, mas foi estágio que estava integrado na própria formação. Eu trabalhei em vários ateliês. Comecei a trabalhar logo no 3º ano do curso, e isso foi um complemento fortíssimo para a minha formação. Comecei a trabalhar cá em Coimbra, nas férias, com os arquitectos da beira, que eram o arquitecto José António Bandeirinha e o João Mendes Ribeiro, e depois trabalhei com o José Bernardo Távora e com o Fernando Távora.

- O seu primeiro emprego foi o estágio que fez?

Desirée Pedro – Sim.

- Depois disso, como é que conseguiu inserir-se no mercado de trabalho? Foi quando fundou o ateliê?

Desirée Pedro – Sim. Quando fundámos o ateliê, em 1996, tínhamos um único trabalho, e esse trabalho não tornava viável a nossa vida a nível económico. Por isso, começámos, os dois, a dar aulas no secundário. Fomos professores do secundário, da disciplina de desenho, durante 3 anos. Eu fui de 1997 a 2000.

- Sentiu dificuldade ao inserir-se no mercado de trabalho, naquela altura, e em conseguir fundar o ateliê?

Desirée Pedro – Não, nesse sentido não. Porque nós decidimos, se calhar de um modo um bocadinho ingénuo e desfasado da realidade, que íamos ter o nosso ateliê, o nosso escritório. E como tínhamos algum trabalho arriscámos, decidimos avançar.

- Qual foi a razão de terem fundado o ateliê?

Desirée Pedro – Quando viemos viver para aqui, ainda o Carlos era estudante e eu também, fizemos um trabalho juntos que funcionou bem e achámos que tinha sentido continuarmos a trabalhar juntos. Surgiu de uma maneira até, um bocado, accidental.

- Nunca optaram por ir trabalhar para outro ateliê, com outros arquitectos?

Desirée Pedro – Eu quando disse que comecei a trabalhar no 3º ano com o arquitecto João Mendes Ribeiro e o arquitecto José António Bandeirinha, o Carlos também. Portanto, nós experimentámos. O Carlos trabalhou no Nuno Lacerda Lopes, que o convidou para ficar, mas achámos que não, que se tínhamos trabalho porque é que não podíamos continuar a trabalhar. E foi isso que decidimos fazer.

- Como é que desenrolou todo o processo de abertura do próprio ateliê?

Desirée Pedro – Nós tivemos um primeiro cliente cuja história é curiosa. É ali o nosso vizinho que queria fazer um loteamento, e tinham-lhe dito que havia uns arquitectos aqui, que eramos nós. Foi em 1996. Ele ficou a olhar para nós, mas disse: “porque não?”, e arriscou. Entretanto, o trabalho não se fez, mas foram surgindo várias coisas e outros trabalhos. De qualquer modo, como dávamos aulas, tínhamos a questão económica resolvida, portanto íamos fazendo os trabalhos devagar. Por isso, começámos a fazer muitos concursos que nos permitiam trabalhar outro tipo de escala e outro tipo de problemas que não é possível pensar no dia-a-dia de um ateliê, que estava a começar.

- Começaram inicialmente a trabalhar só os dois, sozinhos?

Desirée Pedro – Sim. Não tínhamos dividendos.

- O facto de ter criado um ateliê em parceria tem a ver com a falta de oportunidades de emprego?

Desirée Pedro – Não. Foi mesmo por opção e porque, como disse, morávamos aqui, tínhamos esta casa, apareceu este cliente, tínhamos já trabalhado juntos. Acho que vivíamos numa bolha que não nos permitia ter esse contacto com a realidade, se calhar foi um bocadinho irresponsável, mas foi assim que aconteceu.

Ambiente de trabalho/ ateliê:

- Como é que descreve o ateliê e o ambiente que se vive aqui?

Desirée Pedro – O ateliê é uma extensão natural da casa. Acho que é um espaço informal e esta relação que tem com a casa onde nós vivemos, acho que torna o ambiente menos carregado e mais familiar para quem cá trabalha. Para nós, tem a vantagem e desvantagem, mas é vantagem, de estarmos sempre a trabalhar.

- Qual é o objectivo do ateliê? Ou seja, existe alguma característica particular que o distingue dos demais ateliês de arquitectura?

Desirée Pedro – Acho que não tenho essa capacidade de autoavaliação e autocrítica. O que eu acho é que, por mero acaso, acabámos por fazer muita cenografia de exposições e para teatro. Acho que é isso que nos caracteriza, porque realmente não

havia muita gente a desenhar exposições, na altura. Nunca nos interessou afunilar, nem especializar-nos no que quer que seja, interessou-nos sempre abrir.

- Quantas pessoas trabalham no ateliê, nomeadamente homens e mulheres?

Desirée Pedro – Trabalha um homem e quatro mulheres.

- São todos arquitectos?

Desirée Pedro – São. Por exemplo, agora no verão vêm para cá estagiar duas alunas de erasmus que eu tive na ESAD, mas são de design de interiores.

- Como é que descreve a sua equipa de trabalho?

Desirée Pedro – São óptimas, fazem um óptimo trabalho. Eu tenho de ter uma boa relação pessoal com os colaboradores, senão não funciona nos momentos de grande tensão. Se não existir um ambiente onde há uma relação afável e de cumplicidade, as coisas não funcionam.

- Como é que é a sua relação profissional com o arquitecto Carlos Antunes?

Desirée Pedro – Isso é muito engraçado, porque nós funcionamos muito bem como equipa, mas andamos sempre a discutir permanentemente nos trabalhos. E quem vê acha que aquilo é violentíssimo, e que nos damos super mal, mas é assim que funciona, somos super críticos um com o outro. Portanto, essa relação quase de combate é essencial para o trabalho, sobretudo na fase de conceptualização criativa.

- Como é que é feita a divisão de trabalho dentro do escritório, nomeadamente entre si e o Arq. Carlos Antunes?

Desirée Pedro – É muito variável. Normalmente, temos uma participação muito intensa na parte da conceptualização, e depois o trabalho vai sendo desenvolvido pelos colaboradores. Eu tenho uma particularidade que acho que não é muito comum, sobretudo nas pessoas da minha geração, porque preciso de desenhar, mesmo no computador. E o Carlos tem a particularidade de fazer maquetes. Enquanto eles desenvolvem, nós estamos também a desenvolver trabalho. Ele com maquetes e eu desenhando. São maneiras diferentes de trabalhar. Por isso, funcionámos muito bem, durante anos, sem ninguém, porque tínhamos essa capacidade de produzirmos o nosso trabalho.

- Então, tem muito o hábito de esquissar?

Desirée Pedro – Tenho, claro que sim. Isso é uma inevitabilidade. Mas sempre gostei de desenhar a rigoroso. Há questões que para mim são importantes e eu só percebo desenhando, e só no esquisso não se percebe.

- Durante quanto tempo é que tiveram, realmente só os dois, no ateliê?

Desirée Pedro – Talvez 5 anos... de 1996 a 2001.

- Depois sentiram necessidade de meter mais pessoas?

Desirée Pedro – Não, não sentimos. Mas vieram-nos pedir trabalho. Na altura ficámos completamente surpreendidos porque nem sabíamos muito bem se podíamos pagar, ou se não podíamos.

- Visto que costuma trabalhar em equipa, como é que encara essa perspectiva profissional?

Desirée Pedro – É fundamental trabalhar em equipa. Não é possível desenvolver trabalho sozinho.

Projectos:

- A produção de um projecto decorre de muitas etapas (criação, contacto com o cliente, fornecedores, desenvolvimento do projecto, acompanhamento em obra, gestão do projecto). Assim sendo, é interveniente em todas estas etapas?

Desirée Pedro – Agora já não. Já estive mais, quando estava mais presente no ateliê. Há muitas reuniões, de acompanhamento ou com o cliente, onde não estou presente, porque não coincidem com o meu tempo disponível no escritório. Mas quando eu não posso, está o Carlos. Normalmente estamos sempre os dois, mas basta um não estar que está o outro.

- O cliente nunca questionou o facto de ser a arquitecta a estabelecer contacto?

Desirée Pedro – No início sim.

- Perguntava onde é que estava o arquitecto?

Desirée Pedro – Exactamente. Mas isso tem a ver com o sítio onde moramos que é uma pequena aldeia, porque eu era muito nova e porque ia de bicicleta para as obras. De repente há um novo paradigma que chega a um meio conservador, e os intervenientes na construção da obra achavam estranho, porque as arquitectas que conheciam eram pessoas mais velhas.

- Como é que lidou isso? Deixava de ir às obras?

Desirée Pedro – No início, muito mal. Ficava completamente furiosa e dizia ao próprio cliente que não concordava, que não percebia porque é que tinha de esperar pelo arquitecto se eu estava ali, era a mesma coisa. Depois fui-me fartando de ter que estar sistematicamente na pedagogia a ensinar que era a mesma coisa e fui desleixando, mas continuava a ir.

- Acha que a própria educação e a mentalidade, acabaram por mudar a maneira como eles vêm a arquitecta e a sua presença?

Desirée Pedro – Sim, claramente. Aliás, na última grande obra em que nós participámos, que foi a Escola de Pombal, na equipa de fiscalização, embora houvesse

homens e mulheres, eram as engenheiras que estavam permanentemente na obra. Embora tivéssemos sido os dois a fazer o acompanhamento, acabava por ser eu que estava mais vezes nas reuniões.

- O que considera mais importante para que um projecto possa ser bem concretizado e bem-sucedido?

Desirée Pedro – Uma confiança do cliente na equipa projectista, sobretudo nas fases difíceis da obra, e depois um projecto bem estruturado a nível de planeamento, com um bom projecto de execução, com um bom caderno de encargos. Ou seja, as coisas têm que estar bem pensadas e estruturadas, e têm de estar detalhadas, não vale a pena estar a saltar etapas porque elas vão aparecer na obra. E sobretudo em obras públicas, nós não temos tempo para pensar nas coisas, por isso não vale a pena queimar etapas. No caso dos concursos, trabalhamos num curto espaço de tempo, portanto às vezes não dá para prever o que é que vai acontecer.

- Qual foi o seu primeiro projecto realizado? Foi o Centro de Arte Contemporânea, em 1994?

Desirée Pedro – Sim, que começou com um projecto do Carlos.

- Como é que correu esta primeira experiência de produção arquitectónica?

Desirée Pedro – Eu ainda era estudante, e foi muito bom perceber uma série de procedimentos que nós víamos nos manuais como é que se fazia, e depois ver ali como é que é feito. Nesse sentido, foi uma óptima aprendizagem.

- No que diz respeito ao ateliê, quais as áreas de actuação? Ou seja, que tipo de projectos é que são desenvolvidos (com maior frequência)?

Desirée Pedro – Com maior frequência, percebemos isso há uns anos atrás, acabam por ser o desenho de exposições, no fundo é a cenografia para exposições. Também fazemos alguma cenografia para teatro. Mas também temos feito muitos projectos de habitação e reabilitação.

- Como é que surgem os projectos? Tendo em conta que muitos deles são realizados para concursos, e também para fora do país.

Desirée Pedro – Os projectos que vamos fazendo normalmente têm a ver com relações que vamos estabelecendo com pessoas que vamos conhecendo, ou pessoas que nos conhecem e vêm ter connosco.

- O ateliê elabora todas as etapas do projecto? Ou seja, pormenores construtivos, projecto de execução, electricidade, etc.

Desirée Pedro – Sim, tudo.

- Tem preferência ou apetência para o pormenor?

Desirée Pedro - Eu até acho que o Carlos é mais do detalhe, do pormenor.

- Todos os projectos do ateliê são realizados por si e pelo Arq. Carlos Antunes, ou por exemplo, poderá haver projectos só da sua autoria ou só da autoria do Arq. Carlos Antunes?

Desirée Pedro – Normalmente, são dos dois. Às vezes, acontece que um desenvolve mais uma coisa que o outro, porque o outro não está muito presente, não tem muito tempo. Tem a ver com a disponibilidade. Os projectos são assinados pelo ateliê, e nós nem gostamos de assinar com o nosso nome.

- Em termos de volume de trabalho, como é que classifica a produção de projectos/obras do ateliê, e conseqüentemente a sua produção?

Desirée Pedro – O ateliê já teve muito trabalho. Quando foi a crise desde de 2008, passou um muito mau momento. Nós reduzimos drasticamente o número de pessoas que aqui trabalharam, que chegaram a ser 20. Se tivéssemos sido sensatos, há um momento que até podíamos ter dito: “ok, isto agora não pode continuar”, mas nós somos insensatos, felizmente, e continuámos. A ideia é que o trabalho tem que se procurar, tem que se criar alternativas e encontrar mecanismos para continuar, para que a questão daquilo que nos preocupa, que é pensar o espaço, possa continuar. E fizemos bem em continuar, insensatamente, essa procura porque entretanto o trabalho foi aparecendo. E mesmo depois daqueles momentos difíceis, nunca houve um momento em que não houvesse trabalho. Houve sempre trabalho, infinitamente menor, mas houve, portanto foi possível continuar. Agora estamos a ter bastante volume de trabalho.

- Neste momento, quantos projectos estão em execução?

Desirée Pedro – Actualmente 6 projectos, sendo que um deles já se arrasta há muito tempo.

- De todos os projectos/obras realizadas até agora, consegue seleccionar 3 ou 4 que tenham maior importância para si?

Desirée Pedro – Para mim, os concursos são sempre muito importantes, porque é um momento muito importante e intenso de investigação. Posso dizer que foram as Escolas Subsarianas, o Museu do Cairo, o World Trade Center Site Memorial. O Laboratório Chimico também foi uma obra muito importante na minha aprendizagem.

- Então, centra-se mais em concursos porque são mais importantes para si?

Desirée Pedro – Não, não é. Por exemplo, a casa Rui Anahory foi muito importante, porque foi uma casa que demorou 6 anos a fazer e era experimentada na obra, aqui em Miranda do Corvo. Depois houve uma série de exposições que gostei muito de fazer. Por exemplo, um projecto que adorei, mas que não se vê é o Mercado, aqui em

Miranda do Corvo. É das obras que muitas vezes não é valorizada porque, realmente, ela é tudo menos exuberante. Acho que requalificámos e dignificámos muito o espaço. O projecto da Oficina de Construção, na FAUP, também foi muito engraçado. Os alunos da FAUP, na altura da associação de estudantes, pediram a um grupo que era do meu ano, para fazermos um projecto para aquele espaço em frente à faculdade. E nós fizemos uma oficina de construção, porque sentimos que era o que fazia falta na FAUP.

- Seleccionando alguns projectos seriam: o Mercado de Miranda, o Laboratório Chimico, que do meu ponto de vista acaba por também ser importante...

Desirée Pedro – Sim, foi muito importante porque foi um projecto em que pela primeira vez tivemos que fazer projecto de execução, embora já tivéssemos feito projectos de execução enquanto colaboradores. Eu diria então, o Mercado de Miranda, o Laboratório Chimico, a Escola de Pombal, e a casa do Gondramaz.

- Os concursos serão os 3 que seleccionou?

Desirée Pedro – Sim. Também pode ser o último, que foi o Museu da Ciência no Cairo.

- E as exposições?

Desirée Pedro – Gostei imenso das exposições que fizemos para a ESAD, que foram as ‘As Saias da Maria Gambina’, e agora ‘Desejo, tensão, transição’. A exposição ‘Semente em boa terra para o Jubileu do ano 2000, na Igreja de S. Tiago, foi maravilhosa, foi visitar os grandes mestres ao fazer esta exposição. O SMS:SOS também gostei bastante de fazer, foi para o guia de inserções, para o Pavilhão de Portugal.

- Pode-me falar sobre o desenvolvimento da produção desses projectos/obras até à sua finalização? De certa forma, contar a história do projecto. (Como surgiu? Como decorreu a sua criação? Que influências teve? Que impacto teve na região?)

Desirée Pedro – O Laboratório Chimico foi o único concurso que ganhámos. Fomos convidados pelo João Mendes Ribeiro para fazermos o projecto com ele, em coautoria. O Laboratório Chimico não é só a recuperação do edifício, todos os suportes expositivos que estão lá, também foram desenhados por nós. Depois do projecto estivemos um ano inteiro a desenhar a exposição, portanto deu muito gozo. Algumas vezes, tivemos reuniões com a museologia, com o Pedro Cavaleiro, com museólogos que vieram do Museu de Etnologia de Paris, de Barcelona, uma série de gente, porque estávamos no fundo a fazer museografia.

- Foi um projecto complexo?

Desirée Pedro – Muito complexo, que envolveu muitas especialidades que não são usais, não é muito comum isto acontecer na arquitectura. A museografia é um tema

que nós fomos tendo que investigar, porque fomos fazendo exposições, e isso levou-nos a querer saber mais sobre o que é expor, como é que se expõe objectos, como é que se conta uma história. No fundo é projecto, é exactamente a mesma coisa, as questões são as mesmas só que envolvendo, às vezes, outras disciplinas e isso é muito entusiasmante.

- A história do projecto do Laboratório Chimico acaba por se focar muito na museologia?

Desirée Pedro – Sim, o próprio projecto. Porque mesmo as opções de recuperação do edifício passavam por saber o que é que devíamos mostrar. Quando fizemos o concurso foi-nos apresentado um edifício feito na reforma pombalina, é um edifício novo, feito por Guilherme Elsdén. Depois, à medida que entram os arqueólogos, vamos percebendo que não, porque estão lá as cozinhas do Colégio das Artes, estão lá os laboratórios do edifício original do Elsdén, com as canalizações onde foi feita a pólvora para as invasões francesas, e descobrimos depois as peças do séc. XIX. Estavam lá uma série de coisas, e nós tivemos que tomar decisões: fica o quê? Por baixo, o que encontrámos foi o séc. XVI, e não era o séc. XVIII, nem era o XIX. Mas havia coisas do século XIX que valia a pena manter, e haviam coisas do séc. XVI que não podiam ficar, e haviam coisas do séc. XX que também valiam a pena ficar e outras que não. E esse confronto do que é que sai e do que é que fica, a coerência e a ilegibilidade do objecto, do edifício é que era importante perceber.

- Existe alguma história que possa contar sobre o projecto do Laboratório Chimico? Algum ponto positivo ou negativo que tenha acontecido?

Desirée Pedro – Houve a surpresa de quando descobrimos o pavimento da sala com as canalizações que foram feitas no edifício, quando descobrimos as chaminés emparedadas, quando descobrimos o púlpito. Começámos a perceber que o próprio séc. XIX tapou algumas coisas, ou seja, aquela sala que partimos do princípio que era uma sala que foi feita no séc. XIX, só quando chegámos ao sótão e começámos a picar, é que percebemos que o que estava por trás era o refeitório do Colégio das Artes, e por isso é que tinhas dois púlpitos, um completamente destruído e o outro estava emparedado. Isso foi maravilhoso. Por exemplo, nós tínhamos a casa das máquinas enterrada num sítio em que se descobriu uma cisterna. Há uma altura em que o antigo reitor, o professor Seabra Santos nos diz: “por favor, não enterrem mais nada, não escavem mais nada, porque senão não conseguimos acabar esta obra”. Nós sabíamos que estávamos a trabalhar num edifício muito delicado, com uma grande qualidade, com uma série de tempos históricos. Foi um projecto muito aliciante e de uma grande aprendizagem.

- O projecto teve impacto na região, principalmente na zona da Universidade?

Desirée Pedro – Acho que sim. Havia uma grande expectativa quando surgiu este concurso, por parte de quem estudou ali, de quem foi professor ali, e pela vivência também. Porque a parte emotiva neste projecto, a memória de quem viveu aquele espaço foi muito importante. No ateliê teve um grande impacto, decididamente.

- Em relação ao Mercado de Miranda, como é que foi o desenvolvimento do projecto?

Desirée Pedro – Acho que foi o primeiro projecto que tivemos para o município. O projecto do Mercado foi uma encomenda e pediram-nos para requalificar aquele mercado, para torná-lo num espaço mais confortável e qualificado que correspondesse às condições de higiene que os mercados deviam ter. Pediram-nos, no fundo, para fazermos um refresh ao edifício. O mercado é um ponto muito importante porque uma série de população, residente aqui à volta, vem à quarta-feira a Miranda ao dia do mercado e reúne-se aqui. Socialmente é muito importante, é um elemento que une e agrega a comunidade. Mas também é o sítio onde se realizam as feiras e a Expo Miranda. O edifício era um equipamento que estava completamente obsoleto, o desenho que tinha daquela galeria com a relação com os degraus, com os passeios era muito má, era desatenta. Com o dinheiro que tínhamos, pensámos em remodelar o interior, mudar os pavimentos todos porque aquela área tinha 4 cotas diferentes. Portanto, tentámos criar apenas duas zonas, clarificar e unificar pavimentos, resolver o problema das acessibilidades e das cotas e tratar os topos do edifício no interior. No fundo, deixar a estrutura como estava, mas limpar tudo o que era espúrio. Na zona do peixe, que era muito má, criámos bancas amovíveis e condições higiénicas devidas e acondicionadas. Por fora, embora fosse muito má, gostávamos da ideia da galeria, e por isso decidimos mantê-la. Surgiu a ideia de criarmos quase uma caixa, que vai manter a galeria e permite manter as lojas todas em baixo. Em cima, como vamos ter essa caixa, pareceu-nos que tinha sentido fazer outro programa, ou seja, criar uma galeria, um piso, foi o único piso que criámos, com laje aligeirada, que vá ter outro programa de lojas, e que garanta a circulação a toda a volta. Nos topos, num deles, foi-nos pedido que fizéssemos uma sala de exposições. Essa caixa vai, no fundo, criar uma imagem uniforme, tem transparência, e permite ter outro programa associado, em cima. Portanto, era um programa que tinha muitas valências. Foi um projecto que funcionou muito bem e que a mim me agradou muito fazer. Pegando em pouquíssimo dinheiro, conseguimos qualificá-lo, especialmente e em termos de materiais, e torná-lo um elemento central na vivência social daquelas pessoas, daquela vila.

- Nesta obra, teve algumas influências específicas?

Desirée Pedro – Não. Estivemos a ver uma série de projectos que usavam chapa, e estivemos a olhar, obviamente, para os SANNA.

- E sobre a Casa do Gondramaz, em Miranda?

Desirée Pedro – A Casa do Gondramaz foi uma experiência ótima. Não conhecíamos o cliente. É um cliente privado, do Porto, é um escultor, o Rui Anahory. Ele gostou muito da casa que estava em ruínas, ali ao lado, e andou à procura, em Miranda do Corvo, de quem é que o podia ajudar porque interessava-lhe que fossem pessoas da zona por causa do acompanhamento da obra. Deram-lhe o nosso nome, ele veio ter connosco e a casa foi surgindo.

- Qual foi o conceito?

Desirée Pedro – A casa era muito pequenina. Nós não percebemos muito bem quantos quartos é que poderia ter, porque era uma ruína. Percebíamos que havia gado em baixo, e tinha um pequeno pátio de entrada. Além disso, tinha uma coisa muito curiosa que era o facto de se entrar a meia cota, desenvolvia-se para baixo e para cima, mas não havia pisos porque estava uma ruína. O cliente disse-nos que gostava de ter 3 quartos e que seria uma casa de férias. A casa não é perceptível para fora, o acesso à rua não é visível, está encerrada por muros, logo é uma casa muito fechada sobre si própria. No entanto, abrimos muito a casa, não nos quartos, mas no espaço comum, na sala, para a tornar mais luminosa. Quando ficámos a saber o orçamento que tínhamos disponível para a casa, percebemos que não podia haver fiscal, não podia haver nada, tínhamos de ser nós a fazer isso tudo. Por isso, quem fazia a gestão diária da obra era o Carlos e assim foi possível construir a um preço incrível. Realmente, foi um prazer fazer o projecto porque podemos experimentar uma série de soluções. Para já porque tínhamos quase uma ruína e obrigou-nos a voltar à arquitectura popular, a perceber o que é que era aquilo, ao mesmo tempo dotando do conforto actual. Tivemos a possibilidade de experimentar e fazer coisas que noutro tipo de projectos não é possível, como a rocha que vive e que ficou naquela casa e que é parte da pré-existência. Foi um projecto muito gratificante.

- Além da influência do projecto ter sido a arquitectura popular, teve influências de outros arquitectos ou artistas?

Desirée Pedro – Não. Mas também tivemos a ver uma série de reabilitações de gente muito qualificada, uma série de casas do Louis Kahn, tivemos a ver como é que trabalhávamos uma série de coisas.

- Em relação à Escola de Pombal, como é que decorreu o projecto?

Desirée Pedro – A escola de Pombal foi feita em tempo record. Foi um projecto complicado porque a equipa era pequena. O processo de chegar a um programa foi muito moroso, mas assim que se chegou a um programa deram-nos pouquíssimo tempo. Foi uma loucura, o que implicou trabalharmos a non-stop, com muitas directas pelo meio. Sabíamos que estávamos a fazer coisas que não iam ter tempo de estar

devidamente verificadas. Na obra percebemos que tínhamos de ter uma capacidade de resposta louca, o que implicou que um dos colaboradores fosse directamente para lá, passando a trabalhar com a fiscalização. Se nós não respondêssemos, ficava feito como o empreiteiro queria, tínhamos de estar presentes na reunião para ter o controlo das coisas, se não faziam o que queriam. Foi um projecto muito violento e duro, foi o confronto com outro tipo de projecto, com a obra pública que não dá para mudar, que não dá para alterar. Se no Rui Anahory é o gozo de ir fazendo e podemos ir mudando, e vamos testando em obra, ali não se testa nada em obra. Quando o betão está mal feito, para deitar a baixo é preciso bater o pé de uma maneira muito veemente, e se eu não batesse o pé e dissesse: “isto tem de ficar assim, ponto final, e eu tiro a responsabilidade a isto”, acho que não tínhamos conseguido manter alguma qualidade na obra. Nós chegámos a uma escola de 1958, que tinha uma boa construção, uma qualidade incrível, que se tinha aguentado até aos dias de hoje de uma maneira mais ao menos boa. Visto que iríamos intervir numa escola desta qualidade, queríamos optar por soluções que aguentassem outros 50 anos, sem descaracterizar o que lá está. Não queríamos ir para soluções que durassem pouco tempo, tendo em conta que a utilização dos alunos no espaço é muito agressiva. Ou seja, nós queríamos ir para soluções que tivessem essa capacidade de resistência, e foi isso que tentámos fazer, pois a questão da durabilidade da obra era essencial para nós. Mas isto vai, de alguma maneira, contra aquilo que era pedido para fazer, porque era fazer muito rápido para ficar pronto rapidamente, só que depois estraga-se. Nós optámos pelo inverso, por fazer soluções que nós queríamos, fugindo de soluções mais ligeiras. Mas a própria dinâmica das escolas, dos empreiteiros e da Parque Escolar, não estava preparada para isso, não queria isso. Foi uma obra muito complicada, mas acho que foi uma boa aprendizagem. A construtora, ao nível das chefias, consideraram que foi um dos melhores projectos que fizeram, e isso para nós foi a grande surpresa. Acharam que foi um projecto muito rigoroso. Depois, a própria fiscalização percebeu que nós estávamos muito presentes.

- Qual o projecto/obra lhe trouxe mais prazer na sua produção e concretização?

Desirée Pedro – Não consigo escolher nenhum. Todos os projectos têm coisas boas e coisas más. Se for construir é uma coisa... gosto muito de concursos pelo gozo que dão. Mas por outro lado, por exemplo, fazer uma exposição é uma coisa muito engraçada, porque nós vemos o material, vemos o espaço e de repente temos que inventar uma história, uma maneira de contar aquilo, e é tudo feito rapidamente. Ou seja, é um tempo diferente dos projectos de arquitectura porque é mais rápido. Eu gosto disso também. Porque, normalmente, a arquitectura é um processo muito lento, os projectos duram uma eternidade. As exposições como são muito rápidas, temos a possibilidade de vermos imediatamente, isso dá gozo.

- Tem preferência por fazer projectos de grande escala ou pequena escala? E Porquê?

Desirée Pedro – Os dois. São questões completamente diferentes. Para mim é importante o exercício de estar numa escala e outra, e nos mais variadíssimos programas.

- Tem preferência por fazer projectos mais ligados à reabilitação, ou por exemplo, à habitação? Ou seja, tem preferência de tipologia?

Desirée Pedro – Não. Gosto de tudo.

- Se calhar, tem preferência por projectos mais ligados aos concursos?

Desirée Pedro – Não. Eu gosto dos concursos pela rapidez com que nós chegamos a uma solução. Os programas que nós escolhemos acabam por ser aliciantes... são de grande escala e onde as questões, muitas vezes, de relação com a cidade são inevitáveis que aconteçam. Portanto, no fundo estamos a trabalhar uma escala que permite cruzar questões de mobilidade, de atravessamento a uma escala urbana. Mas o gozo de desenhar uma mesa, de desenhar um suporte para o vaso é o mesmo, e dá mesmo muito gozo. As coisas, independentemente da escala, podem dar imenso gozo e podem levantar imensas questões, e há projectos que são para desenvolver realmente quase tudo ou tudo, e outros que não, são outro tipo de questões que se levantam. A mim o que me agrada é esta ginástica, estes saltos de escala agradam-me imenso porque permitem-nos tirar o tapete a nós próprios, e questionarmo-nos: “agora o que é que eu faço”, e este agora o que é que eu faço é fantástico, e é muito importante estar constantemente na dúvida do que é que vai acontecer, e do que é que eu vou fazer, nesta ansiedade de “será que eu vou conseguir fazer?”. Isso é um gozo imenso, e é isso que nos motiva. Por isso é que eu digo que gostamos dos concursos, é por isso.

Perspectivas:

- Ao longo da sua carreira, tem contado com uma participação e colaboração masculina na elaboração dos projectos. Acha que isso a beneficia de algum modo? Considera que é um ponto positivo para o seu percurso profissional?

Desirée Pedro – Eu acho que é, mas eu não poria a coisa assim: masculina e feminina. Eu acho que o trabalho em equipa é essencial. Nunca trabalhei só com mulheres ou só com homens, foi sempre com uma equipa mista e acho isso vantajoso. Acho que são as pessoas que fazem a diferença, muito claramente.

- Que influências arquitectónicas considera serem mais importantes na sua prática profissional? (ex. influências de outro arquitectos, de outras épocas)

Desirée Pedro – Tenho tantas. Andamos os dois fascinados por uma série de autores dos anos modernistas. Andamos sempre a visitar o Corbusier, o Louis Kahn, o Aalto, o Franco Albini, o Carlo Scarpa, a Franca Helga, a Lina Bo Bardi, o Herman Hertzberger, o Siza. Portanto, há uma série de autores que estamos constantemente a visitar. Mas, há muitos artistas que nos interessam. Interessa-nos muito o Michel Serra, o Bourry, o Alberto Carneiro, o Cabrita Reis. O Josef Svoboda e o Bob Wilson da cenografia. Esta proximidade que tivemos, desde sempre, com o Circulo de Artes Plásticas é muito importante. Se há pouco disse que eu sempre pensei em ir para pintura, o Carlos sempre pensou em ir para escultura.

- Daí o gosto pelas maquetes?

Desirée Pedro – Talvez. E é engraçado que nós desenhamos e fazemos maquetes de maneira completamente diferente. O Carlos trabalha com matéria de uma maneira muito intensa, e eu faço uma maquete a desenhar, uso a maquete para desenhar.

- Quais os elementos da sua arquitectura que considera serem mais importantes e característicos?

Desirée Pedro – Não consigo dizer... Porque há momentos que me interessa imenso a densidade da matéria, há outros que me interessa a leveza, há outros que me interessa o detalhe.

- Quais as maiores dificuldades que ocorreram ao longo da sua carreira?

Desirée Pedro – Sinto que nem sempre tenho tempo. Essencialmente é isso, a gestão do tempo.

- Como é que constrói a sua identidade profissional, enquanto arquitecta? É esta experiência de vários autores que acaba por enriquecer a sua identidade?

Desirée Pedro – Sim, decididamente. O estar atento, o estar a ver coisas é muito importante para produzir.

- Por exemplo, nas 4 obras que identificámos existiu alguma influência?

Desirée Pedro – Estes arquitectos todos, e estes escultores, pintores, cineastas, escritores... eles estão lá de uma maneira directa ou não. Estes autores têm a capacidade incrível de não se esgotarem numa única coisa, ou seja, eles são polissémicos, permitem muitas leituras e isso é que é estimulante.

- Como é que se caracteriza como arquitecta?

Desirée Pedro – Acho que sou eclética, gosto de montes de coisas, mudo muitas vezes de opinião e não me desagrada nada estar a mudar de opinião. A ideia de não estar confinada a uma coisa, agrada-me. Gosto de quando trabalho em equipa, de manifestar a minha opinião.

- Quais os seus planos e perspectivas para o futuro, também a nível de projectos?

Desirée Pedro – Ter muitos projectos, poder continuar a experimentar coisas.

- Existe algum projecto que ainda não fez e gostava de realizar?

Desirée Pedro – Sim, tantos. Adorava fazer um hospital, uma igreja, um templo... Aliás, quando nós estamos a fazer concursos, estamos sempre à procura de fazer coisas diferentes. Gostava de fazer projectos de grande escala, mas também continuar a fazer projectos de pequena escala. Gostava muito de ter clientes que me permitissem fazer isso.

- Sente-se realizada como arquitecta?

Desirée Pedro – Ainda não. Porque acho que ainda posso fazer muitas coisas.

Miranda do Corvo, Atelier do Corvo, 19 de Abril de 2017

ENTREVISTA 4 – Arquitecta Mercês Vieira

Questões genéricas sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura?

Mercês Vieira – É evidente que existe uma diferença. Se eu tenho sentido, no meu caso pessoal, muita discriminação nesse sentido, de facto, não. Suponho que essas coisas existem em trabalhos de outro tipo, em classes sociais mais baixas. À medida que as coisas avançam, as pessoas estão mais informadas, mais formadas, e essa questão não se põe tanto. Existem aquelas bocas, um bocado, reacionárias, existem.

- De uma forma geral admite que realmente, este é um tema que está em debate nos dias de hoje?

Mercês Vieira – Sim, existe claro, em todo o lado, cada vez mais.

- A arquitecta Mercês Vieira, na última entrevista, referiu que não gosta de coisas formatadas. Será que a própria história da arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da mulher não é valorizada?

Mercês Vieira – Isso está-me sempre a forçar para um entendimento que, de facto, que eu não coloco dessa forma.

- Não tem uma opinião formada?

Mercês Vieira – Não, não tenho. Não acho que as coisas estejam formatadas desse modo. As coisas vão acontecendo por questões culturais, de facto. Mas agora que haja um complô, qualquer coisa de opressivo ou direcionado nesse sentido, eu acho que não. Acho que também tem que ver com a atitude que as pessoas têm, de se comportarem desse modo.

- Concorda que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, no sentido da igualdade de género e de oportunidades no mundo da arquitectura, e por sua vez no reconhecimento do papel da arquitecta em Portugal?

Mercês Vieira – Sempre a mesma pergunta, feita de várias maneiras... Em questões de estatística, provavelmente, as mulheres estão mais ligadas à investigação, os homens estão mais ligados à construção, à obra, ao estaleiro.

Tipo de formação e contacto com o mundo profissional:

- Sentiu alguma discriminação por parte dos seus colegas, enquanto frequentou a Escola de Belas Artes do Porto? Tendo em conta que nessa altura o número

de mulheres nas universidades, e inclusive no curso de arquitectura, era bastante inferior ao número de homens.

Mercês Vieira – Não, nunca senti.

- O arquitecto Jorge Figueira, numa entrevista que me deu, quando o questioneei se existia discriminação em relação às mulheres no âmbito do ensino, de acordo com a sua experiência como estudante, disse que “ (...) a discriminação existe, logo, quando o número é pequeno (...) portanto, há partida havia ali uma sociologia, uma ecologia, um ambiente que te colocava numa posição mais frágil. “, e ainda realça a frase conhecida de Vieira de Lima “Se querem sarilhos, metam mulheres.” De acordo com a sua experiência como estudante, na mesma universidade que o arquitecto Jorge Figueira, concorda com o facto de as mulheres estarem em minoria e numa posição desfavorável?

Mercês Vieira – Penso que, neste momento, a maioria são mulheres na faculdade de arquitectura. Não me parece que haja muita diferença.

- Na sua experiência, sentiu que o número de mulheres era inferior?

Mercês Vieira – Não faço a menor ideia. Nunca reparei nisso, nunca liguei.

- Considera que o tipo de formação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Mercês Vieira – Claro que sim. O desenvolvimento das pessoas faz-se desde que se nasce. Se uma pessoa for educada desde criança a brincar com bonecas ou com carros, vai ter uma orientação em determinado sentido. É uma questão cultural e de formatação das pessoas.

- Nunca sentiu que a formação que lhe estava a ser dada pudesse estar a ser diferente, de alguma forma, da educação que estava a ser dada aos seus colegas homens?

Mercês Vieira – Não.

- Se nas Universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Mercês Vieira – Não. A maioria dos meus professores eram homens.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d’Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Mercês Vieira – Sim, acho que sim. Quanto mais participadas forem as situações, mais elas estão presentes.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho da arquitectura torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Mercês Vieira – Eu não tenho muita experiência de mercado de trabalho. Quando eu comecei a trabalhar, comecei num escritório e depois passei a ser eu a ter o meu escritório, com um colega meu. Portanto, não tenho esse confronto. Também, trabalhei numa câmara, aí as situações são iguais. Aliás, tanto câmaras como o ensino são amáveis em relação à mulher. Há muita mulher empregada numa câmara. Na direcção técnica de uma obra há muito menos mulheres, de facto.

- É mais difícil ter acesso a esse tipo de trabalho?

Mercês Vieira – Não sei se é mais difícil, provavelmente as pessoas escolhem menos esse tipo de trabalho. Para já, porque o trabalho é mais duro, depois requer mais tempo disponível, e muitas vezes há o problema familiar que se sobrepõe ao problema da profissão.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Foi o facto de haver pouco trabalho?

Mercês Vieira – Sim, havia muito pouco trabalho.

- Anteriormente, referiu que não sentiu distinção de género na sua formação académica. Porém, quando entrou no mercado de trabalho e se viu a trabalhar só com homens, qual foi a sua reacção?

Mercês Vieira – Nenhuma. Porque não faço distinção.

- Sentiu que isso podia ser uma vantagem ou desvantagem? Ou sentiu que isso lhe iria trazer problemas na relação com os arquitectos, ou seja, se poderia haver confrontos nas relações de género, e no conseqüente desenvolvimento do seu trabalho?

Mercês Vieira – Não.

- Acha que há vantagens e desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão? Tal como realçou, a questão familiar poderá ser uma das desvantagens para as arquitectas, hoje em dia?

Mercês Vieira – Isso é em qualquer profissão. Acho que tem mais que ver com o tempo de trabalho e com a disponibilidade de viajar, e de trabalhar fora de horas que a profissão exige, muitas vezes. Acho que, de facto, pesa mais no factor feminino por causa da maternidade e questões familiares.

O que é exigido às arquitectas:

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Mercês Vieira – Não.

- No desenvolvimento dos seus projectos, nomeadamente dos 5 projectos seleccionados, alguma vez sentiu que teve que provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o habitual?

Mercês Vieira – Não.

O tipo de relação profissional que existe num ateliê, entre homens e mulheres:

- Na última entrevista, disse-me que a sua relação profissional com o arquitecto Camilo Cortesão decorre de um bom entendimento. No entanto, ele nunca demonstrou ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou de desvalorização?

Mercês Vieira – Tem sempre, nem que seja na maneira de agir, no uso de comentários básicos, nos desabafos como graça, mas não como coisas sérias.

- Pelo menos entende isso como graça e não leva isso a sério?

Mercês Vieira – Não, claro que não. Há coisas que são politicamente incorretas, e são ditas dessa forma. Outra coisa é dizer como graça. A maneira como se diz é importante, a mensagem não é a frase lida, mas o contexto e a forma como é dita.

- A arquitecta Mercês nunca sentiu, por exemplo, que o facto de ele explicar os projectos em público, de ser ele a verbalizar as ideias, pudesse ser uma forma subtil de discriminação, de desvalorização das suas capacidades?

Mercês Vieira – Não, antes pelo contrário. Sempre senti que sou eu que me ponho à parte desse mundo, e não ele a fazer isso.

- No seu ateliê, e nas relações que os seus colaboradores têm entre eles, sente que existe algum tipo de distinções de género, algum tipo de desvalorização ou discriminação perante a figura feminina?

Mercês Vieira – Não.

- A forma como distribuiu o trabalho pelos seus colaboradores permite a igualdade de oportunidades, e permite que não hajam distinções de género, ou rege-se por algum tipo de ideia pré-determinada, ou seja, associa tarefas específicas de acordo com o género?

Mercês Vieira – Não.

- Consegue com que todos os colaboradores, deste ateliê, a respeitem como uma Arquitecta, como uma pessoa singular dotada de capacidades e talento, sem fazer qualquer associação de género?

Mercês Vieira – Sim, claro, que remédio.

- Na última entrevista, confirmou que a ideia do arquitecto artista ainda existe muito, e que a formação dada nas escolas é essa. Será que, de certa forma, os seus colaboradores fazem esse tipo de distinção entre si e o arquitecto Camilo Cortesão, atribuindo a figura do arquitecto artista ao seu sócio, e por sua vez, desvalorizando a sua posição?

Mercês Vieira – Não.

O modo como trabalha um arquitecto e uma arquitecta:

- Há diferenças substanciais no modo como trabalha um arquitecto e uma arquitecta?

Mercês Vieira – Não, acho que não.

- Considera que pode existir uma relação de género com o processo arquitectónico?

Mercês Vieira – Eu acho que não.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Mercês Vieira – Não sei. Pode ser devido aos casos que têm passado por aqui, mas acho que há mulheres mais organizadas. Há assim questões de organização que às vezes se notam. Eu não tenho nenhuma capacidade de organização.

- Mas a nível de concentração, nota alguma diferença?

Mercês Vieira – Não.

- De acordo com a sua experiência profissional, verifica alguma distinção de género na atribuição de projectos entre si e o seu colaborador? Há algum tipo de projecto que não seja atribuído a si, ou a ele?

Mercês Vieira – Não. Somos nós que escolhemos.

Distinção entre obras – saber se foi feito por um arquitecto ou uma arquitecta:

- Na análise de um projecto, é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Visto que alguns autores, nomeadamente, o arquiteto Jorge Figueira, defende a existência de uma “arquitectura de macho alfa” e uma arquitectura que tende para a “sensibilidade feminina”.

Mercês Vieira – Não, eu acho que não.

Contacto com o cliente e outros interlocutores – capacidade de verbalização:

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título 'O Espaço das Mulheres na Arquitectura', disse: "Nesse artigo da Clara Viana (...) referia um estudo que provava que as mulheres tinham uma maior capacidade de verbalização, ou seja tinham de transformar as coisas em discurso, de as explicar e de as compreender."
Concorda com esta ideia?

Mercês Vieira – Não. Eu sou completamente o oposto disso.

- Admitindo que a mulher tem essa capacidade de verbalização, será que está mais bem preparada para discutir a arquitectura e a forma como está a ser feita?

Mercês Vieira – Não. Se uma pessoa tem mais capacidade de verbalização, provavelmente, é-lhe mais fácil fazer uma crítica. O que não quer dizer que uma crítica não possa ser contundente com poucas frases, com uma frase mais curta. É evidente que a capacidade de verbalizar é uma grande ajuda, em todo o lado.

- A arquitecta Patrícia Barbas, numa entrevista que deu para a Revista do Expresso, com o título 'E se as mulheres desenhassem as cidades' afirma que: "Ao contrário de outras disciplinas, obriga ao contacto frequente com interlocutores, na sua maioria masculinos, muito diferentes, e todos eles fundamentais para atingir o objectivo de concretização de um projecto, pelo que todos precisam de ser 'conquistados' a 'vestir a camisola'." Torna-se difícil o contacto com o cliente e os diferentes interlocutores?

Mercês Vieira – Sim. É muito difícil contactar com os interlocutores, cada um com as suas ideias e com os seus pelouros. Há sempre um confronto, uma distância, nas ideias e objectivos diferentes, na dificuldade de explicar o projecto com uma linguagem técnica que o normal das pessoas não têm. Esse trabalho é difícil.

- Sente que esse contacto, muitas vezes, está acompanhado de uma certa desconfiança que incute, de certo modo, algum tipo de discriminação por parte dos interlocutores quando se deparam com o discurso da arquitecta?

Mercês Vieira – Acho que a desconfiança existe mais no tipo de coisas que eles estão à espera que uma pessoa faça, e o que é que nós estamos a propor fazer. Há mais desconfiança nesse sentido, do que pelo facto de ser mulher ou não.

- No seu caso, toma partido e vantagem da sua capacidade de verbalização, ou seja, consegue explicar os seus projectos aos clientes sem que eles desconfiem do seu discurso e das suas capacidades enquanto arquitecta?

Mercês Vieira – Eu tento explicar. Eles, claro que desconfiam porque têm algum receio. Para já, vão investir dinheiro e pode correr mal. Portanto, é natural que tenham alguma desconfiança.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação por parte de algum cliente, ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização do projecto? (nomeadamente, em relação aos 5 projectos escolhidos?)

Mercês Vieira – Não. Tudo clientes normais.

Aparecimento das mulheres no ambiente de obra – preconceito:

- O ambiente de obra é associado ao mundo masculino, feito de piropos, e por isso, de alguma forma, não adequado para as mulheres. Considera que o ambiente de obra faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Mercês Vieira – Acho que essa coisa dos piropos desapareceu. Para já, as pessoas nas obras são muito mais novas. Essa mentalidade foi evoluindo.

- Mas quando vai a uma obra sente algum tipo de discriminação?

Mercês Vieira – Por exemplo, ajudam a subir os degraus que são altos, esse género de coisas. Alguns cuidados que não têm com um homem. Depois, quando é para escolher as cores, falam sempre comigo, não sei porquê.

- Concorda com a ideia de que quando uma arquitecta vai à obra existe uma certa invisibilidade por parte dos trabalhadores, um sexismo aliado a uma falta de cultura e educação?

Mercês Vieira – Não.

- Alguma vez sentiu, que quando ia a uma obra com o arquitecto Camilo Cortesão, o responsável de obra dirigia, intuitivamente, o seu discurso e olhar para o arquitecto Camilo e não para si?

Mercês Vieira – Sim, isso sim. Mas não me importava, antes pelo contrário.

- No decorrer da sua vida profissional, conseguiu ganhar confiança para lidar com estas situações de discriminação, de confronto, dos olhares indiscretos dos trabalhadores?

Mercês Vieira – Sim. Como lhe disse, também nunca fui confrontada com situações limite.

Disponibilidade, associada à maternidade e família:

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Mercês Vieira – Sim, é.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional?

Mercês Vieira – Influenciam, decerto. Se prejudicam, não sei.

- Considera que uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira profissional, como uma arquitecta que não tenha?

Mercês Vieira – Não. Tem é um tempo de ausência mais prolongado.

- A questão da maternidade pode gerar conflitos e problemas na relação das arquitectas com os ateliês onde trabalham? Visto que segundo a opinião da arquitecta Paula Santos, alguns ateliês despedem as arquitectas quando estão grávidas.

Mercês Vieira – Acho que ninguém vai despedir uma pessoa que está grávida. Antes pelo contrário. No entanto, numa equipa, quando uma pessoa se ausenta durante 6 meses, quando retoma tem de ter um período de adaptação, onde trabalha menos, e está muitas vezes ausente. Isso, do ponto de vista de quem gere um escritório é complicado e penoso, porque o posto de trabalho tem um preço. Quando uma pessoa está a ocupar um posto mas só vem 40% do tempo, o preço sobe. Portanto, do ponto de vista financeiro é gravoso. Se eu for escolher, vou escolher um homem que não tem dessas coisas.

- Mas tomava essa iniciativa se fosse necessário?

Mercês Vieira – Não, também nunca me passou pela cabeça.

- Como faz a divisão entre a família e o trabalho, no que toca à sua dedicação e experiência?

Mercês Vieira – Nunca tive esse tipo de problemas.

Ansiedade da originalidade:

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título ‘O Espaço das Mulheres na Arquitectura’, disse: “ (...) o homem tem a ansiedade da originalidade. Tem que fazer coisas novas, tem que chegar a um território e colocar uma estaca (...) Está sempre à procura do novo tema, e da nova situação, e do novo edifício e do novo. E eu acho que a mulher não tem essa ansiedade da originalidade, não tem essa necessidade.”
Concorda com esta afirmação?

Mercês Vieira – Não. Há pessoas que têm necessidade da originalidade, há pessoas que não têm, tem sempre que ver com as pessoas.

- Tem esse desejo da ansiedade e da originalidade quando desenvolve os seus projectos, ou por outro lado, defende a ideia de reescrever, reinventar, de não

deitar tudo fora e começar tudo de novo, como a Zaha Hadid fez ao pegar no construtivismo russo e ao transformá-lo numa coisa nova, ou como a Beatriz Colomina faz em relação ao Le Corbusier, quando introduz um novo Le Corbusier como uma figura sem esse lado heroico?

Mercês Vieira – Sim, estou mais de acordo com essa versão.

- Sente que o seu sócio, o arquitecto Camilo Cortesão, tem esse desejo da ansiedade e originalidade na produção dos projectos?

Mercês Vieira – Não tem, de modo nenhum.

- Acha que o homem enquanto arquitecto tem a necessidade de se superar a si mesmo, tem a necessidade de provar a sua capacidade e mostrar se a toda a gente de forma heroica?

Mercês Vieira – Não.

- Considera que as arquitectas, de certo modo, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades de forma permanente para alcançar um lugar relevante na história da arquitectura, e para serem respeitadas como tal?

Mercês Vieira – Não, acho que não. Se for para o top 10 da arquitectura, imagino que a concorrência seja feroz. Mas isso para toda a gente, não é só para as mulheres.

- No que diz respeito aos 5 projectos, anteriormente escolhidos, teve ansiedade na sua concepção, ou seja, teve por base ou teve em conta a arquitectura feita até agora e influências arquitectónicas, ou baseou-se na ideia de começar algo de novo?

Mercês Vieira – Eu nunca começo um projecto a ver quais são as referências que vou usar, nunca tenho essa atitude. Começo sempre a dizer e a olhar para aquilo, sem ter a menor ideia do que vou fazer. Depois, começando a trabalhar as coisas vão surgindo.

Competitividade:

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Mercês Vieira – Existe. Quando há falta de trabalho começa a ser mais complicado.

- No seu ateliê, sente que existe competitividade por parte dos seus colaboradores? Ou tenta transmitir outra ideia?

Mercês Vieira – Não. Transmito a ideia de que se deve trabalhar em grupo, e os grupos vão variando, misturam-se as pessoas para não criar grupos dentro do escritório, pré-definidos. As pessoas ajudam-se, não há protecionismo, antes pelo contrário, toda a gente partilha opinião.

- Existe algum tipo de competitividade entre si e o arquitecto Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – Não.

- Acha que o facto de existir tanta competitividade faz com que as arquitectas sejam colocadas à margem, numa posição pouco relevante e reconhecida, na História da Arquitectura?

Mercês Vieira – Não.

- Quando uma arquitecta adquire uma posição relaxada e distendida em relação à competitividade e ansiedade (no que diz respeito às publicações em revistas, sites, concursos, clientes) que se faz sentir no mundo da arquitectura é uma forma inteligente de lidar com as coisas?

Mercês Vieira – Não sei se é muito inteligente. Para se tentar publicar algo, tem de se andar a trabalhar para isso. As pessoas se não trabalham, ninguém vem cá pedir.

- Será que as mulheres estão mais bem preparadas para lidar com a competitividade e a ansiedade, neste sentido?

Mercês Vieira – Não, acho que não vejo diferença nenhuma.

Pormenores e detalhes:

- Considera que as arquitectas têm uma apetência maior para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Mercês Vieira – Não.

Questão da curva associada às mulheres:

- Concorda que seja feita a associação da curva às arquitectas e do ângulo recto aos arquitectos, como se existisse arquitecturas que tendem para uma sensibilidade feminina e arquitecturas que tendem para uma sensibilidade masculina, com base na opinião do arquitecto Jorge Figueira?

Mercês Vieira – Não.

Atribuição de prémios:

- O facto de existirem apenas três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização das arquitectas, de forma global?

Mercês Vieira – Não sei. O prémio Pritzker, também são casos de excepção. Ora casos de excepção não são por maiorias, são por excepção. As excepções não validam o normal, que é saber se há igualdade ou não.

- Quando existe, por exemplo, um ateliê dirigido por um arquitecto e uma arquitecta, e o prémio é atribuído apenas ao arquitecto, concorda com isso? (Como é o caso da Denise Scott Brown.)

Mercês Vieira – Se isso acontecer é uma incorrecção.

- Considera que existe “uma resistência ao reconhecimento do trabalho das arquitectas, que se limita a reproduzir os mecanismos de discriminação da sociedade em geral”, como defende a arquitecta Paula Santos na entrevista que deu para a Revista do Expresso, com o título ‘E se as mulheres desenhassem as cidades’.

Mercês Vieira – A discriminação que existe nas arquitectas é igual ao que existe em toda à volta da sociedade. O nível de discriminação é semelhante, não há diferença por ser arquitecto ou farmacêutico.

A possível existência de uma arquitectura feminina:

- Acha que pode existir uma arquitectura feminina?

Mercês Vieira – Há arquitectura feita por mulheres, agora feminina acho que não.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular?

Mercês Vieira – Sim. Acho que não há género na arquitectura.

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título ‘O Espaço das Mulheres na Arquitectura’, afirma: “(...) a arquitectura hoje remete muitas vezes para elementos de feminilidade.”
Concorda com esta afirmação?

Mercês Vieira – Não, porque não reconheço género na arquitectura, portanto não posso concordar.

- Além disso, Jorge Figueira associa a racionalidade ao género masculino, e a afectividade e sensibilidade ao género feminino. Concorda com esta divisão de ideias?

Mercês Vieira – Não.

Diferenças ou mudanças que as arquitectas podem trazer para a arquitectura:

- Será que a arquitectura masculina, caracterizada pelo Movimento Moderno e considerada por vários autores, já deu o que tinha a dar, e portanto, é necessário novas vertentes, novos modelos em que as mulheres possam ter uma posição relevante?

Mercês Vieira – Sim, que é preciso novos modelos é, que as mulheres têm que participar, têm. A arquitectura tem de ser participada por todos, não pode ser participada só por homens ou só por mulheres.

- O papel e a presença das mulheres no campo da arquitectura traz mudanças e diferenças, ou seja, a contribuição das mulheres nesta área pode significar alguma mudança significativa?

Mercês Vieira – Mudança há sempre, se é por haver mais mulheres a participar ou não, não sei, não estou cá para ver.

Perguntas específicas para a arquitecta:

- As cidades seriam diferentes se fossem desenhadas por mulheres?

Mercês Vieira – Acho que não.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível no mundo da arquitectura e na história da arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Mercês Vieira – Não. Acho que tem que haver uma mudança na sociedade. Portanto, a arquitectura vem com essa mudança.

- O facto de manter sempre a coerência na sua maneira de ser e no seu ponto de vista, de certa forma, no seu feitio é um ponto positivo para o seu sucesso?

Mercês Vieira – É normal que uma pessoa seja coerente com aquilo que vai fazendo. No entanto, a certa altura, vai introduzindo elementos novos e vai modificando, isso também é razoável.

- Quais foram as maiores dificuldades que ocorreram ao longo da sua carreira?

Mercês Vieira – As maiores dificuldades são quando os projectos são grandes. Existe um acumular de situações de stress, durante muito tempo e muito sobrepostas, e isso é violento. Uma pessoa não aguenta durante muito tempo. É desgastante. É desgastante. Também, ninguém foge disso, porque toda a gente quer conseguir resolver situações mais difíceis.

- Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento do seu percurso profissional?

Mercês Vieira – Muitos dos preconceitos são preconceitos formais. É difícil querer fazer alguma coisa quando existem alguns clientes que não ultrapassam certas ideias pré-concebidas.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Mercês Vieira – Não. Não tenho nenhuma atitude assim participativa de ir a manifestações. Se for preciso assinar alguma coisa, sim.

- Não é inflexível, embora tenha uma opinião?

Mercês Vieira – Sim, tenho uma opinião clara que há uma igualdade, tem que haver, que não se pode prescindir. E quando isso é posto em causa, deve-se reagir, é evidente. No meu caso, essa atitude não tem sido muito presente.

- Ao longo do seu percurso profissional, nunca se cansou ou fartou de trabalhar com o seu sócio, o arquitecto Camilo Cortesão?

Mercês Vieira – Ah, sim todos os dias. Quando uma pessoa está demasiado próxima, não é possível estar todos os dias com essa pessoa e achar que é um mar de rosas.

- E isso nunca levou a que se chateasse com ele?

Mercês Vieira – Não. Tenho outra sala e vou para lá.

- Porque é que nunca optou por abrir um ateliê em nome próprio, visto ter tanto sucesso no seu percurso profissional?

Mercês Vieira – Não, isso trabalhar sozinha, não.

Porto, Atelier MVCC Arquitectos, 10 de Maio de 2017

ENTREVISTA 5 – Arquitecta Desirée Pedro

Questões genéricas sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura?

Desirée Pedro – Eu acho que neste momento, na conjuntura actual, se calhar não faz muito sentido. Mas é um tema que por algum motivo está a surgir, cada vez mais, e se calhar é sinal de que alguma coisa não está bem. É o resultado de haver cada vez mais arquitectas, e de aqueles que são conhecidos, reconhecidos e premiados serem homens. Suponho que tem a ver com esse desconforto, com essa reacção.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da mulher não é valorizada?

Desirée Pedro – Sim, concordo. Nós vivemos numa sociedade cujos princípios são, claramente, estruturados segundo a ideia do pai de família, o homem que sustenta a família. É uma sociedade masculinizada. Nesse sentido, se calhar é normal que a presença da mulher não seja valorizada.

- Concorda que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, no sentido da igualdade de género e de oportunidades no mundo da arquitectura, e por sua vez no reconhecimento do papel da arquitecta em Portugal?

Desirée Pedro – Eu penso que em termos de trabalho produzido, de prémios, de reconhecimento, ainda há um longo trabalho, nesse sentido. Porque muitas vezes, muitas mulheres trabalham em escritórios com outras equipas, ou onde são sócias, e por isso o reconhecimento é diluído, não é focalizado nelas.

Tipo de formação e contacto com o mundo profissional:

- Enquanto frequentou a Escola de Belas Artes do Porto notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género?

Desirée Pedro – Não, de todo.

- Sentiu alguma discriminação por parte dos seus colegas? Tendo em conta que nessa altura o número de mulheres nas universidades, e inclusive no curso de arquitectura, era bastante inferior ao número de homens.

Desirée Pedro – Não.

- O arquitecto Jorge Figueira, numa entrevista que deu, quando o questioneei se existia discriminação em relação às mulheres no âmbito do ensino, de acordo com a sua experiência como estudante, disse que “ (...) a discriminação existe,

logo, quando o número é pequeno (...) portanto, há partida havia ali uma sociologia, uma ecologia, um ambiente que te colocava numa posição mais frágil. “, e ainda realça a frase conhecida de Vieira de Lima “Se querem sarilhos, metam mulheres.” De acordo com a sua experiência como estudante, na mesma universidade que o arquitecto Jorge Figueira, concorda com esta afirmação? Concorda com o facto da minoria, que neste caso são as mulheres, estarem numa posição desfavorável?

Desirée Pedro – Eu já não passei por isso, porque o número de mulheres e de homens era igual, era equiparado. E havia, igualmente, o mesmo número de mulheres boas alunas e de homens bons alunos.

- Considera que o tipo de formação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Desirée Pedro – Sim, claramente.

- Nunca sentiu que a formação que lhe estava a ser dada pudesse estar a ser diferente, de alguma forma, da educação que estava a ser dada aos seus colegas homens?

Desirée Pedro – Não.

- Se nas Universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Desirée Pedro – Não faço a menor ideia, mas pode ser e pode não ser.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d’Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Desirée Pedro – Sim.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho da arquitectura torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Desirée Pedro – Eu acho que também não sei avaliar, porque acho que o mercado de trabalho na arquitectura está mau, ponto final. Portanto, não sei se há dados para se poder avaliar que é por se ser mulher que não se consegue o trabalho, ou não. Eu não passei por essa situação.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho?

Desirée Pedro – A grande dificuldade foi estar num meio tradicional e pequeno, e trabalhar com um arquitecto. Ou seja, como era um meio tradicional, eu não era claramente valorizada. Era ele que era valorizado.

- Quando entrou no mercado de trabalho e se viu a trabalhar com homens, qual foi a sua reacção?

Desirée Pedro – Não estranhei. Nunca me interroguei porque é que eles não trabalhariam com uma mulher. Isso foi um assunto que nunca fez parte das minhas obsessões, ou das minhas dúvidas.

- Sentiu que isso podia ser uma vantagem ou desvantagem? Ou sentiu que isso lhe iria trazer problemas na relação com os arquitectos, ou seja, se poderia haver confrontos nas relações de género, e no consequente desenvolvimento do seu trabalho?

Desirée Pedro – Não sinto que houvesse desvantagem ou vantagem, o tratamento era absolutamente igual.

- Acha que há vantagens e desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Desirée Pedro – Talvez, não faço a menor ideia. Eu acho que depende do ateliê ou do escritório onde iremos trabalhar. Mas em princípio se for um bom ateliê ou escritório, o que é valorizado é a nossa capacidade de trabalho.

O que é exigido às arquitectas:

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Desirée Pedro – Quando eu comecei sim, senti isso, é verdade. Sobretudo ao nível da construção, por estar num meio muito pequeno e tradicional. E sentia que tudo o que fizesse tinha de ser medido e pesado, porque se houvesse uma falha, era valorizada essa falha.

- No desenvolvimento dos seus projectos, nomeadamente dos 4 projectos seleccionados, alguma vez sentiu que teve que provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o habitual?

Desirée Pedro – Não. Todos eles foram muito importantes para mim, porque me permitiram uma aprendizagem muito particular, e foram um desafio que impus a mim própria.

O tipo de relação profissional que existe num ateliê, entre homens e mulheres:

- Na última entrevista, disse-me que a sua relação profissional com o arquitecto Carlos Antunes decorre de um bom entendimento enquanto equipa, sendo bastante críticos um com o outro. No entanto, o arquitecto Carlos Antunes nunca demonstrou ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou de desvalorização?

Desirée Pedro – Não, de modo algum. O nosso relacionamento não passa por isso.

- A arquitecta nunca sentiu, por exemplo, que o facto de ele explicar os projectos em público, de ser ele a verbalizar as ideias, pudesse ser uma forma subtil de discriminação, de desvalorização das suas capacidades?

Desirée Pedro – Não, eu nunca senti isso.

- No seu ateliê e nas relações que os seus colaboradores têm entre si, sente que existe algum tipo de distinção de género, algum tipo de desvalorização ou discriminação perante a figura feminina?

Desirée Pedro – Não, de maneira nenhuma.

- A forma como distribuiu o trabalho pelos seus colaboradores permite a igualdade de oportunidades e permite que não hajam distinções de género, ou rege-se por algum tipo de ideia pré-determinada, ou seja, associa tarefas específicas de acordo com o género?

Desirée Pedro – Não, de maneira nenhuma. Associo projectos a pessoas. A ideia normalmente é que seja possível uma pessoa acompanhar as várias fases que um projecto tem, para aprender do início ao fim. A capacidade de gerir e tomar decisões sobre um projecto, percebendo como é que se vai estruturando é, no essencial, aquilo que gostamos que cada colaborador tenha. No fundo, que tenha uma discussão activa, porque é esse o nosso interesse.

- Consegue com que todos os colaboradores deste ateliê a respeitem como uma Arquitecta, como uma pessoa singular dotada de capacidades e talento, sem fazer qualquer associação de género?

Desirée Pedro – Suponho que sim. Nem me passava pela cabeça que não.

- Considera que a formação dada nas escolas ainda se baseia na ideia do arquitecto artista?

Desirée Pedro – Não, acho que não.

- Será que, de certa forma, os seus colaboradores fazem esse tipo de distinção entre si e o arquitecto Carlos Antunes, atribuindo a figura do arquitecto artista ao Carlos Antunes, e por sua vez, desvalorizando a sua posição?

Desirée Pedro – Não me parece.

O modo como trabalha um arquitecto e uma arquitecta:

- Há diferenças substanciais no modo como trabalha um arquitecto e uma arquitecta?

Desirée Pedro – Como eu e o Carlos trabalhamos há. Abordamos os problemas de maneiras diferentes, e por isso para nós é vantajoso trabalharmos em conjunto porque temos abordagens distintas.

- Considera que pode existir uma relação de género com o processo arquitectónico?

Desirée Pedro – Não, de maneira nenhuma.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos? Tendo em conta a experiência com os seus colaboradores.

Desirée Pedro – Já tivemos de tudo, tanto homens como mulheres. Estou me a lembrar que tivemos imensos colaboradores homens que eram focadíssimos, e outros que eram mulheres e não eram nada focadas. Acho que isso tem a ver com a personalidade das pessoas.

- De acordo com a sua experiência profissional, verifica alguma distinção de género na atribuição de projectos entre si e o seu sócio?

Desirée Pedro – Na distribuição não, porque normalmente trabalhamos em conjunto. Nós distribuimos os projectos tendo em conta quem é que está disponível no momento para acompanhar o projecto.

Distinção entre obras – saber se foi feito por um arquitecto ou uma arquitecta:

- Na análise de um projecto, é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Visto que alguns autores, nomeadamente, o arquiteto Jorge Figueira, defende a existência de uma “arquitectura de macho alfa” e uma arquitectura que tende para a “sensibilidade feminina”.

Desirée Pedro – Não, não concordo. Então a Zaha Hadid é macho alfa...

- No caso da Zaha Hadid, é curioso que o arquitecto Jorge Figueira defende que, olhando para os projectos dela, só podia ser uma mulher a fazê-los.

Desirée Pedro – Eu acho que não. Então se calhar olhando para alguns projectos e para algumas fases de projectos em que eu e o Carlos trabalhámos, é muito curioso que vai dar ao contrário de certeza absoluta. Há preocupações que fazem parte de cada um dos projectistas.

- No entanto, eu considero que isso não se reflecte no próprio projecto. Acredito que há características de cada pessoa no fazer da arquitectura, no processo arquitectónico, e não como ideia de que vai influenciar o próprio desenho.

Desirée Pedro - Sim, completamente. Por exemplo, no nosso caso é engraçado que aquele que tem uma atenção imensa ao detalhe, à suposta sensibilidade feminina é o Carlos. Eu sou muito mais seca no sentido da solução a que chego, apesar de eu adorar trabalhar detalhe.

- Considera que as suas obras tendem para uma sensibilidade feminina?

Desirée Pedro – Não faço a menor ideia. Mas acho que não. Acho que isso não é sensibilidade feminina, é sensibilidade ponto final. É estar atento às questões do projecto, ao que está envolvido ali, ao cliente, ao programa, a uma série de questões.

Contacto com o cliente e outros interlocutores – capacidade de verbalização:

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título ‘O Espaço das Mulheres na Arquitectura’, disse: “Nesse artigo da Clara Viana (...) referia um estudo que provava que as mulheres tinham uma maior capacidade de verbalização, ou seja tinham de transformar as coisas em discurso, de as explicar e de as compreender.”
Concorda com esta ideia?

Desirée Pedro – Não. Há coisas que a mim me interessam e que não estou sequer interessada em verbalizá-las.

- Mas por exemplo, numa apresentação, no contacto com um cliente, acha que existe uma maior capacidade de verbalização por parte das arquitectas?

Desirée Pedro – Mais uma vez, depende da pessoa.

- Admitindo que a mulher tem essa capacidade de verbalização, será que está mais bem preparada para discutir a arquitectura e a forma como está a ser feita?

Desirée Pedro – Há um grande potencial para as mulheres serem teóricas, supostamente. Mais uma vez não sei dizer, porque acho que a parte prática disciplinar da arquitectura é perfeitamente território de mulheres e de homens, tal como a teoria.

- A arquitecta Patrícia Barbas, numa entrevista que deu para a Revista do Expresso, com o título ‘E se as mulheres desenharem as cidades’ afirma que: “Ao contrário de outras disciplinas, obriga ao contacto frequente com interlocutores, na sua maioria masculinos, muito diferentes, e todos eles fundamentais para atingir o objectivo de concretização de um projecto, pelo que todos precisam de ser ‘conquistados’ a ‘vestir a camisola’.” Torna-se difícil o contacto com o cliente e os diferentes interlocutores?

Desirée Pedro – No início quando há inexperiência, sim. Mas seja para homens ou para mulheres. Nos primeiros contactos existe um confronto complicado que tem a ver com a maneira de como é que vamos conseguir vencer a nossa própria timidez inicial e a

nossa insegurança, de modo a transmitir, ao mesmo tempo, segurança ao cliente. Os problemas que eu tive, como sabiam que trabalhávamos juntos, foram o facto de eu não ser valorizada e de perguntarem quando é que vinha o arquitecto para falarem com ele. Aí ficava mesmo lixada. Agora já não é assim, de todo.

- Sente que esse contacto muitas vezes está acompanhado de uma certa desconfiança que incute, de certo modo, algum tipo de discriminação por parte dos interlocutores quando se deparam com o discurso da arquitecta?

Desirée Pedro – Quando eu disse que o primeiro embate com o cliente é complicado, é no sentido em que nós, muitas vezes, ao verbalizar recorremos a um discurso mais elaborado e que não faz parte do léxico, dos códigos de linguagem do cliente. E aí há um impacto cultural e disciplinar brutal. Gera-se desconfiança. Quando estamos nas obras não vamos utilizar uma linguagem técnica e científica para falar com um trolha, que tem dificuldades em expressar-se e que não sabe ler desenhos. Temos de encontrar maneiras de conseguir explicar-lhe o que queremos sem ter que usar esse tipo de linguagem. Portanto, é um processo de aprendizagem. A discriminação que há, que não é discriminação, é esse desconforto de eles não perceberem o que estamos a dizer e nós sentirmos que não estamos a conseguir comunicar.

- No seu caso, toma partido e vantagem da sua capacidade de verbalização, ou seja, consegue explicar os seus projectos aos clientes sem que eles desconfiem do seu discurso e das suas capacidades enquanto arquitecta?

Desirée Pedro – Eu acho que sim.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação por parte de algum cliente, ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização do projecto? (nomeadamente, em relação aos 4 projectos escolhidos?)

Desirée Pedro – Nesses 4, não.

- Mas sentiu discriminação em outros projectos?

Desirée Pedro – Sim, claro. Nos iniciais. Foi uma reabilitação de um pequeno restaurante em Miranda do Corvo, e a reabilitação de uma casa. Perguntavam: “quando é que o arquitecto vem?”, ou quando eu ia à obra diziam: “sim, sim, está bem...”.

Aparecimento das mulheres no ambiente de obra – preconceito:

- O ambiente de obra é associado ao mundo masculino, feito de piropos, e por isso, de alguma forma, não adequado para as mulheres. Considera que o ambiente de obra faz com que haja uma discriminação e distinção de género, clara, em relação às arquitectas?

Desirée Pedro – Acho que sim. Mas de acordo com a minha experiência o que acontece é que quando está a haver uma algazarra no estaleiro e a mulher entra, essa algazarra pára, porque já há esse cuidado de não se poder dizer os disparates que se estavam a dizer, pois sabem que vão ofender.

- Mas será que isso não é uma discriminação subtil?

Desirée Pedro – Claro que é. Ainda bem que é. Não me apetece estar a ouvir aqueles disparates. E como cada vez há mais engenheiras e fiscais que estão permanentemente na obra, o disparate é diminuído.

- Concorda com a ideia de que quando uma arquitecta vai à obra existe uma certa invisibilidade por parte dos trabalhadores, um sexismo aliado a uma falta de cultura e educação?

Desirée Pedro – Acho que cada vez menos.

- Alguma vez sentiu que quando ia a uma obra com o arquitecto Carlos Antunes, o responsável de obra dirigia, instintivamente, o seu discurso e olhar para o arquitecto Carlos e não para si?

Desirée Pedro – Nas primeiras obras, sem dúvida. Mas por exemplo, na obra de Pombal como a apresentação do projecto e as primeiras reuniões de preparação da obra feitas comigo, foi ao contrário. Quando eu chegava, era para mim que era dirigido o olhar. No início causou surpresa à equipa de fiscais e construtores que o responsável pela obra daquele tamanho fosse eu.

- No decorrer da sua vida profissional, conseguiu ganhar confiança para lidar com estas situações de discriminação, de confronto, dos olhares indiscretos dos trabalhadores?

Desirée Pedro – Sim. O truque é a segurança e a confiança que vamos ganhando.

Disponibilidade, associada à maternidade e família:

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Desirée Pedro – Sim, sem dúvida.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional?

Desirée Pedro – Podem, acredito imenso que sim. Mas não foi o meu caso. Porque, como eu adoro o que faço, mas também queria ter filhos e adoro os meus filhos, achei que eles podiam crescer ao pé de mim e ao pé do pai. Então, eles cresceram no ateliê.

- Então, qual a importância da maternidade na evolução e no decorrer da sua carreira?

Desirée Pedro – Para mim foi fundamental enquanto projecto de vida, enquanto pessoa, porque realizou-me imenso e tornou-me mais humana. Eu tomei a opção de que para mim era absolutamente importante ser mãe e mãe com qualidade, e ser arquitecta e arquitecta empenhadíssima.

- Considera que uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira profissional, como uma arquitecta que não tenha?

Desirée Pedro – Depende, mais uma vez, das pessoas e de como fazem a gestão. Eu achei que para a minha vida familiar e dos meus filhos, e para a minha relação com os meus filhos ser boa, eu tinha que me sentir bem, tinha que me sentir realizada profissionalmente, por isso tinha que trabalhar.

- A questão da maternidade pode gerar conflitos e problemas na relação das arquitectas com os ateliês onde trabalham? Visto que segundo a opinião da arquitecta Paula Santos, alguns ateliês despedem as arquitectas quando estão grávidas.

Desirée Pedro – Sim, e eu acho mesmo que isso acontece. Nunca foi o caso aqui no ateliê.

- A fase da maternidade acaba por ter custos para o ateliê?

Desirée Pedro – Imensos, pois tem. E além disso, durante os 6 meses de paragem entra outra pessoa para substituir, e de repente essa pessoa até estava a ter uma prestação fantástica e tem de sair. Criam-se situações complicadas de gerir em termos humanos.

- Como é que faz a divisão entre a família e o trabalho, no que toca à sua dedicação e experiência?

Desirée Pedro – Misturo tudo. Ando sempre com o trabalho na família e a família no trabalho.

- De algum modo, a sua disponibilidade para a família prejudicou-a na carreira profissional?

Desirée Pedro – Não. Às vezes tenho remorsos do tempo que não estou com os filhos, porque estou sempre com o computador atrás, estou sempre com coisas para fazer.

Ansiedade da originalidade:

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título ‘O Espaço das Mulheres na Arquitectura’, disse: “ (...) o homem tem a ansiedade da originalidade. Tem que fazer coisas novas, tem que chegar a um território e colocar uma estaca (...) Está sempre à procura do novo tema, e da nova situação, e do novo edifício e do novo. E eu acho que

a mulher não tem essa ansiedade da originalidade, não tem essa necessidade.”

Concorda com esta afirmação?

Desirée Pedro – Enquanto mulher, concordo. Eu estou absolutamente focada em dar o meu melhor, e o meu melhor não passa necessariamente por fazer coisas originais. Passa por fazer, gostava eu, muito boas obras, onde fosse um prazer viver e trabalhar nelas. E não sei se isso tem que ser original.

- Tem esse desejo da ansiedade e da originalidade quando desenvolve os seus projectos, ou por outro lado, defende a ideia de reescrever, reinventar, de não deitar tudo fora e começar tudo de novo, como a Zaha Hadid fez ao pegar no construtivismo russo e ao transformá-lo numa coisa nova, ou como a Beatriz Colomina faz em relação ao Le Corbusier, quando introduz um novo Le Corbusier como uma figura sem esse lado heroico?

Desirée Pedro – É mais nesse sentido, mas sem pegar em nenhum movimento em particular. Perceber que um problema tem variadíssimas soluções é importantíssimo.

- Sente que o seu sócio, o arquitecto Carlos Antunes, tem esse desejo da ansiedade e originalidade na produção dos projectos?

Desirée Pedro – Não. A questão de procurar como resolver um problema, no caso dele, é claríssimo.

- Acha que o homem enquanto arquitecto tem a necessidade de se superar a si mesmo, tem a necessidade de provar a sua capacidade e mostrar-se a toda a gente de forma heroica?

Desirée Pedro – Não.

- Considera que as arquitectas, de certo modo, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades de forma permanente para alcançar um lugar relevante na História da Arquitectura e para serem respeitadas como tal?

Desirée Pedro – São. Precisamente porque o tempo de exposição, os 15 minutos de fama que a mulher teve acesso são muito mais recentes do que aqueles que o homem teve acesso. Portanto, sim, ela tem que provar que é capaz de fazer.

- No que diz respeito aos 4 projectos anteriormente escolhidos, teve ansiedade na sua concepção, ou seja, teve por base ou teve em conta a arquitectura feita até agora, e influências arquitectónicas, ou baseou-se na ideia de começar algo de novo?

Desirée Pedro – Não. Sempre com base no que já foi feito.

Competitividade:

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Desirée Pedro – Sim. Acho que, ao contrário de certas profissões que se protegem imenso, embora também sejam competitivas, como por exemplo os médicos ou advogados, nós arquitectos somos muito pouco solidários uns com os outros. Estamos sempre obcecados em ter o nosso trabalho.

- No seu ateliê, sente que existe competitividade por parte dos seus colaboradores? Ou tenta transmitir outra ideia?

Desirée Pedro – Mais uma vez, tem a ver com as pessoas. Há pessoas que são altamente competitivas, e outras que não.

- Existe algum tipo de competitividade entre si e o arquitecto Carlos Antunes?

Desirée Pedro – Já houve, sim. Da minha parte, no início, no confronto com os clientes achava que não me valorizavam, e ficava irritadíssima.

- Mas esforçava-se mais para tentar provar alguma coisa?

Desirée Pedro – Sim, nessas primeiras vezes. Mas depois comecei a perceber que não havia volta a dar, porque o melhor era não estar minimamente preocupada com isso.

- Acha que o facto de existir tanta competitividade faz com que as arquitectas sejam colocadas à margem, numa posição pouco relevante e reconhecida na História da Arquitectura?

Desirée Pedro – Não, isso não.

- Enquanto arquitecta, qual é a melhor forma de lidar com a competitividade, e com o facto de a competitividade poder estar associada à figura do homem, e do arquitecto-artista, digamos assim?

Desirée Pedro – Em relação a mim, a questão da competitividade está resolvida. Em relação aos colaboradores, acho que no nosso ateliê damos espaço para as pessoas terem voz e participarem. Já apanhamos casos de pessoas que não ficaram no ateliê, precisamente porque tinham a postura de que “eu sou o melhor, eu é que sei”. E não estavam disponíveis para aprender.

- Quando uma arquitecta adquire uma posição relaxada e distendida em relação à competitividade e ansiedade (no que diz respeito às publicações em revistas, sites, concursos, clientes) que se faz sentir no mundo da arquitectura, é uma forma inteligente de lidar com as coisas?

Desirée Pedro – Sim, acho que sim.

- Será que as mulheres estão mais bem preparadas para lidar com a competitividade e a ansiedade, neste sentido?

Desirée Pedro – Não sei se estamos mais preparadas. A maneira como lidamos ou não com essa pressão, acho que mais uma vez, passa muito pelo carácter que cada um de nós tem. Há pessoas que são mais ansiosas, há outras que são mais tranquilas.

Pormenores e detalhes:

- Considera que as arquitectas têm uma apetência maior para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Desirée Pedro – Mais uma vez, pessoas.

Questão da curva associada às mulheres:

- Concorda que seja feita a associação da curva às arquitectas e do ângulo recto aos arquitectos, como se existisse arquitecturas que tendem para uma sensibilidade feminina e arquitecturas que tendem para uma sensibilidade masculina, com base na opinião do arquitecto Jorge Figueira?

Desirée Pedro – Então aí, mais uma vez, eu e o Carlos estamos ao contrário. Eu é que sou masculina, e ele é que é feminino. Ele é que gosta da curva, e eu claramente tenho apetência para o ângulo recto, pela geometria.

Atribuição de prémios:

- O facto de existirem apenas três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas, de forma global?

Desirée Pedro – Sim, mas já é um princípio. As coisas estão, claramente, a mudar.

- Considera que existe “uma resistência ao reconhecimento do trabalho das arquitectas que se limita a reproduzir os mecanismos de discriminação da sociedade em geral”, como defende a arquitecta Paula Santos na entrevista que deu para a Revista do Expresso, com o título ‘E se as mulheres desenhassem as cidades’?

Desirée Pedro – Eu acho que isso acontece em todas as profissões, isto é, em ambientes. Em Portugal, desde o 25 de Abril muita coisa foi mudando, lentamente, mas foi mudando.

A possível existência de uma arquitectura feminina:

- Acha que pode existir uma arquitectura feminina?

Desirée Pedro – Mais uma vez, não faço a menor ideia. Se querem ir por aí, e é possível ir por aí, acho que tem que se fazer um levantamento exaustivo do trabalho feito para se conseguir chegar a alguma conclusão. E o mais provável é que não se chegue a conclusão nenhuma. Está certo que o discurso foi sempre escrito pelos homens, mas até hoje sempre se falou em arquitectura. Nunca em arquitetura masculina ou arquitectura feminina.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular?

Desirée Pedro – É claramente isso. Aliás, a maior parte das arquitectas quando participam neste tipo de discurso, de conversas, entrevistas, acabam por ficar, no fundo, sempre com uma profunda frustração, e dizem: “eu estou aqui, apenas, como resultado de género, e não pela minha arquitectura.”

- Essa sempre foi a minha preocupação desde o início. Eu não vou privilegiar se existe ou não discriminação. O meu objectivo é sobressair, enaltecer o trabalho das arquitectas.

Desirée Pedro – Sim. Mas o que eu gostaria mesmo era de ser reconhecida como arquitecta, e não como mulher na arquitectura.

- Jorge Figueira, numa entrevista que deu no âmbito da tese de Mestrado da Susete Machado, com o título ‘O Espaço das Mulheres na Arquitectura’, afirma: “ (...) a arquitectura hoje remete muitas vezes para elementos de feminilidade.”
Concorda com esta afirmação?

Desirée Pedro – O que é que são elementos de feminilidade?

- De acordo com aquilo que eu percebi, são elementos específicos no projecto que remetem para as mulheres, que se associam às mulheres. (ex. a curva)

Desirée Pedro – Então e o Alvar Aalto que usa a curva... o Corbusier, o Niemeyer. Não concordo. Pode-se é estar a valorizar isso porque começa-se a falar na organicidade das formas, sendo associadas à mãe, à mulher, à terra, à questão orgânica da vida. Só se for por aí.

- Além disso, Jorge Figueira associa a racionalidade ao género masculino, e a afectividade e sensibilidade ao género feminino. Concorda com esta divisão de ideias?

Desirée Pedro – Não. Há pessoas racionais e há pessoas afectivas, independentemente do género. E mais uma vez, eu e o Carlos contrariamos essa ideia. Ele é claramente mais afectivo, e eu sou mais racional que ele.

Diferenças ou mudanças que as arquitectas podem trazer para a arquitectura:

- Será que a arquitectura masculina, caracterizada pelo Movimento Moderno e considerada por vários autores, já deu o que tinha a dar, e portanto é necessário novas vertentes, novos modelos em que as mulheres possam ter uma posição relevante?

Desirée Pedro – A arquitectura moderna reflete uma sociedade, reflete um tempo. Portanto, o tempo que vivemos agora é um tempo onde as mulheres participam de

uma maneira activa, com direitos e responsabilidades. E nesse sentido, o modelo já não é o mesmo porque estava confinado àquele contexto social, teórico, artístico, a uma série de coisas. Não se pode dizer que o modelo já deu o que tinha a dar porque agora as mulheres participam. O contexto é outro.

- O papel e a presença das mulheres no campo da arquitectura traz mudanças e diferenças, ou seja, a contribuição das mulheres nesta área pode significar alguma mudança significativa?

Desirée Pedro – Eu acho que sim. Porque a partir do momento que há equipas pluridisciplinares e onde há diferentes pessoas, há claramente um espaço aberto à discussão. Logo, o resultado dessa discussão será diferente.

Perguntas específicas para a arquitecta:

- Valdemar Cruz, num artigo que escreveu para a Revista do Expresso, com o título ‘E se as mulheres desenhassem as cidades’ afirma que: “Na vida real, as arquitectas, sejam mais ou menos feministas, mais ao menos rendidas aos encantos e glamour da moda, não são Barbies, vestem cor-de-rosa ou preto, e sabem como é elevado o preço a pagar pela dedicação a uma carreira tão absorvente e exigente.” Concorda com a opinião dele?

Desirée Pedro – Sim, concordo com ele, na medida em que vestem cor-de-rosa ou preto. O preço que nós pagamos por nos dedicarmos a esta carreira é o mesmo preço que também pagam os homens quando se dedicam a 100% a esta carreira. É completamente absorvente, tanto para homens como para mulheres.

- Considera que a cor preta esteja associada à figura do arquitecto?

Desirée Pedro – Sim, o preto e o branco. Há uma certa gramática visual que pode estar associada.

- As cidades seriam diferentes se fossem desenhadas por mulheres?

Desirée Pedro – Não faço a menor ideia. Há que experimentar, decididamente.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível no mundo da arquitectura e na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Desirée Pedro – Sim.

- O facto de assumir ter uma grande variedade de gostos de natureza diferente é um ponto positivo para o seu sucesso?

Desirée Pedro – Sim, acho que o que me dá muito prazer é dispersar-me, apesar de eu ser muito focada. Foco-me muito numa determinada coisa, mas adoro perder-me por não sei quantas coisas. É dessa mistura que eu vou buscar coisas.

- Quais foram as maiores dificuldades que ocorreram ao longo da sua carreira?

Desirée Pedro – Gestão de tempo. O tempo não chega para tudo o que temos que fazer. Isso é uma coisa que eu sinto desde que comecei a trabalhar até agora.

- Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento do seu percurso profissional?

Desirée Pedro – Aqueles pequenos, no início.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Desirée Pedro – Se é feminista porque defende a importância das mulheres enquanto elemento activo na sociedade, sim. Se é porque faço uma arquitectura feminista, não faço a menor ideia, porque não sei o que é isso.

- É a favor dos debates e os movimentos feministas que existem para defender as mulheres?

Desirée Pedro – Sim, claramente que defendo.

- Ao longo do seu percurso profissional, nunca se cansou ou fartou de trabalhar com o seu sócio, o arquitecto Carlos Antunes?

Desirée Pedro – Muitas vezes, e ele de mim, claramente.

- E o que é que fazia nessas situações?

Desirée Pedro – Discutíamos, dizíamos: “acabou”. Mas depois reconsiderávamos. E é essa discussão que permite que muitas vezes os projectos avancem em determinado sentido, que não estava inicialmente previsto.

- Porque é que nunca optou por abrir um ateliê em nome próprio, visto ter tanto sucesso no seu percurso profissional? Pela questão de o arquitecto Carlos Antunes ser seu marido?

Desirée Pedro – Não. Porque, desde o início, que começámos a trabalhar assim e pareceu-nos que funciona muito bem.

- E nunca considerou a hipótese?

Desirée Pedro – Não.

ENTREVISTA 6 – Camilo Cortesão

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Camilo Cortesão – Acho que agora só há arquitectas.

- Não há só arquitectas...

Camilo Cortesão – É o que eu tenho visto nas escolas de arquitectura que tenho visitado... só vejo meninas.

- Mas, não tem uma opinião formada?

Camilo Cortesão – Não. O tema do género não me interessa absolutamente nada, como deve imaginar.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Camilo Cortesão – Se tirar arquitectura e arquitecta, isso é verdade. A história é assim. A questão da arquitectura é apenas particularizar uma situação genérica.

- Concorde que, ainda, existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional? (ex.: contacto com clientes, visitas à obra, maternidade, etc.)

Camilo Cortesão – Esses são problemas que as mulheres têm que resolver. Têm que se comportar de modo a que não sejam vítimas de discriminação.

- Somos nós que temos de ter esse papel?

Camilo Cortesão – Sobre isso não tenho qualquer dúvida.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Visto que alguns autores, nomeadamente, o arquitecto Jorge Figueira, defende a existência de uma “arquitECTURA de macho alfa” e uma arquitectura que tende para a “sensibilidade feminina”.

Camilo Cortesão – Nunca dei por nada.

- Como descreve a sua relação profissional com a arquitecta Mercês Vieira?

Camilo Cortesão – Muito antiga. Uma relação de complementaridade, que tem funcionado menos mal.

- Alguma vez, teve algum tipo de atitude, com a arquitecta Mercês Vieira, que pudesse demonstrar discriminação ou desvalorização, mesmo que tenha sido de forma subtil?

Camilo Cortesão – Todos os dias...

- Nunca sentiu que, em algum momento do percurso profissional, a arquitecta Mercês e todo o seu trabalho produzido, pudesse estar a ser desvalorizado, deixado na sombra?

Camilo Cortesão – Acho que não.

- Sempre deu o devido reconhecimento e valorização à arquitecta Mercês e a todo o trabalho que ela tem vindo a produzir?

Camilo Cortesão – Melhor é perguntar a ela.

- Mas estou a perguntar a si.

Camilo Cortesão – Não sei responder...

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

Camilo Cortesão – Seguramente que não.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Camilo Cortesão – Já respondi atrás.

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Camilo Cortesão – Se estão, é problema de cada uma das arquitectas.

- Mas, na sua opinião considera que estão?

Camilo Cortesão – Sinceramente não lhe sei dizer porquê.

- Ao longo do seu percurso profissional, verificou isso?

Camilo Cortesão – Ao longo do meu percurso profissional contactei com pouquíssimas arquitectas.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e integrado na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Camilo Cortesão – Diminuir o número de arquitectas, é uma boa hipótese.

- Diminuir o número de arquitectas?

Camilo Cortesão – Sim, para terem um papel relevante. Agora são quase todas. Portanto, se querem ter um papel relevante só se forem menos.

- Como descreve a arquitecta Mercês, enquanto arquitecta, enquanto ser humano que tem um curso de arquitectura e imenso trabalho produzido?

Camilo Cortesão – É exactamente isso que é. É uma arquitecta a tempo inteiro, sempre foi, e tem muito trabalho produzido.

- E tem orgulho nela?

Camilo Cortesão – Se eu tenho orgulho?

- Sim?

Camilo Cortesão – Tenho, com certeza que sim. Como tenho em relação a todas as pessoas com quem tenho trabalhado.

Porto, Atelier MVCC Arquitectos, 21 de Junho de 2017

ENTREVISTA 7 – Arquitecto Carlos Antunes

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Carlos Antunes – Há uma coisa que é evidente: a arquitectura foi, durante muito tempo, uma disciplina de homens. Há outra coisa que é evidente: hoje há mais arquitectas do que arquitectos, a estudar. O que significa que há uma mudança de paradigma. Sendo que a primeira tem implícita que, de facto, os homens eram dominantes na arquitectura e as mulheres ou não existiam, ou tinham um papel completamente secundário, e que era o reflexo da sociedade que vivíamos, portanto não era um problema da arquitectura, era um paradigma social. Hoje há uma inversão absoluta disto. Eu acho que daqui a muito pouco tempo haverá teses que se chamaram “os homens na arquitectura”, porque as coisas estão a mudar muito. Para mim, isso é um não problema. A Desirée é se calhar a peça fundamental deste ateliê, portanto essa questão não se coloca connosco aqui. Para nós não é um assunto, de facto.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Carlos Antunes – Sim, foi assim durante muito tempo, é evidente. Como era de uma forma geral. Mas eu acho que isto não é uma questão disciplinar, é uma mudança de paradigma da sociedade. Hoje, o maior número de licenciadas são femininas. Eu tenho mais alunas do que alunos.

- Considera que o tema deva ser falado?

Carlos Antunes – Absolutamente. Eu acho fundamental que essas coisas se falem. Até porque na verdade, embora o paradigma vá mudando, há resquícios que ficam, e esses é que têm de ser combatidos verdadeiramente. E nesse sentido, acho que esta tese faz todo sentido, precisamente porque uma coisa é aquilo que é a mudança de paradigma social, mas outra coisa é aquilo que já vem podre de trás, e isso é que é preciso inocular, é preciso resolver, ir à origem do problema.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional? (ex. contacto com clientes, visitas à obra, maternidade, etc.)

Carlos Antunes – Não, não acho que isso seja um problema. Acho que as mulheres até são mais respeitadas nas obras, hoje em dia, do que os homens. Acho que é mais fácil

a Desirée impor uma opinião e respeito na obra, do que eu. Ela como vai menos vezes, e quando chega é muito assertiva, o efeito é evidente. Neste momento, é uma vantagem ir uma mulher à obra. Tem que ver com o desconcerto dos homens, que estão a espera de ser o homem a mandar, e de repente a mulher chega lá e mostra quem manda, mostra autoridade, mostra conhecimento, e os pedreiros desarmam completamente. Portanto, aqui a mudança do que é espectável ainda provoca um grande efeito. Daqui a pouco tempo é perfeitamente normal, e tanto respeitarão uma mulher como respeitarão um homem. Neste momento é o contrário. Neste momento respeitam mais as mulheres, por incrível que possa parecer.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género?

Carlos Antunes – Não, de maneira nenhuma. Porque o que eu faço, segundo dizem os paradigmas, é completamente feminino.

- Mas por exemplo, o arquitecto Jorge Figueira, defende a existência de uma “arquitectura de macho alfa” e uma arquitectura que tende para a “sensibilidade feminina”.

Carlos Antunes – Acredito nisso. A minha é claramente feminina.

- Ou seja, isso não tem nada a ver com o género?

Carlos Antunes - Tem que ver com o que é expectável no comportamento de um homem, e o que é expectável no comportamento de uma mulher. O homem continua, a ser expectável, a ser firme, assertivo, rígido. O que eu acho é que o próprio paradigma é que está mal, daquilo que é um homem e daquilo que é uma mulher. Eu sou, naquilo que é o paradigma, completamente feminino. A Desirée é muito mais masculina do que eu, desde sempre.

- Como descreve a sua relação profissional com a arquitecta Desirée Pedro?

Carlos Antunes – Ela é que manda. Manda no ateliê, manda na casa... dá-me tanto jeito, é maravilhoso.

- Alguma vez, teve algum tipo de atitude, com a arquitecta Desirée Pedro, que pudesse demonstrar discriminação ou desvalorização, mesmo que tenha sido de forma subtil?

Carlos Antunes – Já, várias vezes, e ela também comigo, várias vezes.

- Mas resolvem bem isso?

Carlos Antunes – Claro, é evidente, como qualquer casal que tem questões justas e injustas de um e de outro.

- Mas é uma discriminação com conotação negativa?

Carlos Antunes – Não, de todo. E muito menos sexista. É uma relação entre duas pessoas, com momentos bons e momentos maus, com momentos de injustiça de um e de outro, de correcção, de mea-culpa.

- Nunca sentiu, que em algum momento do percurso profissional, que a arquitecta Desirée Pedro e todo o seu trabalho produzido, pudesse estar a ser desvalorizado, deixado na sombra?

Carlos Antunes – Completamente, muitas vezes. E tento fazer com que isso não aconteça. Ela tem vindo a conseguir afirmar-se de uma forma muito convincente, na nossa relação com os clientes, na nossa relação com a escola, na nossa relação com tudo. Ela tem conseguido, de facto, conquistar. No essencial, tu queres saber se para ela é mais difícil afirmar o seu lugar, do que para um homem? É muito mais difícil para as mulheres, sem dúvidas nenhuma. Porque não é expectável. As mulheres têm que mostrar que são capazes e firmes. Os homens não têm que mostrar porque são, expectavelmente, capazes e firmes. É um problema de preconceito social. E é por isso que quando as mulheres se afirmam e demonstram que são capazes, são altamente respeitadas. Portanto, os preconceitos existem. Nós ou estamos amarrados a eles ou combatemos isso.

- Por isso, é preciso falar cada vez mais, e sem medos.

Carlos Antunes – Sim. Eu acho que acima de tudo as boas práticas, às vezes, são mais eficazes. Nós no ateliê preferimos fazê-lo por omissão, por boas práticas. Mais do que dizer “não se deve fazer isto”, preferimos fazer aquilo. E aquilo é o que é correcto, é o que não discrimina, é o que trata por igual, é o que inclui, e é muito mais sedutor e muito mais desconcertante, e muito mais eficaz.

- Sempre deu o devido reconhecimento e valorização à arquitecta Desirée Pedro e a todo o trabalho que ela tem vindo a produzir?

Carlos Antunes – Eu acho que sim. E quando não o fiz, não foi por ser mulher. Fiz porque é normal duas pessoas que trabalham juntas terem procedimentos menos correctos um com o outro. Como ela comigo e eu com ela, não por eu ser homem ou ela ser mulher, porque às vezes é normal.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?
- **Carlos Antunes** – Não, de maneira nenhuma, espero ardentemente que não. Acho um completo disparate isso. E feminina de quê? De louras, de baixas, de altas, de dominadoras, de submissas? Não faz sentido nenhum.
- Por exemplo, o arquitecto Jorge Figueira defende que a arquitectura da Zaha Hadid só podia ser feita por uma mulher.

Carlos Antunes – E a do Siza? E a do Diébédo do Kéré só podia ser feita por um negro. Há coisas que até consigo perceber isso, porque há pessoas cujo trabalho explicita a sua condição, de uma maneira mais evidente. O Diébédo do Kéré faz uma arquitectura que explicita a sua origem africana, é uma opção dele. Dificilmente um ocidental faz aquela arquitectura. Talvez, algumas coisas da Zaha Hadid explicitem alguma coisa, confesso que não compreendo muito bem isso, mas admito que se possa ver isso.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Carlos Antunes – A questão é complexa. Eu acho que não deve haver uma arquitectura feminina, até porque considerar uma arquitectura feminina significa considerar que a arquitectura da Zaha Hadid pode ter alguma coisa que ver com a arquitectura da Inês Lobo, por exemplo. Eu acho que isso não faz uma arquitectura feminina. Eu não estou a dizer que discordo, tenho é dúvidas que isso possa acontecer. Diria que não.

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Carlos Antunes – As arquitectas ficaram invisíveis durante muito tempo, é um facto objectivo. Com honrosas excepções. Acho que isso está a desaparecer.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e integrado na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Carlos Antunes – Considero que é fundamental haver uma mudança de mentalidades na sociedade, para que todos os elementos discriminados possam deixar de o ser. Isso é verdade na arquitectura, é verdade em todas as áreas.

- Como descreve a arquitecta Desirée Pedro, enquanto arquitecta, enquanto ser humano que tem um curso de arquitectura e imenso trabalho produzido?

Carlos Antunes – É absolutamente extraordinária, por isso é que eu casei com ela. Acho uma profissional de elevada competência, absolutamente. E é uma competência que se tem vindo a explicitar cada vez mais. Dar aulas para ela, acho que foi um elemento estruturador da sua capacidade de fazer arquitectura, curiosamente. Eu diria que, hoje em dia, ela se calhar tem mais presença entre nós, como figura do ateliê. E eu espero que sim. Por mim é ótimo.

ENTREVISTA 8 – Arquitecta Susana Martins

Idade: 32 anos

Formação: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Coimbra (2009)

Local de Trabalho: Atelier MVCC Arquitectos (Porto)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Susana Martins – As pessoas interpretam-no como um problema, mas acho que hoje ninguém dá muita importância a esse tipo de assunto. Hoje em dia, acho que já não é uma questão, não é tema. Pode não ter sido ainda discutido, talvez porque as pessoas não tenham sentido necessidade. Pelo menos, desde o início da minha formação não senti qualquer tipo de desigualdade, nem senti necessidade de estar a debater esse tema.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Susana Martins – Como é óbvio temos muito mais bibliografia com exemplos de arquitectos masculinos, porque a emancipação e a presença da mulher na arquitectura é muito recente. É natural que não hajam muitos exemplos de mulheres arquitectas.

- Mas não é estranho haver um número de arquitectas formadas muito equivalente ao dos arquitectos e não se ouvir falar delas?

Susana Martins – É verdade. Nota-se muito mais a presença masculina do que a feminina. É um processo muito moroso, vai existir muito tempo até as coisas serem manifestadas publicamente de forma igualitária.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

Susana Martins – É óbvio que a maternidade é uma questão fundamental, e tem de estar presente na sociedade sem qualquer tipo de discriminação. Não podemos encarar isso como um obstáculo, mas sim como uma realidade.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

Susana Martins – Desde muito nova que sempre senti uma ligação mais forte pelas artes, do que pelas ciências. A partir do secundário já fiz essa formação na área das artes, e a arquitectura era aquilo que se enquadrava melhor para as minhas escolhas.

- A sua decisão teve como base alguma influência? Por exemplo, existia alguém na família com o curso de arquitectura.

Susana Martins – Não, absolutamente nenhuma.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação no Departamento de Arquitectura de Coimbra?

Susana Martins – Não sei se consigo dizer algum negativo que mereça relevância. Mas positivos tive bastantes. O facto de ser naquele edifício, no claustro, de ser uma grande família, e o contacto que temos uns com os outros. Havia uma ligação muito próxima, não só entre os alunos do próprio ano, mas também dos outros anos, e com os professores. A distância entre professor/aluno não era assim tão grande.

- Enquanto frequentou o Departamento de Arquitectura de Coimbra notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género?

Susana Martins – Não, absolutamente.

- Sentiu algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas?

Susana Martins – Não.

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

Susana Martins – Principalmente a Inês Lobo.

- E de outros países?

Susana Martins – Embora não fosse uma arquitectura com que me identificasse na totalidade, mas gostava do trabalho da Zaha Hadid.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Susana Martins – A condição social, a formação, a cultura, o contexto onde se vive são factores que se sobrepõem ao género, e daí sim, pode ter alguma influência. Se a educação for levada no sentido de uma distinção entre os géneros, é provável que depois se fique com essas características presentes na formação, no desenvolvimento.

Mas se a educação for dada de igual forma, tanto para o género masculino como para o feminino, não vejo como é que isso no futuro possa ter algum tipo de distinção.

- Se nas universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Susana Martins – Se à partida não existirem diferenças entre arquitectos e arquitectas, ou seja, se a maneira de pensar, de desenhar e de ensinar for completamente imparcial em relação ao género, eu acho que não vai influenciar.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Susana Martins – Acho que sim. Eu não estou a pôr em causa o género, mas nós estudamos determinado tipo de arquitectura porque tem interesse e é relevante para aquela época.

- Mas é estranho termos uma formação muito baseada só nos grandes mestres.

Susana Martins – Isso é verdade. Se calhar, o facto de estarem sempre a falar de homens na arquitectura é um bocadinho por arrasto. Na história, houve sempre exemplos masculinos, e a verdade é que estamos sempre a falar deles.

- Os exemplos masculinos vão continuar a existir. A questão não é excluí-los ou deixá-los para segundo plano. A questão é integrar as arquitectas e o trabalho que elas produzem.

Susana Martins – A minha opinião é precisamente essa. Não é querer só porque sim enaltecer o trabalho das mulheres, mas tratá-lo de igual forma que os exemplos masculinos.

Entrada no mercado de trabalho:

- Quando acabou o curso de arquitectura, quais eram as suas perspectivas no que diz respeito à entrada no mercado de trabalho?

Susana Martins – Quando entrei para o curso de arquitectura não havia ainda a dificuldade na entrada no mercado de trabalho. Era ainda uma área muito enaltecida. Quando acabei o curso, isso inverteu-se na totalidade. A introdução no mercado de trabalho estava a ser muito dificultada, as pessoas até tinham mais tendência para procurar trabalho fora do país porque haviam mais oportunidades. Por isso, no fim do curso, sempre tive presente a ideia de que iria ser muito difícil entrar no mercado de trabalho.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e conseqüentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Susana Martins – O meu primeiro estágio foi no ateliê do arquitecto José Gigante. Depois disso vim para aqui, em 2012, para a MVCC. Também fiz parte de um pequeno grupo de arquitectos que são os depA. Isso aconteceu a par do trabalho no ateliê do José Gigante e depois em parte na MVCC.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Sentiu que existiu algum tipo de discriminação ou distinção de género?

Susana Martins – Não.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Susana Martins – Eu não encontrei desigualdades, nunca senti isso.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Susana Martins – É óbvio que a arquitectura é um meio muito masculino, um bocado enraizado, caracterizado pelas idas às obras e pelo contacto feito maioritariamente com homens. Ainda não tive muita experiência de obra, mas até agora, com as pessoas que contactei, nunca senti que me estivessem a dar algum tipo de tratamento diferente por eu ser mulher.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

Susana Martins – É muito descontraído e muito familiar.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Susana Martins – Eu acho que se isso ainda existir está ainda um bocado influenciado por aquilo que aconteceu para trás, ou seja, as dificuldades que as mulheres sempre tiveram para ingressar no mercado de trabalho. Ou então tem que ver com a dedicação de cada pessoa. Quando tens de mostrar o teu trabalho, por exemplo um portfólio, independentemente de seres homem ou mulher, e do nome que vem na primeira página, tens que te esforçar para mostrar o teu trabalho.

- Alguma vez sentiu que teve de provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o normal? (ex. em relação aos seus colegas arquitectos)

Susana Martins – Exigido nunca. É óbvio que, pessoalmente, queremos dar sempre o nosso melhor. Mas isso é por satisfação própria, tem tudo a ver com a vontade de querer fazer bem.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

Susana Martins – Não.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

Susana Martins – Não, de todo. Aqui as coisas são distribuídas consoante a disponibilidade, e também tem a ver com a experiência que se tem no ateliê e com as capacidades e apetências que se vão demonstrando.

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas, ainda, se baseia na ideia do arquitecto artista?

Susana Martins – Na minha altura, sim. Eu acho que a formação na arquitectura ainda é muito romântica, e isso leva depois a uma individualização. A verdade é que hoje em dia não se trabalha sozinho, sem ter a opinião de outras pessoas.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Susana Martins – Não. Pelo menos no meu percurso académico eu consegui perceber que existem várias metodologias, tanto nas raparigas como nos rapazes. A verdade é que existe uma ideia, mais generalizada, que as raparigas têm um trabalho mais metódico e organizado, e provavelmente os rapazes podem ser um bocado mais impulsivos. Mas não sei se isso está directamente ligado com o género, acho que não.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Ou seja, é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto que o projectou?

Susana Martins – Não. Para isso, seria preciso fazer uma análise muito minuciosa e profunda para se conseguir distinguir aspectos que levam a pensar isso.

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

Susana Martins – Mais uma vez, existe a ideia de que as mulheres têm mais apetência para a parte verbal, e os rapazes para a parte mais técnica e prática. Isso é um aspecto da personalidade de cada pessoa, não tem nada a ver com o género.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação ou desvalorização por parte de algum cliente ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização de um projecto?

Susana Martins – Não.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Susana Martins – Acredito que antigamente houvesse essa dificuldade. Hoje em dia deve ser tão recorrente ir um homem como uma mulher às obras, o que faz com que as pessoas que trabalham nas obras já não sintam estranheza.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Susana Martins – Na parte da maternidade, a mulher tem menos disponibilidade devido ao período que tem de ficar em casa. Contudo, a questão da maternidade não é uma coisa apenas para o lado feminino, mas essa implicação e disponibilidade também afecta os homens. Por isso, depende das opções de cada pessoa. Se dermos muita importância à família não vamos ter 100% de disponibilidade para a arquitectura, mas não acho que seja um aspecto negativo, desde que se tenha o mesmo empenho no trabalho.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional? (Ou seja, uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira como uma arquitecta que não tenha?)

Susana Martins – A maternidade pode ser um obstáculo na contratação. No escritório não é.

- No entanto, segundo a opinião da arquitecta Paula Santos, numa entrevista que deu para a revista do Expresso com o título 'E se as mulheres desenhassem as cidades', alguns ateliês despedem as arquitectas quando estão grávidas.

Susana Martins – Eu sei que ainda existe esse tipo de situações. Aqui no ateliê não existe. Mas sinceramente, acho que é ignorância por parte de quem faz isso. Só fica mal perante a sociedade as pessoas que têm esse tipo de reacções.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades

para alcançarem um lugar relevante na história da arquitectura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais que são?

Susana Martins – Acho que não.

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Susana Martins – Nós temos muitas arquitectas e arquitectos a entrarem no mercado de trabalho, e por isso existe muita competitividade.

- Como profissional feminina, sente que poderá existir ainda mais?

Susana Martins – É óbvio que se acrescentarmos factores como a probabilidade dos gabinetes rejeitarem arquitectas por serem mulheres ou por já terem filhos, ou por estarem numa idade propícia a isso, existe mais competitividade nesse aspecto. Mas fora isso, estamos todos na mesma situação.

- Considera que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Susana Martins – Não.

- O facto de existirem apenas três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

Susana Martins – Não sei. É um assunto que, infelizmente, a nível social precisa de muitos anos para ser demonstrado, é um processo muito lento.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

Susana Martins – Acho que não.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Susana Martins – Sim. A arquitectura também pode ser comparada com outro tipo de profissões. Por exemplo, com os médicos... porque é que tem de existir uma medicina feminina e uma medicina masculina? Não faz sentido nenhum, e de igual modo para a área da arquitectura.

Perspectivas para o futuro:

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Susana Martins – Invisíveis na História da Arquitectura, acredito. Porque como é óbvio, elas existem e sempre existiram, provavelmente, a trabalhar com parceiros masculinos.

Na época em que elas trabalhavam, o trabalho feminino era pouco valorizado e o nome associado à obra era sempre o masculino e não o feminino. Historicamente, as mulheres não vinham a público. Hoje em dia, não me parece que haja esse tipo de diferenciação, desse trabalho de sombra.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

Susana Martins – Pode mudar aspectos sociais e contribuir para uma maior igualdade de género na sociedade.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Susana Martins – Ainda existem muitas pessoas que tiveram essa educação de que a arquitectura era uma profissão masculina. Isso pode ainda estar presente na nossa sociedade. É um processo natural que tem de evoluir de uma forma positiva.

- Considera que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o tema das mulheres na arquitectura começa a ser integrado nos debates e na teoria, de forma pertinente?

Susana Martins – Acho que podem ter vantagens no facto de as pessoas levarem isso como uma coisa normal, sem que o género interfira no processo de projecto ou na relação das pessoas envolvidas no projecto. Nesse aspecto, podem estar melhor preparadas porque já não têm que superar essas dificuldades.

- Quais são as perspectivas para o seu futuro profissional?

Susana Martins – Talvez, trabalhar mais a título próprio, individual.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Susana Martins – Não.

ENTREVISTA 9 – Arquitecta Ana Fundo

Idade: 32 anos

Formação: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2009)

Local de trabalho: Atelier MVCC Arquitectos (Porto)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Ana Fundo – Em relação ao que era há uns anos atrás, acho que já evoluiu bastante. Porque, mesmo na faculdade antes havia uma grande maioria de homens e poucas mulheres, e agora já está bastante equilibrado. Acho que, muitas vezes, até há mais mulheres na faculdade.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Ana Fundo – Acho que sim. Na história da arquitectura, a mulher sempre esteve mais em segundo plano, foi a figura atrás do homem. As arquitectas já existiam, mas sempre com menos relevância.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

Ana Fundo – Talvez... Acho que na obra os trabalhadores ainda estão mais habituados a lidar com homens, e nota-se a diferença quando lidam com uma mulher. Até pode funcionar das duas maneiras. Até, se calhar, dão mais atenção àquilo que diz a arquitecta, por terem mais consideração por ser uma mulher, mas outras vezes parece que não se sentem tão à vontade, não estão habituados a lidar ainda com a personagem feminina.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

Ana Fundo – Isso é difícil de responder. Sempre me interessou mais a parte artística da aprendizagem no secundário. Não tinha a certeza que, realmente, era isso que queria fazer até começar o curso, mas depois tive.

- A sua decisão teve como base alguma influência? Por exemplo, se existia alguém na família com o curso de arquitectura.

Ana Fundo – Não.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação na Faculdade de Arquitectura do Porto?

Ana Fundo – O aspecto negativo foi o primeiro impacto, o primeiro ano. Por ser uma realidade completamente diferente, porque acho que não vinha preparada do secundário para isso. A diferença entre, o que é exigido numa escola secundária, e o que é exigido na faculdade é demasiado grande. Em relação aos positivos, acho que havia um bom ambiente de aprendizagem e uma boa cooperação entre os professores e os alunos.

- Enquanto frequentou a Faculdade de Arquitectura do Porto notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género? Ou seja, nunca sentiu que a formação que lhe estava ser dada pudesse ser diferente da que estava a ser dada aos seus colegas do género masculino?

Ana Fundo – Não.

- Sentiu algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas?

Ana Fundo – Não, também não.

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

Ana Fundo – Não. Na altura nem sabia se existiam.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Ana Fundo – Sim, acho que sim. Se houver essa diferenciação entre o papel do homem e o da mulher na educação, acho que vai haver em tudo o resto.

- Se nas universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Ana Fundo – Sim. Acho que podem ver mais o papel do arquitecto como homem. Apesar de na faculdade haver algumas mulheres, mas são uma minoria.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Ana Fundo – Sim. Acho que será um bom princípio para porem o tema em discussão.

Entrada no mercado de trabalho:

- Quando acabou o curso de arquitectura, quais eram as suas perspectivas no que diz respeito à entrada no mercado de trabalho?

Ana Fundo – Muito más. Porque acabei o curso na pior altura, não havia trabalho aqui, por isso fui para o estrangeiro.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e consequentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Ana Fundo – Fiz o estágio no estrangeiro. Estive quase 5 anos no estrangeiro, e depois voltei.

- E veio logo para este ateliê?

Ana Fundo – Sim. Foi mesmo uma coincidência. Foi saber que estavam à procura e enviei o currículo.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Sentiu que existiu algum tipo de discriminação ou distinção de género?

Ana Fundo – Por acaso, quando entrei no escritório onde estava, na Suíça, apesar de os patrões serem um homem e uma mulher, eu era a única rapariga. Mas, não sentia nenhuma discriminação por parte dos meus colegas. Se calhar sentia mais em relação ao seguimento da obra.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Ana Fundo – Não sei se haverá muitas diferenças entre arquitecta e arquitecto. Acho que a entrada é difícil, mas não tem a ver com o género.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Ana Fundo – Talvez a maternidade, mas penso que acontece em todas as profissões, não é exclusivo da arquitectura. E se calhar a gestão da obra. Penso que aí haja alguma dificuldade, talvez levem mais a sério o homem do que a mulher.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

Ana Fundo – O ambiente é ótimo. Entre os colegas há muita cooperação.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Ana Fundo – Acho que não. Nunca senti isso.

- Alguma vez sentiu que teve de provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o normal?

Ana Fundo – Não.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

Ana Fundo – Não.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

Ana Fundo – Não há diferenças.

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas ainda se baseia na ideia do 'arquitecto artista'?

Ana Fundo – Acho que sim, e depois na realidade não é nada disso.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Ana Fundo – Acho que depende das pessoas, da personalidade das pessoas.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Ou seja, é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto que o projectou?

Ana Fundo – Acho que se calhar é possível.

- A sério?

Ana Fundo – Se calhar é possível, por alguém com alguma sensibilidade.

- Então, está a defender que existem características femininas implícitas num projecto, ou características masculinas?

Ana Fundo – Não, não acho que seja isso. Mas acho que pode haver um interesse maior em algumas coisas, por parte da mulher... não sei.

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

Ana Fundo – Não. Acho que é igual também.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação ou desvalorização por parte de algum cliente ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização de um projecto?

Ana Fundo – Não.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Ana Fundo – Sim.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Ana Fundo – Sim.

- Em que sentido?

Ana Fundo – No sentido em que temos sempre prazos muito apertados, e por isso é preciso ter alguma flexibilidade.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional? (Ou seja, uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira como uma arquitecta que não tenha?)

Ana Fundo – Acho que sim. Não digo que não poderá chegar tão longe, mas terá que fazer um esforço maior para gerir tudo.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades para alcançarem um lugar relevante na história da arquitectura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais?

Ana Fundo – Acho que sim. Acho que a diferença, entre o papel do homem e o papel da mulher, não é tanto dentro de um gabinete mas, se calhar mais, como a sociedade vê o arquitecto, porque ainda o vê enquanto figura masculina.

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Ana Fundo – De forma geral, existe.

- Considera que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Ana Fundo – Acho que depende das pessoas, da personalidade, também.

- O facto de existirem, apenas, três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

Ana Fundo – Sim, mas também porque são menos divulgadas. Se contarmos o número de arquitectos e de arquitectas que conhecemos, acho que o prémio Pritzker estará proporcional a esse número. As arquitectas existem, mas não são tão consideradas na arquitectura mundial.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

Ana Fundo – Não, acho que não.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Ana Fundo – Exacto. Separar isso como duas coisas diferentes, não tem sentido. Arquitectura é arquitectura.

Perspectivas para o futuro:

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Ana Fundo – Não sei... Acho que há muito menos escritórios em nome individual de mulheres do que de homens, claramente. É daí que vem esta falta de destaque das mulheres na arquitectura.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

Ana Fundo – Acho que sim. As mulheres poderão ter uma visão diferente da dos homens, em alguns pontos de vista, em alguns aspectos. Penso que na arquitectura será a mesma coisa.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Ana Fundo – Acho que sim.

- Considera que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o tema das mulheres na arquitectura começa a ser integrado nos debates e teoria da arquitectura, de forma pertinente?

Ana Fundo – Sim. Tivemos uma formação que não nos distingue dos homens, pelo menos eu considero isso.

- Quais são as perspectivas para o seu futuro profissional?

Ana Fundo – Eu gostaria de continuar aqui em Portugal.

- Abrir ateliê em nome próprio?

Ana Fundo – Isso é um bocadinho mais difícil, porque é preciso ter clientes. Era o que gostaria de fazer, mas não sei se algum dia vai acontecer.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Ana Fundo – Sou feminista no sentido que deve haver igualdade, mas sem evidenciar a minha posição.

Porto, Atelier MVCC Arquitectos, 21 de Junho de 2017

ENTREVISTA 10 – Arquitecta Ana Pião

Idade: 25 anos

Formação: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (2015)

Local de Trabalho: Inplenitus (Lisboa)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Ana Pião – Acho que é um tema interessante e importante. Ouve-se muito falar de arquitectos, de grandes obras de arquitectos homens, e não tanto de arquitectas mulheres. Existem algumas referências, mas de facto acho que na generalidade o trabalho dos homens acaba por ser mais destacado do que o trabalho das mulheres. Por isso é que eu acho que é importante abordarmos este tema, não só para verificar se há discriminação ou não, mas também para reconhecer o papel da mulher na arquitectura, na organização do espaço, na sociedade. A arquitectura tem de estar de mãos dadas tanto para o homem como para a mulher.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Ana Pião – Ao longo da história, isso aconteceu também em outras áreas. Historicamente, eram os homens que lideravam, por isso existe esse legado. Actualmente é óbvio que vemos mais destaque de obras feitas por homens do que por mulheres, mas não sei se o que aconteceu na história passada se transpõe para agora.

- Mas será que o papel da arquitecta é valorizado?

Ana Pião – Eu acho que começa a ser valorizado. Pelo menos daquilo que vejo e na minha experiência, acho que não tem havido uma desvalorização.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

Ana Pião – No meu gabinete eu não sinto isso, não existe isso. Por isso é que eu acho que não existe, mas poderá existir.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

Ana Pião – Sempre gostei da área ligada às artes, embora também fosse boa aluna de ciências. Gostava daquela ideia de construir as casas, de desenhar o espaço interior, começou por aí. Fui para arquitectura porque também achei que mesmo que não viesse a ter sucesso na arquitectura, podia ser uma área mais abrangente para outras coisas.

- A sua decisão teve como base alguma influência? Por exemplo, existia alguém na família com o curso de arquitectura.

Ana Pião – Não.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação no Departamento de Arquitectura de Coimbra?

Ana Pião – A Universidade de Coimbra, nomeadamente o darq, acho que é uma universidade bastante acolhedora. No darq, provavelmente por sermos poucos, em relação às outras faculdades, torna o ambiente mais acolhedor. O aspecto positivo é o aspecto acolhedor, a entreatuda e o aspecto de criar laços de amizade fortes. Um aspecto negativo que tenho vindo a reparar, agora que estou a trabalhar, é que eu acho que o curso do darq é muito teórico, não nos prepara para a realidade. A componente de ensino poderia ser outra, numa vertente mais prática e com mais contacto com a realidade, com a obra, com clientes.

- Enquanto frequentou o Departamento de Arquitectura de Coimbra notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género?

Ana Pião – Não, não senti isso. De uma forma generalista, talvez nas aulas práticas exista um maior contacto de aprendizagem entre professor/aluno, e nas aulas teóricas entre professor/aluna.

- Sentiu algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas?

Ana Pião – Não, nunca.

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

Ana Pião – Tive aquelas clássicas... a Lina Bo Bardi. Mas tinha mais homens arquitectos como referência.

- E de Portugal, tinha alguma arquitecta como referência?

Ana Pião – Não. Acho que quando se houve falar de arquitectas em Portugal é mais a nível teórico... a Ana Vaz Milheiro, a Ana Tostões. A nível prático, em Portugal, sinceramente não me está a ocorrer ninguém.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Ana Pião – Não sei, talvez.

- Se nas universidade existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Ana Pião – Acho que sim.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Ana Pião – Acho que sim. Este tema tem de ser debatido e se existe é porque, provavelmente, têm noção que as mulheres podem ter um papel diferente na arquitectura, senão ninguém fazia distinção e era tudo igual para todos, nem havia a formação deste tema.

Entrada no mercado de trabalho:

- Quando acabou o curso de arquitectura, quais eram as suas perspectivas no que diz respeito à entrada no mercado de trabalho?

Ana Pião – No geral, nunca senti que houvesse algum problema por ser mulher, ou não.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e consequentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Ana Pião – Eu já tinha ouvido falar da Inplenitus e já tinha visto projectos do gabinete. Então mandei o currículo, e fui aceite. Foi a terceira tentativa na procura de trabalho.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Sentiu que existiu algum tipo de discriminação ou distinção de género?

Ana Pião – Não. Os maiores obstáculos, no meu caso, não têm a ver com o género, mas com o facto de ter de lidar com a realidade para a qual eu não estava preparada e não sabia. Muitas vezes pensei que não tinha aprendido nada na faculdade.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Ana Pião – Acho que não.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Ana Pião – A disponibilidade e as questões familiares acabam por ser uma desvantagem. Nesse sentido, os gabinetes provavelmente poderão preferir mais homens do que mulheres. Mas no meu gabinete isso não acontece.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

Ana Pião – A nível de colegas é um ambiente muito bom. Obviamente que há sempre as pressões e o stress das entregas. É um ambiente onde existe concentração e responsabilidade no trabalho que se faz.

- Quantas pessoas trabalham no ateliê?

Ana Pião – São 6 mulheres arquitectas, 3 arquitectos, 2 engenheiros, um designer e uma administrativa.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Ana Pião – Não. Não senti isso.

- Alguma vez sentiu que teve de provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o normal? (ex. em relação aos seus colegas arquitectos)

Ana Pião – No início acho que há sempre uma ligeira sobrecarga de trabalho. Talvez porque o patrão te quer conhecer, quer saber até onde consegues ir. Não acho que seja nada de gravoso, acho que faz parte.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

Ana Pião – Não, nunca.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

Ana Pião – No meu gabinete, por exemplo, os arquitectos fazem mais trabalho a nível do projecto de estudo prévio, e as arquitectas fazem mais a nível do projecto de execução, de pormenores construtivos. Eu como sou estagiária faço de tudo um pouco.

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas, ainda, se baseia na ideia do arquitecto artista?

Ana Pião – Sim. No mundo de trabalho não é nada assim, temos de trabalhar em equipa.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Ana Pião – Enquanto estudantes, provavelmente, sim. No gabinete não sinto que haja diferença.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Ou seja, é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto que o projectou?

Ana Pião – Não. Pelo menos eu não consigo fazer essa distinção.

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

Ana Pião – Acho que isso é igual, tanto para as mulheres como para os homens.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação ou desvalorização por parte de algum cliente ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização de um projecto?

Ana Pião – Não.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Ana Pião – Aí poderá haver. Eu nunca estive em contacto com isso.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Ana Pião – Sim, acho que sim.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional? (Ou seja, uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira como uma arquitecta que não tenha?)

Ana Pião – Acho que na nossa área não é tanto assim. Provavelmente noutras áreas sim. Até porque, aqui em Portugal, são poucos os grandes gabinetes de arquitectura que têm muita gente, e quando há gabinetes mais pequenos são mais familiares e essa disponibilidade e a aceitação da mulher até acaba por ser mais fácil. Em grandes empresas acredito que isso possa acontecer porque és facilmente substituída, enquanto que num gabinete mais pequeno reconhecem o teu papel.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades para alcançarem um lugar relevante na história da arquitectura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais que são?

Ana Pião – Não sei... acho que isso até pode ser uma ideia imposta pela sociedade, pelo ensino, pela formação. Acho que não acontece, comigo não aconteceu. Tenho de trabalhar obviamente, mas trabalho tal como os meus colegas.

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Ana Pião – Sim, existe.

- Considera que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Ana Pião – Acho que é igual para os dois géneros.

- O facto de existirem apenas três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

Ana Pião – Já é um bom haver três. É uma questão de evolução das mentalidades, e sinceramente espero que haja mais abertura para o reconhecimento do trabalho das mulheres.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

Ana Pião – Nós acabamos por moldar determinadas coisas na sociedade. Isso também depende do papel da mulher nos dias de hoje. Hoje em dia a arquitectura tanto é vista para ser usada por uma mulher como por um homem, seja ela feita por um arquitecto ou por uma arquitecta. Nessa questão as coisas estão se a abrir para os dois géneros, e não tanto só para a mulher. Não acho que venha a existir uma arquitectura feminina.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Ana Pião – Claro, se isso existisse iria haver distinção. E aí, provavelmente, iríamos estar face a uma discriminação. O facto do tema das Mulheres na Arquitectura existir na faculdade é porque reconhecem que falta qualquer coisa. Enquanto faltar é bom que esse tema exista, quando as coisas estiverem equivalentes acho que não faz sentido existir esse tipo de temas e esse tipo de diferenciação.

Perspectivas para o futuro:

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Ana Pião – Acho que não.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

Ana Pião – Sim, claro. Eu tenho visto mulheres na arquitectura. Mas não sei se é mais para o nível da teórica e da oratória, do que pela prática.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Ana Pião – Sim. Acho que tem de haver, de facto, uma mudança qualquer para se perceber que as mulheres também têm importância. Aqui em Portugal, as arquitectas existem e eu acho que não há discriminação, mas também não há aquela valorização que se dá aos homens. Ou seja, o que poderá haver é a não valorização da mulher na arquitectura.

- Considera que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o tema das mulheres na arquitectura começa a ser integrado nos debates e teoria da arquitectura, de forma pertinente?

Ana Pião – Sim, acho que sim. Nós temos a responsabilidade de mostrar o nosso valor. As mulheres começam a ter mais participação na vida activa da sociedade. Na arquitectura isso tem de continuar e tem de acontecer, e nós como mais novas temos esse papel pela frente.

- Quais são as perspectivas para o seu futuro profissional?

Ana Pião – Para já é amadurecer os meus conhecimentos, no sítio onde estou. Sinto que ainda preciso de crescer muito a nível técnico. Mas sinceramente não me vejo a fazer arquitectura para o resto da minha vida.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Ana Pião – Não. Sou feminista no sentido em que dou importância ao papel da mulher, mas não concebo as coisas a pensar nas mulheres.

- Não excluso o valor do homem enquanto arquitecto?

Ana Pião – Não. Nós temos de olhar para a sociedade num todo, seja para um homem, seja para uma mulher, seja para uma criança, seja para idosos. Porém, poderá ainda ser cedo para estar a responder concretamente a essa pergunta, porque ainda estou

no início e não consigo dizer se tenho uma linguagem mais feminina do que masculina. Aliás, nem sequer consigo considerar muito bem a minha linguagem arquitectónica.

Entrevista realizada via Skype

22 de Junho de 2017

ENTREVISTA 11 - Arquitecta Bruna Marques

Idade: 26 anos

Formação: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (2015)

Local de trabalho: Atelier do Corvo (Miranda do Corvo)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Bruna Marques – Penso que este tema na sociedade de hoje já não se sente, pelo menos com o mesmo impacto que se sentiu no passado.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Bruna Marques – Sem dúvida. Mas penso que isso não tem propriamente uma relação direta com a arquitetura. Eram os princípios gerais da sociedade que ditavam que a função da mulher era estar em casa a fazer as lidas de casa, enquanto o homem ganhava dinheiro para sustentar a casa.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

Bruna Marques – Não creio. Ou pelo menos não assumo que isso seja um problema unicamente das arquitetas. Acho que existe uma grande resistência por parte da entidade empregadora, em todas as profissões, em empregar mulheres por causa das licenças de maternidade e afins.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

Bruna Marques – Foi uma ideia formada desde pequena, sempre me interessei por casas e decoração. Sempre foi algo que me fascinou.

- A sua decisão teve como base alguma influência? Por exemplo, se existia alguém na família com o curso de arquitectura.

Bruna Marques – Não.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação no Departamento de Arquitectura de Coimbra?

Bruna Marques – Existem vários claro, mas o que me marcou mais positivamente foi a aprendizagem em grupo que o espaço do edifício nos proporciona. O aspeto menos positivo, prende-se com a ausência de disciplinas que nos remetam para a realidade como legislação, caderno de encargos, entre outras.

- Enquanto frequentou o Departamento de Arquitectura de Coimbra notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género? Ou seja, nunca sentiu que a formação que lhe estava a ser dada pudesse ser diferente da que estava a ser dada aos seus colegas do género masculino?

Bruna Marques – Não senti discriminação desse género.

- Sentiu algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas?

Bruna Marques - Não

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

Bruna Marques – Nunca parei para pensar nisso. Mas na verdade, sempre tive como referência arquitetos e não arquitetas.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Bruna Marques – Sem dúvida. A nossa formação e educação são o espelho daquilo que somos.

- Se nas universidade existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Bruna Marques – Não creio. Acho que a formação por parte dos professores hoje em dia é imparcial, já não têm aqueles conceitos de masculinidade vinculados como antigamente.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Bruna Marques – Concordo que esse tema seja falado como elemento histórico, pois acaba por funcionar como chamada de atenção às jovens arquitectas. É um tema que

não está completamente conquistado por parte das mulheres, é preciso ainda ‘limar algumas arestas’.

Entrada no mercado de trabalho:

- Quando acabou o curso de arquitectura, quais eram as suas perspectivas no que diz respeito à entrada no mercado de trabalho?

Bruna Marques – Muito negativas. Saí do curso a pensar que só teria três opções. Ou ia para o desemprego, ou ia ganhar o ordenado de estágio, ou então teria que emigrar. E a verdade é que a realidade de hoje da arquitetura não está muito longe disso.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e conseqüentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Bruna Marques – A distribuir portefólios de porta em porta e a enviar currículos via email. Ouvi muitos não até ouvir um sim.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Sentiu que existiu algum tipo de discriminação ou distinção de género?

Bruna Marques – Os obstáculos que senti prenderam-se com a falta de preparação da parte da escola para a realidade. Quanto à discriminação, não senti de nenhum tipo.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Bruna Marques – Talvez um pouco.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Bruna Marques – Acho que estamos em pé de igualdade com as restantes profissões.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

Bruna Marques – Espetacular. Descontraído e produtivo.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Bruna Marques – Não creio.

- Alguma vez sentiu que teve de provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o normal? (em relação, por exemplo, aos seus colegas arquitectos)

Bruna Marques – Não.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

Bruna Marques – Não.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

Bruna Marques – Fazemos todos um pouco de tudo.

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas ainda se baseia na ideia do ‘arquitecto artista’?

Bruna Marques – Um pouco.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Bruna Marques – Não. Isso depende de pessoa para pessoa e não tem uma relação com o género.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Ou seja, é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto que o projectou?

Bruna Marques – Não, de forma alguma.

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

Bruna Marques – Não, isso tem a ver com a apetência de cada pessoa e não com o género.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação ou desvalorização por parte de algum cliente ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização de um projecto?

Bruna Marques – Não.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Bruna Marques – Sim, um pouco. Esse ambiente ainda é um pouco masculinizado.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Bruna Marques – Sim. Sem dúvida. Ainda mais nos dias de hoje em que a competitividade é alta.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional? (Ou seja, uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira como uma arquitecta que não tenha?)

Bruna Marques – É uma questão complicada. A arquitetura é uma profissão que precisa de muito empenho e dedicação, o que aparentemente pode ser incompatível com a maternidade. Mas penso que é possível haver um meio-termo e haver tempo para tudo, basta haver uma boa gestão de tempo.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades para alcançarem um lugar relevante na história da arquitetura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais que são?

Bruna Marques – Não. Apenas não temos tantas figuras femininas como masculinas a marcar a história, devido à recente entrada das mulheres no mundo da arquitetura.

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitetura?

Bruna Marques – Muita. Mas tanto para arquitectas como para arquitectos.

- Considera que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Bruna Marques – Não. Isso depende das facilidades de cada um e penso que não tem directamente a ver com o género.

- O facto de existirem, apenas, três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

Bruna Marques – Penso que não. As mulheres são um ponto ‘novo’ na arquitetura. E por isso ainda não tiveram a possibilidade de mostrar as suas apetências em todo o seu esplendor.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitetura feminina?

Bruna Marques – Acho que isso não é muito viável. Quer dizer vamos excluir os homens? Que sentido isso faz? Se lutámos pela igualdade de direitos não faz sentido tentarmos retroceder na sociedade. Para além do mais, não acho que dê para distinguir uma arquitetura de mulheres e uma de homens.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitetura feminina e uma arquitetura masculina, quando na

verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Bruna Marques – Claro. Acho que só iria criar uma rivalidade desnecessária. Em ambos os géneros há profissionais excepcionais. Por isso acho que é possível formar uma boa equipa mista.

Perspectivas para o futuro:

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Bruna Marques – Na história sim. Atualmente não.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

Bruna Marques – Sim, uma mudança de tempos e mentalidades. Na inovação arquitetónica, acho que não.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Bruna Marques – Acho que essa mudança já começou, mas ainda não acabou.

- Considera que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o tema das mulheres na arquitectura começa a ser integrado nos debates e teoria da arquitectura, de forma pertinente?

Bruna Marques – Sim, isso ajuda sem dúvida a ter outra atenção a este tema.

- Quais são as perspectivas para o seu futuro profissional?

Bruna Marques – Neste momento esse é um tema delicado, e para o qual não tenho resposta.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Bruna Marques – Não.

Entrevista realizada por email

5 de Agosto de 2017

ENTREVISTA 12 - Arquitecta Juliana Ferreira

Idade: 24 anos

Formação: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (2016)

Local de trabalho: Pedro Diogo, Arquitecto (Cantanhede) e outros trabalhos pontuais no IPN (Coimbra)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

Juliana Ferreira – O tema das Mulheres na Arquitectura despertou em mim interesse precisamente no momento em que ele me foi apresentado, na faculdade. Se o tema existe é porque o problema existe. Se há necessidade de se falar sobre isso, é porque há uma desigualdade, um desequilíbrio. A relação homem-arquitetura e mulher-arquitetura não é neutra, de facto, e isso deve ser explorado.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

Juliana Ferreira – Eu acredito muito na ordem natural das coisas e na arquitetura como reflexo directo do tempo vivido. Se até há 50 anos só podiam votar “mulheres que fossem chefes de família”, como é que podemos esperar ver nos livros de Arquitectura Moderna referências à mulher arquiteta? Não se trata da sua valorização ou não; ela simplesmente não conseguia existir. O problema não esteve na História da Arquitectura, mas na História da Humanidade. Não condeno a História da Arquitectura por esse aparente desrespeito ou desconsideração à mulher.

- Concorde que, ainda, existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

Juliana Ferreira – Daquela que foi a minha experiência enquanto estudante e avaliando o meu primeiro ano de experiência profissional, não sinto que no tempo presente sejam significativos os focos de desigualdade de oportunidades ou de discriminação/desvalorização da mulher no mundo da arquitectura.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

Juliana Ferreira – Lembro-me de andar na escola primária e desenhar, à mão ou com a régua de 15cm, plantas de casas que eu ia idealizando. Mais do que a “estética”, interessava-me a organização e a disposição dos espaços. Foi um interesse que cresceu comigo e por isso não houve dúvidas no momento de ingresso na faculdade.

- A sua decisão teve como base alguma influência? Por exemplo, se existia alguém na família com o curso de arquitectura.

Juliana Ferreira – Não.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação no Departamento de Arquitectura de Coimbra?

Juliana Ferreira – A carga de trabalho imposta foi o grande “trauma” do curso. Era-nos transmitido um sentido de responsabilidade tremendo. A arquitetura é exigente e extremamente complexa, sim, e isso é fascinante, mas facilmente se passa da paixão ao desespero. Dos pontos positivos retive sem dúvida o espírito de colaboração entre colegas, a ideia de que a arquitetura se faz discutindo e aprendendo com os outros. Ganha-se muito o sentido do coletivo durante o curso.

- Enquanto frequentou o Departamento de Arquitectura de Coimbra notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género?

Juliana Ferreira – Nunca senti qualquer tipo de discriminação de género.

- Sentiu algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas?

Juliana Ferreira – Não.

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

Juliana Ferreira – Sempre me interessei pelas duplas de casais de arquitectos. Falo de Alison e Peter Smithson, Denise Scott Brown e Robert Venturi, Mies Van Der Rohe e Lilly Reich.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

Juliana Ferreira – Na História da Arquitectura Moderna, a mulher arquiteta surge quase sempre na sombra de um homem. E quando estudamos a fundo estas histórias, cai o pano e apercebemo-nos da importância igual que ambos tiveram na concepção dos

projetos. Por outro lado, é comum o tema da mulher-arquiteta ser relegado a apenas uma aula, num destaque forçado que só vem incitar as desigualdades.

- Se nas universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

Juliana Ferreira – Não, de todo.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

Juliana Ferreira – O Professor Jorge Figueira lançou o tema, trouxe-o à tona, sistematizou-o, de forma pioneira no nosso departamento. É um bom princípio, foi o grande começo. Mas esse elencar de trabalhos das mulheres-arquitetas assume uma dispersão no tempo, uma descontextualização. O passo seguinte é o de incluir, integrar, incorporar os projetos dessas arquitetas na linha histórica e temporal onde já têm lugar os trabalhos dos demais arquitetos. Colocar homem e mulher arquiteta no mesmo livro da História da Arquitectura é a verdadeira luta de agora.

Entrada no mercado de trabalho:

- Quando acabou o curso de arquitectura, quais eram as suas perspectivas no que diz respeito à entrada no mercado de trabalho?

Juliana Ferreira – Consciente de que as ofertas de emprego são baixas no campo da Arquitectura, tive a preocupação em gerir as minhas expectativas e fazer planos a curto prazo. A produção do meu portfólio foi o ponto de arranque para o mercado de trabalho.

- Como é que conseguiu o seu primeiro emprego, e consequentemente inserir-se no mercado de trabalho?

Juliana Ferreira – O meu primeiro trabalho partiu de uma entrevista numa start-up instalada no IPN de Coimbra, que andava à procura de um arquiteto recém-formado para a realização de pequenos projetos e intervenções em obras de reabilitação. Uns meses mais tarde, o mesmo aconteceu com o arquiteto que é agora meu patrono e orientador do estágio profissional. O meu portfólio e a entrevista foram cruciais para ter conseguido o trabalho.

- Quais foram os primeiros obstáculos que apareceram quando entrou no mercado de trabalho? Sentiu que existiu algum tipo de discriminação ou distinção de género?

Juliana Ferreira – As reais dificuldades prenderam-se, naturalmente, com a falta de experiência prática na arquitetura. Até agora só trabalhei com colegas homens, e nunca senti qualquer tipo de discriminação ou de facilidades pelo facto de ser mulher.

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

Juliana Ferreira – O tema da inserção feminina no mercado de trabalho parece-me fazer sentido no que toca ao acesso aos cargos de chefia de empresas, fundamentalmente. Há ainda a ideia de que a mulher não tem sangue frio para tomar decisões importantes nem capacidade estratégica para gerir uma empresa, ou ainda que é demasiado sensível e inconstante para lidar com situações de pressão ou de stress, no “mundo racional e exigente dos homens”. Penso que este paradigma machista está muito enraizado na nossa cultura e é esse o verdadeiro obstáculo que impede muitas mulheres de assumirem esse tipo de funções e de serem levadas a sério. No que à prática da arquitetura diz respeito, não encontro essa desigualdade de género no processo de inserção da mulher no mercado de trabalho.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

Juliana Ferreira – Não. Toda a matéria de arquitetura é acessível a homens e mulheres de igual maneira.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

Juliana Ferreira – Faço grande parte do trabalho fora do ateliê, em regime de cumprimento de objetivos e não de cumprimento de horário. Mas descreveria as reuniões e o método de trabalho como momento de grande profissionalismo e muito rigor. Constante entretajuda e discussões na idealização dos projetos.

- Quantas pessoas trabalham no ateliê, nomeadamente homens e mulheres?

Juliana Ferreira – Trabalho apenas com colegas homens.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

Juliana Ferreira – Da minha experiência profissional e daquilo que observo, não vejo de todo essa discriminação.

- Alguma vez sentiu que teve de provar as suas capacidades, ou que lhe foi exigido mais que o normal? (em relação, por exemplo, aos seus colegas arquitectos)

Juliana Ferreira – Não, de todo.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes consigo, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

Juliana Ferreira – Não.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

Juliana Ferreira – As tarefas são delegadas mediante a capacidade de trabalho e de resposta e o sentido de responsabilidade de cada um. Isso prende-se com a personalidade e as aptidões pessoais, e não com o género

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas, ainda, se baseia na ideia do arquitecto artista?

Juliana Ferreira – Sim. Uma ideia um bocadinho lírica de que somos “os criativos”. Falta-nos o contacto com o terreno, com as situações práticas do projeto.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

Juliana Ferreira – Depende da personalidade, é independente do género.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Ou seja, é possível saber se foi uma arquitecta ou um arquitecto que o projectou?

Juliana Ferreira – Se pedissem a pessoas completamente leigas na arquitetura para adivinharem o género do arquiteto que projetou o Museu de Arte de São Paulo, acredito que 90% das respostas afirmariam ser de um arquiteto homem. E com isto respondo...

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

Juliana Ferreira – As ciências comprovam que as mulheres têm mais facilidade para a comunicação e a expressão. Ainda assim, não passa de uma propensão biológica.

- Alguma vez sentiu algum tipo de discriminação ou desvalorização por parte de algum cliente ou por parte das diferentes pessoas envolvidas na concretização de um projecto?

Juliana Ferreira – Não.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

Juliana Ferreira – Essa é a eterna questão, pertinente e interessante. A mulher arquiteta a trabalhar no ateliê imaculado parece estar perfeitamente integrada. A mulher arquiteta a fiscalizar uma obra ou a dar instruções aos trabalhadores já parece fora de lugar. São estigmas que vão ser derrubados com o tempo da mesma maneira que não deixou de ser estranho uma mulher camionista ou um homem empregado de limpeza.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

Juliana Ferreira – Muito importante.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional? (Ou seja, uma arquitecta que tenha filhos não consegue chegar tão longe na carreira como uma arquitecta que não tenha?)

Juliana Ferreira – Sem dúvida que na vida de qualquer profissional surgirá o momento em que a opção de ter filhos vai condicionar de alguma maneira o dia-a-dia laboral, começando desde logo pelas licenças de maternidade/paternidade e pela diminuição de tempo disponível. No entanto, não se trata de um “prejuízo”, é uma escolha. Não podemos estar em todo o lado nem fazer tudo ao mesmo tempo. É contornável.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades para alcançarem um lugar relevante na história da arquitectura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais que são?

Juliana Ferreira – A História da Arquitectura moderna está cheia de episódios de mulheres arquitetas que surgiam na sombra de arquitetos reconhecidos e às quais era atribuído um papel secundário na concepção do projeto. Hoje não penso que o mesmo aconteça.

- Como arquitecta, sente que existe muita competitividade no mundo da arquitectura?

Juliana Ferreira – Sim. Uma competitividade pouco saudável por vezes.

- Considera que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

Juliana Ferreira – Não consigo afirmar. Aliás, de repente parece-me que as mulheres têm mais cuidados com a organização do espaço (são mais arrumadas) e os homens com a funcionalidade (sentido mais mecânico). Ambas são apetências para o detalhe e pormenor, por isso, na verdade, complementam-se. Mas é tudo subjetivo.

- O facto de existirem, apenas, três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

Juliana Ferreira – Não, demonstra que a percentagem de homens arquitectos é maior que a de mulheres arquitectas no mundo.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

Juliana Ferreira – A arquitectura é acima de tudo uma área de conhecimentos muito transversais e complexos, que podem ser dominados por todos.

- Será que essa possível existência não vem acentuar, ainda mais, a diferença entre uma arquitectura feminina e uma arquitectura masculina, quando na verdade deveria haver uma arquitectura de modo singular onde o trabalho, o esforço e o talento é valorizado?

Juliana Ferreira – Não encontro sentido na existência de uma “arquitetura feminina”, pelos motivos que a segunda parte da pergunta apresenta.

Perspectivas para o futuro:

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

Juliana Ferreira – Hoje não. Não vejo essa desvalorização.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

Juliana Ferreira – A arquitectura reflete as condições sociais de cada momento da História. A crescente presença das mulheres na arquitectura, e noutras áreas do conhecimento, é prova viva da emancipação feminina que teve início significativo no século XX.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

Juliana Ferreira – Se por um lado há um estigma machista que ainda persiste pontualmente, por outro insiste-se em tratar o tema da Mulher Arquitecta como um

livro à parte. A gestão destas duas frentes aparentemente contraditórias é a chave para a conquista da igualdade de género e, acima de tudo, do respeito pela diferença.

- Considera que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o tema das mulheres na arquitectura começa a ser integrado nos debates e teoria da arquitectura, de forma pertinente?

Juliana Ferreira – É um tema de gerações, do tempo. Não (só) no ensino da arquitectura mas da cultura cívica e da formação pessoal de cada indivíduo.

- Quais são as perspectivas para o seu futuro profissional?

Juliana Ferreira – Numa visão a curto prazo, o objetivo é terminar o estágio profissional. Ambiciono poder finalmente ganhar a minha independência profissional, assinar os meus próprios projetos.

- Considera-se uma arquitecta feminista?

Juliana Ferreira – Ser feminista é ser humanista. Mais do que uma arquiteta feminista, sou uma cidadã feminista. Quando os princípios estão bem vinculados, transportamo-los (inconscientemente) para todas as nossas ações.

Entrevista realizada via email

08 de Agosto de 2017

ENTREVISTA 13 – Arquitecto César Pereira

Idade: 26 anos

Formação: UCP- Universidade Católica de Viseu – Pólo das Beiras

Local de trabalho: Espaço - Objecto, Lda. (Águeda)

Questões gerais sobre o tema:

- Qual é a sua opinião em relação ao tema das Mulheres na Arquitectura, e sobre o facto de ser um tema ousado e pouco falado no mundo da arquitectura?

César Pereira – Penso que é pertinente ser falado, não só na área da arquitectura, bem como em áreas mais distintas. Penso que há uma linha de ‘esquecimento’ em relação ao assunto das mulheres em várias áreas, e na nossa especificamente.

- Será que a própria História da Arquitectura está formatada no que diz respeito ao género, no sentido em que está caracterizada por um cenário masculinizado onde a presença da arquitecta não é valorizada?

César Pereira - Sim, pensando no que nos é leccionado desde o secundário e depois nas cadeiras da faculdade, há realmente uma “masculinização”. Contudo, acho que não devemos apontar logo o dedo à história, acho que se deve perceber e investigar as mulheres que ao longo dos séculos se destacaram. É triste haver uma Lina Bo Bardi cheia de trabalho e não conseguirmos descobrir mulheres com o mesmo nível de reconhecimento.

- Mas, acha que só ela é que é um exemplo de grande trabalho e de reconhecimento? Acha que não há mais arquitectas como ela?

César Pereira – Não. Há outras arquitectas reconhecidas, como a Sejima ou a Zaha Hadid, a nível individual. Depois há arquitectas que trabalham em parceria, com uma equipa, e por vezes o nome próprio delas desvanece-se, mas são de igual modo reconhecidas. Lembro-me, por exemplo, dos RCR Arquitectes, que ganharam o Pritzker este ano, dos MRVDV, dos Pezo Von Ellrichshausen.

- Concorda que ainda existem vários temas e questões que geram problemas de desigualdade, discriminação e desvalorização no mundo da arquitectura, e por sua vez na forma como as arquitectas fazem o seu percurso profissional?

César Pereira – Obviamente que sim. Há um estigma imenso na área da construção, onde maioritariamente trabalham homens, e onde há claramente uma desvalorização da mulher, enquanto profissional.

Formação:

- Porque é que escolheu o curso de arquitectura para a sua formação profissional?

César Pereira - Desde que me lembro, sempre gostei de criar, mudar, rasgar, colar, de uma forma muito formal. E ao longo da minha vida comecei a aperceber-me que a arquitetura era a área onde me sentia melhor a fazer tudo isso.

- Quais foram os aspectos positivos e negativos da sua formação na Faculdade de Arquitectura de Viseu?

César Pereira - Tentando aqui ser conciso, acho que positivamente foi sermos poucos alunos, em comparação às restantes faculdades, o que permitia um acompanhamento muito melhor por parte dos professores e uma competição saudável entre os alunos. Os aspetos negativos dizem respeito a alguma da logística inerente ao curso, e que na faculdade por vezes era difícil de conseguir, nomeadamente a nível de materiais, fotocópias, impressões, etc.

- Enquanto frequentou a Faculdade de Arquitectura de Viseu notou alguma diferença no tipo de formação e educação dada aos alunos, de acordo com o género?

César Pereira – Não. Eramos menos alunos que nas outras faculdades e por isso, como havia uma interação maior e mais contínua, não havia, de todo, distinção nesse campo.

- Verificou algum tipo de discriminação, mesmo que tenha sido subtil, por parte de professores ou colegas em relação às estudantes femininas?

César Pereira – Sim, essas subtilidades aconteciam mas não como discriminação. Por vezes, até eram mais como forma de elogio.

- Ao longo da sua formação académica teve, por base, algumas referências de arquitectas?

César Pereira - A Lina Bo Bardi sim, bastante até. E há uma mulher no meu top de arquitetos que é a Kazuyo Sejima, dos SANAA.

- Considera que o tipo de formação e educação pode influenciar ou fazer com que haja distinções de género?

César Pereira – Sim, claramente.

- Se nas universidades existirem, maioritariamente, professores homens será que isso pode, de certo modo, influenciar o tipo de formação que os alunos adquirem?

César Pereira - Sim, acho que pode influenciar. No entanto, se forem maioritariamente mulheres também podem influenciar certas coisas, em certos momentos ou projectos.

- O tema das Mulheres na Arquitectura começa a ser inserido nas aulas teóricas que são abordadas no curso de arquitectura, nomeadamente no d'Arq por parte do Arquitecto Jorge Figueira. Será este um bom princípio para se começar, ainda mais, a debater o tema e a fazer com que este ganhe voz?

César Pereira – Não sabia, e parece-me bastante bem.

Mercado de trabalho:

- Após a saída do protegido mundo escolar, a inserção feminina no mercado de trabalho torna-se difícil de enfrentar, tendo em conta as desigualdades que ainda existem?

César Pereira - Sim, pode ser mais complicado do que para o sexo masculino. Contudo, pelas mulheres que conheço na área, a obstinação e o querer fazer, faz delas iguais ou superiores aos homens.

- Acha que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nesta profissão?

César Pereira - Sim, claro. Mas penso que em relação aos homens acontece a mesma coisa. Contudo, o género tanto pode ajudar a mulher na profissão como pode prejudicá-la, embora não considere que isso seja crucial.

Ambiente de trabalho:

- Como é que descreve o ambiente que se vive no ateliê onde trabalha?

César Pereira – Sóbrio, calmo e profissional.

- Quantas pessoas trabalham no ateliê, nomeadamente homens e mulheres?

César Pereira – Três homens e uma mulher.

- Será que social e profissionalmente, exige-se mais às arquitectas do que aos arquitectos, como se tivessem, de certo modo, que provar as suas capacidades?

César Pereira – Penso que pode acontecer, sim. Isto, porque a desigualdade e a discriminação podem estar ou não ligadas ao nível da exigência.

- Alguma vez, teve algum tipo de atitude com alguma arquitecta, nomeadamente, no seu local de trabalho, que pudesse demonstrar discriminação ou desvalorização, mesmo que tenha sido de forma subtil?

César Pereira – Não, penso que não.

- Os seus colegas de trabalho e os arquitectos que gerem o ateliê nunca demonstraram ter atitudes com as arquitectas que aí trabalham, mesmo que sejam de forma subtil, de discriminação ou desvalorização?

César Pereira – Penso que não. Desde que aqui estou nunca vi nada.

- A forma como é distribuído o trabalho no ateliê onde trabalha, permite a igualdade de oportunidades e que não hajam distinções de género, ou são associadas tarefas específicas de acordo com o género?

César Pereira – Não. Gere-se por oportunidades, timings, seres melhor nisto ou naquilo, teres mais experiência num campo do que noutro.

Questões sobre o tema das mulheres na arquitectura:

- Considera que a formação nas escolas ainda se baseia na ideia do arquitecto artista?

César Pereira - Penso que a tendência é isso diminuir. Eu felizmente já apanhei essa tendência.

- Acha que as arquitectas são mais focadas e concentradas no trabalho do que os arquitectos?

César Pereira - Acho que não é linear. Penso que as mulheres podem ter níveis de organização melhores e maiores, mas nesse campo acho que não é regra.

- Na análise de um projecto é possível determinar quem o projectou, de acordo com o género? Visto que alguns autores, nomeadamente, o arquitecto Jorge Figueira, defende a existência de uma “arquitectura de macho alfa” e uma arquitectura que tende para a “sensibilidade feminina”.

César Pereira - Se for olhar para um projecto e tentar perceber se foi uma mulher a fazê-lo? Penso que não é possível.

- Considera que as mulheres têm uma maior capacidade de verbalização, e por isso estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

César Pereira - É possível que consigam ser mais incisivas nos seus objetivos.

- Mas, acha que estão mais bem preparadas para discutir a arquitectura?

César Pereira – Mais bem preparadas, não. Acho que conseguem, por vezes, ter poderes de argumentação que o homem não tem.

- Considera que o ambiente de obra, associado ao mundo masculino, faz com que haja uma discriminação e distinção de género em relação às arquitectas?

César Pereira - Sim. É um ambiente pesado, suado, barulhento e acho que a sociedade tem a ideia de que uma mulher não pode estar nesses ambientes.

- A disponibilidade é um factor importante para o desenvolvimento da carreira profissional?

César Pereira – Claro, para ambos os sexos.

- A questão familiar, nomeadamente a maternidade e os filhos, pode influenciar ou prejudicar a carreira profissional?

César Pereira - Não tenho conhecimento de causa, mas sinto que pode dificultar.

- Considera que as arquitectas, de certa forma, são postas à prova constantemente, no sentido em que têm de demonstrar as suas capacidades para alcançarem um lugar relevante na História da Arquitectura, e para serem respeitadas como arquitectas e profissionais que são?

César Pereira - Acho que é subversivo demais a expressão “postas à prova”, pois a pressão é constante em ambos os géneros. Para os lugares relevantes na história bem como para os lugares de chefia, acho que sim, acho que se demora um pouco mais a ter-se o mesmo nível de respeito. A mentalidade é que está muito aquém ainda, e isso é uma realidade. Quero acreditar que isso vai mudar e que sejam valorizadas, não pela diferença de género, mas sim pela qualidade do trabalho.

- Será que as arquitectas têm uma maior apetência para o detalhe e para os pormenores, do que os arquitectos?

César Pereira - Se formos pela organização e cuidado no fazer, sim, essa apetência é possível.

- Mas, ao afirmar isso, está a dizer que essa é uma característica específica que pode ser associada ao género feminino?

César Pereira – Sim, estou.

- O facto de existirem, apenas, três mulheres com o prémio Pritzker acentua a falta de reconhecimento e valorização em relação às arquitectas?

César Pereira - Sinto que poderia haver mais reconhecimento, efectivamente. E penso que um dos trabalhos a ser feito, nesse sentido, é a divulgação do percurso profissional das arquitectas, porque se não se conhecer o trabalho das “anónimas”, não vai haver novos prémios Pritzker para esse género.

- Acha que pode haver condições para a existência de uma arquitectura feminina?

César Pereira - Ora vejamos... ninguém chama arquitetura masculina à arquitetura atual, apesar de ser “dominada” pelos homens, certo? Por isso, uma arquitetura feminina seria o quê? Se calhar, ia tornar o caminho mais difícil para a igualdade pretendida.

- Acha que as arquitectas estão à sombra da sociedade e dos arquitectos com quem trabalham, e por sua vez invisíveis na História da Arquitectura?

César Pereira – Invisíveis, não. Há sombra, sim.

- Como assim? Se estão à sombra, acabam por estar invisíveis aos olhos da História da Arquitectura.

César Pereira – Estar à sombra não é ser invisível. Estar à sombra é mau, e pode acontecer aos dois géneros. Infelizmente, acontece mais ao feminino.

- A contribuição das mulheres no campo da arquitectura pode significar alguma mudança significativa?

César Pereira – Acho que já fazem. Além disso, acho que a produção arquitectónica que contemplar os dois géneros tem mais margem de progresso e sucesso, do que se apenas considerar um género, tanto masculino como feminino.

- Considera que seja necessário existir uma mudança de mentalidades, a nível cultural e social, para que as arquitectas possam ter um papel relevante e visível na História da Arquitectura, nomeadamente em Portugal?

César Pereira - Sim. São coisas que demoram tempo a integraram-se na sociedade.

- Será que as arquitectas, da geração mais jovem, estão mais bem preparadas para enfrentar as dificuldades que possam aparecer no decorrer da carreira, tendo em conta que o assunto começa a ser integrado nos debates e teoria da arquitectura, de forma pertinente?

César Pereira – Sim.

- Como arquitecto já inserido no mercado de trabalho, sente que as arquitectas, de uma forma geral, são pouco valorizadas, e posteriormente o seu trabalho é pouco reconhecido, e deixado na sombra?

César Pereira - Vejo muita arquitetura todos os dias e não sinto isso. O nome feminino aparece de igual forma como o masculino, dependendo do grau de importância.

- Mas, anteriormente disse que devia haver mais reconhecimento e que as arquitectas estão à sombra. A sua opinião, neste momento, contradiz o que referiu até agora.

César Pereira – Anteriormente, referi que estar à sombra é mau para os dois géneros, mas que infelizmente notava-se mais no género feminino. E isso acontece devido à profissão ter um grande número de arquitectos do género masculino a trabalhar e a desenvolver projectos.

- Sempre deu o devido reconhecimento e valorização às arquitectas com quem vai trabalhando, e anteriormente às suas colegas de faculdade?

César Pereira – Sim.

- Como é que acha que uma arquitecta deve ser vista: enquanto uma figura feminina, ou enquanto um ser humano que tem um curso de arquitectura e é dotado de talento e profissionalismo?

César Pereira - Enquanto um ser humano que tem um curso de arquitetura e é dotado de talento e profissionalismo.

- O que espera que possa a vir a mudar no futuro, tendo em conta a crescente presença das mulheres no mundo da arquitectura?

César Pereira - Acho que caminhamos todos os dias para um mundo mais pequeno, mais rápido, e por isso o destaque da mulher arquiteta vai chegar. E penso que chegará ao mesmo lugar desta arquitetura, mais masculina, que já existe.

- Então, mas anteriormente referiu que “ninguém chama arquitetura masculina à arquitetura atual”. Neste momento, está a assumir que a arquitectura que existe é masculina. Como é que explica isto?

César Pereira – A arquitectura referida por mim como masculina, anteriormente, advém do facto de colocares a possibilidade de uma arquitectura feminina. Ora, se lutamos pelo mesmo, com o mesmo peso e o mesmo valor, não deve haver nem uma nem outra. Existe só uma arquitectura. A arquitectura masculina actual que refiro é a arquitectura maioritariamente feita pelos homens, porque aparentemente somos mais e os lugares de chefia e de renome são nossos. Essa é a arquitectura no masculino que existe hoje, que não devia existir, nem essa, nem no feminino.

Águeda, 18 de Julho de 2017